



# **Webdiásporas e Redes Sociais: Práticas Comunicativas de Migrantes Brasileiros em Portugal**

**Milena de Castro Ribeiro**

**Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação**

**Março, 2022**

## [DECLARAÇÕES]

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O(A) candidato(a),

*Milena de Castro Ribeiro*

Milena de Castro Ribeiro

Fortaleza, 25 de março de 2022

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

*Cristina Ponte*

Profª Doutora Cristina Ponte

Lisboa, 25 de março de 2022

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O(A) coorientador(a),

Assinado por : **LIDIA SORAYA BARRETO MARÔPO**  
Num. de Identificação: B1305384970  
Data: 2022.03.25 17:53:55+00'00'



Profª Doutora Lidia Marôpo

Lisboa, 25 de março de 2022

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Ciências da Comunicação, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Cristina Ponte e coorientação científica da Professora Doutora Lidia Marôpo.

*Aos migrantes brasileiros,  
que lutam e sonham com um mundo melhor.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram comigo nesse período de quatro anos de construção desta tese, em especial:

À Universidade Federal do Ceará, em nome do professor e então chefe da Coordenadoria de Comunicação, Prof. Nonato Lima, pela licença concedida para cursar o doutorado na Universidade Nova de Lisboa. Sem esse apoio, financeiro e de disponibilidade de tempo para o estudo, não teria sido capaz de realizar e concluir esse ciclo de forma tranquila e com estrutura para tal. Reconheço esse privilégio, enquanto tantos colegas se dividiam entre trabalhos desgastantes e mal remunerados e os estudos.

À turma de amigos formada no doutoramento em Ciências da Comunicação, pelo suporte emocional importantíssimo e pelas discussões sobre a vida e o trabalho. Agradeço pelo apoio recebido das amigas Anelise, Taiana, Mara, Maura, Dani, Cássia e de todos os alunos e professores que participaram da turma iniciada em 2017.

À Prof<sup>a</sup> Cristina Ponte, que foi tutora na construção do projeto desta tese e aceitou ser a orientadora deste trabalho, compartilhando sua experiência de forma generosa, em parceria com a minha conterrânea, que conheci no Jardim da Estrela, a professora do Instituto Politécnico de Setúbal, Lidia Marôpo, que coorientou esta tese de forma atenciosa e disponível. Obrigada às professoras por todas as leituras, contribuições valiosas e incentivo para seguir, em um momento delicado de pandemia e isolamento que impossibilitou as orientações presenciais por dois anos.

Às amigas Sílvia Marta, Joana Angélica e Alessandra Santiago, que me ajudaram na revisão da tese, assim como as professoras e amigas Marta Queiroz e Catarina Oliveira, pelas contribuições e incentivo. Além de Denise Cogo, Jana Omena, Thais França e Juliana Iório, que disponibilizaram seu tempo para conversas decisivas no percurso dessa tese. Também não posso deixar de lembrar a contribuição generosa nos escritos iniciais da Prof<sup>a</sup> Raquel Paiva, por quem tenho admiração desde os tempos de graduação.

Agradeço à FCSH, em nome da servidora Rita Silva, do Núcleo de Doutorado, que sempre esteve disponível para ajudar, assim como a equipe da biblioteca Mário Sottomayor e do NEIMA, pela estrutura disponibilizada e a bolsa Erasmus + em Napoli, que foi concedida de setembro de 2019 a junho de 2020, experiência importantíssima nesse percurso. Agradeço ainda os funcionários das bibliotecas frequentadas nesse período: Biblioteca do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG - Lisboa) e Biblioteca Universitária de Nápoles (Itália).

E, por fim, ao companheiro Marc Portela, que encontrei no caminho, em Lisboa, e que continuou ao meu lado durante esse desafio, como fonte de serenidade e amor. Assim como os amigos em Portugal e Nápoles, importantíssimos na adaptação nas novas cidades e que estiveram nos melhores momentos dessa aventura: Rodrigo, Cleyton, Alexia, Rebeqa, Daíse, Lina, Carol, Leandro, Chocolate, Lorena, Pery e todos os amigos dos saraus e evangelhos na casa da Joana, do pilates, dos bailes e aulas de samba de gafeira. Além dos cearenses que passaram por Lisboa e me visitaram nesse período, levando um pouco de Fortaleza, incluindo minha família: Ednir, Renan, Camila, Lis e Isa. Também agradeço aos amigos que sempre me deram todo carinho, mesmo de longe.

# WEBDIÁSPORAS E REDES SOCIAIS: PRÁTICAS COMUNICATIVAS DE MIGRANTES BRASILEIROS EM PORTUGAL

MILENA DE CASTRO RIBEIRO

## RESUMO

A partir do crescimento da migração de brasileiros em Portugal, identificado desde 2017 em relatórios, e da compreensão de que os sites de redes sociais na internet se tornaram espaços centrais para expressão dos migrantes, nas chamadas webdiásporas, esta tese busca refletir sobre a relação transnacional estabelecida em dois grupos do Facebook sobre a temática da migração de brasileiros em Portugal. Observadas por seis meses, entre o segundo semestre de 2019 e início de 2020, a partir da metodologia da Etnografia Virtual (Hine, 2015), as publicações foram categorizadas pelos conteúdos e usos (em: pedidos, ofertas, compartilhamentos e expressão pessoal) e foram analisados os comentários e a atuação dos participantes no ambiente virtual com o objetivo de refletir sobre como se dão as negociações e construções de sentidos sobre a migração de brasileiros em Portugal. Para isso, foram analisados os relatos de experiências migratórias, a interpretação de notícias compartilhadas sobre a migração publicadas pela mídia e as discussões nos grupos sobre a migração para Portugal. A estrutura interpretativa parte de abordagens dos Estudos Culturais e da Escola de Chicago; conceitos sobre migração e mídia e usos dos sites de redes sociais, tais como webdiáspora e polimídia; exploramos ainda estudos sobre a migração de brasileiros em Portugal e sua representação na mídia, em pesquisas que revelaram o estereótipo do brasileiro construído na imprensa desde o início deste século até estudos mais recentes sobre as possibilidades de produção de subjetividades a partir dos usos da internet pela migração. Por fim, discutimos os resultados obtidos na observação do campo e na interpretação das dinâmicas de participações, interações e relações transnacionais diaspóricas estabelecidas nos grupos de Facebook, permitindo-nos concluir que os sentidos sobre a migração são também construídos de forma coletiva nos grupos de Facebook, a partir da articulação dos campos das emoções, em discussões polarizadas sobre a decisão de migrar. O ambiente virtual se revelou não só espaço para apoio e troca de experiências, mas também de desconfiança e de falta de empatia entre os membros, no contexto de estabelecimento de um modelo de negócio que envolve a migração e de ausência de regras objetivas nos grupos. A migração de brasileiros em Portugal é apresentada pelos membros como um empreendimento individualizado, em que os migrantes justificam sua presença com a finalidade do trabalho qualificado. Discursos de superação e otimismo e, em alguns momentos, culpabilização, reprodução de estereótipos e silenciamento das críticas nos levam a concluir que, mesmo na apropriação das webdiásporas, as percepções dos brasileiros sobre a migração em Portugal são construídas a partir de uma estrutura colonial de opressão em que os próprios migrantes se expressam de forma pouco crítica, a partir da posição de assujeitamento, enquanto continuam sendo negadas discussões fundamentais sobre o processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** webdiáspora, Facebook, migração, brasileiros em Portugal

# WEBDIÁSPORAS AND SOCIAL NETWORKS: COMMUNICATION PRACTICES OF BRAZILIAN MIGRANTS IN PORTUGAL

## ABSTRACT

Based on the migration growth of Brazilians in Portugal, identified since 2017 in reports, and on the understanding that social networking sites on the internet have become central spaces for the expression of migrants, in the so-called webdiasporas, this thesis seeks to reflect on the transnational relationship established in two Facebook groups on the issue of Brazilian migration in Portugal. The group was observed for six months, between the second half of 2019 and early 2020, using the Virtual Ethnography methodology (Hine, 2015). The publications were categorized by content and uses (in: requests, offers, shares and personal expression) and the comments and the actions of the participants in the virtual environment were observed in order to reflect on how negotiations and construction of meanings take place on Brazilian migration in Portugal. For this, the reports of migratory experiences, the interpretation of shared news about migration published by the media and the discussions in the groups about migration to Portugal were analyzed. The interpretive framework is based on approaches from Cultural Studies and the Chicago School; migration and media concepts and uses of social networking sites, such as webdiaspora and polymedia; We also explored studies on the migration of Brazilians in Portugal and their representation in the media, in a research that revealed the stereotype of the Brazilian built in the press from the beginning of this century to more recent studies on the possibilities of producing subjectivities from the uses of the internet by the migration. Finally, we discuss the results obtained in the observation of the field and in the interpretation of the dynamics of participation, interactions and transnational diasporic relationships established in Facebook groups, allowing us to conclude that the meanings about migration are also collectively constructed in Facebook groups, from the articulation of the fields of emotions, in polarized discussions about the decision to migrate. The virtual environment proved not only to be a space for support and exchange of experiences, but also for distrust and lack of empathy among members, in the context of establishing a business model that involves migration and the absence of objective rules in the groups. The migration of Brazilians in Portugal is presented by the members as an individualized enterprise, in which migrants justify their presence for the purpose of qualified work. Discourses of overcoming and optimism and, at times, blame, reproduction of stereotypes and silencing of criticism lead us to conclude that, even in the appropriation of webdiasporas, Brazilians' perceptions of migration in Portugal are built from a colonial structure of oppression in which migrants themselves express themselves in a non-critical way, from the position of subjection, while fundamental discussions about the process continue to be denied.

**KEYWORDS:** webdiaspora, Facebook, migration, Brazilians in Portugal

## ÍNDICE

<b>Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 1: Eu não sou daqui: Migrações e Mídia.....</b>	<b>25</b>
1.1 Conceitos e enquadramentos sobre mobilidade e fenômenos migratórios .....	25
1.1.1 Estrangeiros e (i)migrantes: os lugares de distanciamento e deslocamento .....	29
1.1.2 Diáspora e transnacionalismo: as possibilidades de pertencimentos .....	33
1.2 Estudos sobre migrações e mídia: da Escola de Chicago às Novas Mídias .....	38
1.2.1 Migrações e as novas mídias: webdiáspora, polimídia e redes sociais .....	43
1.2.2 Estudos sobre usos dos sites de redes sociais pela diáspora.....	51
1.3 Considerações do capítulo: reflexões de partida da pesquisa.....	56
<b>Capítulo 2: Eu vim de lá: Migrantes Brasileiros em Portugal.....</b>	<b>58</b>
2.1 Emigração brasileira: breve contextualização.....	58
2.1.1 Emigração brasileira para Portugal: vagas e motivações.....	62
2.1.2 Migração brasileira: interseccionalidade e colonialidade.....	68
2.2 Estudos sobre migrações em Portugal: estereótipos e representação do migrante brasileiro.....	71
2.2.1 Estereótipos da mulher brasileira em Portugal.....	74
2.2.2 A representação dos migrantes na mídia portuguesa.....	76
2.3 Construção midiática e os fluxos migratórios dos migrantes brasileiros em Portugal .....	81

2.3.1 Os usos das redes sociais pelos migrantes: socialização e busca pelo pertencimento na internet.....	84
2.3.2 Considerações do capítulo: focalizando a pesquisa no presente.. .....	86
<b>Capítulo 3: Trajetória Metodológica.....</b>	<b>89</b>
3.1 Pesquisa qualitativa: a Etnografia e as práticas comunicativas na internet .....	89
3.1.1 Reconhecimento do campo: a rede Facebook e as características dos seus grupos .....	94
3.1.2 Observação preliminar: a escolha dos grupos do Facebook ...	99
3.2 Entrada em campo: observação dos grupos do Facebook “BeP” e “PNC” .....	108
3.2.1 Sistematização da observação: definições e dinâmica de postagens .....	113
<b>Capítulo 4: Dinâmicas de Participação: Características do Ambiente Virtual, dos Atores e das Relações Estabelecidas .....</b>	<b>119</b>
4.1 Ambiente virtual: diferenças entre os grupos e categorização dos usos. .....	119
4.1.1 Moderadores e administradores: maneiras de organização. .	123
4.1.2 Mediação de conflitos: autoridade e banimento.....	130
4.1.3 Estratégias comerciais: a migração como negócio nas redes sociais .....	137
4.1.4 Percepção de desconfiança no uso das redes sociais.....	142
4.2 Membros: planejamento da migração e relações estabelecidas nas redes sociais .....	144
4.2.1 Tipo de migração: condições socioeconômicas e vivências migratórias .....	149
4.2.2 Motivador da migração: emprego e moradia.....	161

4.2.3 Participação no grupo e percepções sobre a falta de empatia.....	165
<b>Capítulo 5: Dinâmicas de interação: discussões e construção de sentidos sobre a migração de brasileiros em Portugal</b> .....	175
5.1 Interação transnacional e discussões sobre a decisão de migrar.....	175
5.1.1 Tomada de posições sobre a migração: polarização entre estimuladores vs. desencorajadores .....	183
5.1.2 Entre o sonho e a realidade: confrontos e os usos das redes sociais .....	189
5.2 Interpretação de sentidos sobre a migração.....	195
5.2.1 Relatos de experiência migratória: símbolos do sucesso na migração .....	195
5.2.2 Notícias compartilhadas sobre Portugal e os brasileiros: da crítica à reprodução de estereótipos construídos pela mídia .....	206
5.3 Aspectos que atravessam as construções de sentidos sobre a migração: relações históricas, econômicas e socioculturais.....	216
5.3.1 Relações históricas e discriminação: “volta para a tua terra” e silenciamento das críticas.....	218
5.3.2 Relações político-econômicas e discursos de assimilação: o migrante se identifica como mão de obra .....	228
<b>Conclusões</b> .....	237
<b>Referências bibliográficas</b> .....	247

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Imagem de tela do Facebook na área de grupos.....	96
Figura 2. Quadros de definições sobre a privacidade dos tipos de grupos do Facebook .....	97
Figura 3. Regras do grupo publicadas na plataforma, reproduzidas conforme publicação no grupo, observadas em maio de 2019.....	100
Figura 4. Captura de tela das regras do Grupo BeP publicadas nos "arquivos" do grupo .....	110
Figura 5. Captura de tela da solicitação de entrada no grupo PNC, solicitada no dia 15/07/2019 .....	112
Figura 6. Reprodução da tabela com os dados do grupo PNC extraídos em 7 de julho de 2019 .....	114
Figura 7. Captura de tela da publicação do grupo BeP do dia 10 de fevereiro de 2010 .....	124
Figura 8. Captura de tela da publicação da administradora do grupo PNC no dia 25 de setembro de 2019.....	125
Figura 9. Captura de tela do grupo BeP da opção de denúncia à publicação..... .....	126
Figura 10. Captura de tela da publicação do dia 18 de dezembro de 2019 no grupo BeP .....	129
Figura 11. Captura de tela da publicação no grupo PNC do dia 5 de janeiro de 2020 .....	131
Figura 12. Captura de tela de comentários da postagem no grupo BeP no dia 22/12/2019 .....	133

Figura 13. Captura de tela dos comentários do grupo PNC no dia 25/01/2020...	135
Figura 14. Captura de tela de capa do grupo BeP no dia 04/01/2020, com destaque para as logomarcas.....	138
Figura 15. Captura de tela do grupo BeP, no dia 18/12/2019, seção “avisos”.....	139
Figura 16. Captura de tela do grupo BeP, no dia 25/01/2020.....	140
Figura 17. Captura de tela da publicação do grupo BeP, no dia 03/11/2020.....	142
Figura 18. Captura de tela de publicação do grupo PNC no dia 27 de setembro de 2019	146
Figura 19. Captura de tela dos comentários do grupo BeP no dia 20/12/2019....	151
Figura 20. Captura de tela de duas publicações de mulheres no grupo BeP do dia 09/09/2019	155
Figura 21. Captura de tela de duas postagens de homens no grupo BeP dos dias 26/12/2019 (esq.) e 27/09/2019 (dir.).....	157
Figura 22. Captura de tela dos comentários no grupo BeP no dia 14/11/2019 ...	164
Figura 23. Captura de tela da postagem no grupo Bep do dia 20/12/2019....	169
Figura 24. Captura de tela dos comentários da postagem no grupo BeP de 08/01/2019	170
Figura 25. Captura de tela de comentários de postagem no grupo BeP no dia 09/09/2019: “Cheguei a pouco em Portugal alguém sabe algo sobre trabalho Como tenho que fazer”	172
Figura 26. Captura de tela da publicação do grupo BeP do dia 20/09/2019..	197
Figura 27. Captura de tela da postagem do grupo BeP no dia 25/09/2019....	199

Figura 28. Captura de tela de duas postagens no grupo BeP nos dias 25/10/2019 e 27/12/2019 .....	204
Figura 29. Captura de tela da publicação no grupo PNC do dia 07/01/2020, com compartilhamento da notícia: “Há cada vez mais brasileiros à procura de casa em Portugal” (Diário Imobiliário).....	215

### **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Brasileiros em Portugal: quatro grupos e quatro páginas sugeridos pelo Facebook em 03/05/2019.....	99
Tabela 2. Conteúdo parcial publicado no grupo do Facebook “BeP”, em 10/11/2019 .....	116
Tabela 3. Quantidade de postagens por cada grupo, em agosto de 2019.....	117
Tabela 4. Categorias de uso (tipo de conteúdo publicado).....	121
Tabela 5. Classificação das postagens por categoria de uso (dezembro de 2019 e janeiro de 2020).....	122
Tabela 6. Características de atuação dos administradores e moderadores.....	130
Tabela 7. Perfis dos membros, características e relações estabelecidas.....	154
Tabela 8. Localização e características dos membros.....	181



## Introdução

*Mil  
nações  
Moldaram minha cara  
Minha voz  
Uso pra dizer o que se cala  
O meu país  
É meu lugar de fala*

Música “O que se cala”, 2018 (intérprete Elza Soares e compositor Douglas Germano)

A experiência de ser brasileira migrante em Lisboa me apresentou um mundo desconhecido e que, ao ser vivido e sentido, despertou-me para o assunto desta pesquisa de doutoramento. Migrações é uma temática nova na minha trajetória acadêmica<sup>1</sup>. O mundo de hoje foi construído a partir de deslocamentos e migrações de povos, assim como de temor e violência contra o estrangeiro. Para quem migra para onde hoje se chama Europa, é impossível não se envolver com esse assunto diariamente, ele se apresenta sempre, seja na primeira pergunta de uma conversa na Itália (“*De dove sei?*”) ou nas notícias dos telejornais franceses que mostram os migrantes como o grande problema social e de segurança pública, ou na preparação da lista de documentos exigidos para residir legalmente em Portugal, em uma constante reafirmação do estado de migrante. Quem migra precisa superar processos burocráticos que claramente criam entraves à regularização do estatuto de residente no país para o qual se desloca. E como já dizia Sayad (1998), na década de 60, nunca se está preparado para essa vivência.

O migrante é ainda o mesmo que se descobre longe de casa, movido pelo desejo e/ou por muita necessidade, mas que hoje se sente lá e cá, em um mundo cada vez mais conectado em redes transnacionais. Na minha própria aventura, foi através do Facebook que entrei em contato com uma conterrânea que me recebeu em Lisboa. Três dias antes da minha viagem, o algoritmo me colocou na *timeline* da amiga Joana Angélica, com quem há anos não tinha contato, e assim se deu a descoberta de mais uma cearense que chegava para estudar em Lisboa.

---

<sup>1</sup> Desenvolvi pesquisa e extensão na graduação, além de especialização e mestrado na área de Comunicação Comunitária, investigando jornal comunitário e rádio-poste no Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, em Fortaleza (Ceará).

É interessante lembrar que o *Facebook* surgiu em 2004, época em que eu escolhia a profissão de jornalista, aos 17 anos, e que foi capaz de transformar, de lá pra cá, a relação entre as pessoas e a própria área da Comunicação Social. Esta plataforma e a experiência de interação transnacional que possibilita entre quem migra e quem quer migrar são os objetos de estudo desta tese.

Nos últimos anos, a quantidade de pessoas que deixaram o Brasil para viver em outros países cresceu. Estimativas do Ministério das Relações Exteriores do Itamaraty indicam que 3.083.255 brasileiros vivem no exterior, sendo 24% na Europa, a partir de dados de fontes oficiais e estudos acadêmicos. Em 2018, foram entregues 23.149 declarações de saída definitiva à Receita Federal, enquanto que em 2011 foram apenas 8,1 mil. Nos últimos anos, estima-se que os números de brasileiros que deixaram o país incentivados pela crise econômica e em busca de melhores oportunidades ou condições de vida sejam bem maiores.

A migração tornou-se assunto recorrente e são mais comuns os casos de amigos ou parentes que moram no exterior. A temática também foi muito explorada pela mídia tradicional no Brasil, em especial a presença expressiva de brasileiros em Portugal, que desde o início da década de 2000 mantém-se como a principal comunidade estrangeira residente no país lusitano, com um total de 151.304 pessoas em 2019, representando 25,6% dos residentes estrangeiros. Entre 2017 e 2018, a nacionalidade que aumentou mais na concessão de vistos de entrada em Portugal foi a brasileira (58,7%, tendo também aumentado em 119% entre 2016 e 2017).

Tornaram-se comuns, desde 2017, as notícias sobre Portugal na mídia brasileira que destaca as oportunidades para investimento financeiro e de mudança de vida, com foco em uma classe média apavorada com a violência ou a crise econômica. Reportagens na televisão exaltavam as vantagens de migrar para o país lusitano, como o programa “Globo Repórter” exibido em abril de 2018, na emissora Globo, em que a jornalista Glória Maria mostrava “um novo Portugal” modernizado e que atraía turistas do mundo, destacando o depoimento de brasileiros felizes na sua nova vida.

Enquanto no Brasil o movimento era de tornar Portugal atrativo para os brasileiros, no país lusitano pesquisas acadêmicas e relatórios, realizados entre 2003 e 2011, mostraram um migrante brasileiro representado pela mídia portuguesa sem voz e frequentemente relacionado com temáticas de violência e prostituição. Tendência esta

que, a partir de 2017, começa a se transformar, ganhando destaque o novo perfil de brasileiro migrante da classe média, investidores e estudantes que, ao apresentar sua escolha pela nova vida em Portugal, colaboram também para construir uma imagem do país como modernizado e atrativo.

O novo cenário de crescimento da migração de brasileiros para Portugal é percebido também no aumento do fluxo de informações que circulam na internet pelas chamadas webdiásporas<sup>2</sup> (ElHajji & Escudeiro, 2015). São blogs, sites que tratam sobre o assunto e, mais recentemente, canais do YouTube, perfis do Instagram e grupos de Facebook em que os próprios migrantes se tornam enunciadores de suas experiências (Cogo, 2015). Aproveitando-se do interesse crescente dos brasileiros por Portugal, em uma perspectiva transnacional (Portes, 1999; Georgiou, 2010), a partir das mídias digitais, os migrantes se transformam em referência para novas migrações (Truzzi, 2008; Vertovec, 2001), estabelecendo redes migratórias (Madianou & Miller, 2013; Recuero, 2017).

O migrante que há muitas décadas é amplamente representado pela mídia, na internet se mostra com sua própria voz. No entanto, é condicionado pelas regras das plataformas virtuais e algumas vezes reproduz o discurso estereotipado da mídia tradicional. Os sites de redes sociais se tornaram espaços centrais no processo da experiência migratória, em especial a plataforma Facebook, que é utilizada no mundo por 2,38 bilhões de pessoas mensalmente e, com expressiva presença de brasileiros, que totalizavam 127 milhões de usuários ativos mensais, superando o WhastApp, em 2018. Os grupos organizados na plataforma totalizam 500 milhões de usuários<sup>3</sup>, que se reúnem em torno de temáticas de interesse em comum, tais como a migração de brasileiros pelos diversos países do mundo.

A escolha dos grupos de Facebook para análise nesta tese parte então da compreensão dos sites de redes sociais como espaços que possibilitam o desenvolvimento do papel ativo dos emigrados e de práticas comunicativas em redes sociais transnacionais<sup>4</sup>. A problemática desta investigação surge com a seguinte questão

---

<sup>2</sup> A webdiáspora é a reapropriação das tecnologias da informação e comunicação pelos migrantes e os usos sociais e subjetivos delas decorrentes (ElHajji & Escudeiro, 2015, p. 14).

<sup>3</sup> Dados de 2019 do Company Info - Facebook: <https://newsroom.fb.com/company-info/> (visualização em 17/07/2019).

<sup>4</sup> O conceito de transnacionalismo remete “aos modos de organização e ação das comunidades humanas inseridas em mais de um quadro social nacional estatal, tendo referenciais culturais, territoriais e/ou linguísticos originais comuns, e conectadas através de redes sociais transnacionais que garantem algum

norteadora: *como se dão as negociações e construções de sentidos sobre a migração de brasileiros em Portugal a partir das relações transnacionais e diaspóricas estabelecidas nos grupos de Facebook analisados?* O objetivo é refletir sobre os aspectos que atravessam a construção dos sentidos sobre a migração a partir de dois grupos no Facebook sobre a temática da migração de brasileiros para Portugal.

Nos rastros da questão central busco: a) contextualizar, a partir de estudos e pesquisas, as características da migração de brasileiros em Portugal, a sua representação na mídia e os usos das redes sociais na internet; b) identificar as características das interações nos grupos observados nas redes sociais; c) refletir, na análise de dois casos, sobre as relações transnacionais estabelecidas e os desafios e possibilidades de desenvolvimento da webdiáspora no Facebook.

Foram escolhidos como campo empírico os grupos BeP<sup>5</sup>, com número expressivo de participantes (271.439 mil membros, em 2019) que se apresenta como uma rede de apoio, característica comum a inúmeros grupos de migrantes no Facebook, e o grupo PNC (65.282 mil membros, em 2019), que se apresenta como um espaço mais crítico e reflexivo de compartilhamento de experiências migratórias. Ambos foram acompanhados por um período de seis meses, entre o segundo semestre de 2019 e início de 2020.

Ao dar prosseguimento às pesquisas sobre migrações e internet, essa investigação trará contribuição para as áreas dos Estudos da Mídia e da Comunicação, por um lado, e dos Estudos de Migrações, por outro, ao articular o tema das migrações com as mídias digitais e refletir sobre as práticas de comunicação do migrante brasileiro na atualidade, no papel de protagonistas da sua vivência migratória e não só representado pela mídia, como já bastante refletido em pesquisas anteriores. O campo virtual abre possibilidades de observar os migrantes brasileiros em sua diversidade e em interação transnacional com outros brasileiros que buscam migrar.

As mídias digitais transformaram as migrações ao facilitar o acesso a informações e o contato com redes migratórias, como também abriram um espaço amplo para expressão dos migrantes em sua diversidade. Foi interesse desta tese analisar as formas de apresentação da experiência migratória, a interpretação de notícias

---

grau de solidariedade ou identificação além das fronteiras formais de seus respectivos países de destino” (Cogo, ElHajji & Huertas, 2012, p. 34).

<sup>5</sup> Os nomes dos grupos foram suprimidos para preservar a identidade dos participantes. A opção será justificada no capítulo metodológico.

sobre a migração publicadas pela mídia e as discussões e negociações sobre a ideia de migração para Portugal.

A estrutura interpretativa deste trabalho parte de abordagens dos Estudos Culturais e da Escola de Chicago para análise das práticas de comunicação observadas nos grupos de Facebook e interpretação dos processos de produção de sentidos sobre a migração a partir das apropriações das tecnologias de comunicação. Para Martín-Barbero (2006), a revolução das técnicas é um dos processos responsáveis pela mudança do lugar da cultura nas sociedades, estabelecendo um novo modo de relação entre os processos simbólicos, de produzir e de comunicar.

No primeiro capítulo, “Eu não sou daqui: migrações e mídia”, as reflexões sobre globalização, mobilidade e as motivações para a emigração (Wenden, 2008; Castles, 2005; Appadurai, 2004) introduzem as discussões. São apresentados os principais conceitos que norteiam a pesquisa, sob um olhar crítico da migração entendida como um processo de desigualdades e discriminações, de uma sociedade que colocou historicamente o estrangeiro (Simmel, 1908/2005; Kristeva, 1994) e o migrante (Sayad, 1991/1998) em lugares como “os outros” (Elias & Scotson, 1965/2000) ou “refugiados” (Bauman, 2012). As reflexões sobre os distanciamentos, pertencimentos e discriminações da vivência migratória têm como proposta repensar o ponto de vista atual da migração como um problema e apresentar outras ideias que relacionam os fenômenos à transformação social (Bauman, 2005; Castles, 2010), desenvolvimento e solução para a escassez de mão de obra (Wenden, 2008).

A temática desta investigação que relaciona “migrações e mídia” é apresentada partindo das contribuições metodológicas das primeiras pesquisas realizadas sobre os migrantes pela Escola de Chicago até os estudos atuais sobre o uso da internet: webdiásporas, polimídia e usos das redes sociais pela diáspora. A busca é refletir sobre as possibilidades de uso da internet como espaço de reordenamento de experiências e práticas sociais e subjetivas dos migrantes e comunidades diaspóricas (ElHajji & Escudeiro, 2015, p. 1) e mediação de relações transnacionais (Madianou & Miller, 2012).

Os aspectos históricos sobre a emigração brasileira para Portugal e o contexto atual de crescimento e diversidade de perfil dos migrantes são apresentados no capítulo 2. Partindo da revisão de literatura de estudos já realizados sobre a migração brasileira

em Portugal, destaca-se a representação dos migrantes na mídia portuguesa e o estereótipo a eles associado. Pesquisas sobre o uso dos sites de redes sociais pelos migrantes ajudam a identificar as lacunas na área de pesquisa e orientam os objetivos desta investigação.

A trajetória metodológica e o processo de desenvolvimento da pesquisa empírica de caráter qualitativo (Bauer & Gaskell, 2002), que possibilita explorar dados gerados em processos de comunicação em relações construídas no ambiente virtual, são discutidos no capítulo 3. Reflexões sobre a internet como campo de estudo (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011) e os desafios metodológicos que envolvem a internet contemporânea apoiam a escolha metodológica da etnografia virtual como método de investigação (Hine, 2004, 2015). São apresentadas a trajetória de entrada em campo, desde a observação preliminar à escolha dos grupos do Facebook a serem analisados, e a coleta e análise dos dados.

A análise dos dados se desenvolve nos dois capítulos finais, no capítulo 4, sobre as “Dinâmicas de participação: características do ambiente virtual, dos atores e das relações estabelecidas”, destacamos o papel dos moderadores e administradores e as características dos grupos e dos membros. As publicações dos participantes indicam a diversidade de perfis socioeconômico, profissional, de gênero e fases da vida dos membros, além das motivações da migração e a temática principal que mobiliza a participação. O objetivo é compreender os fatores que impactam a participação e a interação dos sujeitos e analisar as percepções dos participantes sobre esse ambiente virtual.

No capítulo 5, sobre “Dinâmicas de interação: discussões e construção de sentidos sobre a migração de brasileiros em Portugal”, busca-se examinar os modos de interação, as tomadas de posição, para refletir sobre as negociações que ocorrem nos sites de redes sociais sobre o entendimento da migração de brasileiros em Portugal. A ênfase é nas relações transnacionais que são analisadas a partir da reflexão sobre os aspectos históricos e socioeconômicos que atravessam essas construções de sentidos sobre a migração. Os comentários, os compartilhamentos de notícias e dos relatos de experiências migratórias são analisados a partir da questão: *de que modos brasileiros constroem sentidos sobre a migração em postagens e comentários nos grupos de Facebook sobre migração em Portugal?*

Compreendo que esta tese é também sobre ser migrante, brasileira, em Portugal, e não só nos sites de redes sociais. É sobre o falar o que se vive ou calar o que se sente. Em um mundo político em que persistem as ideias fascistas, atos de xenofobia e racismos; um modelo econômico baseado na exploração do ser humano, da “uberização do trabalho” e redução dos direitos trabalhistas; um contexto social violento, com guerras contínuas em países empobrecidos e o tratamento desumano com os que buscam refúgio, em uma extrema desigualdade social e, por fim: um mundo doente, com o surgimento da pandemia da Covid-19 e pela escassez de solidariedade entre os homens e nações. E, assim, em um contexto de enormes dificuldades, sanitárias, ambientais e humanas, essa investigação foi iniciada no final de 2017 e concluída em março de 2022, com a vacinação contra a Covid-19 já desenvolvida, mas distribuída de forma desigual e excludente, como é ainda nossa realidade mundial.

Na dificuldade de pesquisar o que se está vivendo, a busca foi na inspiração das pessoas para construção de uma leitura sobre o que acontecia em campo e na vida. Por isso a opção pela etnografia com seu processo de descrição detalhado, sua profundidade que vem com a leitura exaustiva, afastamento necessário, discussões com outras pessoas e amadurecimento de ideias. Esta tese também é sobre ser migrante e pesquisadora em Portugal, em uma trajetória que incorpora encontros e episódios de racismo e xenofobia vividos por quem pesquisa. Descobertas, dores e sofrimentos que nos lançam a questionamentos e reflexões em um processo de cura e luta pela escrita. Uma porta aberta a mim pela mulher negra, professora e artista Grada Kilomba, que tive a felicidade de encontrar em Lisboa, na minha chegada que coincidiu com a abertura das suas exposições *The Most Beautiful Language* e *Secrets to Tell*<sup>6</sup>, em outubro de 2017, e que me ajudaram a entender como era possível fazer uma pesquisa implicada e sentida, que questiona a sociedade pós-colonial a partir da criação de uma linguagem para falar da própria realidade silenciada. O seu livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, lançado em português em 2019, me guiou para escolhas teóricas críticas sustentadas na perspectiva da descolonização. Assim como também pela voz

---

<sup>6</sup> O trabalho de Grada Kilomba esteve em exibição, de 27 outubro 2017 a 4 março 2018, simultaneamente e pela primeira vez no seu país de origem, em duas instituições – na Galeria Avenida da Índia/EGEAC-Galerias Municipais com *The Most Beautiful Language* e no MAAT-Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, com *Secrets to Tell*. A curadoria foi de Gabi Ngcobo e Produção Criativa de Moses Leo, dando corpo, voz e imagem aos seus próprios textos, usando num único espaço a instalação de vídeo, a leitura encenada, a performance, a colagem de texto e a instalação de som. Reflexões sobre o seu trabalho e conversas com a autora foram realizadas no Teatro Maria Matos e no Hangar.

consciente do professor Boaventura de Sousa Santos que, em sua posição privilegiada de homem branco europeu, fala de dentro e para a academia portuguesa: “a Europa precisa se calar para escutar a solução que vem agora do hemisfério sul”. E que vem cantada, pela voz potente da mulher, negra e brasileira Elza Soares, e pelos gritos de Gilberto Gil, em concertos em Lisboa.

Outros encontros também importantes no decorrer desse doutoramento, que durou quatro anos, trouxeram reflexões sobre a geopolítica do mundo, estar na Europa e sentir o que é ser migrante nos dá a exata noção de como são as desigualdades do mundo. Grada Kilomba explica que precisou sair de Lisboa para conseguir criar uma nova linguagem e se conhecer. No meu caso foi preciso sair do Brasil para em Portugal entender a necessidade de (re)conhecer nossas raízes silenciadas, indígenas e africanas. Conhecer pesquisadores de países da África e principalmente a experiência de participar do Lusocom em Moçambique, em 2018, mostrou a urgência em estabelecer um intercâmbio entre nós, ou ainda mais, de também calar para escutar pensadores de lá. A exemplo do camaronês Achille Mbembe que, ao lançar seu livro *Políticas da Inimizade*, nos apresenta reflexões filosóficas tão necessárias sobre a necropolítica estruturada a partir do racismo e do colonialismo, ainda é interrompido pelo público em Lisboa com perguntas racistas.

Esta tese também é sobre ser brasileira, um Brasil que elegeu Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018 e nos fez sentir o peso de não saber explicar ao mundo o que acontecia no nosso país. Uma dor transnacional, sofrida lá e cá. Os primeiros meses em Lisboa, de gritos de “Fora Temer<sup>7</sup>” às muitas manifestações de #elenão<sup>8</sup>. Exercer o poder do voto em Lisboa, contra Bolsonaro, e encontrar uma enorme massa de migrantes vestidos de verde e amarelo, apoiadores do candidato, foi um dos momentos de profunda dor e pranto.

Um desafio também foi, enquanto pesquisava nos sites de redes sociais e na internet, entender que candidaturas fascistas, como as de Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos EUA, foram impulsionadas por aplicativos de comunicação, como o WhatsApp, utilizado por alguns como propagador de fake news em massa. E também

<sup>7</sup> O vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência da República em setembro de 2016 após o impeachment de Dilma ser aprovado pelo Senado. Um movimento popular contrário à decisão, caracterizado por gritos de “Fora Temer”, prosseguiu até o fim do mandato, em dezembro de 2018.

<sup>8</sup> Movimento popular que ganhou as ruas do Brasil e do mundo, liderado por mulheres e iniciado nos sites de redes sociais, contra a candidatura à presidência de Jair Bolsonaro, conhecido por suas declarações misóginas e homofóbicas.

presenciar o escândalo da Cambridge Analytica<sup>9</sup>, que revelou a venda pelo Facebook de informações de mais de 50 milhões de pessoas sem o consentimento para fazer propaganda política nos EUA, em março de 2018.

O ano de 2019 continuou intenso, a começar pela execução de Marielle Franco, vereadora do partido político de esquerda PSOL, do Rio de Janeiro, em 19 de março, mobilizando o mundo para a crise de direitos humanos no país. E, finalmente, a Covid-19, que chega no início de 2020 à Europa e nos silencia diante de tantas mortes e de um desgoverno no Brasil que não conseguiu tomar medidas para minimizar os efeitos de uma pandemia que dizimou mais de meio milhão de brasileiros, no primeiro ano e meio da pandemia.

Um vírus que nos manteve isolados desde 11 de março de 2020, último dia em que estive na biblioteca e em encontro presencial com minha coorientadora. No meio do doutoramento, o mundo tornou-se virtual, estivemos trancados dentro de casa e as fronteiras com o Brasil foram fechadas por vários meses. A volta foi gradual, com máscaras e muitas restrições.

De outubro de 2020 a abril de 2021, as segunda e terceira ondas ocorreram durante o intercâmbio Erasmus + na Itália, em Nápoles, que durou nove meses. Mais uma vez o Facebook e um grupo de WhatsApp me colocaram em contato com histórias trágicas e felizes de migrantes mulheres brasileiras em Nápoles, que me acompanharam na pandemia. A vacina chegou, mas só para cidadãos italianos, e dessa vez sinto a invisibilidade do migrante sem documento na Europa e a crueldade de um sistema que quer o suor do trabalhador, mas não se responsabiliza pelas assistências básicas. Mesmo com residência legal em Portugal, não conseguia me vacinar. A rejeição em vacinar os migrantes na Itália foi evidente ao serem criadas plataformas de agendamento de vacinação que só podiam ser acessadas por quem tinha todos os documentos e cidadania italiana. Somos invisibilizados pelo sistema mesmo em um mundo em pandemia, em

---

<sup>9</sup> A Cambridge Analytica é uma empresa de análise de dados que trabalhou com o time responsável para campanha do republicano Donald Trump nas eleições de 2016, nos Estados Unidos. Na Europa a empresa foi contratada pelo grupo que promovia o Brexit (a saída do Reino Unido da União Europeia). (Leia notícia sobre o caso: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>).

uma Europa registrando milhões de mortes e que ainda encontra maneiras de discriminar e mostrar que você não tem direito de viver ali.

Esta tese foi escrita no meio de uma pandemia, na luta pela vida, pelos direitos, entre muitas perdas e muitas dores. São marcas que estão no corpo e na mente, traumas de uma tortura cotidiana, sentida a cada ida a um órgão público para se legalizar. Traumas sentidos pelo racismo e xenofobia também sempre presentes, do primeiro ao último dia em Lisboa, no movimento de desagrado e as brigas nos ônibus, sempre iniciadas por uma pessoa branca direcionada a outra negra, mostrando que o inimigo era determinado pela cor da pele. Desde a primeira defesa de tese que assisti em Lisboa, de uma brasileira negra e uma banca quase toda branca que discordava sobre a existência de racismo em Portugal usando a justificativa: “eu até tenho amigos negros”.

No bairro que morei por um ano em Lisboa e tive que escutar os gritos de palavras xenófobas direcionadas a mim (reproduzidas ao final dessa introdução), também presenciei o desespero de um homem negro que acabara de se mudar para o prédio da frente com a família e na rua gritava: é racismo! A vizinha branca havia insinuado que a casa dele cheirava mal, fechando bruscamente a sua porta. Cena violenta também na Itália, quando no trem um grupo de jovens brancos pergunta para o homem negro sentado com seu fone de ouvido se ele escutava rap, ele responde que escutava “música, música”. Não bastasse ser obrigado a explicar que pode escutar qualquer tipo de música, na saída do trem, o grupo cospe e atinge o homem negro. Um outro homem negro se levanta e começa a gritar: é racismo! De fora, eles fecham a janela.

Em posição privilegiada ultrapassei algumas barreiras burocráticas racistas, como o dia em que consegui entrar no Centro de Saúde em Nápoles, mas o homem negro que havia chegado antes e sentia forte dor ficou do lado de fora do órgão de saúde. Dessa vez, eu aprendi a gritar, e também chorei: é racismo! E, por tudo isso que ainda precisamos passar, ainda é preciso iniciar essa tese com o grito: há racismo! há xenofobia!

“Preta, brasileira! Vagabunda, veio da Favela pra cá, X9 que merecia morrer”<sup>10</sup>

(Grito dirigido a mim por um jovem na Rua Vicente Borga, Madragoa - Lisboa, quando à noite escrevia esta tese, no dia 5 de maio de 2020)

“Quem lhe paga para vc estudar em Portugal? Espero que não sejam os contribuintes Portugueses. Não há universidades no Brasil?”<sup>11</sup>

(Pergunta-ameaça recebida em chat no Facebook enquanto fazia esta pesquisa, em novembro de 2020)

---

<sup>10</sup> Queixa on-line foi enviada para a Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR). Órgão que tem a missão de prevenção, proibição e combate à discriminação com fundamento na origem racial e étnica, cor, nacionalidade, ascendência e território de origem, seguindo a lei nº 93/2017. Carta do Alto Comissariado para as migrações do Governo Federal Português confirmou, um mês depois, que a queixa havia sido remetida à Procuradoria-Geral da República “por conterem factos suscetíveis de enquadrar ilícitos criminais”, através da referência: ACM262FE.2020.NL. Além da queixa, também foi registrado por mim em um papel afixado na porta de entrada do prédio onde habitava, os escritos: “Sou preta, sou brasileira e da favela de onde venho todos se respeitam”.

<sup>11</sup> Não prestei denúncia na época, só depois tive conhecimento sobre a possibilidade de prestar queixas de casos ocorridos em ambientes virtuais.

## Capítulo 1

### Eu não sou daqui: Migrações e Mídia

*Eu não sou daqui  
Marinheiro só  
Eu não tenho amor  
Marinheiro só  
Eu sou da Bahia  
Marinheiro só  
De são salvador...*

Música “Marinheiro só” (Compositor: Caetano Veloso)

Apresento neste primeiro capítulo os principais conceitos que norteiam a pesquisa sobre a relação entre as migrações e a mídia, iniciando com reflexões sobre os fenômenos migratórios e seus desafios, a começar pelos deslocamentos, através dos conceitos de estrangeiro e (i)migrante; e os pertencimentos, com os conceitos de diáspora e transnacionalismo. Em seguida, na seção sobre os estudos das migrações e mídia, que parte das contribuições de pesquisas realizadas pela Escola de Chicago até os estudos atuais sobre as novas mídias e internet, destaco os conceitos de webdiásporas e polimídia, entre outras análises e conclusões sobre os usos das redes sociais pela diáspora, campo de interesse desta investigação.

#### 1.1 Conceitos e enquadramentos sobre mobilidade e fenômenos migratórios

Com a globalização e o desenvolvimento das tecnologias, temos facilitadas a mobilidade e a comunicação, aumentando o fluxo de pessoas que acumulam experiências por diversos locais. Essa é a realidade de milhões em mobilidade pelo mundo, de acordo com dados do relatório de 2017 da Organização das Nações Unidas (ONU), já são mais 258 milhões de migrantes<sup>12</sup>.

É reconhecida como migrante, de acordo com o “Glossário sobre Migração” (2009)<sup>13</sup> elaborado pela Organização Internacional para as Migrações da ONU (OIM),

---

<sup>12</sup>Ver resultado do relatório bienal “International migrant stock: The 2017 revision” em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates17.asp> (visualizado em: 27/05/2019)

<sup>13</sup>Ver em: <https://www.acm.gov.pt/documents/10181/65144/Gloss%C3%A1rio.pdf/b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b> (visualizado em: 27/05/2019).

“qualquer pessoa que se desloque ou tenha atravessado uma fronteira internacional ou dentro de um Estado fora do seu local habitual de residência, independentemente do (1) estado legal da pessoa; (2) se o movimento é voluntário ou involuntário; (3) quais são as causas do movimento; ou (4) qual a duração da estadia”.

Para alguns historiadores, estamos na segunda grande vaga de mobilidade no mundo, a partir do desenvolvimento do comércio, das tecnologias e com a facilidade de transportes. A primeira vaga estaria situada entre o fim do século XIX e começo do século XX, até a guerra de 1914, com grandes migrações para os Estados Unidos, Canadá, Austrália (Wenden, 2008, p.39). Depois da Segunda Guerra Mundial, as migrações expandiram e são destacadas em duas fases, por Castles (2005): a migração laboral de países menos desenvolvidos para a Europa Ocidental, América do Norte e Oceania (1945 a 1973) e a segunda fase iniciada em meados da década de 1970, com novos países de imigração no sul da Europa, na América Latina, África e Ásia. Para o referido autor, “o fim da década de 80 e o princípio da década de 90 constituíram um período de migrações sem precedentes” (p. 26).

Emigrar tornou-se uma opção para uma população, muitas vezes jovem, que não encontra saída dentro do seu país de origem, em desenvolvimento, muitas vezes envolto em crises políticas, econômicas, em guerras ou tendo a violência como um cenário constante. Entre os elementos que alimentam a mobilidade, destacados por Wihtol de Wenden (2008), estão as guerras e crises, com seus refugiados e asilados políticos, a economia das viagens turísticas e a imaginação migratória gerada pela informação, além das redes transnacionais de migrantes entre os países de acolhimento e o de destino, responsável pelas relevantes remessas de dinheiro pelos migrantes.

Guerras civis e processos de empobrecimento estão colapsando países do Oriente Médio e África há anos e partir para Europa é muitas vezes a solução. A esse respeito, aponta Wihtol de Wenden (2008): “Demografia mais pobreza são os fatores centrais da migração, as diferenças na riqueza são fatores de atração. As pessoas vão para onde esperam viver melhor, e os que partem não são os mais pobres, são os mais urbanos que têm um verdadeiro projeto migratório” (p. 42).

Pietro Basso (2015), sociólogo italiano, entende que todas as migrações são forçadas, independente das motivações, se econômica, social, político, militar, já que ninguém deixa voluntariamente seu lugar de nascimento. Para o autor, o crescimento

das migrações internacionais se deve a causas estruturais de longo prazo, tais como a desigualdade de desenvolvimento entre os países produzida pelo colonialismo e o neocolonialismo. Nesse sentido, prefere falar de “emigrantes” e não de migrantes.

Sayad (1998), na obra *A imigração ou os paradoxos da Alteridade*, já destaca a relevância dos estudos serem iniciados do ponto de vista da emigração e suas condições sociais como ato inicial do processo de migração. Como duas faces de uma mesma realidade, o migrante como duplo do emigrante.

O termo imigração é questionado por alguns especialistas, pois sugere movimentos de longo prazo de um Estado-Nação para outro, típicos dos séculos XIX e XX. Cogo, Gutierrez e Huertas (2008) também consideram que o termo “imigrante” remeteria a um único deslocamento, cuja finalidade seria se estabelecer em outro lugar por um longo tempo, “uma situação incomum na atualidade” (p. 13).

Appadurai (2004) entende que a imaginação é um outro aspecto relevante para o aumento da taxa de migrações e, ainda que as pessoas não migrem, as ideias circulam e são capturadas pelas pessoas que “produzem sua subjetividade a par da sua localidade”. Nunca tantas pessoas imaginaram a possibilidade de viver e trabalhar em outras partes do mundo. “Para os migrantes, tanto as fórmulas de adaptação a novos ambientes como o estímulo para sair ou voltar são profundamente afectados por um imaginário midiático que frequentemente transcende o espaço nacional” (Appadurai, 2004, p. 18).

As redes migratórias possibilitadas pelos usos das mídias digitais, por exemplo, auxiliam o projeto de emigração ao facilitar o acesso a informações sobre o processo de mobilidade. Ao mesmo tempo, é preciso compreender que muitas pessoas não possuem o capital econômico necessário para viajar, e assim, não é possível reconhecer a mobilidade como um direito humano (Castles, 2005; Wenden, 2008).

Além disso, o fenômeno das migrações surge em um mundo que se divide em Estados-Nação que têm como regra respeitar as fronteiras. Assim, “as migrações são tendencialmente consideradas como problemáticas: algo que deve ser controlado, mesmo restringido, porque pode produzir mudanças imprevisíveis” (Castles, 2005, p. 18). De acordo com Bauman (2017), um “pânico moral”, temor do público que é alimentado pela mídia e permanece até os dias atuais, gerando discriminação e criminalização de migrantes e refugiados.

Para Castles (2005), os governos veem o estabelecimento definitivo dos migrantes como ameaça à identidade nacional, por isso os rejeitam e assim eles passam a constituir minorias étnicas marginalizadas, vistas como causa de insegurança, perigo para os padrões de vida, culpados por desempregos, ameaça de mudanças culturais (Castles, 2005).

No desafio de teorizar as migrações internacionais dentro de um contexto contemporâneo de globalização neoliberal, Stephen Castles (2010) parte da ideia de migração como problema a ser resolvido pelos governantes até chegar ao conceito de transformação social<sup>14</sup> e sua relação com a mobilidade humana. O autor aponta ainda:

... em contraste [a Alejandro Portes], defendo que a migração é, na verdade, parte do processo de transformação destas estruturas e instituições [nas sociedades desenvolvidas], que nasce através de grandes mudanças nas relações sociais, econômicas e políticas globais. (Castles, 2010, p. 13)

Ao exemplificar a América Latina e seus mais de cinco séculos de transformação social, seja na época da exploração colonial (com espanhóis e portugueses) ou no desenvolvimento de novos Estados-Nação (também com a participação de outros países europeus), Castles (2010) afirma que essas transformações são bruscas e reflexo de mudanças globais nas relações de poder. Um exemplo são as desigualdades econômicas entre sul e norte, advindas da globalização neoliberal nos anos 1970, que como resultado inverteu os fluxos migratórios históricos, fazendo com que brasileiros migrassem para Portugal, EUA e Japão, por exemplo.

Os governantes enxergam a migração como um problema a ser resolvido, de preferência buscando formas para evitar que os migrantes abandonem suas terras de origem. Falta-lhes uma compreensão da migração como parte intrínseca do desenvolvimento humano, mediante a qual as pessoas respondem às oportunidades procedentes de fatores ambientais, econômicos e políticos nas possíveis áreas de chegada. (Castles, 2010, p. 14)

---

<sup>14</sup> De acordo com Castles (2010): “A transformação social pode ser definida como sendo uma mudança fundamental na forma por meio da qual a sociedade se organiza, que vai além dos processos contínuos de mudança social gradativa que estão sempre em funcionamento. Isso implica numa ‘mudança radical’ em que todos os padrões sociais existentes são questionados e muitos deles redefinidos. As transformações sociais estão intimamente relacionadas a grandes mudanças nas relações econômicas, políticas e estratégicas dominantes” (p.28).

Apesar da percepção de que no século XXI as mudanças nos transportes, tecnologia e cultura facilitaram o cruzamento de fronteiras, Castles (2010) alerta para a intensificação do controle das fronteiras e as restrições das migrações, além do fato de pessoas não terem condições econômicas nem políticas para migrar. Para o autor, as migrações ainda são processos baseados “na desigualdade e discriminação” e devem ser analisadas nas suas relações de poder, quando por exemplo a mobilidade é considerada positiva e a migração ruim por suscitar memórias de invasão e deslocamento: “movimentos migratórios de trabalhadores especializados eram aclamados como mobilidade profissional, enquanto os de trabalhadores sem qualificação eram condenados como migração indesejada” (Castles, 2010, p. 15).

Nesta tese, partindo das discussões apontadas pelos autores citados, opto por utilizar o termo migrante, considerando a amplitude das questões socioculturais, políticas e econômicas, dentro das enormes desigualdades entre os países e das múltiplas possibilidades de deslocamento, em um contexto de globalização e transnacionalismo, proporcionado pelas novas tecnologias de comunicação e informação (Castles, 2005). As possibilidades de relacionamentos e como os estrangeiros e migrantes são vistos e sentidos pela sociedade capitalista são discutidos a seguir.

### **1.1.1 Estrangeiros e (i)migrantes: os lugares de distanciamento e deslocamento**

O lugar de distanciamento e proximidade de um migrante no mundo capitalista urbano do início do século XX, em Berlim, já era descrito por Georg Simmel em artigo que trata sobre o estrangeiro, na obra *Sociologia, o estudo sobre as formas de sociação*<sup>15</sup> (1908). A posição do estrangeiro é determinada pelo fato de não pertencer imediatamente ao espaço em que habita e, por isso, “suas qualidades não podem originar-se e vir dele, nem nele adentrar-se”. Para o sociólogo alemão, o estrangeiro é compreendido como o de fora, um estranho, e por isso as relações se dão a partir do distanciamento. “O estrangeiro é visto e sentido, então, de um lado, como alguém absolutamente móvel. Como um sujeito que surge de vez em quando através de cada

---

<sup>15</sup> O texto “O Estrangeiro” foi retirado do livro de Georg Simmel: *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung* (Sociologia. Estudos sobre as formas de sociação). Berlim, Duncker e Humblot Editores, 1908, pp. 509 a 512. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury.

contato específico e, entretanto, singularmente, não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém” (Simmel, 1908/2005, p. 267).

Na relação com um "estrangeiro" ou “estranho”, o que existe é um não-relacionamento, as relações se dão a partir de um certo parâmetro de distanciamento objetivo, mas partindo das características essenciais de que também ele é um membro de um outro determinado grupo. Como tal, os contatos com ele são, ao mesmo tempo, estreitos e remotos, “na fragmentação das relações por onde uma abstrata igualdade humana em geral se encontra” (Simmel, 1908/2005, p. 270).

No prefácio do livro *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*, em que Abdelmalek Sayad (1998) trata sobre a comunidade argelina na França no final do século XX, Pierre Bourdieu afirma que o migrante é um ser “sem lugar”, “nem cidadão nem estrangeiro”, situa-se no “lugar ‘bastardo’ de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social”. Bourdieu destaca ainda no prefácio da importante obra:

Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo – até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial – apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incômoda cria. Incômodo em todo lugar e que doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade. (Sayad, 1998, pp. 11-12)

Também considerada uma presença estrangeira, para Sayad (1998), recai sobre o migrante as ilusões de sua posição provisória, mesmo que essa seja duradoura. O autor explica que a presença do estrangeiro se justifica para o finalidade do trabalho dentro de uma existente neutralidade política. Quando o trabalho é permitido, mas a participação política não. Condição que, muitas vezes, é aceita por entender que aquilo será passageiro, quando não é.

Na introdução da obra *Os Estabelecidos e os outsiders*, de 1965, Nobert Elias e John L. Scotson definem essa diferença entre “os de dentro”, reconhecidos como uma “boa sociedade”, resultado de uma combinação de tradição, autoridade e influência; e “os de fora”, que formam apenas um grupo, sem laços definitivos e recém-chegados à cidade. Através de estudo em uma pequena comunidade na Inglaterra, realizado na

década de 1950, os autores puderam identificar como os estabelecidos monopolizavam o poder e excluía e estigmatizavam os membros recém-chegados para preservar sua identidade, identificando-os como inferiores, usando, entre outros mecanismos, a fofoca.

A própria existência de *outsiders* interdependentes, que não partilham do reservatório de lembranças comuns nem tampouco, ao que parece, das mesmas normas de respeitabilidade do grupo estabelecido, age como um fator de irritação; é percebida pelos membros desse grupo como um ataque à sua imagem e seu ideal de nós. A rejeição e a estigmatização dos *outsiders* constituem seu contra-ataque. O grupo estabelecido sente-se compelido a repelir aquilo que vivencia como uma ameaça a sua superioridade de poder (em termos de sua coesão e seu monopólio dos cargos oficiais e das atividades de lazer) e a sua superioridade humana, o seu carisma coletivo, através de um contra-ataque, de uma rejeição e humilhação contínuas do outro grupo. A circulação de fofocas culpabilizadoras (*blame gossip*) e a auto-imagem maculada dos outsiders podem ser consideradas traços constantes desse tipo de figuração. (Elias & Scotson, 1965/2000, p. 45)

No livro *Estrangeiros para nós mesmos*, de 1941, Júlia Kristeva (1994) apresenta o estrangeiro não como vítima e nem como intruso, mas uma face oculta na identidade de todos nós e, por isso, não é possível detestá-lo em nós mesmos: “o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades” (p.9). Ainda de acordo com a autora, as questões religiosas e morais eram importantes mecanismos contra a xenofobia, mas a coabitação com esse estrangeiro se torna latente com a ascensão do nacionalismo e o surgimento do homem moderno, que defende a sua diferença e vive o individualismo.

Zygmunt Bauman, na obra *Vidas Desperdiçadas*, relaciona a globalização à produção de seres humanos refugados, “excessivos”, “redundantes”, “que não quiseram ou não puderam ser reconhecidos ou obter permissão para ficar”. O autor afirma que os alarmes sobre superpopulação do globo e os problemas dos migrantes e das pessoas em busca de asilo sempre recaem sobre os países pobres, mesmo que eles tenham uma população menos densa, nunca sobre os países ditos desenvolvidos e que detêm altos índices de povoamento: “Sempre há um número demasiado deles. ‘Eles’ são os sujeitos dos quais devia haver menos – ou, melhor ainda, nenhum. E nunca há um número

suficiente de nós. ‘Nós’ são as pessoas das quais devia haver mais” (Bauman, 2005, p. 47).

Bauman (2005) explica ainda que a relação entre os migrantes e o crescimento da violência e temores quanto à segurança é um tema de campanha ideal para o estabelecimento de governos securitários<sup>16</sup> (p. 66). Na França, na década de 1970, o autor explica que os *banlieues* onde os migrantes habitavam passaram a ser associados a lugares de prática de criminalidade, gerando um pânico nas cidades.

O reconhecimento desse contexto histórico de discriminação dos estrangeiros (Simmel, 1908/2005), imigrantes (Sayad, 1998), considerados *outsiders* (Elias & Scotson, 1965/2000) e refugiados (Bauman, 2012), permanece no debate da contemporaneidade que ainda trata a migração como um problema, por vezes de segurança nacional ou econômica, e usa essas justificativas para estabelecimento de processos burocráticos e outros atos discriminatórios contra refugiados e migrantes, sem refletir sobre as possibilidades de transformação social (Bauman, 2005; Stephen Castles, 2010).

Catherine Wihtol de Wenden, no livro *Faut-il ouvrir les frontières? (As fronteiras devem ser abertas?)*<sup>17</sup>, se propõe a pensar sobre os obstáculos e as consequências que as fronteiras podem impor na mobilidade dos homens. A autora afirma que há um paradoxo europeu nas políticas de repressão da migração quando, a partir de 2030, a maior parte do crescimento populacional na Europa estará ligada à migração, diante da tendência de envelhecimento da população<sup>18</sup>:

---

<sup>16</sup> Bauman (2017) explica que o termo “securitização” é um neologismo, recorrente nos discursos políticos e da mídia, que busca reclassificar um algo que seria da categoria de “insegurança” e transferir para o domínio dos órgãos de segurança, de forma automática, se aproveitando de uma ambiguidade semântica. “A “securitização” é um truque de mágica, calculado para ser exatamente isso. Ela consiste em desviar a ansiedade, de problemas que os governos são incapazes de enfrentar (ou não têm muito interesse em fazê-lo), para outros, com os quais os governantes – diariamente e em milhares de telas – aparecem lidando com energia e (por vezes) com sucesso [a exemplo da luta contra os terroristas]” (Bauman, 2017, pp. 33-34).

<sup>17</sup> A tradução das citações em outras línguas são todas nossas.

<sup>18</sup> Estudo que buscou avaliar as tendências de evolução futura da população residente em Portugal, realizado entre 2015 e 2017, em relação à dimensão do saldo migratório necessário para a compensação do processo de envelhecimento e declínio populacional, constatou que se o país tivesse que depender apenas da sua fecundidade e da mortalidade, isto é, um cenário sem migrações, projeta-se a perda de cerca de 2,5 milhões de pessoas até 2060, especialmente da população jovem (0-14 anos) e da população em idade ativa (15-64 anos). Ver estudo “Migrações e Sustentabilidade Demográfica”: <https://www.ffms.pt/FileDownload/56685d96-fa76-410f-ae4d-e7434b56f45d/migracoes-e-sustentabilidade-demografica> (visualizado em: 27/05/2019).

Vivemos em um paradoxo fundador: por um lado, valorizamos a mobilidade, mas, ao mesmo tempo, ela é prejudicada com muita força para uma parte dos povos do mundo. É igualmente um paradoxo europeu: a Europa hoje confronta-se com um problema sem poder encontrar uma solução, torna-se ciente do seu envelhecimento, da sua escassez de mão de obra e, ao mesmo tempo, continua bloqueada na ideia de que é absolutamente necessário restringir os fluxos migratórios, dissuadir, reprimir e ter uma política extremamente rígida em relação ao controle da fortaleza Europa<sup>19</sup>. (Wenden, 2008, p. 38)

A autora entende a mobilidade como um elemento importante para o desenvolvimento do mundo, a criatividade e o dinamismo de uma população. Movimentos de comunidades diaspóricas que constituíram o mundo, possibilitados pelas tecnologias de comunicação, se transformaram em uma experiência de interconexão, de uma diáspora transnacional que se mantém mais facilmente ligada com o país de origem e de migração, ampliando as percepções de pertencimentos e abrindo espaços para expressão dos próprios migrantes na internet, como ocorre nas webdiásporas.

### **1.1.2 Diáspora e transnacionalismo: as possibilidades de pertencimentos**

O termo diáspora, muito usado nos estudos sobre migrações, não se refere apenas à dispersão histórica dos judeus após a destruição de Jerusalém, que representa “o clássico fenômeno da diáspora” pela capacidade de preservar sua “integridade como comunidade étnico-religiosa”, mesmo sem ter uma terra compartilhada e em constantes migrações (Dufoix, 2008).

Dufoix (2008), na obra *Diásporas*, explica que a palavra também passou a ser usada desde meados da década de 1950 para tratar da diáspora negra africana. A autora se refere ao comércio dos escravos africanos na América, em analogia com a história judaica, para “notar a existência de discriminação que ambos os grupos enfrentaram nos países onde viviam” (p. 11).

---

<sup>19</sup> Tradução para: “Nous vivons dans un paradoxe fondateur: d’un côté on valorise la mobilité, mais en même temps on l’entrave très fortement pour une partie des populations du monde. C’est aussi un paradoxe européen: l’Europe aujourd’hui est dans une sorte de quadrature du cercle, elle prend conscience de son vieillissement, de ses pénuries de main-d’œuvre, et en même temps elle reste arc-boutée sur l’idée qu’il faut absolument restreindre les flux migratoires, dissuader, réprimer et avoir une politique extrêmement sévère quant au contrôle de l’Europe forteresse”.

Termo utilizado no estudo das religiões por séculos, nas ciências sociais, o sociólogo britânico Cohen (2008), em estudo sobre as mudanças dos significados do conceito de diáspora contemporânea, explica que dos anos 1980 em diante - a partir do artigo de William Safran, na edição de abertura da revista *Diáspora* - há uma primeira tentativa de construir um modelo conceitual do termo identificado como sendo usado para diferentes categorias de pessoas - “expatriados<sup>20</sup>, expelidos, refugiados políticos, residentes estrangeiros, imigrantes e minorias étnicas e raciais”.

Cohen (2008) descreve o modelo proposto por Safran, com as principais características da diáspora, entre elas, a de que os grupos dispersos de um centro “original” para regiões estrangeiras mantinham uma relação com o país de origem e acreditavam que não seriam totalmente aceitos em suas sociedades de acolhimento. O lar ancestral era idealizado e eles pensavam em retornar, por isso também os membros da diáspora deveriam estar comprometidos com a manutenção da pátria original e continuavam a se relacionar com essa pátria.

Na terceira fase, na década de 1990, o conceito de diáspora foi adaptado aos estudos pós-modernos, em que as identidades se tornaram desterritorializadas, e foram desconstruídos os pilares “lar/pátria” e “comunidade étnica/religiosa”. O termo passou a ser usado em vários sentidos, “a diáspora era chique” e quase todos queriam fazer parte de uma. A atual quarta fase de consolidação, iniciada na virada do século, é marcada por uma reafirmação modificada da ideia da diáspora, agora no espaço reinscrito pelo ciberespaço: “a diáspora pode, até certo ponto, ser cimentada ou recriada através da mente, de artefatos e da cultura popular e de uma imaginação compartilhada. Para cobrir esses exemplos, uso a expressão diáspora desterritorializada” (Cohen, 2008, p. 8).

Nessa fase atual, vários autores passaram a refletir sobre as críticas à diáspora, por exemplo, Cohen (2008) apresenta o pensamento de um jovem acadêmico, Martin Sökefeld, que percebe que o termo não pode ser utilizado para todos os casos de migração, como sinônimo de migrantes, já que “nem todos os migrantes serão coesos nas comunidades e nem todas as comunidades migrantes se imaginarão transnacionais” (p. 13). Destaca ainda o referido autor:

---

<sup>20</sup> Além dos termos “estrangeiro” e “imigrante”, existe ainda a situação do expatriado, que é a pessoa que foi obrigada ou não a viver fora de seu país, de acordo com definição do dicionário Houaiss on-line (Disponível em: [www.dicio.com.br/houaiss/](http://www.dicio.com.br/houaiss/)). No entanto, essa palavra também é utilizada no mundo corporativo para os casos de empresas que deslocam seus funcionários para viver e trabalhar em outros países.

Uma consciência diaspórica tem, além disso, de ser mobilizada (isto é, socialmente construída). Um número significativo de atores sociais precisa aceitar sua autodefinição coletiva como uma comunidade transnacional, organizar-se para disseminar essa percepção e persuadir os outros a participar de ações destinadas a consolidar seu caráter e status diaspóricos<sup>21</sup>. (Cohen, 2008, p. 13)

A emergência das comunidades transnacionais veio em resposta ao processo de globalização, no qual os indivíduos criam comunidades que atravessam fronteiras geográficas, culturais e políticas e se sentem em dois lugares ao mesmo tempo, na sociedade atual e nos países de origem, sendo fortemente potencializados com a internet e as possibilidades de uso das redes sociais e dos smartphones. “Em um sentido muito concreto, não estão realmente ‘aqui ou ali’, mas aqui e ali ao mesmo tempo<sup>22</sup>” (Portes, 1999, p. 16). Assim, faz-se também necessário repensar as ideias sobre identidade e sentimento de pertencimento às comunidades, em um contexto atual de desterritorialização e identidades múltiplas (Hall, 2003), reconhecendo a mobilidade de comunidades transnacionais (Portes, 1999; Karim, 2007; Vertovec, 2001).

Ter uma identidade é uma necessidade humana universal, de buscar estar incluído. Para pertencer, de acordo com Bauman (2012), seria preciso se identificar com uma totalidade “imaginada”, abstrata, já que a identidade na era moderna deixou de ser algo natural e passou a precisar ser conquistada. Ainda de acordo com o autor, “a *identidade pessoal* confere significado ao ‘eu’, já a *identidade social* garante esse significado e, além disso, permite que se fale de um ‘nós’ em que o ‘eu’, precário e inseguro, possa se abrigar, descansar em segurança e até se livrar de suas ansiedades” (p. 34).

Hall (2003) discute o termo diáspora e o hibridismo das identidades no livro *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Para o autor dos Estudos Culturais, “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (p. 27). Ao refletir sobre a identidade caribenha, numa era de globalização, Hall (2003) entende a perspectiva diaspórica da cultura como “uma subversão aos modelos culturais tradicionais

---

<sup>21</sup> Tradução de: “A diasporic consciousness has, moreover, to be mobilized (that is, socially constructed). A significant number of social actors need to accept their collective self-definition as a transnational community, organize to spread this perception and persuade others to participate in actions designed to cement their diasporic character and status”.

<sup>22</sup> Tradução de: “Dans un sens très concret, ne se situent véritablement « ni ici ni là » , mais ici et là en même temps”.

orientados para a nação” e questiona de que forma devemos pensar sobre a identidade nacional e o "pertencimento" à luz da experiência de diáspora.

Hall (2003) explica ainda que na diáspora alguns elos permanecem fortes, como a identificação associativa com as culturas de origem, apesar de que as identidades não são mais estabelecidas e nem estáveis, se baseiam nas experiências vividas em diversos locais. Destaca o referido autor que: “As chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo” (p. 45). Ainda sobre a globalização, aponta:

Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o "lugar". Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus "locais". Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. (Hall, 2003, p. 36)

A crescente diversidade multidimensional e a migração transnacional são também apresentadas por Vertovec (2001) como uma inevitável faceta de uma sociedade globalizada e contemporânea. Ele destaca as transformações causadas pelas práticas transnacionais do migrante tanto no seu local de origem, como na sociedade em que vive, pelo uso de tecnologias da informação e comunicação e, sobre essa questão, aponta: “Padrões amplos de transformação que envolvem o reconhecimento gradual de diversidade crescente, complexidade e múltiplos apegos já estão em andamento, e talvez as formas de reação sejam apenas últimos suspiros do modelo passado dos estados-nação<sup>23</sup>” (pp. 160-162).

Em artigo que trata sobre nação e diáspora, Karim (2007) afirma que as mudanças na ideia da nação estão ocorrendo em um momento em que as comunicações transnacionais estão permitindo cada vez mais que indivíduos e comunidades permaneçam em contato através das fronteiras. Para o referido autor, a globalização acelerou a formação de redes transnacionais que, com o apoio das mídias, estão fortalecendo as identidades culturais e a ligação com os países de origem, sem estar

---

<sup>23</sup> Tradução de: “Broad patterns of transformation entailing the gradual acknowledgement of increasing diversity, complexity and multiple attachments are already underway, and perhaps the forms of backlash are but last gasps of bygone model of the nation-states”.

limitados pelas fronteiras dos Estados-nação. Karim (2007) entende que, para a diáspora, há uma localização existencial, dependente continuamente da ressonância das práticas culturais e das experiências, e não de um lugar físico, com a crescente aceitação de que os indivíduos têm identidades em múltiplas camadas.

Partindo das mudanças no conceito de diáspora (Dufoix, 2008; Cohen, 2008) até o contexto atual de desterritorialização e identidades múltiplas (Hall, 2003) possibilitados pela mobilidade de comunidades transnacionais e uso das mídias digitais (Portes, 1999; Karim, 2007; Vertovec, 2001), Myria Georgiou (2010) desenvolve o conceito de transnacionalismo diaspórico e reflete sobre identidade, espaço e mídia, a partir de uma visão cosmopolita do conceito de espaço, reconhecendo a mobilidade transnacional que desafia as suposições assumidas em torno da identidade e do sentimento de pertencer às comunidades.

O transnacionalismo diaspórico é menos sobre o lugar e mais sobre o espaço. É menos sobre o limite e mais sobre a imaginação. Convida-nos a considerar o possível surgimento de formas contraditórias, mas viáveis, de comunidades imaginadas transnacionais, especialmente através da participação seletiva e parcial. Como tal, a diáspora pode se tornar uma metáfora para a vida e identidade em tempos cosmopolitas. Como metáfora, captura a conexão humana através das fronteiras e a crescente mediação. A mídia, a telefonia e as tecnologias digitais alteraram as práticas de comunicação transnacional nas últimas duas décadas, a ponto de permitir trocas transnacionais diárias e vastas on-line, por telefone e em telas de televisão<sup>24</sup>. (Georgiou, 2010, p. 21)

De acordo com Georgiou (2010), deve-se pensar a identidade diaspórica a partir do espaço, da mobilidade e do reassentamento da diáspora, que conectam dois lugares e emergem a possibilidade de pertencimento. Enquanto o espaço transnacional reconhece a existência de conexões e redes de relações sociais através de fronteiras, a referida autora entende que a cidade proporciona novas formas de comunidade reveladoras de outras maneiras de pertencimento “que muitas vezes se distanciam das regras e da imaginação da nação e, assim, deixam mais espaço para o surgimento e expressão de

---

<sup>24</sup> Tradução de: “Diasporic transnationalism is less about place and more about space. It is less about the boundary and more about imagination. It invites us to consider the possible emergence of contradictory yet viable forms of transnational imagined communities, especially through selective and partial participation. As such, diaspora can arguably become a metaphor for life and identity in cosmopolitan times. As a metaphor it captures the human connection across boundaries and growing mediation. Media, telephony and digital technologies have altered transnational communication practices in the last couple of decades to such an extent as to allow daily and vast transnational exchanges online, on the phone and on television screens.

identidades que são múltiplas, diversas e resultados de contato próximo com a diferença<sup>25</sup>” (p. 25).

Por outro lado, o Estado-Nação em busca de sustentar seu poder e legitimidade, marginaliza as diferenças culturais, presentes na cultura da diáspora. Conforme Georgiou (2010), a mídia, ao mesmo tempo em que tem papel relevante na construção de um discurso do “nós” e reforça um sentimento de pertença e possibilidades de conexões, geralmente ainda projeta um modelo dominante de identidade capaz de apontar quem são os “de fora”, “o outro”, “o invasor”.

A internet é então agora a estrutura central dessas redes de comunicações transnacionais que estão permitindo cada vez mais que indivíduos se expressem e comunidades permaneçam em contato através das fronteiras, fortalecendo a ligação com os países de origem. É esse o contexto em que se desenvolve a problemática desta investigação que busca compreender as práticas de comunicação transnacional dos migrantes nos sites de redes sociais. Entendendo que a construção da ideia de migração, sob a ótica do distanciamento e rejeição pela sociedade capitalista, através dos conceitos de estrangeiro e migrante, pode ser repensada com o uso das tecnologias de comunicação pelas próprias comunidades migrantes, no contexto do transnacionalismo diaspórico, capazes de construir novos sentidos sobre a migração. A seguir, serão analisados os estudos sobre as migrações e o uso das mídias já capazes de apontar para essas possibilidades.

## **1.2 Estudos sobre migrações e mídia: da Escola de Chicago às Novas Mídias**

Estudos sobre grupos de migrantes são realizados pelas Ciências Sociais (Sayad, 1998; Elias & Scotson, 1965/2000; Baumam, 2005) desde o início do século XX, e, em particular, pelos pesquisadores da Escola de Chicago interessados em refletir sobre a violência urbana. Em um contexto de crescimento demográfico de Chicago no início do século XX<sup>26</sup>, pobreza e migração foram os dois principais temas de estudos na época no primeiro Departamento de Sociologia dos Estados Unidos, da Universidade de Chicago,

---

<sup>25</sup> Tradução de: “Imaginings and reimagining of belonging which are often distant from the rules and the imagination of the nation and thus leave more space for the emergence and expression of identities that are multiple, diverse and outcomes of close contact with difference”.

<sup>26</sup> Considera-se o número crescente de 4.470 habitantes (em 1840), passando a 1.100.000 (em 1890) e chegando a 3,5 milhões (em 1930) (Coulon, 1995, p.11).

fundado em 1892, a partir de doação de John D. Rockefeller (empresário da Standard Oil Company). O novo departamento, criado por Albion Small e William I. Thomas, era formado por um grupo heterogêneo interdisciplinar de pesquisadores que iniciou o que seria chamado posteriormente de Escola de Chicago e exerceu influência na sociologia americana entre 1890 e 1940, durante a fase de institucionalização da disciplina (Joas, 1999).

De acordo com Coulon (1995), em 1900, mais da metade da população de Chicago tinha nascido fora da América, incluindo migrantes alemães, escandinavos, irlandeses, italianos, poloneses, lituanos, tchecos, sendo considerados problemas político e social que preocupavam todas as grandes cidades americanas. As pesquisas da Escola de Chicago foram direcionadas à investigação da “imigração e da assimilação de milhões de imigrantes à sociedade americana” (Coulon, 1995, p. 8).

A pesquisa empírica e a utilização de métodos descritivos, etnográficos, feitos a partir de relatos de vida, em uma abordagem biográfica que interpretava as narrativas dos sujeitos, se tornaram marca da Escola de Chicago. Robert E. Park<sup>27</sup>, um dos grandes nomes da segunda geração da Escola, ajudou a organizar o Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade e desenvolveu importantes pesquisas empíricas e a teoria da ecologia urbana (trata-se de uma metáfora do conceito da biologia e tem relação com a competição pelo espaço). Outros pensadores que vieram e se tornaram reconhecidos foram: W. Lloyd Warner, L. Wirth, W. F. Ogburn e R. Mackenzie.

A Escola de Chicago terminou no final dos anos 1930, com o surgimento de um novo paradigma baseado na união entre teoria e pesquisa quantitativa (Coulon, 1995), mas Erving Goffman, W. F. White, Anselm Strauss, David Gold e Eliot Friedson fizeram parte de uma nova geração que apareceu nos anos 1940 e deu continuidade a essa perspectiva em outras universidades. No início da década de 1950, a Escola perdeu seus principais representantes com a aposentadoria de Ernest Burgess, morte de Louis Wirth e a mudança de Herbert Blumer para a Califórnia. Blumer havia se tornado conhecido na década de 1930 ao estudar a relação entre teoria e pesquisa empírica.

Sobre essa questão, Joas (1999) aponta:

---

<sup>27</sup> Fez doutorado em Heidelberg e estudou com Simmel, lecionou filosofia em Harvard, atuou como jornalista em vários jornais americanos antes de ser convidado para ser professor na Universidade de Chicago.

Em oposição à pesquisa descritiva e à análise profissional de dados, que ia dominando as ciências sociais, desenvolveu progressivamente a tese da necessidade de uma relação íntima do cientista social com o objeto de sua pesquisa. Seus protestos e programas metodológicos tornaram-se um ponto de referência vital para todos os sociólogos que utilizavam os métodos interpretativos, a inclusão de experiências subjetivas na pesquisa sociológica e o emprego de conceitos teóricos que os tornassem mais sensíveis à realidade empírica. (pp. 157-158)

O uso de métodos de investigação diversos, como documentos pessoais e várias fontes, trabalhos de campo, o interacionismo simbólico e os métodos de pesquisa que colocam a interpretação dos agentes em evidência, foram as principais contribuições da Escola de Chicago, assim como o desenvolvimento de conceitos utilizados nas pesquisas sobre os imigrantes, sobretudo da teoria da assimilação, tais como a desorganização social, a definição da situação, a marginalidade e a aculturação (Coulon, 1995).

De acordo com Howard Becker<sup>28</sup>, professor de Sociologia da Universidade de Washington (EUA), a publicação *The Polish Peasant in Europe and America* é um marco das pesquisas de campo da escola. A pesquisa empírica sobre os migrantes poloneses, realizada por William I. Thomas e o polonês Florian Znaniecki, em 1926, reuniu entrevistas e histórias de vida de pessoas que viviam na Polônia e das que haviam emigrado para os Estados Unidos, com base também em cartas e artigos de jornais poloneses (Becker, 1996; Joas, 1999). “Thomas investigou as diferentes fases do processo crítico de adaptação desses indivíduos recorrendo a materiais empíricos correspondentes a cada fase” (Joas, 1999, p. 150).

Coulon (1995) entende que o conceito de “atitude”, desenvolvido no estudo de Thomas e Znaniecki, foi um avanço nas investigações sobre o fenômeno dos migrantes ao incluir as questões subjetivas pessoais como relevantes para as interações sociais, não só levando em conta os valores sociais para explicar um fenômeno, mas transformações sociais ocorridas na vida cotidiana deles, tais como a descoberta de novas regras econômicas de vida, individual ou coletiva, considerada pelos autores

---

<sup>28</sup> Texto do autor publicado na Revista MANA 2(2), pp. 177-188, 1996, na íntegra, da Conferência sobre a História da Escola de Chicago de Sociologia, realizada em 1990, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Museu Nacional, UFRJ), no Brasil. Howard Becker é autor dos livros *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance* (1973) e *Art Worlds* (1982).

como a chave para a compreensão do estado mental e dos problemas dos migrantes (Coulon, 1995).

Outras contribuições do estudo foram em relação às questões da assimilação intercultural. O processo que vai da organização social com seus valores e atitudes impostos aos indivíduos, à desorganização e às práticas individuais é seguido de uma reorganização no novo território emigrado, auxiliado por fatores como a educação, a ajuda mútua e a imprensa local em língua nacional, que estabelecem vínculos com o passado. Com destaque para os processos sociais de desorganização, que são o declínio da influência dos grupos sociais sobre os indivíduos, tido como consequência de mudanças extremamente rápidas, inclusive mudanças tecnológicas importantes ou crises econômicas.

Coulon (1995) aponta que “a desorganização, portanto, não provém da imigração, mas é a imigração que é indício de um estado de desorganização da sociedade” (p. 35) e ainda explica:

Segundo Thomas, existe um ciclo de transformações: sob a influência da evolução técnica e econômica, e ainda mais sob os efeitos da imigração, um grupo social antes organizado começa a desorganizar-se para em seguida reorganizar-se, sem por isso assimilar-se totalmente ao grupo que o acolhe, na medida em que podem sobreviver paralelamente formas culturais atenuadas do grupo original, cujos valores, no entanto, são menos restritivos. (p. 36)

Thomas considera que a assimilação é precedida de um momento de transição em que o migrante ainda mantém sua identidade ao mesmo tempo em que estabelece elo com a nova, e a pertença às organizações étnicas pode contribuir no processo de adaptação. Já a desmoralização seria o contrário da assimilação, quando o migrante coagido a assimilar a identidade local pratica atos de delinquência, reconhecendo aqui a dificuldade do processo de reorganização, que exige que o indivíduo “se desfaça dos vínculos antigos para fazer outros novos, na medida em que a adaptação não é nunca um simples mimetismo, mas antes uma mestiçagem ativa, que exige a construção de uma nova identidade” (Coulon, 1995, p. 38). A assimilação seria concluída quando o migrante possuir o domínio da linguagem natural do grupo.

Outro conceito trabalhado pelo autor foi o da definição da situação (que é a maneira como o indivíduo age no ambiente a que pertence) e depende das percepções

dele baseadas na sua história de vida, assim como as definições apresentadas pela sociedade. Por isso, o autor considerava importante coletar relatos de primeira mão, autobiografias e cartas para acessar a maneira como eles próprios definiam a sua situação (Coulon, 1995). Foi através de autobiografias de migrantes judeus publicadas nos Estados Unidos que ele cunhou o conceito de *homem marginal*, estrangeiro que ao migrar fica à margem de duas culturas e duas sociedades, imerso em conflitos interculturais.

Coulon (1995) ainda aborda o processo de desorganização e reorganização descrito por Park nas etapas seguintes: a rivalidade é o período inicial de coexistência sem contato social, baseado em questões econômicas que determinam, por exemplo, a distribuição do trabalho. A próxima fase é o conflito, de ordem política, quando lhe é atribuído um lugar na sociedade e, de forma consciente, percebe-se a rivalidade existente. A fase da adaptação ocorre quando o indivíduo se esforça para se ajustar a situações de rivalidade e conflito, dentro de uma organização social. Por fim, na assimilação, as diferenças são diluídas, o contato intensificado e o indivíduo é integrado a uma vida cultural em comum e participa do funcionamento da sociedade sem perder as suas particularidades.

A teoria da assimilação foi questionada e modificada pelo próprio Park anos depois, quando ele reconheceu outras possibilidades além da última etapa de assimilação completa, como a formação de castas ou a persistência de uma minoria racial. Outros sociólogos da Escola também abordam a questão, alguns contrariando as ideias de Park: Charles Johnson, Franklin Frazier, Bertram Doyle e William Brown, que apresentou o conflito como situação constante nas relações entre as comunidades, a exemplo da impossibilidade de haver uma “assimilação completa da comunidade negra<sup>29</sup>, sempre inferiorizada pela cultura e a ordem social branca” (Coulon, 1995, p. 52).

Ao incluir a situação dos negros no sul dos EUA, Park também altera o conceito de *homem marginal*, visto por ele como o migrante de segunda geração que vive à

---

<sup>29</sup> As questões que envolviam preconceitos raciais foram alvo de estudos da Escola de Chicago. O próprio Park, que foi militante da causa negra, entendia o preconceito racial como consequência de conflitos de interesses também econômicos. Frazier apresentou o conceito de aculturação que reconhece que no caso dos negros pode haver assimilação da cultura, mas não há identificação do indivíduo ao grupo, devido à discriminação sofrida, que não garante os mesmos direitos políticos e sociais dos brancos.

margem da cultura branca e já sem referências da sua cultura de origem, valores e tradições, construindo no processo de aculturação uma nova identidade.

A pesquisadora brasileira Lícia Valladares aponta que a visita de Park ao Brasil estimulou novas reflexões sobre a miscigenação, em 1937, e que a capital baiana, Salvador, tornou-se um “laboratório social” para diversas pesquisas. “No entanto, a mestiçagem não deixa de ser um enriquecimento, e o *homem marginal* é suscetível de criatividade, ligada ao fato de sua posição crítica em relação ao meio que não lhe é familiar” (Valladares, 2010, p. 40).

Apesar do pouco tempo de duração, a Escola de Chicago trouxe muitas contribuições, como as apontadas acima, e adaptou seus conceitos, incluindo temas relevantes como a diferença racial, extrapolando a fronteira norte-americana a ponto de ter como referência também o contexto do Brasil. Os estudos realizados pela Escola são retomados como referência no momento em que a migração é apontada como uma problemática da sociedade europeia nas últimas décadas, apoiados pela mídia que relaciona os estrangeiros com o aumento da violência e da pobreza.

Nos últimos anos, estudos destacam reflexões sobre a relação dos migrantes com a mídia digital, que ganha cada vez mais importância ao se tornar um poderoso instrumento facilitador do processo migratório revolucionando as relações transnacionais, como será visto a seguir.

### **1.2.1 Migrações e as novas mídias: webdiáspora, polimídia e redes sociais**

As configurações do transnacionalismo e da comunicação interpessoal a distância no contexto das migrações estão sendo reformuladas com as tecnologias da comunicação, principalmente com o uso da internet a partir do telefone móvel pelos migrantes. Appadurai (2004), no livro *As Dimensões Culturais da Globalização*, já trata as migrações e as comunicações de massa como os dois principais marcos representativos da atualidade: “A questão das migrações de massa não é nada de novo na história humana. Mas se a colocarmos em justaposição com o rápido fluxo de imagens, textos e sensações mediatizados, temos uma nova ordem de instabilidade na moderna produção de subjetividades” (p. 15).

A relação entre os migrantes e as tecnologias de comunicação começou através das lojas de telefonias e cibercafés criados por migrantes nos bairros das metrópoles ocidentais onde vivem populações multiétnicas. De acordo com Scopsi (2009), em seguida, atingiu a internet, com a criação de sites, fóruns ou portais de informações dedicados ao país do migrante, e fez surgir a “diáspora digital”, identificada em pesquisas acadêmicas desde 1997 no portal *Google Scholar*.

Em 2000, o interesse dos pesquisadores internacionais em estudar os usos da internet pelas comunidades em diáspora mostra uma internet não só capaz de facilitar as relações entre os membros de uma diáspora preexistente, “mas também capaz de promover e até ativar o processo de elaboração de identidade que leva à existência de uma diáspora<sup>30</sup>” (Scopsi, 2009, p. 87). O contato com sites que identificam uma diáspora, para a autora, aumenta o desejo dos próprios migrantes de se reconhecerem como tal.

Os sites webdiaspóricos são colocados em questão como um novo gênero midiático, por Claire Scopsi (2009), em seu artigo que analisa 30 sites feitos por migrantes isolados ou associações de migrantes de diferentes origens, observados entre 2005 e 2009. Ela define como webdiaspóricos os sites que refletem as questões da diáspora, compartilham elementos culturais, tais como a língua, e que sejam feitos pelos próprios membros da comunidade transnacional.

A conclusão é que os temas abordados se repetem: notícias do país de origem, luta contra a discriminação, casos de sucesso da comunidade, informações sobre naturalização. As trocas acontecem de forma mais rápida, possibilitando que mais comunidades se reconheçam como diaspóricas.

De acordo com ElHajji e Escudeiro (2015), aceitam-se como sinônimos de “webdiáspora”, termos como “e-diáspora”, “web diaspórica”, “diáspora networks”, “diáspora digital”, entre outros. Os referidos autores reconhecem como webdiáspora os “sites, blogs, revistas eletrônicas, grupos, comunidades e páginas nas redes sociais, elaborados, mantidos e frequentados, exclusiva ou predominantemente, por membros dessas comunidades e enorme quantidade de comunidades diaspóricas na web” (p. 1).

A webdiáspora é a reapropriação das tecnologias da informação e comunicação (TICs) pelos migrantes e os usos sociais e subjetivos delas decorrentes. Os usos são

---

<sup>30</sup> Tradução de: “Mais aussi capable de favoriser et même d’activer le processus d’élaboration identitaire qui conduit à l’existence d’une diáspora”.

vários: para integração na sociedade de acolhimento, comunicação com familiares, obtenção de notícias da terra de origem, manutenção de laços culturais, pesquisa sobre informações locais e sobre questões administrativas e jurídicas, mobilização social local e global. “A web vem sendo, assim, utilizada como um espaço de reordenamento de experiências e práticas sociais e subjetivas dos imigrantes e comunidades diaspóricas” (ElHajji & Escudeiro, 2015, p. 2).

Nessa nova configuração da internet, ElHajji e Escudeiro (2015) reconhecem as contribuições das webdiásporas na produção simbólica de “marcas e rastros existenciais individuais e coletivos” que dão suporte à memória coletiva das comunidades de migrantes e “sua função prática e instrumental na consolidação do sentimento de pertencimento ao grupo e na manutenção dos laços comunicativos transnacionais que animam o espírito comunitário das diásporas” (p. 16).

O conceito de mídias webdiaspóricas também foi proposto pela pesquisadora brasileira Brignol (2012), no âmbito do projeto de pesquisa desenvolvido com apoio do CNPq<sup>31</sup>, para entender os “usos sociais da internet por migrantes de diferentes nacionalidades que assumem um protagonismo ao tematizar e experimentar a própria condição migrante” (p. 2). Na pesquisa, são identificadas quatro apropriações relacionadas à experiência da diáspora na web: função institucional, de notícias, guias e sites/blogs pessoais. Os espaços de divulgação de entidades ligadas ao tema das migrações estão relacionados com a função institucional, em que os sites são criados para migrantes, mas não necessariamente produzidos por eles. Já a publicação de materiais informativos sobre o tema das migrações se relaciona com a função notícias. Os guias dão orientações aos migrantes sobre questões jurídicas do país de migração e acesso a direitos, além de relatos de experiências de migrantes e outras orientações sobre o local de moradia, trabalho. Finalmente, as experiências pessoais são espaços de testemunhos e trocas de confissões entre quem vive a experiência da diáspora.

Para Brignol (2012), os ambientes comunicacionais na internet possibilitam uma experimentação da própria identidade migrante a partir de uma perspectiva transnacional, eixo das migrações contemporâneas que faz emergir novos espaços e práticas sociais a partir das relações a distância estabelecidas com o lugar de origem. Sobre essa questão, acrescenta ainda:

---

<sup>31</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil.

Nessas apropriações, percebe-se que a internet, através das web-diaspóricas, passa a ocupar um duplo papel de dar visibilidade para a temática das migrações transnacionais, de forma mais ampliada e sob a perspectiva de quem vive o fenômeno, assim como permite a participação, o encontro e a mobilização destes mesmos migrantes que assumem o lugar de produtores na narrativa de suas vivências, na troca de experiências e interações decorrentes da comunicação mediada pelo computador. (p. 15)

De acordo com Cogo, Gutierrez e Huertas (2008), a própria condição de migrante é geradora de formas de usos da mídia e das tecnologias de comunicação, para manter vínculos com familiares e com o país de origem e participar nos meios de comunicação. Sobre essa questão, apontam os autores:

Como parte da audiência, os migrantes participam não apenas ativando os mecanismos de atenção, compreensão e interpretação, mas também atribuindo à mídia um uso específico e apropriando-se dos conteúdos-significados que oferecem. Como receptor, é um sujeito ativo, do ponto de vista social e coletivo (através de redes sociais, organizações, etc.), com capacidade de reinterpretar os significados dos meios de comunicação e, também, de criar estratégias para acesso e uso de tecnologias disponíveis em seu ambiente cotidiano<sup>32</sup>. (p. 10)

Em outro estudo sobre apropriações e usos da internet por novos grupos migratórios no Brasil, Cogo (2015) observa a existência das redes criadas por migrantes por meio de sites, blogs, sites de redes sociais, “para um ‘falar de si’ e de suas experiências migratórias, assim como para a geração de dinâmicas de interação e conversação” (p. 92). A autora propõe o conceito de cidadania comunicativa para remeter aos usos que redes e organizações migratórias fazem das mídias para possibilitar dinâmicas de mobilização relacionadas às cidadanias intercultural e universal das migrações.

Madianou e Miller (2012), a partir de estudo etnográfico, apontam as consequências do transnacionalismo vivido pelas mães filipinas que moram na Inglaterra e seus filhos nas Filipinas. O estudo de caso mostra que o uso da internet,

---

<sup>32</sup> Tradução de: “Como parte de la audiencia que son, los migrantes participan no sólo activando los mecanismos de atención, comprensión e interpretación, sino también assignando a los medios um uso determinado y apropiándose de los contenidos-sentidos que éstos le ofrecen. Em tanto que receptor, es un sujeto activo, desde el punto de vista social y colectivo (a través de redes sociales, organizaciones, etc), con capacidad de reinterpretar los sentidos outorgados por los medios de comunicación e, igualmente, de crear estrategias de acceso y uso de las tecnologías disponibles en su entorno cotidiano”.

desde o e-mail, mensagens instantâneas, webcam (por VOIP) a sites de redes sociais, revolucionou também as relações, e busca entender a apropriação dos usuários desse “novo ambiente de proliferação de oportunidades comunicativas”. Desenvolveram a teoria da polimídia, alinhada à teorização das relações, que diz que todos os relacionamentos são intrinsecamente mediados.

O termo *Polymedia*, que vem do grego “poly”, que significa muitos, dá ênfase às consequências sociais e emocionais da escolha entre as diferentes mídias. Para os autores, é possível compreender o funcionamento interno da mediação e as consequências para as relações interpessoais quando são analisadas as maneiras pelas quais os usuários exploram as diferenças entre as mídias para adequar suas interações e gerenciar seus relacionamentos” (Madianou, 2014, p. 330). As razões para a escolha de um meio específico são vistas como um ato social:

A polimídia na verdade ajuda a ressocializar a tecnologia, uma vez que a responsabilidade da escolha muda de questões técnicas e econômicas para questões morais, sociais e emocionais. Portanto, o argumento será que a polimídia é, em última instância, sobre um novo conjunto de relações sociais de tecnologia, em vez de meramente um desenvolvimento tecnológico de convergência crescente. (Madianou & Miller, 2013, p. 171)

O livro “Polymedia and New Media” discute as questões da mediação em um contexto de crescente feminização da migração e os impactos da migração no novo tipo de família transnacional em que as mulheres saem em busca de emprego no hemisfério norte e encontram nas novas tecnologias de comunicação, muitas vezes, o único meio para manter um relacionamento com seus filhos. Entre as conclusões da pesquisa está a disponibilidade de comunicação transnacional, que com as novas mídias tornou-se mais barata e instantânea, e tornou as decisões de migrar socialmente aceitáveis, legitimadas também por instituições que lidam com a migração.

A pesquisa revela aspectos dos usos sociais das tecnologias de comunicação e o impacto em famílias que têm suas relações mediadas pelas mídias digitais (Madianou & Miller, 2012). A pesquisa revelou ainda que as mães e seus filhos gerenciavam seus relacionamentos através da escolha da mídia e que a relação com os pais ausentes havia piorado. “As novas mídias são mais do que canais de comunicação, pois contribuem para a transformação da migração como um fenômeno” (Madianou, 2014, p. 341).

Pesquisas sobre migrações e mídias, em uma primeira geração, ocorreram no campo da cobertura jornalística e produção de mídia migrante ou comunitária. Madianou (2014) afirma que na literatura do transnacionalismo de migrantes, a maioria das pesquisas tinha foco nas representações que reproduzem racismo e xenofobia; poucas abordavam os próprios migrantes como produtores de novas mídias, assumindo “o controle sobre sua representação”:

A maioria dos textos acadêmicos sobre novas mídias e migrações examinou as importantes questões de identidade e integração (Gillespie et al., 2010) e as implicações políticas para as populações nacionais e diaspóricas (Brinkerhoff, 2009; para uma revisão, ver Siapera, 2010). Embora esta literatura tenha sido muito útil e influente, ela não aborda a questão urgente de sociabilidade e intimidade em um contexto transnacional (embora ver Horst, 2006; Miller e Slater, 2000; e Wilding, 2006), enquanto o foco no conceito limitado de identidade nem sempre captura a natureza dinâmica dos processos transnacionais (Glick-Schiller et al., 1992; Madianou, 2011). (Madianou & Miller, 2012, p. 7)

Nos anos mais recentes, são observadas as investigações sobre blogs de migrantes, audiência transnacional, consumo da mídia e produção em redes sociais, como se propõe esta tese.

O uso da internet e dos sites de redes sociais impacta as relações sociais contemporâneas ao permitir novas formas de interação e comunicação, e a tecnologia também forneceu novas capacidades a uma velha forma de organização social: as redes, que servem tanto para a manutenção de vínculos com o local de origem, como negociação do pertencimento ao novo local. “As comunidades diaspóricas - mesmo que diversificadas e com particularidades em diferentes casos - sempre confiaram em redes, que se expandiram desde o local imediato até o transnacional e global<sup>33</sup>” (Georgiou, 2002, p. 3).

Truzzi (2008) discute o conceito de redes (off-line) nos processos migratórios e recupera a gênese do termo e a classificação das redes de migrações em: locais, circulares, de carreira e em cadeia. Essa classificação foi feita por Charles Tilly, em 1978, e caracteriza a rede de migração em cadeia, que nos interessa nesta tese, como envolvendo “o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e

---

<sup>33</sup> Tradução da autora para: “Diasporic communities – even if diverse and with particularities in different cases – have always relied on networks, which expanded from the immediate local to the transnational and global”.

informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino” (Truzzi, 2008, p. 200). O conceito de redes em processos migratórios é analisado a partir das informações que são compartilhadas, de acordo com a rede de relações, da estrutura dos participantes da rede e dos laços estabelecidos.

Recuero (2017) diferencia as redes sociais dos sites de redes sociais da internet, esses últimos são considerados ferramentas sociais capazes não de criar redes sociais, mas de “publicizar e influenciar essas estruturas sociais”. De acordo com a referida pesquisadora brasileira, as pessoas estão inseridas em grupos sociais a partir de suas relações com outras pessoas e “essas estruturas têm um papel fundamental no comportamento e na visão de mundo desses indivíduos” (p. 14%). Aponta também que: “O Facebook, por si só, não apresenta redes sociais. É o modo de apropriação que as pessoas fazem dele que é capaz de desvelar redes que existem ou que estão baseadas em estruturas sociais construídas por essas pessoas” (p. 18%).

Por outro lado, Castells & Cardoso (2006) refletem que entender como a sociedade usa a tecnologia no seu melhor potencial, a partir de suas necessidades e interesses, pressupõe compreender a própria sociedade em rede: “as redes de comunicação digital são a coluna vertebral da sociedade em rede” (p. 18).

Compreende-se também como necessário pensar a mídia social criticamente (Fuchs, 2014), não só em relação à dificuldade em estabelecer fronteiras entre o público e o privado, que “acaba por expor os atores, aumentando a percepção de intimidade e sua participação pela rede” (Recuero, 2017, p. 21%), ou as formas de sociabilidade, em comunicações que envolvem sentimento de pertença e se transformam em comunidade, mas também como mídias sociais competitivas que promovem a marca, quantificação e mercantilização. “Embora falemos de mídia social, muitas lógicas de plataformas de mídia ‘sociais’ contemporâneas são bastante individualistas<sup>34</sup>” (Fuchs, 2014, p. 36).

Georgakopoulou (2016) considera também relevante perceber as mudanças no contexto do domínio das mídias sociais “egocêntricas”, que saem do foco da comunidade e da participação em grupos para a construção de “eus diaspóricos”, em práticas de compartilhamento de vida, em um mundo desigualmente interconectado com seus novos padrões de pertencimento.

---

<sup>34</sup> Tradução da autora para: “Competitive social media foster the branding, quantification, marketization, commodification, capitalization of the self. Although we speak of social media, many contemporary “social” media platforms’ logic is quite individualistic”.

Em sentido crítico, Ponzanesi (2020) propõe uma releitura da análise do transnacionalismo de Arjun Appadurai não apenas a partir do tráfego dialético entre o local e o global, mas incluindo o poder das emoções na formação do mundo imaginário e dos relacionamentos transnacionais moldados pelas ligações da mídia digital de longa distância:

Até agora, os estudos de migração e integração negligenciaram o papel crítico das emoções e afeto, que é a quintessência para entender os motivos, a experiência e o impacto da migração e a natureza das diásporas e das relações de longa distância. A natureza das emoções, afetos, sentimentos é essencial para compreender a dinâmica da migração na manutenção de vínculos e no contato transnacional. Um foco renovado no pertencimento e na dimensão afetiva das conexões poderia lançar luz sobre como a distância pode ser transposta por meio da intimidade e proximidade digital, mas também sobre como o corpo e a tecnologia precisam ser repensados conforme fluxos e circulações de intensidades e não apenas como recursos midiáticos - a capacidade da mídia de mediar e produzir significado por meio do encontro entre o usuário e as tecnologias<sup>35</sup>. (Ponzanesi, 2020, p. 988)

Assim, a referida autora sugere uma perspectiva relacional que coloca em primeiro plano diferentes experiências de localidade, mobilidade e digitalidade diaspórica, compreendendo a diáspora digital por meio de práticas que se constituem de corpos e dados, práticas materiais, simbólicas e emocionais que são todas refletivas de interseção das relações de poder. “Uma abordagem relacional propõe diásporas digitais com embasamento teórico e empírico, reconhecendo sua formação em fluxos, mutações e renegociações<sup>36</sup>” (Ponzanesi, 2020, p. 988).

Nesse sentido, para Ponzanesi (2020), a crítica pós-colonial é necessária para desvendar as relações de poder e os discursos neocoloniais presentes na mídia global,

---

<sup>35</sup> Tradução de: “So far, studies of migration and integration have overlooked the critical role of emotions and affect, which is quintessential to understanding the motives, experience and impact of migration, and the nature of diasporas and long-distance relations. The nature of emotions, affects, feelings and sentiments is essential in comprehending the dynamics of migration in sustaining bonds and keeping in touch transnationally. A renewed focus on belonging and the affective dimension of connections could shed light on how distance can be bridged through digital intimacy and proximity, but also on how the body and technology need to be rethought as flows and circulations of intensities and not only as media affordances – the capacity of the media to mediate and produce meaning through the encounter between the user and technologies”.

<sup>36</sup> Tradução de: “This relational perspective does not start from the notion of digital diaspora as a new paradigm but as emerging through practices that are mutually constituted here and there, through bodies and data, across borders and networks, online and offline, by users and platforms, through material, symbolic and emotional practices that are all reflective of intersecting power relations. A relational approach proposes digital diasporas that are theoretical and empirically grounded, acknowledging their formation in flux, mutations and renegotiations”.

em estruturas on-line que facilitam a exploração do trabalho digital e o uso de dados de perfis de redes sociais para fins comerciais, por exemplo. Adaptações da internet para ganhos capitalistas que levam ao denominado “neocolonialismo digital<sup>37</sup>” (p. 981).

Entender o papel, o impacto e a sustentabilidade das redes diaspóricas digitais, em uma análise micro e detalhada de como essas formações digitais ocorrem, a partir de uma abordagem crítica e relacional que se concentre no migrante como sujeito ativo nas plataformas de mídia social, em um mundo desigualmente conectado, é o desafio de pesquisas atuais e o enfoque desta investigação.

### **1.2.2 Estudos sobre usos dos sites de redes sociais pela diáspora**

A partir de busca nas principais bases de dados de pesquisas (*SCOPUS* e *Web of Science*), de 2015 a 2019, sobre a temática “social media” e “migration”, na área da comunicação, foi possível identificar tendências em pesquisas recentes que investigam o uso das mídias sociais, com destaque para o Facebook, em contexto migratório na Europa. São apontados neste tópico aspectos que são referências para esta investigação, a partir do olhar para as novas mídias digitais como parte da vida dos migrantes, considerando a interseccionalidade e outras reflexões sobre as consequências das práticas nos sites de redes sociais apontadas pelos estudos.

Lim, Bork-Hüffer e Yeoh (2016) apontam a importância de investigações que levam em consideração a interseccionalidade, entendendo os migrantes não como uma categoria homogênea, mas focando em grupos específicos, principalmente diferenciados por questões de gênero e classes sociais, categorias que são determinantes em escolhas e participação de migrantes em espaços digitais e mobilidades.

As reflexões foram apresentadas no editorial da revista *New Media & Society*, na edição especial sobre Media e Migração (volume 18, edição 10), que reuniu trabalhos sobre mobilidades, migração e novas mídias e apontou os vários usos da mídia digital que estão se tornando parte das vidas, práticas e empreendimentos dos migrantes. “As tecnologias de informação e comunicação (TICs) desempenham um papel crucial na maneira como os migrantes negociam as trajetórias potenciais de seus empreendimentos no exterior” (Lim, Bork-Hüffer & Yeoh, 2016, p. 2148).

---

<sup>37</sup> Tradução de: “The repurposes of the Internet for capitalistic gains leads to digital neocolonialism”.

Entre os artigos publicados na revista, a análise do papel do site de rede social Facebook na vida cotidiana de filipinos, desenvolvida por Lorenzana (2016), a partir de dados etnográficos, aponta que “as práticas de compartilhar conquistas e afirmar conexões no Facebook estão relacionadas à necessidade de reconhecimento que é definido por seu contexto particular de migração” (p. 2189). Para a pesquisadora, o chamado “reconhecimento mediado” se dá a partir da nova mídia, principalmente nas redes sociais, com as plataformas de autoapresentação e afirmação, que fornecem recursos simbólicos aproveitados na constituição de identidades e relações sociais.

O Facebook como lugar de criação de lugares pelos migrantes foi objeto de pesquisa de Aguirre e Davies (2015), em estudo de caso de uma estudante filipina na Nova Zelândia e no qual observou que os recursos semióticos proporcionados pelo Facebook “fomentam a construção do discurso da boa vida e uma reivindicação de pertença nacional” (p. 3).

Dekker, Belabas e Scholten (2015), a partir de entrevistas com jovens de segunda geração de migrantes em Roterdã, apontam que a mídia social oferece um novo espaço para contato intraétnico organizado em torno de interesses comuns e engajamentos motivados por lutas identitárias e estilos de vida. Afirmam os referidos autores: “A vida on-line e off-line dos jovens migrantes é muito integrada e a comunicação on-line tem complexidades muito semelhantes às interações off-line<sup>38</sup>” (p. 450). Investigação sobre o uso do Twitter e a formação do discurso transnacional da web e a crise dos migrantes também constatou como as estruturas hierárquicas da esfera pública "off-line" ressoam na esfera pública digital (Ferra & Nguyen, 2017).

O artigo “Born in Facebook: The Refugee Crisis and Grassroots Connective Action in Hungary”, de Dessewffy e Nagy (2016), explora o impacto dos sites de redes sociais nos movimentos sociais e na ação coletiva e conclui também que as características da organização rizomática das redes sociais moldam o repertório de ação do grupo.

Outras pesquisas identificadas sobre o tema investigam aspectos relacionais e trazem conclusões relevantes: na análise dos usos estratégicos das tecnologias de comunicação por casais transnacionais, Acedera e Yeoh (2018) compreendem que as "intimidades mediadas performativas" são capazes de criar uma linha turva entre a vida

---

<sup>38</sup> Tradução de: “Migrant youth’s online and offline lives are very much integrated and online communication deals with very similar complexities as offline interactions”.

conjugal privada e pública no Facebook; já Dhoest e Szulc (2016) ressaltam a forma como os contextos sociais, culturais e materiais afetam as maneira pelas quais os gays na diáspora navegam nas mídias sociais.

Destacam-se estudos que confirmam a relevância dos smartphones e da comunicação realizada pelo WhatsApp e Facebook no contexto das migrações. Alencar (2018), em estudo qualitativo com entrevistas em profundidade com 18 refugiados da Síria, Eritreia e Afeganistão que vivem em Amsterdã (Holanda), conclui que os usos das redes sociais contribuem para a integração dos refugiados, que adquirem competências linguísticas e culturais, bem como obtêm suporte social e emocional através de contato com familiares e amigos no país de origem. Os participantes apontaram ainda que nem todas as informações sobre mercado de trabalho e sobre o sistema educacional encontradas nas mídias sociais eram confiáveis.

Borkert, Fisher e Yafi (2018), em artigo sobre a relação dos refugiados com as tecnologias digitais, destacam o migrante como produtor de conhecimento sobre a migração e explica como se dá a confiabilidade do apoio social recebido pelos refugiados árabes em Berlim via mídia social. Destacam os referidos autores:

Com forte alfabetização digital, nossas descobertas mostram, por outro lado, que os migrantes são agentes de mudança digitais que publicam e compartilham informações nas mídias sociais e nas redes sociais digitais. Como consumidores e produtores de conhecimento sobre migração digital, eles demonstram um grau elaborado de consciência em relação à qualidade, desorientação e desinformação da informação. Além da conectividade digital e da alfabetização em mídias sociais, são os laços sociais com as pessoas que migraram com sucesso que nossos respondentes consideraram mais confiáveis em termos de exatidão, integridade e exatidão das informações<sup>39</sup>. (Borkert, Fisher & Yafi, 2018, pp. 8-9)

Dekker, Engbersen, Klaver e Vonk (2018) apontam em pesquisa sobre o uso de mídias sociais por migrantes sírios refugiados na Holanda que, antes e durante a migração, eles preferem informações de mídia social que se originam de laços sociais preexistentes e baseadas em experiências pessoais. “As mídias sociais são canais de

---

<sup>39</sup> Tradução de: “With strong digital literacy, our findings show, on the other hand, that migrants are digital agents of change regard to information quality, mis- and disinformation. Besides digital connectivity and social media literacy, it is the social ties to persons who successfully migrated that our respondents considered most trustworthy in terms of accurateness, completeness, and trueness of information”.

informação cada vez mais populares sobre os quais os migrantes baseiam suas decisões sobre a migração ou os destinos para onde se estabelecer<sup>40</sup>” (p. 1).

Em Portugal, país em que se desenvolve esta investigação, ainda são poucos os estudos que buscam analisar os usos das redes sociais pela diáspora, as webdiásporas, de acordo com mapeamento apresentado por esta pesquisadora no Congresso Lusocom 2018, realizado em Moçambique. Por meio de pesquisa nas bases de dados dos Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), de 2008 a 2018<sup>41</sup>, foram identificados 18 documentos sobre “media<sup>42</sup>” e “diáspora”, sendo 11 artigos, quatro dissertações de mestrado e três teses de doutoramento produzidos em Portugal. Foi possível afirmar que os temas recorrentes nas pesquisas são reflexões sobre a construção de identidade e a representação das diásporas pela mídia. Assim, as próprias metodologias utilizadas dão preferência por analisar o conteúdo de produtos sobre diásporas ou destinados a elas.

Apenas quatro estudos se referiram à produção realizada pela própria diáspora (Lalanda-Gonçalves, 2014; Dias, 2017; Riesco, 2017; Espanhol, 2018), com destaque para as possibilidades do uso da internet. Pode-se dizer que tal resultado reflete uma visão da diáspora ainda como audiência e representada pelos media, e não vista como criadora de conteúdo ou mensagens.

Há uma centralidade nos estudos sobre as diásporas portuguesas, com destaque para os açorianos e um número relevante de pesquisas sobre as diásporas africanas, tratadas como homogêneas (“africanos” ou “afrodescendentes”) em investigações, refletindo ainda uma visão equivocada da diversidade de países presentes nesse continente.

O único estudo sobre a diáspora brasileira (Dias, 2017), no âmbito da História Contemporânea, foca as negociações identitárias nos processos das migrações de brasileiros para Portugal. Recorre a notícias de jornais de diferentes perfis que circulam entre a diáspora, e conclui que as imagens produzidas alimentam estereótipos, fruto de

---

<sup>40</sup> Tradução de: “Social media are increasingly popular channels of information on which migrants base their decisions on whether to migrate and the destinations where to settle”.

<sup>41</sup> Os artigos foram selecionados a partir da busca pelas palavras-chave: media e diáspora. A coleta de dados foi realizada em dois momentos: no mês de novembro de 2018, quando foram listados 61 documentos, sendo o mais antigo de 1998; e em janeiro de 2019, para atualizar os documentos produzidos durante o ano de 2018.

<sup>42</sup> O termo media está escrito aqui em português de Portugal, já que foi esse o termo usado na busca no repositório de pesquisas.

construções históricas: “o estereotipado nem sempre esteve envolvido nessa construção, entretanto sofreu/e por causa dela” (Dias, 2017, p. 322). Dentre as pesquisas selecionadas, um único trabalho sobre a diáspora brasileira não corresponde ao fato de os brasileiros comporem a maior comunidade estrangeira em Portugal, desde o início da década de 2000.

Do total encontrado, quatro pesquisas abordam a internet (Cunha, 2008; Silva, 2012; Lalanda-Gonçalves, 2014; Alves, 2015), e duas investigações são sobre redes sociais, que se concentram entre os anos de 2016 e 2018 (Amaral & Évora, 2016; Espanhol, 2018). Estes dois trabalhos tratam de análises de representações e interações nas redes, com destaque para o artigo “Lusophone Interfaces: the Lusophone Network on Facebook”, de Amaral e Évora (2016), que, a partir da Netnografia, identificam a internet como uma plataforma de rede social que facilita a associação entre as pessoas que compartilham interesses em comum, o encontro de novas fontes de informação e a publicação de conteúdo e opinião.

A chamada web social oferece recursos que permitem, a quem tem acesso à tecnologia, a capacidade de ter voz. Plataformas como Facebook, YouTube, Flickr e Twitter são um "novo local", que combina o poder do capital humano e social com o potencial de comunicação global na rede social. As possibilidades existem, a rede tornou-se dinâmica e a velocidade é uma realidade. (Amaral & Évora, 2016, p. 118)

Entre as conclusões do artigo das autoras, é observado que as referências simbólicas e a linguagem em comum facilitam a interação on-line entre os lusófonos, mas não criam novas identidades lusófonas nas redes.

A produção bibliográfica sobre diáspora e media em Portugal evidencia lacunas em relação ao avanço da discussão para problemáticas como a diversidade, participação política, cidadania e discriminação dos migrantes. Observam-se poucas pesquisas do ponto de vista dos migrantes como produtores de conteúdo e não é muito recorrente o uso de metodologias etnográficas ou voltadas para as redes sociais e internet.

### 1.3 Considerações do capítulo: reflexões de partida da pesquisa

A compreensão do estrangeiro e do migrante como sujeitos deslocados, distantes, discriminados, um refugio humano em busca de pertencimento, está presente nos estudos das migrações a partir de importantes investigações (Simmel, 1908/2005; Sayad, 1998; Elias & Scotson, 1965/2000; Bauman, 2012). Em contraponto a essas ideias, estudos mais recentes apontam para discussões sobre as causas desse fenômeno e criticam a construção da ideia de migração como problema, refletindo sobre as possibilidades de transformações sociais geradas pela mobilidade (Bauman, 2005; Castles, 2010; Wenden, 2008).

Estudos sobre grupos de migrantes são realizados pelas Ciências Sociais (Sayad, 1998; Elias & Scotson, 1965/2000; Bauman, 2005) desde o início do século XX, e, em particular, como destacado no primeiro capítulo, pelos pesquisadores da Escola de Chicago interessados em refletir sobre a violência urbana. Em Portugal, já no século XXI, estudos sobre a representação dos migrantes pela mídia tradicional, seja impressa ou televisiva, também continuam destacando a relação entre os migrantes e a temática da violência e criminalidade, principalmente os brasileiros.

O conceito de diáspora também é atualizado (Dufoix, 2008; Cohen, 2008) em um contexto de desterritorialização e identidades múltiplas (Hall, 2003), reconhecendo a mobilidade de comunidades transnacionais (Portes, 1999; Karim, 2007; Vertovec, 2001) e a partir da definição do conceito de transnacionalismo diaspórico (Georgiou, 2010), que busca repensar as ideias sobre identidade e sentimento de pertença às comunidades, a partir do uso das tecnologias de comunicação pelos migrantes, as webdiásporas.

Em uma perspectiva transnacional (Portes, 1999; Georgiou, 2010), já é estabelecida a compreensão, por pesquisadores contemporâneos, de que os usos sociais das tecnologias de comunicação impactam as relações entre os migrantes e os nacionais na sua terra de origem (Madianou & Miller, 2013; Vertovec, 2001). E quando se trata de um país colonizado, é um aspecto relevante a ser considerado nas pesquisas.

Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e novas formas de organização social, tem-se buscado compreender as maneiras de pensar e agir dos migrantes a partir da apropriação das mídias digitais (Scopsi, 2009; ElHajji & Escudeiro, 2015; Brignol, 2012; Cogo, Gutierréz & Huertas, 2008). A relação dos

migrantes com as tecnologias de comunicação transformou os processos de migração no mundo e os sites de redes sociais, como YouTube e Facebook, se revelam como espaços em potencial para troca de informações e como facilitadores da migração.

Finalmente, a internet é agora a estrutura central dessas redes de migrantes, possibilitando novas formas de usos, interações e comunicações que já são objetos dos estudos mais recentes sobre a relação das migrações com o uso das tecnologias de comunicação, sobretudo os smartphones e redes sociais. Dessa vez, entendendo os migrantes como agentes ativos nesse processo e buscando analisar grupos específicos em todos os aspectos, inclusive relacional e emocional.

No próximo capítulo serão apresentados a contextualização histórica e os estudos sobre a migração brasileira em Portugal, foco desta investigação.

## Capítulo 2

### Eu vim de lá: migrantes brasileiros em Portugal

*Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho*

*Mas eu vim de lá pequenininho*

*Alguém me avisou*

*Pra pisar nesse chão devagarinho...*

Música “Alguém me avisou” (composição D. Yvonne Lara)

Neste segundo capítulo apresento o estado da arte sobre a relação entre a diáspora e as novas tecnologias de comunicação, especificamente o uso dos sites de redes sociais pelos brasileiros no contexto da experiência migratória em Portugal. Início com a apresentação de aspectos históricos sobre a emigração brasileira para Portugal, para melhor compreensão do cenário atual de crescimento do número e diversidade de perfil dos migrantes brasileiros. Em seguida, apresento uma revisão de literatura que assenta em: 1) estudos sobre migração brasileira em Portugal; 2) estudos que relacionam migração e mídia, em especial aqueles que destacam a representação dos migrantes brasileiros na mídia portuguesa; 3) pesquisas que relacionam migração e uso dos sites de redes sociais. Finalizo com a apresentação das principais questões que servem de base para essa investigação.

#### 2.1 Emigração brasileira: breve contextualização

A emigração brasileira é um fenômeno recente, intensificado a partir da década de 1980, momento em que a crise econômica, configurada por uma enorme inflação, dívida externa e aumento do desemprego, estimulava a busca, sobretudo pela classe média, por novas oportunidades fora do país. A década de 1980 foi marcada pela transição do período da Ditadura Militar (1964-1985) para a democracia e aprovação da nova Constituição, de 1988. Vale ressaltar, que nos anos 1970 era possível identificar deslocamento de brasileiros para estudar ou ainda exilados políticos que recorriam a países europeus.

Nos anos 1990, houve grande deslocamento de brasileiros especialmente para os Estados Unidos, Japão e Portugal, países que atualmente absorvem mais da metade dos

emigrantes brasileiros. O Paraguai, devido à proximidade geográfica, também recebe muitos brasileiros desde a década de 1970. Esse fenômeno de emigração é inovador porque o Brasil, historicamente, era reconhecido por ter uma vocação de país receptor, servindo para sua formação socioeconômica (Patarra; Baeninger, 1995 citado em Almeida & Baeninger, 2016, p. 130).

Todavia, seja em função da intensificação do processo de mundialização, seja pela própria complexidade dos processos de mobilidade humana, assiste-se à configuração de “novas lógicas migratórias” (DUMONT, G., 2006), de “novas migrações” e de “novos migrantes” (WIHTOL DE WENDEN, 2001) no século XXI. É nesse novo contexto que também se manifesta a emigração de brasileiros, cuja presença tem crescido em países nos quais os elos que ligam origem e destino são menos evidentes, como é o caso da França e do próprio espaço de livre circulação europeu (ROSENFELD *et al.*, 2009). (Almeida & Baeninger, 2016, p. 131)

Para Patarra (2005), a migração brasileira ganhou destaque crescente na produção científica desde a década de 1970 e, com as transformações na década de 1980 e a globalização, foi necessário reavaliar esse fenômeno, e “considerar que os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária – que, por sua vez, está intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global” (p. 24).

A partir dos registros do Ministério de Relações Exteriores, publicados no artigo de Patarra (2005), o total de brasileiros registrados no exterior era de 1.419.440 em 1996, elevando-se para 1.887.895 em 2000 e 2.041.098 em 2002, com ligeiro declínio em 2003, ano em que foram registrados 1.805.436 brasileiros vivendo fora do país. Ainda de acordo com o autor, a modalidade de movimento mais representativa desde o início das migrações é em direção aos Estados Unidos, com o estabelecimento das primeiras comunidades de brasileiros, sobretudo de jovens da classe média que entravam clandestinamente, muitas vezes pela fronteira com o México, ocupavam trabalhos não qualificados, rebaixando seu status social, em troca da vantagem financeira imediata.

Com o aumento do rigor para concessão de vistos nos EUA depois do 11 de setembro de 2001, Pinho (2014) destaca o aumento da procura dos migrantes brasileiros para os destinos europeus, que acontece também por questões históricas e culturais, a partir de ligações estabelecidas desde quando o Brasil ocupava a posição de receptor de

portugueses, italianos, espanhóis e alemães. Estimativas de 2016 do Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty, indicam um número bem superior em relação à primeira década deste século, com 3.083.255 brasileiros vivendo no exterior, sendo 48% na América do Norte, 24% na Europa, 17% na América do Sul e 2% ou menos nos demais territórios. Em 2018, são mais de 3.590.022 e em 2020 chega a 4.215.800 o número de brasileiros vivendo no exterior, o que representou um aumento de mais de 600 mil pessoas em comparação ao último levantamento referente ao ano de 2018<sup>43</sup>. O Itamaraty leva como base dados dos postos consulares e outras fontes oficiais e estudos acadêmicos, mas estima-se que o número seja maior.

Nos últimos anos, a quantidade de pessoas que deixaram definitivamente o Brasil para viver em outro país cresceu 165%. Enquanto em 2011 foram entregues 8,1 mil declarações de saída definitiva à Receita Federal, em 2017 foram 21,7 mil e, em 2018, 23.149 brasileiros deixaram o país pressionados pela crise econômica e em busca de melhores oportunidades ou condições de vida fora.

Historicamente, fatores estruturais, como a desigualdade social e regional, a violência e marginalidade, somados aos fatores políticos e econômicos, como o aumento do desemprego e a inflação descontrolada, sempre contribuíram para a emigração de brasileiros. A crise econômica que o país vive desde 2013, seguida de crise política, compõem o atual cenário que justifica a grande quantidade de saída de brasileiros, aliada a fatores pessoais e alimentada pelo imaginário midiático (Appadurai, 2004) facilmente transmitido pelas redes sociais da internet, além das redes transnacionais de migrantes, como refletidas no capítulo anterior.

Segundo estimativas do Itamaraty, entre os dez países com maior número absoluto de brasileiros estão EUA, Paraguai, Japão, no topo da lista, seguidos de países europeus, em ordem: Reino Unido, Portugal, Espanha, Alemanha, Suíça, Itália e França. Segundo as estimativas do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE), com dados atualizados em 2016<sup>44</sup>, dos 750.983 brasileiros que vivem na Europa, 70.000

---

<sup>43</sup> Dados completos de 2020 no Portal Consular: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/porta-consular/artigos-variados/comunidade-brasileira-no-exterior-2013-estatisticas-2020> (visualização em 08/12/2021).

<sup>44</sup> Os dados estão disponíveis em: [www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br](http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br) (visualização em 30/07/2018).

vivem na França, 116.271 em Portugal e 120.000 no Reino Unido. Vale ressaltar que esses números geralmente não incluem brasileiros sem documentação<sup>45</sup>.

A intensa presença de brasileiros em Portugal no fim da segunda década deste século XXI, oficialmente mais de 100 mil em 2018 de acordo com dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), é facilmente percebida nas ruas de Lisboa ou do Porto, seja ao escutar brasileiros ou ver estabelecimentos que vendem produtos do país, ou mesmo hábitos culturais já estabelecidos, como a facilidade de encontrar produtos típicos da culinária, como coxinhas ou pães de queijo nas pastelarias e supermercados mais tradicionais, ou ainda o ritmo do forró presente em festas pela cidade e em aulas de dança oferecidas pelos ginásios portugueses.

Os traços culturais da longa presença e a forte relação de dominação econômica, política e ideológica lusitana, iniciada na época colonial em 1500 e que durou até 1882 com a proclamação da Independência do Brasil, deixaram marcas e se refletem nos movimentos migratórios sentidos na atualidade.

Padilla (2009) entende que “os laços coloniais, denominados genericamente de ‘proximidade cultural’, estão patentes na semelhança da língua e de aspectos como as tradições, os estilos de vida, a gastronomia, os quais têm um peso importante no momento de decidir aonde emigrar” (p. 27).

Ao mesmo tempo, é importante pensar nesses laços também sob o viés da dominação e violência, e como esse passado colonial em comum pode repercutir nas relações atuais entre colonizados e ex-colonizadores, sendo capaz de “reforçar as assimetrias de poder e hierarquias sociais” (Brasil & Cabecinhas, 2018, p. 116):

As práticas discriminatórias contra os antigos grupos colonizados quando migram para os países que foram seus antigos colonizadores são exemplos de como o fim do colonialismo como relação política não significou seu fim como

---

<sup>45</sup> "As estimativas do número de brasileiros no exterior feitas pelo Itamaraty buscam levar em conta vários fatores, como: dados oficiais fornecidos por autoridades migratórias locais; censos oficiais; número de eleitores registrados na jurisdição; número de matriculados nos consulados; sondagens junto à comunidade; solicitações de passaportes e outros documentos por brasileiros; movimento geral da repartição e de consulados itinerantes; dados disponíveis sobre saída do país e retorno de brasileiros; percentuais de redução de remessas; publicações da Organização Internacional para as Migrações (OIM); estudos da OCDE; trabalhos acadêmicos e artigos na imprensa" (Trecho retirado da publicação "Diplomacia Consular", disponível no site [www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br](http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br), em 30/07/2018).

formas de relações sociais. (Santos, 2004 como citado em Brasil & Cabecinhas, 2018, p. 130)

Reflexões sobre o cenário de feminização da migração em Portugal e o estereótipo construído sobre as mulheres brasileiras, condicionado por questões de classe social, gênero e etnia, apontam para a importância da abordagem da interseccionalidade (Piscitelli, 2008) como também a necessidade de uma perspectiva de investigação que analise e interprete a realidade dos migrantes pelo viés da descolonização (Quijano, 1992; Mignolo, 2017).

A seguir, partimos para as reflexões sobre as características dessa migração e os contextos e vagas de chegada de brasileiros em Portugal.

### **2.1.1 Emigração brasileira para Portugal: vagas e motivações**

Em Portugal, ainda no final da década de 1980, há uma primeira vaga de chegada de brasileiros desiludidos com os problemas políticos e econômicos do país e que foram acentuados com o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, apenas dois anos após a posse. Essa vaga incluía muitos jovens e profissionais qualificados, como dentistas e publicitários, sobretudo da classe média e média-alta<sup>46</sup>. Insegurança, instabilidade dos mercados financeiros e altas taxas de inflação nos anos 1990 também contribuíram para o desejo de partida de brasileiros (Malheiros, 2007).

Na investigação sobre as “Transformações na emigração brasileira para Portugal, de profissionais a trabalhadores<sup>47</sup>”, Pinho (2014) acrescenta a existência de um período anterior, no início da década de 1980, “caracterizado por movimentos de retorno de portugueses que viviam no Brasil com os seus cônjuges, filhos e familiares, e de brasileiros que têm, com estes, relações de sociabilidade (contracorrente migratória)” (p. 150). O fenômeno é considerado como movimento da primeira vaga, assim como o fluxo de chegada de brasileiros, de forma independente, iniciado na primeira metade dos

---

<sup>46</sup> Há estudiosos que consideram a primeira vaga de chegada de brasileiros nos primeiros anos da década de 1980, intensificado com a entrada efetiva de Portugal na Comunidade Económica Europeia e injeção de milhões de euros em Portugal, contribuindo para a dinâmica da economia portuguesa e retorno de portugueses emigrados. Outros consideram como primeiro período o final da década de 1980 e início da de 1990, como será tratado nesta tese.

<sup>47</sup> Em 2014, a tese “Transformações na emigração brasileira para Portugal, de profissionais a trabalhadores” foi publicada pelo Alto Comissariado para as Migrações.

anos 1990, devido à entrada de Portugal na Comunidade Econômica Europeia, que se deu em 1986.

Já no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 há uma segunda vaga e atração maior de um perfil diferente, com o fortalecimento de uma migração laboral de baixa qualificação, voltada para trabalhos nos setores da construção, como pedreiro, e do ramo do comércio, em restauração e hotel. O contexto era de crescimento do desemprego no Brasil no governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) e, em Portugal, aumentava a necessidade de mão de obra de baixa qualificação para a construção civil, em importantes obras que foram realizadas no período de adesão do país ao Euro, moeda única na Europa (Pinho, 2014).

De acordo com dados sobre a migração brasileira para Portugal entre 1998 e 2003, publicados no livro *Imigração Brasileira em Portugal*, organizado por Jorge Malheiros e editado pelo Alto Comissariado para Imigração, o perfil do emigrante brasileiro é variado. “O fenômeno passou então a incorporar sobretudo jovens, em geral, solteiros, na faixa dos 15 aos 34 anos, com qualificação profissional média e superior, com possibilidade de inserção em atividades comerciais autônomas, ou como assalariados nos ramos de comércio e serviços” (Malheiros, 2007, p. 44).

A “segunda vaga” é caracterizada como mais volumosa e diversa com base nos resultados do projeto de investigação que ocorreu entre 2007 e 2011 e que foi publicado na obra *Vagas Atlânticas: a Imigração Brasileira em Portugal*<sup>48</sup> (Peixoto, Padilla, Marques & Góis, 2015). As conclusões gerais dos estudos apontam sobre a migração brasileira no período:

Os principais argumentos apresentados ao longo dos diferentes capítulos do livro mostram que a imigração brasileira em Portugal é diversa, motivada maioritariamente por razões económicas, assente numa densa rede migratória e envolve, geralmente, uma migração interna anterior. Portugal, os imigrantes brasileiros registam assinaláveis níveis de integração, em especial na esfera legal, o que não impede a subsistência de experiências de discriminação, sentidas em especial pelas mulheres. A inserção laboral dos migrantes brasileiros é marcada por uma clara segmentação e por uma forte precariedade, que é mais sentida no caso das mulheres. (Peixoto et al., 2015, p. 3)

---

<sup>48</sup> O projeto “Vagas Atlânticas: a Imigração Brasileira em Portugal” realizou, numa primeira fase, entrevistas a informadores privilegiados, autoridades portuguesas, autoridades consulares e líderes associativos e, numa segunda fase, um inquérito por questionário aplicado a 1.398 cidadãos de nacionalidade brasileira maiores de 16 anos, aplicado durante os primeiros seis meses de 2009 em todas as regiões do país.

Foi verificada segmentação na forma de inserção laboral dos migrantes, como o caso dos brasileiros residentes há mais tempo (a “primeira vaga”) que ocupam posições em segmentos mais privilegiados em comparação com os mais recentes. Enquanto mulheres e jovens migrantes foram identificados como mais prejudicados.

Estudos e estatísticas sobre a presença de brasileiros entre 2003 e 2008 em Portugal apontam para uma intensificação da segunda vaga, com a diferença da chegada de mais mulheres do que homens (Góis, Marques, Padilla & Peixoto, 2009). Já Pinho (2014) considera que a segunda vaga de migrantes se estende pela primeira década no novo século, com características de reunificação familiar e, no contexto de controle mais rígido das fronteiras, com muitos brasileiros sem visto de residência.

A partir de entrevistas a migrantes brasileiros chegados entre 1998 e 2005, profissionais dos setores da construção, do comércio e da restauração, Pinho (2014) contextualiza o novo movimento de migração brasileira que resultou de questões de desemprego no Brasil, acordos bilaterais facilitadores e “de processos de recrutamento de mão de obra no destino, da operação de redes intramigrantes na origem e no destino e, no contexto do desenvolvimento de uma indústria de migração” (p. 15).

Nesse contexto, Santos (2007) destaca os acordos bilaterais entre Brasil e Portugal, principalmente o acordo sobre a Contratação Recíproca de Nacionais (Decreto n.º 40/2003, de 19 de setembro), processo conhecido como “Acordo Lula”, que previu a legalização de todos os brasileiros que entraram em Portugal até 11 de Julho de 2003 e que tinham contrato de trabalho válido. Cerca de 15 mil pessoas foram legalizadas neste processo.

Houve um crescimento no número de brasileiros no país entre 2007 e 2008, de acordo com Pinho (2014) devido à entrada em vigor da nova lei de migração<sup>49</sup> (Lei nº 23/2007), que aprovou o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional, possibilitando a obtenção de títulos de residência em várias situações de irregularidade em que os imigrantes se encontrassem.

---

<sup>49</sup> A lei define as condições e procedimentos de entrada, permanência, saída e afastamento de cidadãos estrangeiros do território português, bem como o estatuto de residente de longa duração. Disponível em: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=920&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=920&tabela=leis) (visualização em: 08/12/2021).

Com a crise econômica de 2008 que atingiu os Estados Unidos e a Europa, com consequências em Portugal<sup>50</sup>, nos anos seguintes houve declínio na taxa de imigração em Portugal, devido a remigrações para outros países e migração de retorno, com a relativa estabilidade da economia brasileira. Também, nesse período, houve crescimento de algumas modalidades específicas de migração para Portugal, como a dos estudantes brasileiros.

A tendência de diminuição do número de residentes brasileiros teve início em 2011, com uma redução de 6,6% comparado a 2010, que, de acordo com os Relatórios do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), eram 119.363 brasileiros, caindo para 111.445 (2011), 105.622 (2012), 92.120 (2013), 87.493 (2014), 82.590 (2015) e 81.251 (2016<sup>51</sup>). O período 2010-2016 apresentou um decréscimo de 38.111 cidadãos de nacionalidade brasileira a residir em Portugal (31,9%). Segundo análise do SEF, dentro desse contexto de diminuição dos números, é preciso considerar as aquisições de nacionalidade portuguesa, por parte de cidadãos extracomunitários.

A partir de etnografias já produzidas sobre os migrantes brasileiros em Portugal, Machado (2014) analisa o cenário de retorno em volume aparentemente menor que o esperado para a crise Portuguesa e conclui que há uma parte da migração brasileira que permaneceu apesar da crise, “por ter se entranhado no tecido social português”, estabelecendo Portugal como sua casa. Outros, de acordo com Machado, “menos conectados com a vida portuguesa”, optaram por um movimento de remigração para outros países europeus ou de retorno (principalmente os imigrantes que estavam há pouco tempo em Portugal) (p. 233).

Somente em 2017 reverte-se a tendência de queda registrada desde 2011. A nacionalidade brasileira, com um total de 85.426 cidadãos, mantém-se como a principal comunidade estrangeira residente no país, um crescimento de 5,1% em relação ao ano de 2016. Portugal, em 2017, contabilizou 421.711 cidadãos estrangeiros titulares de autorização de residência, o que significa um aumento de 6% comparado a 2016, de acordo com o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo<sup>52</sup> (RIFA 2017) do SEF.

Em 2018, o número aumenta com o registro de 105.423 nacionais brasileiros em Portugal, traduzindo 21,9% do total de residentes estrangeiros. Desde o início da década

<sup>50</sup> Em 2008, a taxa de desemprego afetava 7,7% da população ativa em Portugal, estando a do Brasil acima, com 9,3 % (em 2007).

<sup>51</sup> Relatórios disponíveis em: <https://sefstat.sef.pt/forms/relatorios.aspx>

<sup>52</sup> O relatório está disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf> (visualização em 14/09/2018).

de 2000, o Brasil é o primeiro na lista dos países de origem dos estrangeiros residentes em Portugal. A emissão de novos títulos de residência para brasileiros cresceu 64% em 2017 (11.574) e 143,7% em 2018 (28.210). Entre 2017 e 2018, as nacionalidades que aumentaram mais na concessão de vistos de entrada foram a brasileira (58,7%, tendo também aumentado em 119% entre 2016 e 2017). Mesmo com esse número expressivo, o período ainda não foi estabelecido como uma nova vaga de migração de brasileiros, mas um prolongamento da segunda vaga iniciada em 2000.

Entre os fatores que colaboram para o aumento do fluxo de brasileiros, desde 2016, destacam-se: “a instabilidade política e econômica brasileira, resultando no golpe parlamentar que destituiu a presidenta Dilma Rousseff em 2016 (LOWY, 2016), o elevado nível de violência urbana no país, a polarização das eleições presidenciais de outubro de 2018” (França & Padilla, 2018, p. 10).

Portugal também se tornou um país atrativo com o fim da austeridade e aumento dos benefícios fiscais para migrantes altamente qualificados e aposentados. A concessão de vistos para residência de reformados, que representava 12% do total de vistos em 2017, passou para 18% em 2018. E os vistos para altamente qualificados representam 8% do total, nos anos de 2016 e 2017.

Alterações no regime de obtenção da nacionalidade, em 2017, que permitiu que netos de portugueses solicitem a nacionalidade portuguesa, contribuíram ainda mais para o aumento da migração, assim como a “simplificação do processo de pedido de autorização de residência” (França & Padilla, 2018, p. 10). Entre as alterações na Lei n.º 23/2007, de 4 de julho<sup>53</sup>, em 2017, foi possibilitada a atribuição de autorização de residência para exercício de atividade profissional independente (ou de empreendedorismo) ou subordinado em Portugal, com base numa promessa de contrato de trabalho.

---

<sup>53</sup> Foram sete alterações à Lei n.º 23/2007, a última em 2019 (Lei n.º 28/2019, de 29 de março) estabeleceu a presunção de entrada legal em Portugal na concessão de autorização de residência para o exercício de atividade profissional (dependente, pelo artigo 88.º n.º6, ou independente, pelo artigo 89.º n.º5), desde que regularizada a situação do requerente perante a segurança social há pelo menos 12 meses.

Os dados gerais dos Indicadores de Integração de Imigrantes, presentes nos relatórios estatísticos Imigração em Números de 2018<sup>54</sup> e de 2019<sup>55</sup>, organizados pelo Observatório das Migrações, indicam que desde 2008 há alterações significativas nos perfis de estrangeiros a entrar em Portugal. Sendo constatado aumento de fluxos migratórios associados principalmente a estudo e a reagrupamento familiar, no lugar de solicitação de entrada para trabalho, representando, os dois tipos de vistos juntos, em 2018, 67,2% do total<sup>56</sup>.

É verificado o aumento do número de estudantes brasileiros em Portugal principalmente a partir de 2007 com a criação do programa Ciência sem Fronteiras. Desde 2008/2009 o Brasil é o país estrangeiro que lidera com o maior número de alunos inscritos no ensino superior português. Dados de 2017/2018 da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) do Ministério da Educação e Ciência (de Portugal) mostram que a nacionalidade brasileira continua a ser a mais representada (20%) do total de estudantes em mobilidade internacional de crédito, o que corresponde a 3.280 alunos, e 39% em mobilidade internacional de grau, com um total de 10.965:

O aumento dos alunos brasileiros no ensino superior português resulta dos efeitos conjugados de três fatores fundamentais: políticas brasileiras de fomento à mobilidade estudantil internacional; promoção de estratégias de captação de estudantes estrangeiros por parte das instituições de ensino superior em Portugal e, sobretudo, da partilha da língua portuguesa entre os dois países. (Íório & Fonseca, 2018, p. 3)

Apesar do expressivo número de diplomados brasileiros destacados em pesquisas estatísticas (no ano letivo 2016/2017 foram registrados 1.352, o que corresponde a 29% do total de diplomados estrangeiros), as pesquisadoras ressaltam que a situação não se converte em permanência no país após os estudos, visto que a maioria regressa ao Brasil ou reemigra para outro país: “não só devido à falta de oportunidades

---

<sup>54</sup> O Observatório das Migrações (OM) usa como referência dados estatísticos de 42 fontes dos anos de 2016 e 2017. O OM tem entre as suas atribuições “recolher, sistematizar e analisar informação estatística e administrativa de fontes nacionais e internacionais respeitantes ao fenómeno da imigração, nomeadamente os indicadores de integração de imigrantes e de refugiados” (alínea a) do artigo 2º da Deliberação nº 1243/2016, de 8 de agosto). Relatório disponíveis em: <https://www.om.acm.gov.pt/publicacoes-om/colecao-imigracao-em-numeros/relatorios-anuais>

<sup>55</sup> Dados referentes a fonte dos anos de 2017 e 2018.

<sup>56</sup> Do total de 68,3% em 2016, 46,8% são vistos para estudo e 21% para reagrupamento familiar. Em 2017, dos 65,1%, são 45,5% para estudo e 19,5% para reagrupamento. E em 2018, são 50,3% para estudo e 16,9% para reagrupamento familiar.

de desenvolvimento de uma carreira profissional compatível com as suas habilitações em Portugal, mas também por razões pessoais e familiares” (Iório & Fonseca, 2018, p. 3).

### **2.1.2 Migração brasileira: interseccionalidade e colonialidade**

Em Portugal, a migração feminina é superior à masculina (215.837 mulheres e 205.874 homens em 2017), apresentando um quadro de feminização da migração. O perfil geral das migrantes mulheres em Portugal, entre 2008 e 2017, revela um aumento do número de estrangeiras requerentes de visto para atividades altamente qualificadas, trabalho independente e estudantes do ensino superior, contrariando a tendência do passado de reagrupamento familiar e mostrando o aumento dos percursos independentes e autônomos por parte das mulheres.

A feminização da migração brasileira é uma tendência iniciada em 2012, com maior número de migrantes do sexo feminino do que masculino (com 61,5% de mulheres brasileiras contra 38,5% de homens). Dados gerais do relatório do Observatório das Migrações de 2018 apontam um total de 51,5% de mulheres em 2016 e 51,2% em 2017 no país. O perfil etário das brasileiras em Portugal é predominantemente jovem, com 70,1% de mulheres entre 20 e 49 anos. O maior número de nascidos vivos em 2017 de mães estrangeiras também vem das brasileiras (2,5% do total de nascidos vivos registrados no país).

Apresentando dados que revelam nível de qualificação superior ao dos homens estrangeiros (12,8% com ensino superior completo e 27,7% com ensino médio), mesmo assim as mulheres recebem menor remuneração em comparação com as portuguesas (12,9%) e os portugueses (33,9%). As atividades com maior presença de estrangeiras em 2016 foram: administrativas e serviço de apoio (26,8%), atividades relacionadas a alojamento, restauração e similares (23,4%) e comércio por grosso e a retalhos (13%).

Em pesquisa empírica sobre a situação da migrante brasileira em Portugal, Padilha (2007) observa que o serviço doméstico e a prostituição são os dois nichos do mercado laboral exclusivamente reservados à esta migração feminina, que há um acesso limitado a informações pelas redes sociais migratórias, como também menos acesso a um contrato de trabalho, o que pode dificultar a legalização dessas mulheres (Padilha, 2007). O estudo constatou ainda que a imagem da mulher brasileira em Portugal tem

direta relação com o estereótipo da prostituta e que isso influencia negativamente as experiências de migração.

Dessa maneira, Padilla (2007) analisa que o estudo da migração deve considerar aspectos influenciados pela classe social, gênero e etnicidade, incluindo mercado laboral e políticas migratórias. “Os imigrantes têm gênero, pertencem a uma etnia, a uma classe social e inserem-se numa sociedade de acolhimento complexa onde geralmente o mercado laboral está estratificado, étnica e sexualmente, o que condiciona a inserção laboral destes migrantes” (p. 113).

Piscitelli (2008) também reflete sobre a importância das categorias de articulação e as interseccionalidades para analisar a feminização da migração internacional. A autora explica que a interseccionalidade, em uma primeira abordagem sistêmica, se daria pelas consequências de duas ou mais formas de subordinação, tais como sexismo, racismo e patriarcalismo, em que os sujeitos são constituídos por sistemas de dominação e marginalização. Já na abordagem construcionista, “os marcadores de identidade, como gênero, classe ou etnicidade não aparecem apenas como formas de categorização exclusivamente limitantes. Eles oferecem, simultaneamente, recursos que possibilitam a ação” (pp. 267-268).

Piscitelli (2008) trabalha a diferença como categoria analítica para pensar como as percepções sobre as migrações de mulheres brasileiras incidem em suas inserções no mercado global de trabalho e no mercado matrimonial, tendo em vista os sujeitos como constituídos mediante a experiência. A conclusão da autora é que as migrantes são afetadas pela imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade e há movimentos de resistência, rejeição e também de negociação desses estereótipos em contextos migratórios desiguais:

Tanto no mercado de trabalho como no mercado de casamento as conexões da feminilidade brasileira com a ideia de serem amigáveis, de terem um compromisso com a domesticidade, de serem muito limpas e de terem uma natural propensão para o cuidado e também para a sensualidade, se tornam parte do arsenal que essas mulheres utilizam na luta por um lugar melhor nesses cenários. (Piscitelli, 2008, p. 271)

Machado (2003), em relação ao processo de exotização dos brasileiros e a essencialização de estereótipos sobre o Brasil, em estudo sobre os migrantes brasileiros das camadas baixas na cidade de Porto, entende o exotismo como “um projeto

hegemônico de dominação cultural do Outro (e do mesmo) que fixa e essencializa diferenças que não são fixáveis, além de produzir representações exóticas dos povos colonizados” (pp. 20-21).

A relação de dominação política, social e cultural estabelecida pelos europeus nas sociedades e culturas do que hoje é a América Latina, e que culminou no poder global que articula todo o planeta, foi denominada por Anibal Quijano, no final dos anos de 1980, de *colonialidade*. A dominação colonial partiu da repressão das formas de produção de conhecimento e expressão, seguindo para a colonização do imaginário dos dominados.

Quijano (1992, p. 16) critica a relação de colonialidade da cultura europeia que se converteu em uma “aspiração” e se consolidou como modelo universal<sup>57</sup> a partir da construção do paradigma europeu de racionalidade e modernidade, que estabelece uma relação entre “sujeito” - “objeto”. Enquanto a cultura ocidental europeia era racional e poderia conter sujeitos, as outras eram diferentes e, no sentido hierárquico da desigualdade, inferiores, só podendo ser “objeto” de conhecimento e de práticas de dominação.

Mignolo (2017) entende a colonialidade como o lado mais escuro da modernidade: “Conseqüentemente, o pensamento e a ação descoloniais surgiram e se desdobraram, do século XVI em diante, como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados” (p. 2).

A destruição da colonialidade do poder mundial, que continua a instrumentalizar a razão e a produzir paradigmas distorcidos de conhecimentos, é a solução dada por Quijano (1992) e orienta esta tese na constante busca pela “descolonização epistemológica para dar lugar a uma nova comunicação intercultural, a uma troca de experiências e significados, como base de outra racionalidade que possa reivindicar, com legitimidade, alguma universalidade<sup>58</sup>” (pp. 19-20).

---

<sup>57</sup> Na América Latina, ainda mais extremo, a partir do extermínio da cultura indígena e dos próprios, enquanto Ásia e Oriente Médio foram colocados em uma relação de subalternidade, e a África de “exótico”.

<sup>58</sup> Tradução de: “descolonización epistemológica para dar paso a una nueva comunicación intercultural, a un intercambio de experiencias y de significaciones, como la base de una otra racionalidad que pueda pretender, con legitimidad, alguna universalidad”.

A seguir, a partir de conclusões de pesquisas acadêmicas sobre a representação do migrante brasileiro, continuamos a refletir sobre a construção dos estereótipos e discriminações da nacionalidade.

## **2.2 Estudos sobre migrações em Portugal: Estereótipos e representação do migrante brasileiro**

A publicação “Bibliografia sobre a Imigração em Portugal”, elaborada por Maria Ioannis Baganha, Pedro Góis e José Carlos Marques, em uma primeira versão em 1998, revelou no levantamento da produção sobre a migração em Portugal que os estudos sobre a temática começaram a se intensificar nos anos 1990 e prosseguiram nos primeiros anos do terceiro milênio, acompanhando o aumento da chegada dos migrantes no país lusitano.

A maioria destes textos, em conjunto com os produzidos sobre outros grupos de imigrantes, evidencia a multiplicação das áreas de origem dos imigrantes presentes em Portugal, a diversificação do capital humano trazido pelos novos imigrantes, a complexificação dos seus processos de integração no mercado de trabalho e, de forma mais geral, na sociedade portuguesa e a alteração das estratégias e dos processos migratórios adotados. (Baganha, Góis & Marques, 2006, para. 1)

Em levantamento da bibliografia e filmografia sobre migração e minorias étnicas em Portugal, de 2000 a 2008, que reuniu 836 produções, Machado, Azevedo & Matias (2009) apontam o crescimento do interesse sobre o tema das migrações que tem “mobilizado centenas de investigadores de quase todas as disciplinas das ciências sociais, na universidade e fora dela, dentro e fora do país...reunindo as condições institucionais, financeiras e científicas para que esse estudo se faça”. Entre os domínios temáticos, aparece a “Mediatização e representações mediáticas”. O tema da migração brasileira apresenta grande quantidade de estudos entre os anos de 2006 e 2008.

O mapeamento bibliográfico “Imigrações e minorias étnicas em Portugal: uma bibliografia (julho de 2008 – maio de 2016)” foi iniciado em 2014 pela investigadora Petra Kelemen e concluído por Inês Campeão Pereira Rocha, com o objetivo de atualizar as bases de dados já existentes referentes ao tema. Destacam-se no levantamento de 1.150 estudos, pesquisas sobre a migração brasileira que se relacionam

com questões laborais, culturais, de saúde, participação política, associativismo, educação, transnacionalismo religioso, discriminação.

As dificuldades de integração da migração brasileira em Portugal e discriminações no mercado de trabalho são apontadas em pesquisa realizada por Machado (2006), a partir de entrevistas e notícias de jornais no Brasil e em Portugal, em 1998 e 2000. O autor considera os estereótipos criados para os brasileiros como “prisões simbólicas”, uma representação preexistente construída durante a longa história de colonização, e “limitadores da ação”, tal como ocorre na cidade do Porto em que os brasileiros desempenham papéis preestabelecidos e trabalham, por exemplo, com atendimento ao público por serem considerados simpáticos.

O estereótipo é uma forma de descrever o outro, por meio de uma série de características generalizantes (em geral, depreciativas) que se lhe aplica. A eficácia dos estereótipos resulta [...] na (e da) hierarquização do campo das alteridades<sup>59</sup>, restando ao “estereotipado” um lugar inferior em relação ao “estereoripador” (quando o estereótipo é um consenso na sociedade que abriga os diferentes grupos). (Machado, 2006, p. 236)

O autor conclui que “a experiência cotidiana de brasileiros e portugueses é mediada pela eficácia das construções estereotipadas”. São representações recíprocas das velhas ideias, como a alegria e a malandragem identificadas nos brasileiros, além do exotismo, e da imagem de tristeza e burrice relacionadas aos portugueses, além dos auto-estereótipos que os brasileiros fazem de si, em novos contextos. “É preciso reforçar que, em geral, essas imagens criaram-se (no passado e no presente) ao redor de conflitos no mercado de trabalho” (Machado, 2006, p. 230).

Jorge Malheiros (2007), também constata a tendência de redução dos níveis médios de instrução e a maior inserção de profissões menos qualificadas na primeira vaga, apontados como consequência das mudanças de oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho português. “O desenvolvimento de certos estereótipos de brasileiros (simpáticos, bons conversadores, dotados de ‘um contacto fácil com os outros’...) também contribuem para facilitar a sua forte presença no sector da construção civil” (Malheiros, 2007, p. 28).

---

<sup>59</sup> O autor chama de hierarquia das alteridades: “A forma de escalonar em termos valorativos as diferentes populações que se encontram dentro de Portugal [...] fruto das hierarquias coloniais portuguesas” (Machado, 2006, p. 242).

Também no livro organizado por Malheiros (2007), outro estudo, elaborado pela Casa do Brasil em Lisboa a partir de questionário realizado com 400 brasileiros residentes em Lisboa e Setúbal<sup>60</sup>, também apontou a percepção dos migrantes brasileiros da denominada “2.ª vaga” (1998-2003) sobre a discriminação sofrida. “É de referir que 45,3% dos inquiridos considera ter visto ‘bastantes’ casos de discriminação<sup>61</sup> da parte dos portugueses em relação aos brasileiros, mas 19,3% diz nunca ter visto ‘nenhuma’ situação dessas” (Casa do Brasil em Lisboa, 2007, p. 232).

O artigo apresentado no 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa<sup>62</sup>: “Imagens de brasileiros/os no atravessar das fronteiras: (des)organizando imaginários”, de Iara Beleli, discute como a ideia de simpatia e do estilo de vida associado aos brasileiros nas variadas mídias é apreendida pelas narrativas de migrantes brasileiros em Lisboa, a partir de entrevistas. A partir da articulação de marcadores de diferença de gênero, raça/cor/etnia, sexualidade definidas por Avtar Brah e compreendendo que a mídia tem papel fundamental na construção de imaginários, Beleli conclui que essas diferenças facilitam e dificultam interações e interlocuções dos migrantes:

Algumas enunciações reiteradas pelos media são incorporadas pelos sujeitos, não necessariamente para facilitar a entrada no mercado de trabalho, mas como forma de facilitar o reconhecimento daquilo que eles/as imaginam que se pensa deles/as. Esse ponto de partida, muitas vezes não calculado, resulta em situações ambíguas que reiteram imaginários de brasilidade, mas também os desorganizam. Essa desorganização posta nas narrativas, muitas vezes impulsionada pela agência dos sujeitos, permite contestar os estereótipos que apresentam “mulheres brasileiras” como “catatuas”, dispostas a voar para qualquer parte com quaisquer parceiros a qualquer hora do dia ou da noite. (Beleli, 2012, p. 17)

---

<sup>60</sup> O perfil dos entrevistados para o estudo foi descrito como: Uma comunidade jovem (77% com menos de 35 anos), masculina (64%), solteiros/divorciados (51,8%), sem filhos (51,5%) e sem família em Portugal (53,8%). Chegaram há menos de 2 anos (52,8%) e 80% vindo do sudoeste, principalmente Minas Gerais (31%), sendo 36,3% sem documentos. A maioria (60%) completou o ensino secundário e 7,3% tinham ensino superior. A maioria trabalha na área do comércio e restauração (42,5%), seguido do setor secundário (32%), com destaque para a construção civil (27,8%). Sobre a decisão de migrar, prevalece os motivos econômicos: baixos salários (54,5%) e desemprego (25%), e o principal canal de emigração referido foi o ‘apoio de parentes e amigos que já cá estavam’ (78%, totalizando 312 dos 400 inquiridos) (Malheiros, 2007, p.234).

<sup>61</sup> De acordo com a pesquisa, sendo considerado conjuntamente os que assinalam ‘bastantes’ casos e ‘alguns’ casos, a percentagem global dos respondentes sobe para 71,9% pessoas que viram casos de discriminação da parte dos Portugueses.

<sup>62</sup> O primeiro seminário aconteceu em 2010 em Barcelona e, no universo de 41 trabalhos publicados, 34% tratam da imigração brasileira em Portugal.

Renata Tourinho Monteiro, na segunda edição do mesmo Seminário que aconteceu em Portugal<sup>63</sup>, apresentou conclusões sobre “A construção da imagem do brasileiro em Portugal e as estratégias de afirmação identitária”. O desconhecimento mútuo e os equívocos das entidades do Brasil e de Portugal foram dois motivos importantes que justificam a desvalorização da imagem do migrante brasileiro em Portugal. As 28 produções deste evento, dentre as quais 13 eram sobre Portugal, foram reunidas na publicação “Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa”, de 2012.

As mulheres são as principais vítimas dos estereótipos da sociedade portuguesa, vistas como “exóticas e fáceis” e associadas à prostituição. São imagens construídas com contribuição da mídia em um contexto de feminização da migração brasileira na segunda vaga, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, como será visto a seguir.

### **2.2.1 Estereótipos da mulher brasileira em Portugal**

No caso das mulheres brasileiras, a construção da imagem estereotipada das migrantes em Portugal, principalmente na primeira década deste século, é especificamente identificada na mídia. Em estudo sobre a imagem das mulheres migrantes na imprensa portuguesa, Santos (2007) destaca que “maioritariamente, a imagem que passa das imigrantes que escolhem Portugal como destino é a de mulheres brasileiras clandestinas e implicadas em redes de prostituição” (p. 122).

Ao quantificar as nacionalidades referenciadas nos jornais analisados<sup>64</sup>, as brasileiras encontram-se no topo das referências, correspondendo a 44,1% do total de peças em que é referida uma nacionalidade, e são escutadas em apenas 18 peças. Os temas que mais se repetem dizem respeito à prostituição, clandestinidade e crime. Em

---

<sup>63</sup> Realizado de 4 a 6 junho de 2012, em Lisboa (Portugal), pelo Instituto Universitário de Lisboa. A terceira edição foi realizada no Instituto de Educação, Universidade de Londres, em 2014, e das 44 apresentações, 10 envolviam o contexto migratório português. A quarta edição ocorreu em Munique, na Universidade de Erlangen, na Alemanha, em 2016, e dos 44 trabalhos, 13 eram sobre Portugal. A quinta edição foi realizada na Itália, em novembro de 2018, na Università degli Studi “Gabriele d’Annunzio”, de Chieti-Pescara.

<sup>64</sup> Os dados utilizados para análise são o resultado do projeto Media, Imigração e Minorias Étnicas, do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME) e analisou 210 notícias que tiveram como protagonistas mulheres imigrantes, publicadas em 2003 em oito jornais – *Público*, *Diário de Notícias* (DN), *Jornal de Notícias* (JN), *Expresso*, *O Independente*, *Correio da Manhã* (CM), *A Capital* e *24 Horas*.

relação à inserção das mulheres migrantes no mercado laboral português, as ocupações mais referidas nas notícias analisadas na pesquisa foram as “não-qualificadas”, que inclui desde a prostituição à prestação de serviços domésticos.

Santos (2007) relata o importante caso conhecido como “Mães de Bragança”, ocorrido em 2003, em que mulheres portuguesas de Bragança pediam, através de um abaixo-assinado, a saída das brasileiras da cidade, justificando que elas estariam roubando seus maridos. O caso foi capa da edição europeia da revista *Time*, com o epíteto de “Europe’s New Red Light District”.

Deparamo-nos, pois, com a imagem da mulher imigrante conotada com o exotismo associado ao desejo sexual. Simultaneamente, a questão da cidadania deixa de estar em causa, uma vez que as mulheres retratadas são absolutamente marginais, quer pela actividade que praticam, quer pela sua própria condição perante o sistema jurídico do país. A mulher imigrante é, assim, reduzida à mais elementar caricatura de si mesma. (Santos, 2007, p. 123)

Correia e Neves (2011), ainda em estudo sobre as representações, preconceitos e estereótipos sociais das brasileiras em Portugal, concluem, a partir do relato das próprias migrantes, que a discriminação é significativa, sobretudo para aquelas que possuem níveis socioeconômicos mais baixo, identificadas como prostitutas. “Na base deste estereótipo encontramos dois factores chave: o primeiro diz respeito à existência de mulheres brasileiras que efectivamente se prostituem e o segundo factor está ligado à imagem que a comunicação social transmite da mulher brasileira, inflamando a ideia da generalização” (Correia & Neves, 2011, p. 19).

Camila Queiroz, em recorte ainda mais específico, buscou verificar em tese de doutoramento concluída em 2018, como as migrantes brasileiras com mais de 50 anos têm se subjetivado em relação aos estereótipos criados em seus percursos migratórios de mais de 10 anos e quais estratégias são desenvolvidas para integração à sociedade portuguesa. Entre as constatações, a de que as categorias interseccionadas, como as de raça/etnia, gênero, idade, classe social, nacionalidade e estatuto migratório, além de marcadores de diferenças que influenciam na formação de subjetividades, são multiplicadoras de subordinações e de desigualdades sociais.

A presença das brasileiras em programas de mobilidade acadêmica em Portugal foi analisada por Thais França, que questionou em artigo em que medida o estereótipo

hiperssexualizado da brasileira e o discurso de dominação colonial influenciam no processo de inserção dessas mulheres nesse segmento altamente qualificado. Partindo de reflexões sobre o contexto de mercado de trabalho português marcado por segregação sexual e racial e práticas de dominação pós-colonial, a hipótese de França (2012) é que é dada às mulheres brasileiras que se inserem na academia portuguesa e europeia um lugar de receptoras passivas. As conclusões são que as marcas de um discurso colonial que sexualiza e racializa as brasileiras também estão presentes na academia portuguesa.

Nesse sentido, Mariana Gomes reconhece que as desigualdades sociais e os processos migratórios de legalização criam dificuldades, concluindo que no imaginário “mulher brasileira” em Portugal a raça, o gênero e a sexualidade estão interseccionados e afetam a experiência de todas as mulheres brasileiras migrantes, percebidas como hiperssexualizadas e disponíveis. A autora reflete sobre as relações de poder envolvidas nos imaginários sociais das mulheres brasileiras em Portugal, através das narrativas dos sujeitos, e analisa o modo como esse discurso hegemônico afeta a experiência migratória de brasileiras, bem como as diferentes formas de resistência. Entre as conclusões, a de que “as mulheres brasileiras são vistas como ‘corpo colonial’ em Portugal, na medida em que são definidas, essencializadas e estigmatizadas através de características atribuídas desde o colonialismo histórico, relacionadas com a hipersexualidade” (Gomes, 2013, p. i).

### **2.2.2 A representação dos migrantes na mídia portuguesa**

A coleção “Mídia, Imigração e Minorias Étnicas”, publicada de 2004 a 2007, organizada pelo Observatório da Imigração do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas<sup>65</sup>, e o livro *Imigração e diversidade étnica, religiosa e cultural na imprensa e na televisão: 2008* apresentaram relevantes resultados sobre a representação

---

<sup>65</sup> O Projeto “Mídia, Imigração e Minorias Étnicas” foi iniciado em 2003, através de acordo firmado entre a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o Alto Comissariado para Imigração e as Minorias Étnicas. A equipe conduzida pela Profa Isabel Ferin Cunha, da Universidade de Coimbra, deu continuidade à análise de imprensa e de canais de televisão em três edições. As edições da coleção do Observatório da Imigração dedicadas ao tema realizaram pesquisas com foco: na imprensa de carácter nacional e regional (dados de 2001 e 2002), na imprensa e a televisão aberta (dados de 2003) e análise da imprensa e a televisão generalista (dados de 2004). Com dados dos anos de 2005 e 2006, foi realizada ainda análise comparada do que foi veiculado pelos média desde 2002 acerca dos imigrantes na imprensa e televisão. Referente ao ano de 2007, também foi lançada edição seguindo a metodologia do relatório de 2005-2006. Em 2008, reuniu análise da imprensa diária e semanal e três serviços de programas generalistas de televisão de sinal aberto.

dos migrantes na imprensa e televisão, com destaque para os brasileiros. As temáticas “crime”, “clandestinidade” e outras agregadas em “Transgressão Social” foram as mais associadas à cobertura sobre migração, e a comunidade brasileira foi a que recebeu mais atenção nas notícias (Cunha, Santos, Silveirinha & Peixinho, 2004).

Entre as análises, constatou-se que, quando há abertura para participação dos migrantes nas notícias, o assunto não se aproxima da realidade vivenciada pelas comunidades étnicas em Portugal. “Grande parte das peças assume a forma de notícia leve, do tipo *fait-divers*, apresentando *estórias de vida* contadas na primeira pessoa, o que pode distorcer a percepção da opinião pública, despolitizando-a” (Cunha & Santos, 2003, p. 103).

Em 2003, houve a identificação de uma tendência de protagonismo e capacidade de autoafirmação pelos migrantes, através das *Associações de Imigrantes* das diferentes comunidades. “Poder-se-á dizer, em síntese, que a imagem dos imigrantes e das minorias começa a ser construída pelos próprios” (Cunha & Santos, 2003, p. 103). No entanto, as conclusões de 2007 destacaram que apesar da grande quantidade de peças, há uma menor profundidade das pautas sobre migração e minorias étnicas e “uma certa invisibilidade das comunidades imigrantes/minorias e das suas associações que parece grassar na imprensa portuguesa, apesar do número elevado de notícias (curtas ou curtíssimas)” (Cunha & Santos, 2008, p. 62).

Os resultados de 2008, sobre a imprensa diária e semanal e sobre os três serviços de programas generalistas de televisão de sinal aberto, mostraram a manutenção do padrão de cobertura dos anos anteriores, em que a temática “Crime” é o assunto mais associado aos migrantes, dando protagonismo às fontes institucionais, tais como as Forças de Segurança, em detrimento das localizadas na sociedade civil.

Além disso, o estudo apontou que em todas as peças que têm como temática o “Crime”, jornalistas e meios de comunicação manifestam comportamentos que tendem a infringir a Constituição Portuguesa, sobretudo os princípios da Universalidade e Igualdade, através de intervenções discriminatórias “que enfatizam nas peças a ascendência, a raça e o território de origem como determinantes para a compreensão dos acontecimentos”:

A continuada ênfase em notícias sobre “Crime”, o prolongamento de agendas e da atenção sobre temáticas correlatas, condiciona a informação sobre estes

grupos minoritários e o conhecimento que o público em geral pode adquirir através dos meios de comunicação generalistas. (Cunha, Santos, Fortes & Castilho, 2009, p. 126)

O relatório aponta ainda que nem todos os migrantes e minorias são objeto de cobertura noticiosa, sendo os cidadãos brasileiros os que recebem maior atenção. E que são poucas as peças sobre as dificuldades do processo de inserção no mercado de trabalho e as condições de trabalho dos migrantes. “Há também omissões relativas ao racismo sutil, de que se queixam grande parte dos imigrantes, oriundos de África e do Brasil” (Cunha et al., 2009, p. 127).

Em levantamento das investigações, entre dissertações e teses sobre migração brasileira em Portugal, o tema da representação do migrante na mídia se apresentou como predominante. A busca inicial foi feita a partir do tema ampliado “imigração e mídia<sup>66</sup>” para observar as temáticas sobre a área nos Repositórios Científicos de Acesso Aberto em Portugal (RCAAP). Do universo inicial de 130 documentos analisados, foram excluídos os estudos que não eram diretamente da área da comunicação. Dentre os trabalhos que restaram, destacam-se três temáticas principais: 1) representação dos migrantes e identidades (21 documentos); 2) análise do uso dos media no processo de integração e manutenção de laços com o país de origem (11 documentos); e 3) consumo da mídia pelos migrantes (4 documentos).

Em um segundo recorte, foram destacados os trabalhos com foco na temática “migração brasileira em Portugal e mídia”, área de interesse desta pesquisa, que serão detalhados a seguir. Pesquisas de mestrado e de doutoramento desenvolvidas abordam a representação dos migrantes brasileiros na mídia de Portugal, explorando a questão em veículos impressos (Carvalho, 2008; Ribeiro, 2008; Galante, 2010; Silva, 2011), internet (Saturnino, 2009; Carço, 2014) e televisão (Willy, 2008; Silva, 2009). Outros estudos tratam sobre as tecnologias da comunicação e internet (Carço, 2014; Correia, 2016; Silva, 2016; Ferreira, 2016), consumo da mídia por jovens (Santos, 2013) e a influência dos media no processo de migração e no acolhimento de imigrantes (Branco, 2010).

Identificar como a imprensa representa o brasileiro em território português e a existência de elementos discursivos de xenofobia foram os objetivos da dissertação de Elizabeth Ramos da Silva. Para refletir sobre o papel da mídia no fomento a

---

<sup>66</sup> Busca pelo termo: “imigra\* mídia”, em maio de 2018.

discriminação ou à aceitação dos brasileiros, foram analisadas por Silva (2011) 184 reportagens do *Jornal de Notícias* e do *Correio da Manhã* (entre 2007 e 2010) e os resultados apontaram para “uma reprodução de estereótipos relacionados à ilegalidade, criminalidade e prostituição”, com representação em sua grande maioria do imigrante de “baixo nível social e com poucos anos de escolaridade”.

Susana Maria Martins Galante analisou notícias de dois jornais portugueses de referência, *Diário de Notícias* e o *Público*, no ano de 2008, e constatou que nas notícias sobre imigrantes e minorias étnicas, nomeadamente os imigrantes negros, brasileiros e ciganos, há maior número de acontecimentos com carácter negativo do que positivo. A exceção verifica-se nas notícias relacionadas com o desporto. O tema que lidera as notícias nos dois jornais é a criminalidade e a autora conclui ainda que “as notícias de ambos os jornais se referem, frequentemente, à nacionalidade ou minoria étnica a que pertencem os imigrantes que são objeto de notícias” (Galante, 2010, p. 79).

Margarida Domingues de Carvalho optou por analisar um jornal de referência e outro popular, o *Público* e o *Correio da Manhã*, apontando que nos dois jornais a nacionalidade brasileira era a mais referida, chegando à conclusão que os brasileiros no *Correio da Manhã* surgem em notícias associados à criminalidade em 85% das situações, e no *Público*, em 58%. “Na imprensa popular a alusão à nacionalidade ou etnia dos sujeitos das notícias é mais forte ... aparecendo com destaque brasileiros, cabo-verdianos e sobretudo na imprensa popular, as mulheres brasileiras são, na maior parte dos casos, prostitutas” (Carvalho, 2008, pp. 91-92).

Maira Ribeiro realizou investigação sobre as representações do imigrante brasileiro no jornalismo impresso local com o objetivo de verificar como e quando o imigrante foi notícia nos diários regionais *Diário do Minho* (Braga, Portugal) e *L'Adige* (Trento, Itália), em 2007. A conclusão da dissertação de mestrado é que os dois jornais representam o imigrante brasileiro de forma homogênea, ou seja, os indivíduos são tratados como grupo. Para Ribeiro (2008), as mulheres, assim como na pesquisa anterior, são relacionadas com a prostituição, e os homens, em situações ligadas ao desporto.

A dissertação de Rafael Monteiro Silva discute o preconceito e a imagem estereotipada dos migrantes nos telejornais. Concluindo, a partir do caso que envolveu

brasileiros no assalto ao BES de Campolide<sup>67</sup>, que a nacionalidade teve o padrão de comportamento associada a crimes de forma estereotipada em cobertura televisiva.

Também a coleção Teses do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural publicou o estudo de Willy Pereira da Silva Filho sobre “Imagem do Imigrante Brasileiro no Jornalismo Televisivo Português 2004-2006”. A análise de 19 peças de telejornais portugueses, no prime-time dos três canais abertos e generalistas (SIC, TVI e RTP1), foi organizada nas unidades de registro sobre representação do migrante: “Homem”, “Mulher”, “Cidadãos Brasileiros” e “Família”.

Willy Filho (2008) concluiu que a imagem dos brasileiros começa a sofrer transformações, tais como na representação dos homens, antes associados às imagens de criminosos ou de trabalhadores da construção, mas que, “a partir de 2005, estes cidadãos começam a protagonizar peças, onde aparecem já com outra visibilidade, sobretudo através do protagonismo conferido às suas imagens e voz” (Filho, 2008, p. 142). Situação que não ocorre com as mulheres que, na maioria das vezes, aparecem associadas à criminalidade em Portugal, sendo representadas através de temas como “Prostituição” e “Clandestinidade”.

Nas notícias referentes aos “cidadãos brasileiros”, há associação ao tema dominante da Clandestinidade, mas a partir de 2004, a sua representação começa a ser identificada com temas mais “positivos”, como Integração e Habitação, assim como ocorreu na unidade “Família”, identificados enquanto trabalhadores legais e mais qualificados para os postos que ocupam em Portugal. Mesmo com certa autonomia de voz e imagem, os migrantes brasileiros continuam condicionados pela sua situação no país em termos legais. Também foi assinalada tendência representativa para a valorização de construções mais “tabloidizantes”, em que a “imigração brasileira acabaria reduzida a um stock de imagens que, quando não totalmente criminalizadas e sexualizadas, seriam ingenuamente polarizadas em termos de medo, drama, emoção, entre outros sentimentos” (Filho, 2008, pp. 147-148).

A produção acadêmica sobre os migrantes brasileiros em Portugal, identificada a partir de 2005, tem desenvolvido diversos enquadramentos sobre essa temática, com

---

<sup>67</sup> Assalto ocorrido no dia 7 de agosto de 2008 no Banco Espírito Santo de Campolide, em Lisboa, em que foram feitos dois reféns em uma operação que durou 8 horas, envolvendo vários elementos da polícia. A cobertura televisiva identificou de imediato os dois ladrões como “brasileiros”. Um deles foi morto pela polícia no local e o outro foi encaminhado para o hospital em estado grave. Os reféns receberam atendimento médico.

destaque para a reprodução do estereótipo de criminalidade associado aos migrantes, na mídia portuguesa, e as discriminações sofridas por essa comunidade. Mas já são identificadas tendências que apontam para transformações na construção midiática da migração de brasileiros.

### **2.3 Construção midiática e os fluxos migratórios dos migrantes brasileiros em Portugal**

Filipa Pinho elabora importantes reflexões sobre a relação dos processos de comunicação e a constituição de fluxos migratórios, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, durante a primeira vaga. A autora considera que a comunicação interpessoal nas redes migratórias contribui no processo de tomada de decisão de migrar e que deve ser levada em consideração em estudos contemporâneos. “Considerada fonte da informação elementar para a redução da incerteza acerca do movimento, a característica fundamental da comunicação interpessoal é ser originária de quem já empreendeu o movimento” (Pinho, 2007, p. 59)

Porém, a autora explica que com a comunicação mediada, o processo de “qualificação emocional e cognitiva” das pessoas para uma possível migração é ampliado, já que uma pessoa que não tem contato com um migrante pode ter acesso a sua experiência a partir de notícias e informações divulgados pela mídia. Dessa forma, a comunicação mediada deve ser tão valorizada como a comunicação interpessoal “enquanto condições de explicação das migrações, no que diz respeito à transmissão da informação útil para o processo de decisão e comportamento migratório subsequente”.

A decisão poderá depender do acesso a ajudas na integração, providenciado por amigos, conterrâneos e familiares. As dimensões do processo de tomada de decisão de migração apresentadas por Pinho (2007) centram na:

- 1) a percepção de um (novo) destino e da existência do fluxo migratório; 2) a tomada de conhecimento de factores de atracção nesse destino que atenuam o desconforto/repulsão na origem; 3) a obtenção de informação para a diminuição da incerteza no movimento, como a relativa aos procedimentos legais e às características do mercado de trabalho; 4) o conhecimento de testemunhos acerca de processos de integração e do sucesso de percursos de migração; 5) a informação sobre os tempos históricos da migração. (Pinho, 2007, pp. 61-62)

Em análise da representação simbólica da imagem de Portugal na imprensa brasileira, na revista *Veja*<sup>68</sup>, e dos fatores “atrativos” para decisão de migração, a autora considera que um conjunto de fatores contribui para explicar a alteração da representação de Portugal e construção como destino de migração. A exemplo, os relatos de sucesso de brasileiros em seus percursos migratórios mais do que os problemas da convivência entre as nacionalidades, como conflitos no mercado de trabalho, são relatados em notícias nas quais prevalecem os aspectos positivos do processo de migração. Concluindo, então, que “a representação da emigração brasileira para Portugal acompanha transformações sociais nos dois países e a evolução do enquadramento da política migratória no destino” (Pinho, 2007, p. 82).

Estudo sobre “Percursos e trajetórias migratórias dos brasileiros”, de Pedro Góis e José Carlos Marques, presente na obra *Vagas Atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI*, observa as motivações, o processo e as trajetórias migratórias dos brasileiros. Destaca a migração com interesse econômico entre os fluxos recentes e também o papel das redes migratórias informais na ativação dos fluxos, por contraposição às redes organizadas (Góis & Marques, 2015).

No contexto contemporâneo, as notícias de jornais<sup>69</sup> começam a destacar, a partir de 2017, o intenso movimento de chegada de brasileiros a Portugal em busca de segurança e qualidade de vida, em um contexto de crise política e econômica no Brasil. Com apresentação de um grupo diversificado: casais mais jovens; famílias; profissionais mais qualificados, com mais poder de investimento e aproveitando os benefícios fiscais; pessoas também com qualificações mais baixas/médias; e muitos estudantes.

Começa a ser verificada uma mudança no perfil dos brasileiros representados pela mídia, que já destaca um novo imaginário de migrante: de classe média, com conhecimento prévio e muitas vezes com cidadania portuguesa, como destacam Souza e

---

<sup>68</sup>A opção da autora foi: “analisar os conteúdos de uma revista de âmbito generalista e de periodicidade semanal com tiragens elevadas no Brasil — a *Veja* —, definindo-se como período em análise o que se inicia cerca de um ano antes da entrada de Portugal na Comunidade Econômica Europeia (porque a intensificação da imigração se terá situado pouco tempo depois deste acontecimento) e se prolonga até meados dos anos 90” (Pinho, 2007, p. 61).

<sup>69</sup> Ler notícias em:

<https://www.jn.pt/mundo/videos/interior/mais-imigrantes-brasileiros-em-portugal-para-fugir-a-violencia-9210981.html>

<https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/a-nova-vaga-de-imigrantes-brasileiros>

<https://www.publico.pt/2017/08/20/sociedade/reportagem/elite-brasileira-traz-novos-negocios-para-portugal-1782450>

[https://www.uc.pt/feuc/ultimo\\_mes/docs/2017/marco/2017\\_-\\_03\\_-\\_11\\_-\\_Expresso\\_-\\_Brasil\\_es\\_pagina\\_virada\\_descartada\\_do\\_meu\\_folhetim...\\_PGois.pdf](https://www.uc.pt/feuc/ultimo_mes/docs/2017/marco/2017_-_03_-_11_-_Expresso_-_Brasil_es_pagina_virada_descartada_do_meu_folhetim..._PGois.pdf)

Iório (2018), em pesquisa realizada nos jornais de referência *Diário de Notícias* (Portugal) e *Folha de S. Paulo* (Brasil). No universo limitado de 13 notícias analisadas em 2017, apenas uma não trazia esse novo perfil como destaque. Sobre o teor das notícias, de acordo com as autoras, o destaque era a motivação econômica da migração, sem identificar a “contextualização dos possíveis problemas enfrentados pelos cidadãos brasileiros em geral com relação ao mercado de trabalho, preconceito, inadequação cultural, entre outros” (Souza & Iório, 2018, p. 335). Elas ressaltam ainda a supervalorização do migrante da classe média como fonte dos textos jornalísticos, ocupando um espaço que antes não era destinado aos próprios migrantes, contudo constatam que o perfil do brasileiro ignorado [de classe econômica baixa ou trabalhadores não qualificados] nas reportagens em 2017 deve continuar.

França e Padilha (2018) já consideram como uma terceira vaga esse movimento de chegada de brasileiros a partir de 2014, após a crise econômica em Portugal. Em artigo que busca identificar algumas características dessa nova vaga, as autoras concluem que há uma representação mais positiva do atual fluxo de migração brasileira para Portugal nos principais jornais portugueses de circulação nacional (impressos e digitais) analisados em 13 notícias, de janeiro de 2017 a outubro de 2018:

A comunicação social portuguesa, em especial os jornais impressos, descrevem os “novos” brasileiros e as “novas” brasileiras que chegam a Portugal como jovens, empreendedores(as), profissionais qualificados, de famílias de classe média que vêm para o país em busca de segurança e de melhor qualidade de vida para si e para seus filhos(as), trazendo ao país investimentos financeiros. (França & Padilla, 2018, p. 4, no prelo)

Apesar da ênfase dos veículos analisados nos migrantes bem-sucedidos que chegam a Portugal, país que se favorece ao atrair investimentos e profissionais qualificados, a diversidade do perfil de brasileiros que buscam migrar se mantém em Portugal. As autoras ressaltam que o aumento da recusa de entrada de brasileiros desde 2014, por exemplo, dá evidências da “presença de imigrantes com perfil similar à vaga anterior” e ressaltam a importância de investigar o impacto das diferenças de classe nas vagas migratórias brasileiras para Portugal e a relação com a mudança na aceitação dos brasileiros.

O resultado dos estudos atuais, apesar do *corpus* limitado de jornais de referência, aponta para a visibilidade dada aos “casos de sucesso” dos migrantes, que

difere da década anterior em que se realizava uma associação direta do brasileiro com a prática de crimes e violência, baixos níveis de qualificação e hipersexualização da mulher brasileira, apontado nos estudos sobre a migração brasileira apresentados neste capítulo (Cunha, Santos, Fortes & Castilho, 2009).

Partindo da tendência atual detectada na imprensa, a seguir são destacados outros estudos que apresentam os migrantes brasileiros como protagonistas, em pesquisas que relacionam a migração e os usos dos sites de redes sociais da internet em Portugal, dando ênfase nas conclusões.

### **2.3.1 Os usos das redes sociais pelos migrantes: socialização e busca pelo pertencimento na internet**

Estudos acadêmicos também investigam as migrações em Portugal e a consolidação dos usos da internet enquanto redes transnacionais que possibilitam o contato entre os próprios migrantes e as sociedades de origem e de acolhimento. A dissertação de Joana Correia tratou sobre os processos de identidade, pertencimentos transnacionais e integração através de estudo de caso de migrantes brasileiros no concelho de Grândola (Portugal).

A partir de entrevistas semiestruturadas a dez pessoas da comunidade brasileira, os resultados do estudo de Correia (2016) mostram que os media digitais, em especial a internet, permitem que os migrantes encontrem e reinventem o seu país de origem e criem laços na sociedade ao oferecer oportunidades de interação com os seus pares e com as comunidades locais. Também consolidam esferas públicas transnacionais, enquanto redes de excelência de contato entre indivíduos migrantes entre si, sociedades de origem e sociedades de acolhimento.

José Carlos Nunes Carçoço discute os usos da internet para a comunicação e socialização das comunidades. A partir de entrevistas e questionários, que foram aplicados a 100 imigrantes brasileiros que viviam em Portugal, a conclusão da dissertação é de que há grandes vantagens para a integração dos migrantes na sociedade de acolhimento e na ligação dos migrantes ao país de origem através do uso da internet, permitindo “o desenvolvimento de processos de interação com os pares da mesma nacionalidade e com as comunidades locais e o desenvolvimento de redes de apoio

virtuais” (Caroço, 2014, p. 119). Constatou-se ainda que a maioria dos migrantes utilizava os meios digitais diariamente e com maior frequência as redes sociais (Facebook, YouTube e Google+) e os e-mails.

A tese de Rodrigo Saturnino trata da construção do imaginário social dos imigrantes brasileiros em Portugal através das redes sociais da internet. A análise da comunidade virtual “Brasileiros em Portugal” do Orkut, durante seis meses, pelo método etnográfico virtual da observação participante e a análise de conteúdo, apresentou reflexões sobre os códigos e significados compartilhados, a forma de sociabilidade e a linguagem no grupo social. Saturnino (2009) concluiu que “há apropriação de uma nova forma de sociabilidade entre estes sujeitos”, e que revela um imaginário social que descreve as formas de vida do migrante, suas dificuldades e referências a relação entre Brasil e Portugal.

Outras pesquisas que aconteceram fora do contexto de Portugal trazem análises relevantes sobre o tema, como a dissertação apresentada no Brasil, em 2009, por Daiani Ludmila Barth que aborda os usos do MSN, Skype e chat Uol nas experiências de construção e manutenção de redes sociais de migrantes brasileiros na Espanha. A partir do conceito de migração transnacional e centrada na etnografia (observação e entrevistas), destacam-se os usos da internet pelos migrantes brasileiros: na constituição de relações familiares transnacionais, na (re)atualização de contatos com o Brasil, na vivência com migrantes e não migrantes na Espanha, e na constituição de experiências de caráter organizativo e coletivo de apoio às migrações.

Antonio Nolberto de Oliveira Xavier, na tese “Em casa fora de casa: Estratégias comunicacionais na construção do sentido de pertença”, de 2016, investiga o uso das tecnologias de comunicação e as contribuições para o desenvolvimento de uma consciência de pertença e construção de identidade em quatro grupos de migrantes: gaúchos e nordestinos que vivem em São Paulo e brasileiros e nicaraguenses que vivem na Costa Rica. A partir de entrevistas e aplicação de questionários, concluiu que as novas tecnologias e aplicativos para celulares são os que mais contribuem para a aproximação dos indivíduos e ajudam na ordenação de sentidos (pessoais, sociais, culturais) para construção da pertença.

A dissertação de mestrado de Laura Roratto Foletto analisou os usos sociais que os migrantes brasileiros na Suécia fazem de dois grupos fechados do Facebook para

entender de que maneira as questões de identidade e diferença são tensionadas e negociadas nesses espaços comunicacionais. Realizada a partir de entrevistas on-line com 10 participantes e questionários, a pesquisa de 2016 conclui que os migrantes “subvertem as lógicas de uso dos aparatos técnicos”, utilizando os grupos de Facebook não só para trocar informações, mas também para experienciar a migração. Dentro de uma busca por pertencimento, por se sentir parte de um grupo, eles constroem suas identidades para estabelecer vínculos de pertencimento ao Brasil e a outros migrantes, e criam uma rede de solidariedade e sociabilidade.

As conclusões das pesquisas apontam para a apropriação de novas formas de sociabilidade nas redes sociais da internet pelos migrantes, que possibilitam interação, facilitando a integração na sociedade local ou ainda em redes de relações transnacionais com a sociedade de origem. Os migrantes são capazes não só de revelar um imaginário social que descreve as suas formas de vida, mas de experienciar a própria migração e criar redes de solidariedade e apoio virtual. A internet é usada como ferramenta de mobilização social, na constituição de relações transnacionais e contribui na construção de identidades e do sentido de pertença.

### **2.3.2 Considerações do capítulo: focalizando a pesquisa no presente**

Apesar de ser um fenômeno recente em Portugal, a migração brasileira é a maior comunidade estrangeira desde 2000 no país. A partir das investigações realizadas na última década sobre a temática, é possível constatar as duas importantes vagas, a primeira no final da década de 1980, e a segunda, no final da década de 1990 e início de 2000, com características de perfis de migrantes bem diferentes. A primeira, representada por migrantes jovens e profissionais qualificados, da classe média e média-alta, e a segunda, uma migração laboral de baixa qualificação, voltada para trabalhos na construção e comércio. Os estudos destacam a existência de representações estereotipadas dos migrantes na imprensa portuguesa. Apenas nos últimos anos, o possível estabelecimento de uma terceira vaga da migração em Portugal é finalmente apresentado pela mídia de forma mais positiva.

O quadro histórico da migração de brasileiros em Portugal, aliado às mais recentes possibilidades de uso das mídias digitais e da internet pelos migrantes, formam

o contexto em que se desenvolve esta investigação, ancorada em abordagens interseccionais e descoloniais.

As pesquisas realizadas até 2011 sobre a representação dos brasileiros nas mídias portuguesas dão ênfase a jornais impressos e concluem que há tendência a relacionar brasileiros com criminalidade e brasileiras com prostituição. Já as pesquisas sobre os usos das redes sociais destacam as contribuições para a integração, construção de identidade e sentidos de pertença e as relações transnacionais com o país de origem. Há relativamente poucos estudos em Portugal que buscam compreender os usos dos sites de redes sociais por parte dos próprios migrantes.

O levantamento das produções bibliográficas apontou ainda a desatualização com relação às redes sociais utilizadas como objeto de estudo, o que revela o próprio dinamismo da internet e o desaparecimento constante de redes virtuais, a exemplo do Orkut e MSN. Dados atuais de uso dos sites de redes sociais e outras plataformas na internet por brasileiros demonstram a relevância<sup>70</sup> do YouTube, Facebook, WhatsApp e Instagram.

Esta investigação dá prosseguimento às pesquisas sobre migrações e internet, a fim de verificar os usos das redes sociais pelos migrantes brasileiros e compreender como a experiência da diáspora encontra lugar no Facebook. Entendendo as redes sociais como espaços de reordenamento de experiências e práticas comunicativas capazes de criar sentidos sobre a migração, o objetivo desta tese é refletir sobre os usos da internet pela diáspora (Scopsi, 2009; ElHajji & Escudeiro, 2015) e a produção de subjetividades a partir das interações nos grupos privados do Facebook.

A pesquisa de campo é realizada em dois grupos do Facebook para pensar o modo como se apresentam e as discussões geradas. Em uma perspectiva etnográfica, busca-se compreender como no uso dos sites de redes sociais o sentido sobre o processo de migração dos brasileiros para Portugal é construído.

---

<sup>70</sup> O relatório *Digital in 2017*, feito pela *We Are Social* em parceria com a Hootsuite, apontou que 58% da população brasileira é usuária das redes sociais e gasta, por dia, em média, 3 horas e 39 minutos nessas redes. Ocupa a segunda colocação entre os países que usam por mais tempo essas plataformas, atrás dos filipinos. Dos entrevistados pela *Global Web Index*, entre 16 e 64 anos, 60% declararam utilizar o YouTube, contra 59% que falaram que usam o Facebook. Em terceiro lugar está o mensageiro WhatsApp, com 56%, seguido do Facebook Messenger, 43%, e Instagram, 40%. De acordo com a pesquisa “*Video Viewers 2017*”, no Brasil, 86% dos entrevistados assistem a vídeos na internet e 99% de quem assiste usa o YouTube. O brasileiro assiste, em média, a 38 horas de conteúdo audiovisual por semana (Fonte: Pesquisa *Video Viewers 2017*, Google/ Provoker).

Nessa direção, fez-se necessário recorrer a um enquadramento teórico que refletisse sobre a migração e as condições de desigualdades e discriminações dos migrantes no novo território (Simmel, 1908/2005; Sayad, 1998; Bauman, 2012) em que vivem uma diáspora (Dufoix, 2008; Cohen, 2008) com identidades múltiplas e que se misturam (Hall, 2003). Possibilitadas pela globalização desterritorializante (Hall, 2003), as pessoas podem se identificar com o aqui e o lá, a partir de redes transnacionais (Portes, 1999) e viver identidades diaspóricas (Georgiou, 2010). O migrante que convive em um território multicultural e transnacional tem desafiada sua identidade e sua noção de pertencimento (Karim, 2007; Vertovec, 2001).

Com as novas tecnologias digitais, a distância se reduz e o sujeito passa a viver em duplicidade; as fronteiras foram substituídas por redes de fluxos (Castells, 1999), permitindo contato dos grupos da diáspora com sua terra de origem, como nunca antes experimentado pela diáspora clássica, a partir das webdiásporas. A mídia digital apresenta-se então como capaz de mudar o que significa a diáspora para pessoas e nações, a forma como a migração é vivenciada e a distância mediada. A tecnologia forneceu novas capacidades às redes, que servem tanto para a manutenção de vínculos com o local de origem, como para negociação do pertencimento ao novo local, transformando essas comunidades que são sustentadas por longas distâncias.

As questões desta pesquisa e as metodologias e ferramentas utilizadas para respondê-las, a etnografia virtual e a observação participante, serão justificadas no capítulo a seguir sobre a trajetória metodológica, assim como apresentados os dois grupos do Facebook “BeP” e “PNC” selecionados para análise.

## Capítulo 3

### Trajectoria metodológica

Neste terceiro capítulo apresento a construção metodológica desta investigação e o desenvolvimento da pesquisa empírica de caráter qualitativo na internet. A partir do levantamento bibliográfico do referencial teórico e o estado da arte apresentados nos primeiros capítulos, que identificaram a contextualização e os conceitos centrais que norteiam o tema desta tese, seguimos para a pesquisa empírica que busca analisar a construção de sentidos sobre a migração nos grupos do Facebook BeP e PNC. Serão apresentadas e justificadas as escolhas metodológicas da etnografia virtual e a observação sistemática dos grupos de Facebook.

#### 3.1 Pesquisa qualitativa: a etnografia e as práticas comunicativas na internet

Esta pesquisa de caráter qualitativo busca refletir sobre a interpretação da realidade social a partir de dados gerados em processos de comunicação e relações apresentados por meio de textos, imagens e vídeos na internet.

Bauer & Gaskell (2002) explicam que a pesquisa social de caráter qualitativo parte de uma curiosidade sobre a natureza do acontecimento, do campo de ação e dos espectadores que estão sendo observados, para posterior descrição de uma situação, reconhecendo nas observações seus graus diferentes de imparcialidades. “Na pesquisa social, estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e a dos outros” (Bauer & Gaskell, 2002, p. 21).

Fragoso, Recuero e Amaral (2011), no prefácio do livro *Métodos de pesquisa na Internet*, apontam o desafio metodológico das pesquisas realizadas na internet, que é capaz não só de constituir representações de práticas sociais, mas também disponibilizar, de maneira mais aberta, dados que mostram como um grupo representa uma realidade: “a internet coloca o mundo social, em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta”. Sendo, por isso, necessário pensar em novos processos metodológicos e formas de observação nesse campo de estudo.

Hine (2004) define duas maneiras de ver a internet como campo de estudo: como um lugar onde surgiu a cultura do ciberespaço ou como um produto da cultura,

um artefato cultural, no qual as ideias aparecem a partir do uso prático da internet e são resultado de um contexto determinado. Para a autora, a etnografia virtual é inseparável dos contextos em que é desenvolvida e “nos oferece a promessa de poder chegar mais perto de entender como as pessoas interpretam o mundo ao seu redor ou como organizam suas vidas<sup>71</sup>” (pp. 18-19).

A etnografia virtual surgiu em uma primeira fase de estudos sobre a internet, no início dos anos 1990, como método de investigação para ajudar no desafio da compreensão da vida social on-line, mantendo a mesma perspectiva empírica baseada na observação detalhada das experiências de uso da tecnologia. Compreendendo que o agente de mudança não é a tecnologia em si mesma, mas os usos e a construção de sentido em seu entorno.

Ao tratar sobre os objetos virtuais da etnografia e as reavaliações do método em relação ao seu uso na internet, Hine (2004) destaca as diferenças entre o trabalho do etnógrafo no campo físico (um lugar) e nas redes (“campos de relações”) e a necessidade de interpretar a internet não só como uma tecnologia, mas pelas suas características como contexto cultural. A proposta é que o etnógrafo se concentre no estudo de espaços e fluxos e que as etnografias on-line possam “romper” com a noção de espacialidade e se concentrar nos “processos culturais”:

A etnografia virtual funciona como um módulo que problematiza o uso da Internet: em vez de ser inerentemente sensível, o universo www adquire sensibilidade em seu uso. O status da rede como uma forma de comunicação, como um objeto dentro da vida das pessoas e como um lugar de estabelecimento de comunidades, ela sobrevive através dos usos, interpretados e reinterpretados, que são feitos dela<sup>72</sup>. (Hine, 2004, p. 80)

Na obra *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*, Hine (2015) define uma etnografia para a internet e aborda algumas transformações em relação ao seu uso, a começar pela compreensão de que a internet contemporânea se

---

<sup>71</sup> Tradução de: “nos ofrece la promesa de poder acercarnos a la comprensión de cómo las personas interpretan el mundo que las rodea o cómo organizan sus vidas”.

<sup>72</sup> Tradução de: “La etnografía virtual funciona como un módulo que problematiza el uso de Internet: en vez de ser inherentemente sensible, el universo WWW adquiere sensibilidad en su uso. El estatus de la Red como forma de comunicación. como objeto dentro de la vida de las personas y como lugar de establecimiento de comunidades. pervive a través de los usos, interpretados y reinterpretados, que se hacen de ella”.

tornou parte da vida cotidiana das pessoas e as atividades feitas nesse ambiente são também consideradas reais e, assim, exigindo adaptações no próprio método.

A internet é compreendida pela autora como “incorporada” em múltiplas estruturas de construção de significados, o que torna o seu uso “significativo para nossas compreensões da identidade e responsabilidade, e transformador de nossas estruturas de recompensa, confiança e reconhecimento”. Essa mídia ganha significado “como um componente da vida cotidiana em um sentido mais amplo, uma vez que ela é socialmente, culturalmente e tecnologicamente permeada” (Hine, 2016, p. 12).

A autora também reflete sobre a constante incerteza do etnógrafo ao tentar interpretar os eventos e as interações observáveis publicamente na internet, em um contexto de evidências consideradas incompletas: “a Internet nos uniu de inúmeras maneiras novas, mas muito do trabalho interpretativo que continua a incorporá-la à vida das pessoas não é aparente na própria Internet, pois seus usuários tecem padrões altamente individualizados e complexos de significado<sup>73</sup>” (Hine, 2015, p. 4).

Nesse sentido, Gomes & Antunes (2019) propõem refletir sobre as práticas comunicativas como um fenômeno sociocultural, em que são considerados os elementos afetivos das relações sociais e repensadas as tecnologias na vida cotidiana por meio das articulações entre comunicação e cultura. O conceito de estrutura de sentimentos de Raymond Williams é retomado pelas autoras para superar as abordagens centradas na mídia e dar ênfase no modo como vivemos as relações:

Em termos conceituais e empíricos, tecnocultura diz respeito ao modo como vivemos, individualmente, mas sempre de modo compartilhado, as tecnologias. Pensada efetivamente como articulação entre tecnologia e cultura, ela não se refere, pura e simplesmente, à tecnologia e nem à cultura, mas às apropriações e interpretações da tecnologia na vida cotidiana, para lidar com problemas, questões e necessidades colocadas pela vida, em sintonia com afetos, desejos, valores e práticas sociais. Tecnocultura se refere a uma relação que convoca nosso olhar para dinâmicas políticas, sociais, econômicas e simbólicas da vida cotidiana. (Gomes & Antunes, 2019, pp. 14-15)

Para refletir sobre as consequências dessas relações estabelecidas no ambiente de onipresença e instantaneidade das comunicações digitais e que possibilitam a construção

---

<sup>73</sup> Tradução de: “The Internet has brought us together in myriad new ways, but still much of the interpretive work that goes on to embed it into people’s lives is not apparent on the Internet itself, as its users weave together highly individualized and complex patterns of meaning out of these publicly observable threads of interaction”.

de subjetividades em torno da questão da migração, esta investigação parte da compreensão de que as diásporas digitais abrangem também emoções, em práticas que são incorporadas e mediadas.

Com foco qualitativo, esta investigação utiliza a etnografia virtual e a observação sistemática dos grupos de Facebook BeP e PNC<sup>74</sup>. A pesquisa foi realizada de agosto a dezembro de 2019 e janeiro de 2020, sendo observadas todas as publicações dos grupos durante 10 dias de cada mês. A produção dos dados partiu do acompanhamento sistemático das postagens e comentários, extração dos dados e anotações em tabelas.

A presente investigação sobre os usos da internet pela diáspora busca responder à seguinte questão geral: *como se dão as negociações e construções de sentidos sobre a migração de brasileiros em Portugal a partir das relações transnacionais e diaspóricas estabelecidas nos grupos de Facebook sobre o tema?*

Nos rastros da questão central busco: a) contextualizar, a partir de estudos e pesquisas, as características da migração de brasileiros em Portugal, a representação na mídia aos usos das redes sociais na internet; b) identificar as características das interações nos grupos observados nas redes sociais, c) compreender, na análise de dois casos, sobre as relações transnacionais estabelecidas e os desafios e possibilidades de desenvolvimento da webdiáspora no Facebook.

Para responder às questões de pesquisa, as observações tiveram como foco o conteúdo das postagens e o uso dos grupos, classificados em categorias. O perfil dos membros e administradores foram sistematizados, além das discussões geradas nos comentários.

Contribuições importantes para a pesquisa foram os diversos momentos em que os próprios participantes dos grupos refletiam nos diálogos on-line sobre suas experiências de uso da internet nas suas vivências migratórias, conforme enfatiza Hine (2015), como especialistas de suas próprias práticas. Depoimentos que surgiram sem a necessidade do pesquisador elaborar perguntas direcionadas para os membros, mas que foram desenvolvidos de forma espontânea sobretudo no decorrer da observação das atividades diárias nos grupos selecionados. Refletimos que esse tipo de situação só é

---

<sup>74</sup> Os nomes foram modificados para preservar a identidade das pessoas que fazem parte dos grupos.

possível quando se tem um longo período de observação, em uma dinâmica sistemática e integral da abordagem etnográfica, o que justifica a escolha do método.

Nesse sentido, na observação em campo das publicações e classificação dos usos nos grupos do Facebook, a partir dos assuntos e discussões, surgiram questões e reflexões sobre o modo como os brasileiros interagem e negociam os sentidos sobre a migração, sobretudo na relação estabelecida entre os que estão no Brasil e os que já migraram para Portugal. Assim como pistas que apresentavam as expectativas no uso dos grupos dos sites de redes sociais e que caracterizavam as relações estabelecidas, possibilitando a definição das questões que foram incorporadas na pesquisa.

Compreendemos que a observação mostrou-se importante não apenas por meio do campo virtual (on-line), mas também de forma presencial a partir da vivência migratória em Portugal, durante o período de 2017 a 2020. A exploração da realidade da migração e a captação das experiências dos migrantes ocorreram também em encontros presenciais. A apropriação da experiência da pesquisadora e o conhecimento dos contextos *in loco* ganharam importância durante a trajetória investigativa e facilitaram a interpretação dos dados coletados virtualmente.

De acordo com Pink et al. (2016), a experiência humana, inclusive dos próprios etnógrafos, beneficia a prática etnográfica digital. Os pesquisadores, quando experimentam os mesmos ambientes e atividades como outros podem “se conectar empaticamente com seus sentidos corporificados e experiências afetivas, ou usar suas próprias experiências na busca de compreender como seria sentir as dos outros” (p. 59).

Refletir sobre as práticas comunicativas na internet em um contexto cultural específico, em que diferentes formas de sociabilidade e subjetivação se desenvolvem, propõe um desafio metodológico. Por isso, em um primeiro momento, antes do trabalho empírico ser iniciado, foi realizado levantamento bibliográfico sobre diáspora e migrações, transnacionalismo, usos dos sites de redes sociais por migrantes e estudos sobre migrações de brasileiros em Portugal. Para, em seguida, a investigação empírica ser desenvolvida numa perspectiva de estudo de práticas, usos e interações nos sites de redes sociais, a partir da abordagem da etnografia virtual.

### **3.1.1 Reconhecimento do campo: a rede Facebook e as características dos seus grupos**

A busca na internet possibilita encontrar diversos sites, páginas e grupos sobre a temática da migração de brasileiros para Portugal. Em janeiro de 2019, foi iniciada breve observação no âmbito das práticas comunicativas nos espaços virtuais no YouTube, Instagram e Facebook, a partir da palavra-chave: brasileiros em Portugal.

Na observação preliminar realizada, buscou-se identificar os espaços e objetivos dos grupos sugeridos pelas plataformas, o que culminou na escolha por investigar os grupos do Facebook, o site de rede social mais utilizado por brasileiros, com mais de 130 milhões de pessoas ativas mensalmente, dados de dezembro de 2018, sendo o Brasil o 3º no ranking de países com o maior número de perfis na plataforma.

De acordo com dados do Facebook de março de 2019, a plataforma é usada por 2,38 bilhões de pessoas mensalmente e 1,56 bilhão diariamente. No Brasil, os dados do primeiro trimestre de 2018 apontavam 127 milhões de usuários ativos mensais (superando o WhatsApp, com 120 milhões<sup>75</sup>). A plataforma afirma que “a missão do Facebook é dar às pessoas o poder de construir uma comunidade e aproximar o mundo. As pessoas usam nossos produtos para manter contato com amigos e familiares, descobrir o que está acontecendo no mundo e compartilhar e expressar o que é importante para eles”.

Na observação preliminar no YouTube, diversos canais relatavam as experiências migratórias de brasileiros em Portugal, a maioria era em formato de guias, com foco na experiência pessoal do responsável pelo canal e com pouco espaço de interação (apenas nos comentários). O Facebook, por sua vez, possibilita que várias pessoas possam compartilhar postagens nos grupos criados em torno de interesses comuns. Foram identificadas ofertas de assessorias jurídicas e de venda de manuais de viagem no YouTube, que de forma clara apresentavam a “indústria das migrações”, formada por pessoas que “podem ajudar ou explorar os migrantes” (Castles, 2005, p. 24).

---

<sup>75</sup> Pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha em abril de 2019 revelou uma tendência de queda de 5% no uso do Facebook por brasileiros nos últimos 17 meses (Foram ouvidas 2.038 em 130 municípios do Brasil, nos dias 2 e 3 de abril de 2019). Entre os motivos estão a desconfiança da veracidade das notícias e os casos de vazamento de dados privados. Notícia: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/facebook-registra-tendencia-de-queda-no-brasil-diz-datafolha.shtml> (visualizada em 15/09/2019).

No Instagram, perfis também destacavam a divulgação de serviços de assessorias e produtos, tais como guias e cursos que prometiam explicar como migrar para Portugal. Muitos faziam publicidade de canais do YouTube que tinham relação, postagens sobre cotação do Euro, mensagens de otimismo, mas em alguns perfis eram publicadas apenas fotos de Portugal, ou relatos do dia a dia de novos moradores. O perfil com o maior número de seguidores, quase 8 mil pessoas, oferecia tirar dúvidas sobre a vida em Portugal no *direct* (janela de bate-papo do site), de forma gratuita. Diferentemente do Facebook, no geral, verificou-se que as contas apresentavam poucos comentários e seguidores.

O Facebook foi escolhido por possibilitar um amplo ambiente de interação e discussão de ideias, com forte presença de brasileiros, grupos estabelecidos e acesso a várias narrativas em um espaço de intensa participação não só através de comentários, mas por meio das publicações, ampliando as possibilidades de análise. A escolha também foi baseada no conteúdo disponível nos grupos, considerado suficiente para análise e para responder às questões propostas na pesquisa.

Criado por um grupo de amigos, em 2004, entre eles o atual presidente e diretor executivo Mark Zuckerberg, com o nome de “Thefacebook.com”, a ideia inicial era criar perfis de estudantes da Universidade de Harvard (EUA) com informações pessoais e fotografias. Em 2005, passou a se chamar “Facebook” e as mudanças e adaptações se tornaram constantes nesses 15 anos de existência em busca de se tornar cada vez mais atraente para os usuários que rapidamente se espalharam por todo o mundo. Em 2009, foi acrescentado o botão curtir e, em 2016, as reações: “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “nervoso”. A aquisição de outros aplicativos, como o Instagram e WhatsApp, em 2012 e 2014, só fortaleceu a dominação da plataforma entre os sites de redes sociais.

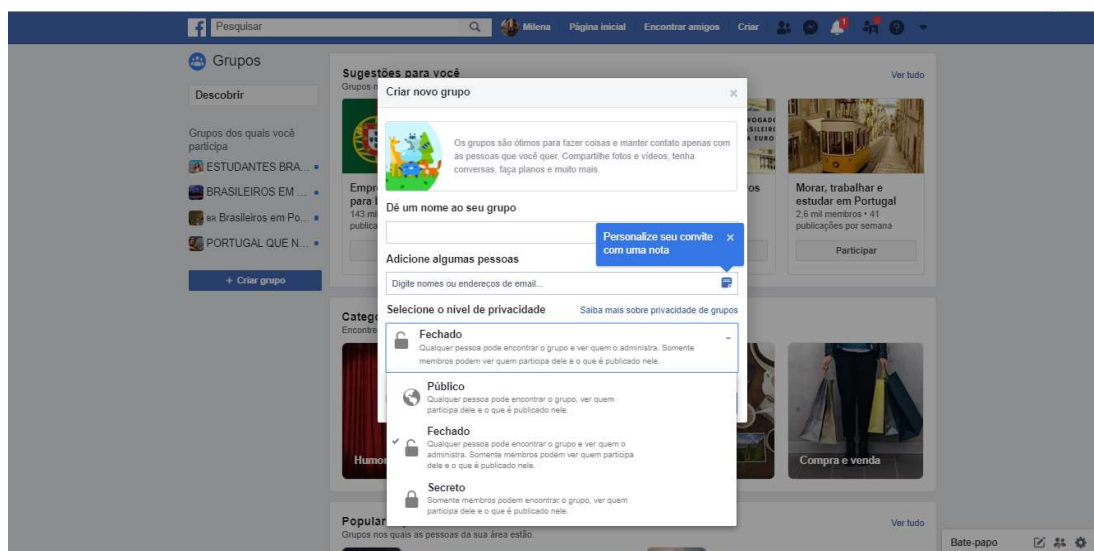
Além do perfil, que permite que o usuário organize as informações que deseja compartilhar (textos, imagens, vídeos), os grupos foram introduzidos em setembro de 2004 e sua versão revisada em outubro de 2010. A novidade era a possibilidade de todos no grupo receberem uma notificação a cada nova publicação de um membro. Por padrão, os novos grupos eram fechados e as postagens só eram visíveis aos participantes. Essa solução foi apresentada na época como uma possibilidade de conectar o usuário “com as pequenas comunidades de pessoas em sua vida, como seus

colegas de quarto, colegas de trabalho e familiares” e compartilhar coisas em um espaço privado.

De acordo com dados do Facebook de 2019<sup>76</sup>, mais de 500 milhões de pessoas usam os grupos, esses espaços servem para conversas não só com familiares ou amigos, mas possibilitam personalizar as configurações de privacidade e criar grupos de interesse que reúnem uma quantidade bem maior de pessoas, desconhecidas também, tais como os grupos dos migrantes em diversos países espalhados pelo mundo.

Nos grupos denominados “fechados”, na época da pesquisa, qualquer pessoa poderia localizar e ver quem o administra, mas somente membros podem ver quem participa dele e o que é publicado; no “Público”, qualquer pessoa pode encontrar o grupo, ver quem participa e o que é publicado nele; e no “Secreto”, somente membros podem encontrar o grupo, ver quem participa e o que é publicado. Nesses grupos, as pessoas podem publicar atualizações, compartilhar fotos e arquivos, de acordo com as regras de cada espaço, existindo também a possibilidade de serem banidos pelos administradores, em caso de desconformidade com as regras.

Figura 1 - Imagem de tela do Facebook na área de grupos em 17 de julho de 2019



Fonte: Facebook

Em outubro de 2019, uma atualização nos nomes da privacidade dos grupos é aplicada pelo Facebook, sem mudanças em relação a quem pode ver o grupo, seus

<sup>76</sup> Dados do Company Info - Facebook: <https://newsroom.fb.com/company-info/> (visualização em 17/07/2019).

membros e publicações, apenas o nome da configuração mudou de “fechado” para “privado”, com a seguinte mensagem: “🔒 Este é um grupo privado. Exatamente como antes, apenas membros podem ver que você é um membro e o que você publica. 👁 Este grupo está visível na pesquisa e em outros lugares. Exatamente como antes, qualquer pessoa pode encontrá-lo e solicitar a participação”.

Em relação às opções de privacidade para grupos do Facebook, uma página explicativa do site informa que a atualização dos nomes dos níveis de privacidade de grupos e a nova configuração ocorreram “para que os administradores decidam quem pode encontrar o grupo”. A atualização apresentada seria disponibilizada para os administradores e membros do grupo nas semanas posteriores.

**Figura 2 - Quadros de definições sobre a privacidade dos tipos de grupos do Facebook**

Se o grupo for...	Logo ele será...	
Secreto	Privado e oculto em pesquisas*	
Fechado	Privado e visível em pesquisas*	
Público	Público e visível em pesquisas*	
	Público	Privado
Quem pode ver o que os membros publicam, comentam e compartilham no grupo?	Qualquer pessoa	Membros atuais
Quem pode ver a lista de membros no grupo?	Pessoas no Facebook	Membros atuais
Quem pode ver quem são os administradores e moderadores?	Pessoas no Facebook	Pessoas no Facebook

Fonte: Facebook

\*Pesquisas e outros locais que alguém pode usar para encontrar o grupo.

Nota . Outras definições relevantes do Facebook:

- Membros convidados são membros de um grupo que podem ver o grupo no modo de prévia.
- Quando uma Página começa a participar de um grupo, pode ser que ela tenha vários administradores. Todos eles podem ver e interagir com as publicações e os membros do grupo.
- Caso um administrador do grupo tenha adicionado um aplicativo de terceiros, o aplicativo terá acesso às publicações e aos comentários do grupo. Os aplicativos de terceiros não conseguem acessar quem escreveu as publicações e os comentários, a menos que tenham recebido permissão por parte do autor.
- Detentores de direitos selecionados talvez possam pesquisar publicações de grupos de vendas para evitar o uso indevido de propriedade intelectual no Facebook.
- Para comunidades da faculdade, somente membros podem ver outros membros e publicações. Somente membros da comunidade da faculdade podem participar dos grupos da comunidade. Para grupos abertos dentro das comunidades da faculdade, qualquer pessoa da comunidade pode ver quem está no grupo e o que é publicado.

Ao analisar o menu dos grupos, foram observadas as seguintes seções: “sobre” (apresenta a descrição e tipo do grupo, grupos recomendados pelos administradores,

número de participantes entre membros, administradores e moderadores, regras do grupo, publicações recentes mais relevantes e fotos), “discussão” (contém os avisos e publicações dos participantes), “avisos” (publicações fixas dos administradores, geralmente com as regras do grupo ou outros assuntos relevantes). Na seção “membros”, os participantes dos grupos são separados de acordo com algumas características, tais como: “membros com coisas em comum”, “membros que moram em Lisboa” e “novos no grupo”, além das “páginas” (perfis públicos usados por figuras públicas, empresas, organizações, etc).

Alguns membros são identificados por selos do Facebook, são símbolos ao lado do seu nome que indicam, de acordo com a plataforma, algo interessante e ajuda a pessoa a “se destacar na Página e entre os outros”. É possível ver a lista de todos os membros do grupo que têm o selo, são eles: membro novo (símbolo de uma mão cinza que indica que a pessoa entrou há menos de duas semanas), moderador (um brasão com um símbolo de verificação, indica os que gerenciam os membros e publicações no grupo), administrador (símbolo de um brasão com uma estrela, responsáveis por gerenciar os membros, moderadores, publicações e configurações), *rising star* (símbolo de uma estrela brilhante, indica pessoas que fizeram posts atraentes no primeiro mês de inscrição), superfã (símbolo de um diamante, indica pessoas mais ativas da página), puxador de conversa (símbolo de uma xícara de chá, indica pessoas que sempre criam discussões significativas com suas publicações) e narrador visual (símbolo de uma paisagem e um balão de conversa, indica pessoas que consistentemente compartilham imagens ou vídeos que os seguidores valorizam).

Em um dos grupos, foi observada uma seção chamada “Mentoria”, com a proposta de ser um espaço para compartilhar experiências ou aprender habilidades entre os membros. Estavam cadastrados mais de 250 mentores, em 17/07/2019, e 83 perfis que solicitam mentoria. É possível encontrar parceiros de mentoria através dos perfis criados para apresentação da pessoa e do tipo de apoio que ela procura ou como pode ajudar. Qualquer membro do grupo pode pedir mentoria ou se oferecer para ajudar. Quando uma solicitação é aceita, uma conversa do Messenger é criada e as pessoas podem se ligar e conversar. Entre as áreas indicadas para oferecer apoio: casamento e relacionamentos, luto, mudanças de vida, saúde e boa forma, espiritualidade, criação de

filhos, envelhecimento e outras. Os selos e a mentoria não foram ferramentas que se mostraram relevantes durante a pesquisa.

### 3.1.2 Observação preliminar: a escolha dos grupos do Facebook

No Facebook, em maio de 2019, a ferramenta de busca da plataforma sugeriu quatro grupos e quatro páginas (perfis públicos usados por figuras públicas, empresas, organizações, etc) a partir do termo “brasileiros em Portugal”. Os quatro grupos contavam com 247 mil, 111 mil, 87 mil e 48 mil membros (números de 03/05/2019), conforme Tabela 1.

**Tabela 1 - Brasileiros em Portugal: quatro grupos e quatro páginas sugeridos pelo Facebook em 03/05/2019**

Nome	Tipo	Nº de participantes	Descrição/Identidade (sobre)
G1	grupo fechado (geral)	247 mil	Este grupo foi criado para apoio aos que precisam de informações e será banido do grupo quem fizer deboches, comentários maldosos, quero que levem mais a sério o grupo, respeito acima de tudo.
G2	grupo fechado (geral)	111 mil	Espaço criado para brasileiros que pretendem morar ou já moram em Portugal.
G3	grupo fechado (geral)	87 mil	Grupo de intercâmbio e troca de experiências de brasileiros em Portugal.
G4	grupo fechado (geral)	48 mil	Grupo Criado para trocarmos informações e experiências sobre vários aspectos de se viver em Portugal.
P1	página (comunidade)	85 mil curtidas	Para publicidade sugerimos <a href="http://www.facebook.com/ClassificadosEmPortugal">www.facebook.com/ClassificadosEmPortugal</a>
P2	página (Agência de consultoria)	8,7 mil curtidas	Esta pg terá como objetivo orientar brasileiros q pretendem ir para Portugal ou os que já estejam no país, mas estão com dificuldades.
P3	página (Político - Guia Turístico)	3,7 mil curtiram	Nosso objetivo e passa informações . Sobre viver em Portugal . . Notícias pelo Mundo.
P4	página (comunidade)	9 mil curtiram	Página destinada a todos os Brasileiros que vivem ou já viveram em portugal! fazendo a conexão entre as duas pátrias,

Fonte: elaboração da autora

Nota geral. Dados do Facebook e reprodução do texto original, na coluna Descrição/Identidade, como apresentado na descrição dos grupos, sem indicação dos erros ortográficos ou gramaticais.

Vale ressaltar que o perfil do Facebook utilizado para a pesquisa foi criado pela investigadora apenas para este fim, sem amizade ou publicação, apenas atualização de

data de nascimento, cidade, identificação de estudo na Universidade Nova de Lisboa, fotos de perfil e capa e um evento marcado em Lisboa (Fundação Gulbenkian).

### *Grupos privados*

Os grupos descritos como privados são aqueles que exigem solicitação aos administradores para visualizar as publicações. Em dois grupos foi preciso responder perguntas sobre a intenção de participar, como no caso do G1 (247 mil participantes), que contava com 8 administradores e 3 moderadores. Também foi solicitada a leitura das regras do grupo “sob pena de banimento permanente”, no caso do não cumprimento das mesmas:

### **Figura 3 - Regras do grupo publicadas na plataforma, reproduzidas conforme publicação no grupo, observadas em maio de 2019**

1 Expressar opiniões sempre respeitando a todos.

Não será permitido qualquer tipo de Constrangimento: Bullying, ou discriminação por conta de suas Etnias. Respeitando sempre suas privacidades, Não te agradou a publicação: passe para a próxima.

2 Seja simpático e gentil

Precisamos nos unir para criar um ambiente acolhedor. Vamos tratar todos com respeito. Discussões saudáveis são naturais, mas seja gentil e educado(a).

3 Tolerância Sempre com o Próximo!

Quando alguém pedir alguma informação: sobre: Aluguel, localidade, experiências de quem já vive em PT. e outras coisitas, se você pode ajudar bem, Caso contrário deixa para quem sabe.

4 ❖EXPRESSAMENTE PROÍBIDO❖

❖Guias de como vir morar em Portugal ou conteúdos que incentive a tal.

(Não nos responsabilizamos por nenhum assunto relacionado a imigração ilegal nem a chamadas em privado).

Fonte: Facebook

A proibição de divulgação de guias sobre como migrar para Portugal foi identificada em vários grupos durante as observações preliminares, mostrando que a

prática comercial era recorrente nesse tipo de grupo. Trata-se de arquivos em forma de manual, geralmente em PDF, com informações sobre o processo de mudança para um país estrangeiro, tais como documentações e procedimentos, e que são vendidas em perfis ou canais que abordam o assunto da migração. No grupo G4 (48 mil membros), era preciso responder a duas perguntas para entrar, uma delas também sobre os guias: “É PROIBIDO PUBLICAÇÃO DE "GUIAS" PARA MORAR EM PORTUGAL OU ALGO SEMELHANTE, CONCORDA?”.

A outra pergunta se relacionava à “principal” regra do grupo que seria “tratar todos com educação e sem discriminação”. Era necessário responder “sim” ou “não” em ambas as perguntas<sup>77</sup>. Nesse mesmo grupo, que conta com três administradores, uma das regras tratava sobre a proibição de “bullying de qualquer tipo” e “comentários degradantes sobre raça, religião, cultura, orientação sexual, gênero ou identidade”. As regras de boa convivência estabelecidas em rejeição à discriminação e comentários ofensivos já evidenciam que os problemas recorrentes nos grupos são em relação a discriminação.

As autorizações para entrada nos grupos foram respondidas no mesmo dia em que os pedidos de entrada foram enviados pela pesquisadora. Nos outros dois grupos sugeridos, G2 (111 mil membros) e G3 (87 mil membros), foi necessário apenas enviar a solicitação, sem questões a serem respondidas.

Entre as características gerais observadas nas descrições dos grupos, percebe-se que há interesse em gerar informações para os futuros migrantes ou tirar dúvidas dos que já migraram, considerando como público os que estão ou já estiveram em Portugal e os que pretendem migrar para o país. O objetivo da interação é a troca de informações, opiniões ou experiências entre brasileiros, incluindo os “vários aspectos de se viver em Portugal”.

No grupo G1, o maior em número de participantes<sup>78</sup>, foi possível constatar que o objetivo de “dar apoio aos que precisam de informações” era alcançado com a participação de muitas pessoas que faziam perguntas. Entre as respostas, algumas propagandas de perfis no Instagram e canais de YouTube (apesar de ser proibida a

<sup>77</sup> Em maio de 2019, é publicado um aviso pelo administrador informando que estavam liberadas as publicações sem necessidade de aprovação prévia pelos administradores, “porém agora também a tolerância é zero. Qualquer publicação ou comentário impróprio, o autor será banido do grupo de imediato sem chances de defesa”. Finaliza solicitando que: “denunciem todo o tipo de "guias", intolerância, racismo, ofensas, etc.”

<sup>78</sup> Em 27/06/2019 já contava com 264.378 mil participantes.

propaganda no grupo) criados para tirar dúvidas sobre a migração. Ofertas de empregos e sugestões de formação de grupos no WhatsApp para tirar dúvidas tinham grande repercussão entre os participantes.

No grupo G4 (48 mil membros), entre as postagens observadas, sobressai o objetivo de interagir com o grupo, fotos dos membros com anúncios em busca de relacionamentos amorosos, além de mensagens desejando bom dia ou depoimentos positivos de quem optou por morar em Portugal. No período da observação foi identificado um perfil que frequentemente enviava mensagens de motivação para os membros.

Percebemos, pelo objetivo geral dos grupos do Facebook sobre a temática de brasileiros em Portugal, que eles buscam dar apoio ao futuro migrante, a partir da troca de informações, opiniões e experiências (Foletto, 2016). Nesse sentido, também foram identificados momentos de envolvimento dos participantes em discussões, relatos de discriminações sofridas e comparações entre Brasil e Portugal.

### *Páginas*

Nas quatro páginas sugeridas pela plataforma, a mais curtida era a P1, que, apesar das 85 mil curtidas, número bem superior comparado as outras páginas, estava desatualizada. A última postagem havia sido publicada há dois meses, no dia 8 de março de 2019. Tratava-se de uma notícia da BBC com a manchete: “Como brasileiros são atraídos por ofertas de emprego no exterior e acabam vítimas de trabalho escravo<sup>79</sup>”. Destacava-se entre as publicações, crítica a um deputado brasileiro de um partido de esquerda que visitara Portugal.

Entre as outras páginas observadas, uma era identificada como “agência de consultoria”, e a maior parte das publicações era de notícias policiais publicadas em jornais, sobre operações de fiscalização ou detenção de migrantes, assaltos, prisões, abusos. Em geral, as páginas se propunham a compartilhar notícias de jornais de interesse ou sobre os migrantes, sobretudo as policiais, e muitas vezes sem atualizações recentes.

---

<sup>79</sup> Leia matéria completa aqui: <https://bbc.in/2XGvE8V>

### *Outros grupos identificados a partir de contatos informais, face a face*

Sem limitar a atenção apenas no ambiente on-line, durante todo o período da pesquisa foram desenvolvidas conversas informais com migrantes brasileiros que viviam em Lisboa e representantes e membros de associações envolvidas com a temática migratória, tais como a Casa do Brasil em Lisboa<sup>80</sup> e a Associação Renovar a Mouraria<sup>81</sup>.

A participação, enquanto pesquisadora e migrante, em eventos sobre a migração na Casa do Brasil e o trabalho voluntário desenvolvido na Associação Renovar a Mouraria foram relevantes para a compreensão da mobilização e do contexto social e político da migração em Portugal.

A fase de observação preliminar dos sites de redes sociais também foi auxiliada pelo contato pessoal com migrantes brasileiros em Lisboa, em conversas nesses eventos acadêmicos e culturais. Momentos em que alguns revelaram a busca por auxílio em grupos do Facebook no processo de migração ou mesmo citavam páginas que acompanhavam. A sugestão de uma estudante brasileira, durante um evento do Observatório das Migrações, em janeiro de 2019, foi a página PNC. Outra sugestão, de uma pesquisadora de mídias alternativas que vivia em Braga foi a página MBB. Essas duas sugestões foram consideradas, além das indicações da ferramenta de busca do próprio Facebook relatadas anteriormente, e acompanhadas com frequência, de janeiro a maio de 2019, também com interesse em perceber as características gerais.

O grupo do Facebook PNC (48.653 participantes em fevereiro de 2019) tinha três administradores e quatro moderadores, e a temática era centralizada nos relatos de experiências migratórias, a exemplo de situações de discriminação no trabalho,

---

<sup>80</sup> A Casa do Brasil de Lisboa é uma associação civil sem fins lucrativos fundada em 1992 para promover a cultura brasileira em Portugal através de atividades culturais, políticas, de apoio social e jurídico aos migrantes. Durante o período de pesquisa, participei como migrante de diversas palestras, encontros com os migrantes, exibição de filmes e eventos culturais.

<sup>81</sup> A Associação Renovar a Mouraria foi criada em 2008 com o objetivo de revitalizar o bairro histórico da Mouraria, em Lisboa, em âmbito social, cultural, econômico e turístico. O bairro é habitado por mais de 50 nacionalidades e faz parte de uma área histórica da cidade de Lisboa que estava abandonada. Durante a pesquisa, participei como voluntária em junho de 2018 no evento cultural das festividades de Santo António realizado no bairro, em atividades de vendas de alimentos. Posteriormente, integrei a equipe de redação da 10ª edição do *Jornal Rosa Maria*, criado em 2010 e que, após um período sem edições, foi reativado em janeiro de 2019. A experiência do trabalho voluntário nas festas de Santo António, apesar de bastante pontual, evidenciou um momento de intensa integração entre brasileiros e portugueses a partir da cultura.

xenofobia e discussões com muitos comentários. A descrição do grupo já revelava o objetivo de alertar sobre a realidade dos migrantes, o que, segundo eles, seria de “dolorosas verdades que acontecem quando se imigra”: “então esse grupo tem o foco de mostrar não o lado lindo de Portugal ... pois isso já tem vários grupos que fazem .... Nosso intuito é mostrar aquilo que realmente ninguém te conta ... Que não passa no Globo Repórter !!!<sup>82</sup>”.

Já no grupo fechado MBB, criado em 19 de março de 2018 para troca de experiências sobre como criar um filho em Portugal, foi preciso responder a duas questões para entrar: se você mora em Braga ou quando pretende, e se você tem filhos. Tive a informação que a organizadora do grupo mantinha um perfil no Instagram - “DUB” - que era bastante utilizado. Acompanhei as postagens pelo perfil do Instagram, já que não obtive acesso ao grupo fechado do Facebook por não atender aos critérios para entrar.

O perfil do Instagram DUB, iniciado em 08/05/2018, é descrito como um blog pessoal de M. C. (mãe do B. e H.), usado para integração, sobretudo com registro de encontros presenciais do grupo do Facebook. Como relatou a organizadora em postagem que comemorava seis meses do primeiro encontro (realizado no dia 15/05/2018), o grupo foi iniciado por “9 mães brasileiras recém (ou quase) chegadas aqui em Braga que precisavam de um tempo para compartilhar experiências, conhecimentos, espalhar, se sentirem acolhidas, conhecer pessoas e perceber que no fim todas sentem as mesmas coisas com tantas mudanças”. Os encontros passaram a ser semanais e foi possível perceber que o uso do site de rede social estava intimamente relacionado com esses eventos presenciais.

A observação preliminar foi importante para avaliar as características gerais das ferramentas e dos espaços dos sites de redes sociais para posterior definição dos objetos de análise, de acordo com a proposta da pesquisa.

Durante o processo, a indicação dos próprios migrantes, de páginas e grupos acompanhados por eles, tornou-se interessante. Compreendendo que as definições da pesquisa também devem partir da vivência em campo, em uma trajetória metodológica que é construída na medida em que se caminha, através de pistas dadas ao pesquisador

---

<sup>82</sup> Faz alusão ao programa semanal de reportagens “Globo Repórter”, da maior emissora de televisão aberta do Brasil, Globo, que já apresentou algumas vezes a temática sobre a vida do migrante brasileiro em Portugal, reforçando características atrativas do país.

(Passos & Barros, 2009) pelo campo que ganha vida, voz e participa. Entendendo também que a investigação acompanha uma diáspora “como uma formação cultural dinâmica” que demanda sensibilidade para propor discussões éticas e teóricas sobre migração (Alinejad et al, 2019).

Consideramos que os usos das mídias digitais pela diáspora são influenciados por questões técnicas, tecnológicas, de ferramentas disponíveis, e que partem das experiências e vivências de migrantes brasileiros em Portugal. A partir dessa diversidade de ferramentas, características e possibilidades de uso de cada uma delas, foi definido um único site de redes sociais para a investigação: o Facebook. Mesmo compreendendo que, na realidade, as pessoas utilizam os diversos sites ao mesmo tempo e eles se interconectam, fato observado no grupo de Facebook quando anúncios de canais de YouTube ou grupos de WhatsApp eram recorrentes.

#### *Implicações éticas da pesquisa em ambiente virtual: preocupações sobre privacidade*

O método etnográfico virtual, assim como todos os métodos, tem suas implicações éticas, e o processo de coleta de dados nos grupos do Facebook levantou preocupações sobre a privacidade dos membros, por se tratar de grupos fechados/privados. As reflexões e diretrizes da *Association of Internet Researchers (AoIR)*, auxiliaram em relação ao cuidado na coleta de dados de sites de mídia social para “garantir a privacidade e dignidade dos sujeitos”, de acordo com o plano de desenvolvimento *Internet Research Ethics (IRE)*.

Para discernir sobre as principais questões éticas presentes nesta pesquisa e refletir sobre as possíveis soluções aos desafios apresentados, respondemos às perguntas norteadoras sugeridas nos planos de desenvolvimento *Internet Research Ethics*<sup>83</sup> (IRE) para capacitar práticas de pesquisa eticamente informadas, sobretudo o IRE 3.0, tais como: “Onde ocorre a interação/ação, comunicação, etc. em estudo?”; “Quais expectativas éticas são estabelecidas pelo local?”; “Quem são os sujeitos?”

---

<sup>83</sup> O IRE 1.0 e 2.0 apresenta abordagens éticas fundamentadas para ajudar os pesquisadores da internet com problemas emergentes; já o IRE 3.0 fornece uma estrutura geral para análise ética e identificação de questões relevantes, com sugestões sobre como enfrentar os desafios relacionados com as mudanças e desenvolvimentos tecnológicos, legais e éticos nas pesquisas na internet, em diferentes estágios e no desafio do consentimento informado em dados.

Publicadores/autores/criadores do material e/ou inter/ações em estudo?<sup>84</sup>” (Franzke et al, 2020, p. 7).

Nesta pesquisa, a interação em estudo ocorre em dois grupos privados do Facebook que impõem regras para participação e que, pelos critérios de entrada de membros descritos nos tópicos a seguir deste capítulo, verificamos que há o estabelecimento de expectativa de privacidade no ambiente virtual. Também, ao se tratar de sujeitos que compartilham diversas informações pessoais nos grupos, sobretudo em contexto de preparação para a migração, há a preocupação em relação à proteção dos dados dos participantes. Por diversas vezes foi possível acompanhar comentários que alertavam para o risco de órgãos da polícia migratória ter acesso aos dados compartilhados nos grupos, assim como o uso dos dados para fins comerciais, como serão relatados nos próximos capítulos.

Como estabelece o guia da *AoIR*, mesmo nos casos em que as realidades técnicas dos sites de redes sociais não possam garantir a privacidade, “a ética deontológica exige o respeito a essas expectativas e, assim, protegendo essas trocas como anônimas ou pseudoanônimas e/ou exigindo consentimento informado para seu uso como forma primária de proteger as normas (deontológicas) de autonomia e igualdade” (Franzke et al, 2020, pp. 7-8).

De acordo com as normas deontológicas, os sujeitos têm sempre autonomia e autoridade sobre os seus dados, mesmo em um grupo com grande número de pessoas, tais como os analisados nesta tese que reúnem entre 70 e 300 mil membros, configurando uma comunicação destinada a um público amplo, sem um grau de confidencialidade restrito. Deve-se levar em consideração também que, geralmente, os pesquisadores não são o público-alvo do conteúdo gerado pelo usuário, que costumam perceber os grupos como privados. Logo, é preciso ter em mente a preservação da autonomia e igualdade dos usuários. Tendo em conta essas características e as orientações da *AoIR*, a decisão ética foi pelo anonimato dos grupos e dos membros.

Franzke et al. (2020) consideram que as diferentes plataformas têm várias culturas de uso e que levam a implicações éticas diversas. Os autores compreendem que ambiguidade, incerteza e desacordo são inevitáveis na pesquisa na internet, e refletem

---

<sup>84</sup> Tradução para: “Where does the inter/action, communication, etc. under study take place?; What ethical expectations are established by the venue?; Who are the subjects? Posters / authors / creators of the material and/or inter/actions under study?”.

sobre a diversidade de respostas para os problemas éticos e procedimentos de tomada de decisão ética em suas múltiplas interpretações e aplicações dos procedimentos [utilitarismo, deontologia, ética feminista, etc.] a casos específicos.

Nesta pesquisa etnográfica realizada nos grupos de Facebook, são apresentados vários trechos de postagens de pessoas diversas, assim, primeiramente mostrou-se necessário o anonimato dos produtores dos dados utilizados, suprimindo o nome nas postagens e comentários utilizados para preservar suas identidades, avaliando que não haveria possíveis consequências na retirada de tais informações. Também não se mostrou relevante identificar o sexo dos participantes, apenas em discussões de questões que envolvessem o tema de gênero ou quando a informação era ressaltada pelos próprios participantes nos textos, como no caso das mães ao citarem ter filhos.

Ainda para cumprir com a expectativa de privacidade e não possibilitar a identificação dos membros, foi estabelecido o anonimato dos dois grupos analisados, o que não prejudicou as reflexões do trabalho. Assim como todas as imagens visuais (fotografias e imagens dos migrantes) foram distorcidas e descritas em texto.

Meses após o período de coleta de dados, um dos grupos foi excluído da plataforma, impossibilitando a localização das citações da tese por meio da ferramenta de busca, o que garantiu a completa privacidade dos participantes do maior grupo analisado. Situação que não prejudicou a pesquisa, pois a análise já estava finalizada, como também não alterou a decisão de manter o anonimato dos dois grupos. A possibilidade de extinção dos grupos precisa ser considerada nas etapas de construção das questões de investigação, definição da extração e análise de dados como limitações impostas pelas plataformas, que são caracterizadas pela instabilidade, mudanças contínuas e restrições de acesso aos dados públicos.

Nos grupos fechados que condicionam o acesso a determinadas questões, optou-se, na fase de observação preliminar, em dar as informações solicitadas e não tentar o acesso por meio da apresentação como pesquisadora. Tratando-se de uma pesquisadora que é migrante e estudante em Portugal, já atendia a alguns critérios dos grupos, principalmente pelo fato de residir em Portugal. Mas, por exemplo, no grupo com a temática da maternidade, ao responder que não tinha filhos, não recebi a autorização de entrada.

Após a seleção dos grupos que seriam acompanhados, foi estabelecido contato com um administrador de cada grupo para apresentação da pesquisadora e da pesquisa que seria realizada. Com um deles, foram desenvolvidas conversas informais pelo WhatsApp, enquanto com o outro houve apenas a apresentação e tentativa sem sucesso de programar uma conversa. A apresentação foi importante para que ambos tomassem ciência da pesquisa e das observações que seriam realizadas no grupo, como também abria a possibilidade de recusa da pesquisadora no grupo, caso fosse a intenção dos administradores. São decisões que buscam soluções para alcançar uma pesquisa que seja norteada pela ética, já que a autorização consentida de um grupo entre 70 e 300 mil pessoas seria praticamente impossível.

### **3.2 Entrada em campo: observação dos grupos do Facebook “BeP” e “PNC”**

Em um segundo momento, após as observações preliminares durante o primeiro semestre de 2019, foram então selecionados dois grupos do Facebook para acompanhamento sistemático e em profundidade: o G1 (que passo a denominar de “BeP”), por se tratar de um grupo com grande quantidade de participantes (271.439 mil membros, em 22/07/2019<sup>85</sup>) sobre a temática geral e por representar o perfil mais comum, de apoio para grupos de migrantes, e o PNC<sup>86</sup> (65.282 mil membros, em 22/07/2019), por ter uma proposta de ser um espaço para compartilhamento de experiências migratórias dos brasileiros, críticas e reflexões, sugerindo ser menos influenciado por interesses comerciais. Além de ter sido indicado por uma migrante durante as vivências em Portugal, e não pela plataforma.

Pelos objetivos dos grupos observados, é possível perceber as perspectivas distintas dos dois grupos: um mais voltado para o apoio ao migrante, além de propagandas, e o outro como espaço de discussões e críticas. Optamos pelo período de análise em meses consecutivos com o objetivo de acompanhar a construção dos acontecimentos e narrativas apresentadas pelos brasileiros: 2019 (agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro) e 2020 (janeiro).

---

<sup>85</sup> Em 21/12/2019 o grupo atingiu o número de 300 mil membros. Em 09/02/2020 já eram 316 mil membros.

<sup>86</sup> Como já explicado anteriormente, optou-se pela não identificação dos nomes dos dois grupos para preservar a autonomia e privacidade dos membros.

O grupo BeP foi criado em 28 de setembro de 2014 e passou por algumas mudanças de nome que evidenciam disputa pela administração do mesmo. Em 17 de maio de 2018 foi estabelecido o nome atual, não sendo possível identificar o nome da época da criação<sup>87</sup>. Durante a observação preliminar, constatou-se que muitos grupos sobre a temática migratória de brasileiros em Portugal haviam sido criados em 2018, revelando um período de efervescência e participação dos brasileiros nas redes sociais, acompanhando o contexto de aumento do número de migrantes em Portugal.

No menu, a descrição do grupo, na aba “sobre”, indica como objetivo do BeP dar “apoio aos que precisam de informações” e há um pedido de respeito aos participantes e ameaça de banimento para quem “fizer deboches, comentários maldosos”, evidenciando que práticas desrespeitosas entre os membros podem ser comuns. A imagem de capa é uma foto noturna da ponte 25 de abril e do Santuário Nacional de Cristo Rei, localizado no concelho de Almada. Identificado como um grupo “geral<sup>88</sup>”, gerido por dez administradores e dois moderadores, na seção “avisos” também do menu, é possível verificar publicações do moderador com propagandas de festas promovidas em um hostel em Lisboa, assim como outras propagandas dos outros administradores: quartos para alugar, serviços de uma advogada que trata sobre migração, espetáculo de teatro, agência de publicidade, etc.

Há uso do grupo para divulgação de produtos e eventos de interesse dos que administram, enquanto uma das regras do grupo libera para os membros anúncios apenas uma vez por semana (segundas-feiras). Mensagens explicativas sobre as burocracias em Portugal, o processo da migração e as diferenças culturais com o Brasil também são assuntos nos avisos, assim como as regras de convivência no grupo. No menu “arquivos”, o conteúdo se repete: propagandas (venda de imóvel), notícia sobre o consulado de Portugal, dicas de como transportar animal e sobre o visto de residência,

---

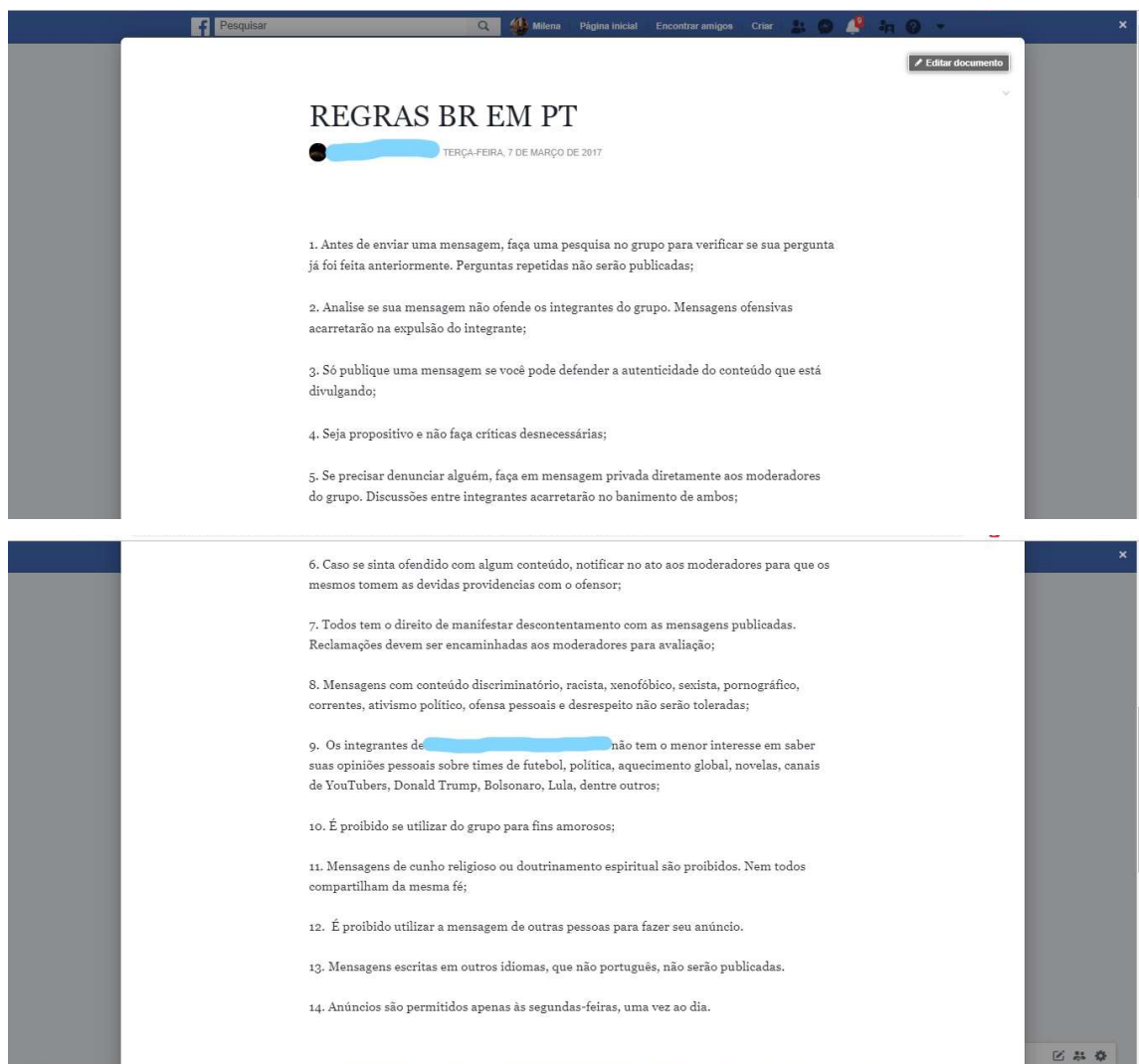
<sup>87</sup> No histórico do grupo é possível identificar que no dia 17 de maio de 2018, antes do estabelecimento do atual nome BeP, o grupo teve as seguintes mudanças de nome:

- Alterou o nome para Grupo Roubado (17 de mai de 2018)
- Alterou o nome para BeP (17 de mai de 2018)
- Alterou o nome para GRUPO INVADIDO (17 de mai de 2018)
- Alterou o nome para Burro! Você Nao É Homem! (17 de mai de 2018)
- Alterou o nome para Cuida Do Que é Seu! (17 de mai de 2018)
- Alterou o nome para Grupo Raqueado (17 de mai de 2018)
- Alterou o nome para Grupo Raqueado(manutenção) (17 de mai de 2018)
- Alterou o nome para Grupo Invadido E Sobe InvestigaçãO! (17 de mai de 2018)
- Alterou o nome para Grupo Invadido E Sobe Investigacao!

<sup>88</sup> Na época da observação exploratória preliminar realizada em maio de 2019, o grupo era identificado como “família” e eram três os moderadores.

além de documento com as regras do grupo. As outras seções, “eventos” e “recomendações”, são pouco utilizadas, apenas três eventos cadastrados em 2019.

Figura 4 - Captura de tela das regras do Grupo BeP publicadas nos “arquivos” do grupo



Fonte: Facebook

O grupo PNC<sup>89</sup> é do tipo geral e fechado, foi criado em 25 de maio de 2018, com 65.049 mil membros, sendo organizado por quatro administradores: O.T.N. (perfil identificado no Facebook como humorista, sem nome real), S.A., V.R.F e G.S.P.; e outros quatro moderadores: R.S., P.A.M., S.F. e P.R. (dados obtidos em 16/07/2019),

<sup>89</sup> Houve uma alteração no nome em 3 de julho de 2019 para PNC (OFICIAL).

mas várias mudanças na configuração dos moderadores foram identificadas durante a observação do grupo.

A foto de capa é do ator Tom Hanks com uma expressão de estranhamento e desespero, escrevendo em uma árvore o nome do grupo. A imagem é do filme “O Náufrago”, sucesso do ano de 2001, que conta a história de Chuck Noland, um funcionário da empresa de entregas FedEx que sofre uma queda de avião em uma ilha deserta no Oceano Pacífico e é o único sobrevivente. Sem conseguir socorro, ele aprende a sobreviver na ilha.

A imagem já remete à ideia principal do grupo, que é compartilhar as estratégias de sobrevivência dos brasileiros que vivem em Portugal. Na descrição, eles iniciam questionando: “Portugal é maravilhoso?”, e respondem que sim ao comparar com as condições atuais do Brasil. Em meio à nova onda de emigração de brasileiros para Portugal, eles justificam que o grupo foi criado para orientar os brasileiros que chegam (“seja como for, com visto, sem visto, com dinheiro, sem dinheiro”), e fazem críticas aos que não se planejam.

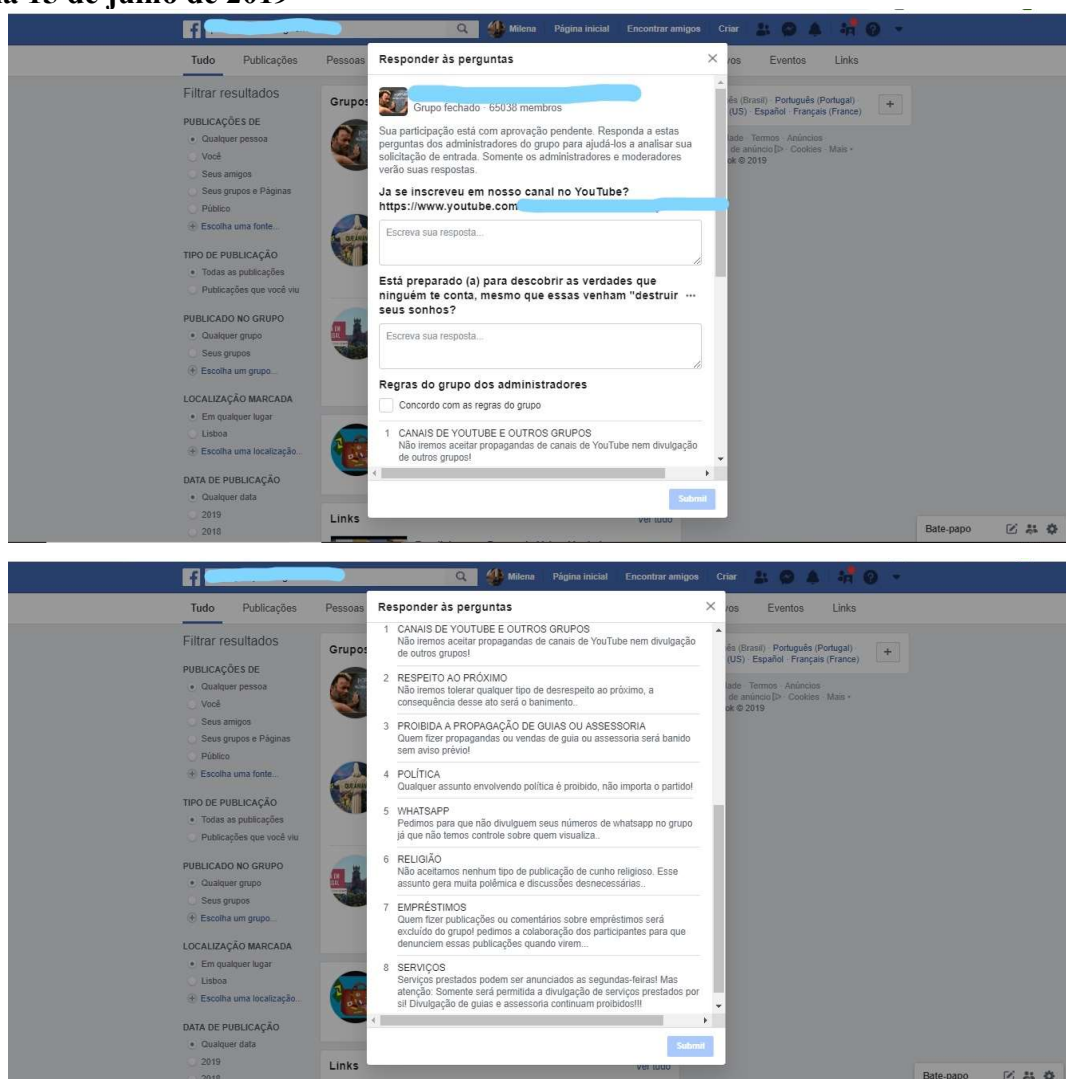
A proposta principal é “contar as verdades de quem emigra”, mesmo com o risco de serem entendidos como “destruidores de sonhos”: “dizem, que é porque ‘não se quer’ que vá mais brasileiros para Portugal ... como se NÓS ..... OS DESTRUIDORES DE SONHOS pudéssemos impedir”. Uma das administradoras do grupo explica, em conversa realizada posteriormente, que a ideia do grupo surgiu porque eles estavam cansados de ler tantas postagens exaltando a migração em outros grupos de que participavam e tinham dificuldades de expressar opiniões contrárias: “nossos comentários eram removidos ... Éramos ofendidos e por aí vai. Por isso resolvemos criar um grupo para falar sobre os problemas que encontramos quando resolvemos sair do nosso país. Porém da mesma maneira levar informação e alegria, divertimento, apoio, ajuda”.

A proposta do grupo é ajudar quem deseja planejar a mudança de país e ser um espaço para mostrar “o lado não lindo” de Portugal: “nosso intuito é mostrar aquilo que realmente ninguém te conta ...”. Há ainda a preocupação em explicar que “a intenção em momento nenhum é desmoralizar Portugal, e sim mostrar que imigrar não é tão fácil como dizem ...E principalmente, que através das histórias contadas, as pessoas que anseiam imigrar (seja para Portugal, ou outro país qualquer) vejam que realmente é

essencial se planejar !!!”, resumem na descrição. Por fim, pedem que os membros se inscrevam no canal do YouTube<sup>90</sup>.

Para entrar no grupo do Facebook, foi preciso responder a duas questões rápidas, apenas “sim” ou “não”, e ler as regras do grupo. Entre as perguntas, uma se refere ao canal do YouTube, plataforma muito utilizada pelos que buscam receber retorno financeiro a partir dos seguidores, como apresentado:

Figura 5 - Captura de tela da solicitação de entrada no grupo PNC, solicitada no dia 15 de julho de 2019



Fonte: Facebook

Entre as regras do grupo PNC, além dos tópicos recorrentes sobre não aceitação de propagandas de canais de YouTube, outros grupos, guias, assessorias, empréstimos,

<sup>90</sup> A administradora explica que o canal foi criado, mas que os responsáveis pelo grupo não conseguiram manter a frequência das postagens e o canal não obteve sucesso.

também proíbem atos de desrespeito e assuntos sobre política e religião. Revelando dois temas que devem gerar polêmicas e dificuldades de mediação no grupo, ao mesmo tempo em que decisões políticas são fundamentais para as discussões sobre o processo de migração.

No período de análise, foi identificado o aumento do número de participantes do PNC: na primeira visualização, em janeiro de 2019, eram 43 mil, e em julho do mesmo ano, totalizava 65 mil. Muitos membros novos ingressaram, por exemplo, foram indicados, em 16 de julho de 2019, 794 membros que entraram nas últimas duas semanas. Em fevereiro de 2020, o grupo contabilizava mais de 70 mil participantes.

### **3.2.1 Sistematização da observação: definições e dinâmica de postagens**

Após a escolha dos dois grupos do Facebook, optou-se por acompanhar por um dia inteiro todas as publicações para listar as postagens. A proposta inicial era ter um panorama geral dos usos (ação), temática (assunto ou acontecimento) e narrativa (enredo e intenção) para definir uma grade de análise que permitisse identificar as repetições e, posteriormente, no processo, chegar a uma classificação em categorias de usos. A Figura 5 reproduz parte das publicações do dia 7 de julho de 2019 do grupo PNC.

**Figura 6 - Reprodução da tabela com os dados do grupo PNC extraídos em 7 de julho de 2019**

Ação (uso)	assunto / acontecimento (temática)	Enredo (conflito, trama, processo)
Compartilha publicação em vídeo	Comparação entre Brasil e Portugal (linguagem)	Humor (diferenças e estereótipos)
Compartilha imagem	Comparação entre Brasil e Portugal (clima)	Humor (diferenças e estereótipos)
Compartilha publicação em vídeo	Comparação entre Brasil e Portugal (linguagem)	Humor (diferenças e estereótipos)
Compartilha fotos	Situação curiosa	Humor (situação do dia a dia)
Compartilha notícia	Falta de pediatra em Portugal	Crítica (saúde)
Publicação de experiência pessoal (dar dica)	Aluguel de apartamento, outras opção de moradia	Custo de vida
Pergunta	Salário médio em Portugal	Custo de vida
Pergunta	Migração com os filhos	Dúvida sobre questões burocráticas
Compartilha notícia	Viver em Portugal com 650 euros?	Custo de vida em Portugal
Compartilha imagem	Maíra patrimônio cultural	Valorização de Portugal (Cultural)
Publicação sobre experiência pessoal (fotos)	Festa popular em Tomar	Participação em evento (cultural)
Publicação sobre experiência pessoal (vídeo)	Comparação entre Brasil e Portugal (praia com água fria)	Humor (diferenças naturais)
Compartilha publicação em vídeo	Inauguração de arte urbana	Valorização de Portugal (arte)
Publicação sobre experiência pessoal	Festa cultural em Tomar	Participação em evento (cultural)
Publicação sobre experiência pessoal (Foto)	Feira medieval em Vila Nova de Famalicão	Participação em evento (cultural)
Compartilha notícia	Empresa que polui rio no Brasil	Crítica (meio ambiente)
Pergunta (pedido de recomendação)	Custo da passagem aérea	Dúvida sobre questão prática migração
Compartilha link de site	O que não se pode fazer em Portugal	Diferenças culturais
Compartilha piada	Gays, poucos homens e mulheres sozinhas	Humor
Divulga comunidade	Emprego em Lisboa	Publicidade
Pergunta (dúvida)	Estatuto de igualdade	Dúvida sobre questões burocráticas
Pergunta	Decisão de ir a Portugal a chegar (processo de mudança)	Dúvida sobre questão prática migração
Pergunta	Se leva a chapinha de cabelo para viagem em PT	Dúvida sobre questão prática (turismo)
Pergunta (pedido de recomendação)	Como assistir a Globo Internacional	Dúvida sobre questão prática (cotidiano)
Compartilha reflexão	Reações a situações da vida (psicologia)	Reflexão existencial
Compartilha experiência	Banheiro público (diferenças culturais)	Humor
Compartilha notícia	Vilas mais bonitas da serra da estrela	Valorização de Portugal (turismo)
Compartilha notícia	Lisboa instala sirene para indicar Tsunami	Humor
Compartilha notícia	Barulho de avião em Lisboa	Curiosidade sobre Lisboa
Pergunta	Conseguir cidadania portuguesa	Dúvida sobre questões burocráticas
Pergunta	Experiência de viajar pela Cabo Verde airlines	Dúvida sobre questão prática migração
Compartilha notícia	Distribuição de manuais escolares	Valorização de Portugal (educação)
Pergunta	Envio de dinheiro de Portugal para Brasil	Dúvida sobre questão prática migração
Pergunta	Quanto custa imigra para Portugal (processo de migração)	Dúvida sobre questão prática migração
Divulga oferta de trabalho	Oferta de trabalho para apanhar pera	Ajudar os migrantes (trabalho)
Compartilha uma piada	Conversa de um pai com um filho, questões tecnológicas	Humor
Compartilha notícia	Novas prisões em Portugal sem cela	Notícia curiosa
Compartilha publicação em vídeo	Os países que amam receber brasileiros	Dica de migrações para outros países
Compartilha meme	Paquera e migração	Humor sobre migração
Pergunta	Jogo da Copa América	Dúvida sobre questão prática (cotidiano)
Pergunta	Costume de jogar fogos de artifícios em Portugal	Dúvida sobre questões práticas (hábitos)
Compartilha publicação em vídeo	Os países que amam receber brasileiros	Dica de migrações para outros países
Compartilha publicação em vídeo	Festa Cortejo dos Tabuleiros em Tomar	Participação em evento (cultural)
Compartilha meme	Chegada dos "avecs": portugueses que vivem na França	Humor (migração de portugueses)
Compartilha notícia jornal	Vagas abertas para engenheiros	Ajudar os migrantes (trabalho)

Fonte: elaboração da autora

As ações identificadas nessa primeira observação sistematizada, a partir das repetições, foram: compartilhar publicações (vídeo, fotos, notícias, imagem, meme, link de site, texto), publicação sobre experiência pessoal (dar dica, compartilhar vídeo ou fotos pessoais<sup>91</sup>, localização), divulgação (comunidade, oferta de trabalho), pergunta (recomendação, dúvida). A partir daí, foram identificados inicialmente quatro tipos de usos nesse grupo, com a finalidade de: compartilhar, publicar, divulgar e perguntar.

Em relação aos assuntos e enredos, se destacaram: comparações entre Brasil e Portugal, dúvidas sobre o custo de vida e processo de migração, incluindo questões burocráticas e práticas sobre a migração. Percebeu-se também assuntos positivos em relação a Portugal e o uso de humor visando ao entretenimento. O grupo PNC se destaca

<sup>91</sup> Diferente de compartilhar publicações em vídeos produzidos por outras pessoas, o compartilhamento de vídeos e fotos pessoais pressupõe que a gravação foi feita pelo próprio participante do grupo.

por postagens pessoais, de tom confessional e muitas vezes humorísticas, iniciadas por “NC”, que significa: “ninguém conta”, seguida de um relato de situação recorrente em Portugal, curiosidades culturais e hábitos de vida, característica que mudou no decorrer das observações, quando diminuiu esse tipo de postagem.

A pesquisa sistemática foi realizada de agosto a dezembro de 2019 e janeiro de 2020, sendo observadas todas as publicações dos grupos durante 10 dias de cada mês (1-10 de agosto / 6-10; 21-25 de setembro / 21-30 de outubro / 10-19 de novembro / 18-27 de dezembro / 4-8; 23-27 de janeiro), por ordem cronológica de postagem no mural do Facebook. Foi escolhida a ordem de visualização das postagens: “publicações recentes: ver as publicações mais recentes primeiro”, em que as publicações são mostradas em ordem crescente de data e horário<sup>92</sup>.

A escolha dos dias deu-se de forma aleatória e em conformidade com a disponibilidade da pesquisadora, não sendo identificada nenhuma característica relevante se no início do mês, meio ou fim. As postagens foram coletadas de dois a cinco dias após a data de publicação, definindo um padrão para comparação e garantindo tempo para melhor avaliar as curtidas e comentários.

O material foi extraído por meio de captura de imagem da tela (*printscreen*) com a extensão do *Google Chrome - Capture Page* – e a tabulação de todas as informações feita por meio de tabelas preenchidas manualmente no programa Excel, já que nenhum software é capaz de ter acesso aos dados do Facebook para fazer essa extração. Foi construída uma matriz de análise que continha: **ação** (publicação de vídeo, procurando recomendações, compartilhou um link, publicação de texto<sup>93</sup>); **assunto** (texto na íntegra da publicação/ descrição do acontecimento ou foto); **intenção** (divulgação, indicação, notícia, dúvida, pergunta, opinião, oferta de trabalho, procura por moradia, discute migração, interação, pede ajuda, achados e perdidos, etc); **observação** (membro novo, administrador, puxador de conversa, etc), **curtidas/comentários/compartilhamento** (quantidades), além de espaço para o **diário de campo** com anotações gerais sobre o

---

<sup>92</sup> Foi testada uma observação por “Publicações mais relevantes: ver publicações mais relevantes primeiro” no dia 18/08/2019, no grupo BeP. Nesse dia de domingo foram identificadas apenas nove publicações, número bem inferior ao outro dia analisado por postagens mais recentes. Além disso, no mural de publicações (*timeline*) aparecem postagens de vários dias, sem nenhuma ordem. Como a análise foi de longo prazo, optamos pela ordem cronológica, em que os conteúdos aparecem na ordem crescente da data e horário de postagem, para ter dados quantitativos para comparação.

<sup>93</sup> Optou-se por usar as mesmas identificações que aparecem no cabeçalho das postagens no grupo.

que foi observado e reflexões. A Tabela 2 exemplifica uma grade definitiva com dados do dia 10/11/2019, no grupo BeP:

**Tabela 2 - Conteúdo parcial publicado no grupo do Facebook “BeP”, em 10/11/2019**

<b>Categoria</b>	<b>Ação</b>	<b>texto/ assunto</b>	<b>Intenção</b>	<b>observação</b>	<b>Curtidas e comentários</b>
7	Publicação vídeo	HOJEE tem fim de tarde no Cenoura Lisboa todos convidados...Happy Hour de imperial	divulgação	puxador de conversa	10;0
1	Procurando recomendações	Alguem que faça bolo de casamento com pasta americana.	Indicação	puxador de conversa	4;5
3	Compartilhou um link	Neve vai chegar à Serra da Estrela esta quinta-feira	notícia (portugal, geral)	nit.pt	103;9
1	Publicação texto	boa noite ...alguem sabe ai qual melhor mes pra ir pra portugal	Dúvida (planejamento ida)		30;38
1	Publicação texto	Boa noite gostaria de saber de vocês se emprego de operadora de caixa é fácil em Portugal?	Dúvida (emprego)	membro novo	2;36
5	Procurando recomendações	Galera algum Veterinário ou Zootecnista aí em Portugal que trabalhe na área?	Pergunta (profissionais da área)		1;0
1	Publicação texto	Gente, para mandar um documento para o Rio de Janeiro. Me digam um envio rápido e o mais barato? Obg	Dúvida (envio)	puxador de conversa	3;13
2	Publicação texto	Estou a sair do brasil em fevereiro preciso de emprego,sou marceneiro e pintor profissional e trabalho em obras tambem, aqui no brasil nao esta dando para viver quero tentar ter pelo menos uma qualidade de vida, agradeço desde ja Deus vos abençoe!!!	Procura emprego	puxador de conversa	3;4
1	Compartilhou a primeira publicação dele	Estou de plano pra Janeiro ir ao Brasil, sabem mim informa si é possível eu emitir uma passagem de ida Brasil e volta portugal estou aqui em portugal	Dúvida (passagem aérea)	membro novo	5;11
1	Publicação texto	Bom dia pessoal. Chegamos em porto ontem, estamos procurando quarto. Agradeço desde já.	Procura quarto	membro novo (chegou ontem)	3;2
1	Procurando recomendações	Gente alguma referência onde conseguir passagens áreas baratas pra Lisboa ou outra cidade de Portugal ? Tenho vistos nós aplicativos e no site da empresas áreas . Dicas de como buscar fazer pesquisa também tá valendo .Não confio muito em pessoas que vendem passagem que aparecem assim do nada ! Agradeço a compreensão Obrigado	Dúvida (passagem aérea)	membro novo	4;19

Fonte: elaboração da autora.

Para cada postagem, foi identificada uma pré-categoria, menos nas postagens contabilizadas que tiveram seu conteúdo indisponibilizado. Inicialmente, foram testadas sete categorias de uso (informações e recomendações, propagandas, apoio e solidariedade, crítica, relatos de experiências, notícias e interação pessoal) que, após o quarto mês, se resumiram a quatro, que serão apresentadas no início do próximo capítulo (pedidos, ofertas, compartilhamento e expressão pessoal).

Iniciada em agosto de 2019, a observação das recorrências e repetições se prolongou até o 4º mês, quando em dezembro de 2019 foi realizada avaliação do material coletado e observações de campo. Verificou-se que a quantidade de dados era superior ao esperado e a qualidade já suficiente para análise. A partir das repetições dos conteúdos, foi possível definir as quatro categorias de usos definitivas e, em seguida, estabelecer mais dois meses para observações, totalizando seis meses, período considerado suficiente para reunir material para análise e elaborar conclusões, levando em conta a saturação dos dados e pertinência.

Em relação à quantidade de material, agosto foi o mês com maior volume de publicações, com um total de 1.367 postagens nos dois grupos observados durante 10 dias, sendo 1.074 no grupo BeP e 293 no PNC, de acordo com o quadro:

**Tabela 3 - Quantidade de postagens por cada grupo, em agosto de 2019**

<b>Agosto (dias)</b>	<b>BeP</b>	<b>PNC</b>
1 (quinta-feira)	9	30
2 (sexta-feira)	119	19
3 (sábado)	66	25
4 (domingo)	217	20
5 (segunda-feira)	109	32
6 (terça-feira)	153	22
7 (quarta-feira)	88	29
8 (quinta-feira)	109	36
9 (sexta-feira)	101	36
10 (sábado)	93	44
<b>Total:</b>	<b>1.074</b>	<b>293</b>

Fonte: elaboração da autora

O grupo BeP tem mais postagens diárias que o grupo PNC, proporcional ao número superior de participantes. No grupo BeP a quantidade de postagens nos meses observados foi: 776 (setembro), 646 (outubro), 630 (novembro), 614 (dezembro) e 769 (janeiro). No grupo PNC: 210 (setembro), 212 (outubro), 201 (novembro), 201 (dezembro) e 288 (janeiro). Também não foi possível afirmar que existam dias da semana com mais postagens, apenas percebemos que a liberação das publicações depende dos moderadores e não há uma rotina e horário definidos para isso.

No capítulo seguinte, serão descritos os atores e analisadas as dinâmicas de relação nos grupos, com base nas interpretações das publicações categorizadas a partir do conteúdo e dos modos de usos. Busca-se compreender como as subjetividades são acionadas na construção e negociação de sentidos sobre a migração, objetivo desta investigação.

## Capítulo 4

### **Dinâmicas de Participação: Características do Ambiente Virtual, dos Atores e das Relações Estabelecidas**

Neste quarto capítulo, inicio a interpretação dos dados gerados pelo trabalho de campo, partindo da caracterização do ambiente virtual, dos atores envolvidos e das dinâmicas de participação nos grupos do Facebook BeP e PNC, que abordam a temática migratória de brasileiros em Portugal. A pesquisa de campo possibilitou a classificação das postagens dos grupos analisados em categorias de uso (*Pedidos; Ofertas; Compartilhamento; Expressão Pessoal*) e estabeleceu a diferença entre os grupos analisados. Com base na análise dos comentários e das postagens categorizadas como *pedidos* de informações, recomendações e apoio, e *ofertas* de serviços, propagandas e anúncios, busca-se identificar e examinar: 1) características das relações estabelecidas entre os membros e estratégias de atuação elaboradas pelos moderadores e administradores; 2) temática central de interesse dos membros dos grupos; e 3) perfis dos participantes e características da migração de brasileiros em Portugal.

O objetivo é refletir sobre a organização dos ambientes virtuais, atuação dos administradores e moderadores e as relações sociais estabelecidas entre os diversos membros participantes para compreender as possibilidades e limitações do desenvolvimento da webdiáspora nos grupos de Facebook. Assim como mostrou-se relevante incorporar nas análises as vozes dos participantes através das citações diretas das postagens para compreender as percepções deles sobre o próprio ambiente virtual a partir de um olhar pessoal.

#### **4.1 Ambiente virtual: diferenças entre os grupos e categorização dos usos**

Os métodos de levantamento de dados foram a observação dos grupos com acompanhamento sistemático das postagens, extração dos dados e anotações em diário de campo e tabelas. A análise levou em consideração os dados de textos e publicação de fotos, imagens e interações entre os membros dos grupos, com significados que são construídos também a partir das anotações de campo, em período prolongado. Durante a observação e as transcrições, foi possível perceber como se dava o uso dos grupos do

Facebook, a utilidade e os tipos de perguntas ou relatos desenvolvidos. Nesse processo, surgiram questões sobre o modo como os brasileiros se apresentavam uns para os outros no contexto da migração e o significado dessa experiência que era discutido entre os membros dos grupos, quando foram desenhadas as questões norteadoras das análises.

Realizou-se, então, a terceira etapa da pesquisa empírica, a partir da leitura exaustiva das mesmas, seguida da definição de temas mais amplos para posterior análise das publicações já classificadas nas quatro categorias, que serão relatadas a seguir. A análise dos dados foi pautada no pensamento descolonial (Quijano, 1992; Mignolo, 2017; Kilomba, 2019) e na perspectiva interseccional (Piscitelli, 2008) como lentes que nos permitiram estabelecer uma discussão crítica.

A partir das tabelas com as observações nos quatro primeiros meses, foi possível fazer uma comparação dos grupos pelos tipos de publicações predominantes e perceber que no grupo BeP as postagens com pedidos de informações e recomendações predominam, seguidas de quantidade expressiva de mensagens de apoio e solidariedade e propagandas. Foi demonstrado que o uso pelos migrantes está relacionado com situações de planejamento da migração e busca por informações, e procura por recomendações de serviços ou profissionais.

No grupo PNC, as publicações que predominam são as que buscam interações entre os membros do grupo, seja através do humor ou relacional, e informações e recomendações. No mês de outubro, a divulgação de notícias também se destaca, o que demonstra que o grupo tem características de usos mais variáveis. Postagens sobre apoio, notícia ou crítica estão presentes em todos os dias observados, enquanto relatos de experiências migratórias e as propagandas foram pouco observados.

Os principais usos dos sites de redes sociais, apontados sobretudo para a obtenção de informações sobre questões burocráticas, além de serem espaços de interação e apoio (Saturnino, 2009; Foletto, 2016), são verificados nos grupos. Nesta observação também foram identificados outros usos feitos pelos migrantes, sintetizados nas categorias e subcategorias definidas a partir dos quatro primeiros meses de observação e descritas na tabela 4.

Tabela 4 - **Categorias de uso (tipo de conteúdo publicado)**

Categorias de usos	Subcategorias
a) Pedidos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informações</li> <li>• Recomendações</li> <li>• Apoio</li> </ul>
b) Ofertas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Doações</li> <li>• Oferta de trabalho</li> <li>• Propaganda comercial e pessoal</li> <li>• Anúncios</li> </ul>
c) Compartilhamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Notícias de veículos de comunicação</li> <li>• Textos de outros sites</li> </ul>
d) Expressão pessoal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crítica, posicionamento e denúncia</li> <li>• Criativa (humor e reflexão)</li> <li>• Relatos de experiências migratórias</li> </ul>

Fonte: elaboração da autora

*a) Pedidos: Informações, recomendações e apoio*

Nos dois grupos analisados, há predomínio das postagens com *pedidos de informações* sobre questões burocráticas, relativas a documentos ou procedimentos para legalização no país (vistos, nacionalidades, residência), ou o processo de migração, assim como outras questões sobre emprego ou moradia. Além de informações, há solicitações de recomendações de serviços e profissionais e ajuda no processo de documentação (pedido de um representante fiscal para obter o NIF, número fiscal, por exemplo).

*b) Ofertas: doações, ofertas de trabalho, propagandas e anúncios*

Na categoria *Ofertas*, foi possível identificar diversas ofertas de trabalho publicadas nos grupos e postagens com doações (roupas, sofás, utensílios de cozinha). As propagandas de eventos, shows musicais e festas, e de serviços oferecidos foram mais frequentes no grupo BeP, enquanto no grupo PNC as propagandas, estabelecidas por regra às segundas-feiras, eram poucas. No geral, eram anúncios de aluguel de quartos ou apartamentos, compra, divulgação de trabalho informal e oferta de serviços.

c) *Compartilhamento: notícias e textos*

Em grande parte, as notícias eram compartilhadas nos dois grupos a partir de links de sites de veículos de comunicação portugueses, além de textos de outros sites não noticiosos. As perspectivas negativas sobre a migração em Portugal de algumas notícias compartilhadas no grupo PNC evidenciaram o objetivo do grupo de mostrar não só aspectos positivos sobre a realidade do país, mas alertar os futuros migrantes.

d) *Expressão pessoal: crítica e posicionamento, criativa e relatos de experiências migratórias*

Foram identificadas publicações que discutiam a migração e questionavam as dificuldades do processo, principalmente no grupo PNC. Algumas questões sobre as condições do migrante eram discutidas, com críticas aos próprios brasileiros. Também postagens que buscam a interação entre os participantes, em momentos de expressão pessoal por meio da criatividade, piadas, imagens e frases de efeito. As postagens de relato em primeira pessoa de experiência de migração para Portugal revelam detalhes da chegada e período de adaptação, além de comemoração das conquistas dos migrantes.

Com a definição das categorias, foi possível experimentar uma tabulação das postagens analisadas nos meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020, chegando aos dados quantitativos da Tabela 5 que confirmam as características observadas nos grupos:

**Tabela 5 - Classificação das postagens por categoria de uso (dez/19 e jan/20)**


<b>Categorias</b>	BeP	PNC	BeP	PNC
	Dezembro 2019	Dezembro 2019	Janeiro 2020	Janeiro 2020
<b>a) Pedidos</b>	<b>315</b>	39	<b>487</b>	71
<b>b) Ofertas</b>	180	34	206	47
<b>c) Compartilhamento</b>	24	54	8	<b>111</b>
<b>d) Expressão pessoal</b>	85	<b>73</b>	61	56
<b>TOTAL de postagens</b>	<b>614</b>	<b>201</b>	<b>762</b>	<b>285</b>

Fonte: elaboração da autora

Verificamos que há uma quantidade superior de postagens de pedidos no grupo BeP nos dois meses em que as postagens foram classificadas, indicando que a principal função do grupo é esclarecer dúvidas sobre documentações, procedimentos, informações sobre o planejamento de mudança, etc. Já o grupo PNC, por ter maior número de publicações de expressão pessoal, demonstra maior espaço para discussões e posicionamentos, seguido de publicações de compartilhamento de notícias, muitas de caráter negativo sobre Portugal.

A comparação de postagens entre os dois grupos identificou preocupações diferentes quanto à finalidade, como foi percebido pela classificação das categorias. São, assim, construções coletivas diferentes de identidade de grupo com o tema das migrações, enquanto o PNC busca mostrar os dois lados da migração para Portugal, o BeP se coloca como espaço para tirar dúvidas, fazer propagandas e dar apoio à migração.

#### 4.1.1 Moderadores e administradores: maneiras de organização

Os moderadores são responsáveis por gerenciar os membros e publicações no grupo. Eles são identificados no menu do grupo e no cabeçalho das suas postagens através da imagem de um brasão com um sinal de visualização (  ). Já os administradores, gerenciam os moderadores, além dos membros e publicações, e são responsáveis pelas configurações do grupo, identificados por uma imagem de brasão e uma estrela

(  ).

No grupo BeP, no dia 17/12/2019, eram sete os administradores, cinco identificados pelos respectivos nomes (J.C., R.N., R.T.M.R., G.S. e Y.W.<sup>94</sup>) e dois identificados pelo nome de páginas do Facebook (*BP* e *CdC*). Nas interações e número de publicações no grupo, destacam-se dois administradores, ambos com localização em Lisboa: R.N. é também o responsável pela página “BP” (sendo possível verificar a repetição de postagens, em sequência, a partir do seu perfil e da página) e se apresenta no próprio perfil como “Publicitário na empresa BeP”, definido como um negócio; e

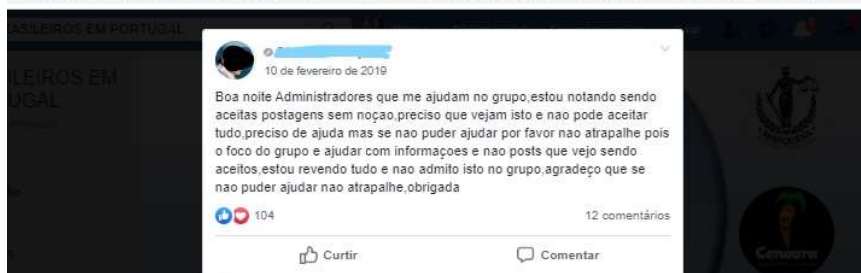
---

<sup>94</sup> Para preservar a identidade dos administradores e membros, assim como os autores das postagens nesta tese, mencionamos apenas a primeira letra do nome e sobrenome.

G.S. que é autora de grande número de publicações recentes (no dia 17/12/2019 eram sete publicações, já R.N. era o responsável por mais de 15 publicações recentes), principalmente propagandas de aluguel de quartos, demonstrando a utilização do grupo como um negócio potencialmente lucrativo, aspecto que será discutido ainda neste capítulo.

Os dois administradores são irmãos e o histórico do grupo remonta para um empreendimento familiar, pois a mãe deles era a antiga administradora do grupo que foi transferido para R.N. em 2018, possivelmente em uma situação de conflito, já que foram identificadas várias alterações no nome do grupo, inclusive uma delas usava o termo “invadido”. A publicação de fevereiro de 2019 demonstra a existência de conflito entre os administradores na época em que a mãe C.S.<sup>95</sup> administrava o grupo. Em dezembro de 2019 ela já não era identificada como membro do grupo BeP (seu nome aparece em uma cor cinza claro e com um símbolo de um círculo com um traço):

**Figura 7 - Captura de tela da publicação do grupo BeP do dia 10 de fevereiro de 2019**



Fonte: Facebook

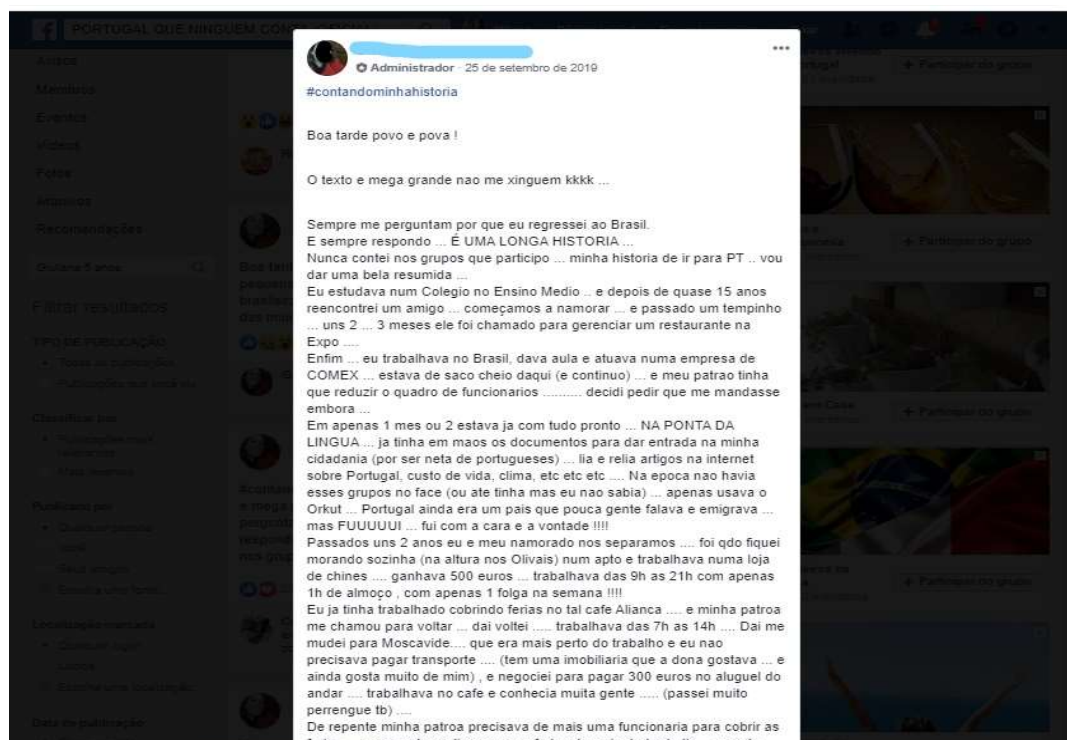
No grupo PNC, em 4 de janeiro de 2020, ainda estavam presentes os quatro administradores, entre eles o T.N., que é o criador do grupo, e as quatro moderadoras. T.N. é identificado no perfil como humorista e é conhecido no grupo pelos seus textos que satirizam situações cotidianas, sobretudo a vida dos homens. As publicações são esporádicas, mas faziam enorme sucesso entre os membros que reagem com entusiasmo e, algumas vezes, solicitavam sua presença. Nos primeiros meses foi observado pelo menos um texto por mês, fato que não se repetiu nos meses seguintes:

<sup>95</sup> Em maio de 2020, C.S. é denunciada em reportagem da TV Record em Portugal por situação de despejo ilegal de migrantes de prédio de apartamentos arrendados por ela, durante a pandemia de gripe Covid-19.

Boa noite Senhoras and Senhores. Trago-lhes más notícias a respeito do futuro da humanidade. Nós, os homens caracu com ovo, estamos próximos do fim. Não existe mais volta para nossa raça! Já é algo irreversível, levando em conta a taxa de natalidade atual. O homem moderno que anda de sapatênis, gosta de bebidas exóticas, veste roupa colorida e faz crossfit, está tomando conta do mundo, e isso é péssimo para o futuro da humanidade, é o início do fim<sup>96</sup> (...) (T.N., postagem, PNC, 29/09/2019)

Há, portanto, predomínio de mulheres na mediação do grupo PNC, e foram identificadas muitas publicações da moderadora A.P. e da administradora G.S.P., que revelou em postagem sua história de migração. Ela retornou ao Brasil, há cinco anos, mas afirma manter ligação com o país lusitano por ter uma filha portuguesa e a cidadania adquirida. Nessa situação, em que elementos de natureza privada são expostos, há demonstração de uma relação mais pessoal entre os administradores, moderadores e os membros, revelando dificuldade de se estabelecer fronteiras entre o público e o privado em sites de redes sociais (Recuero, 2017):

Figura 8 - Captura de tela da publicação da administradora do grupo PNC no dia 25 de setembro de 2019



Fonte: Facebook

<sup>96</sup> Optamos por respeitar e não corrigir a grafia utilizada em todas as postagens citadas nesta tese.

### *Grupo PNC: percepção de proximidade e colaboração*

A percepção de proximidade entre os administradores e os membros do grupo PNC também caracteriza um grupo capaz de promover participação e interação. Em alguns momentos, os membros marcam as administradoras nos comentários para chamar atenção de uma situação de conflito no grupo ou em algum assunto de interesse, em uma colaboração que seria outra forma de sociabilidade. A administradora do PNC revela, em conversa informal<sup>97</sup> com a pesquisadora, que, por estar desempregada, dispõe de tempo para conferir diariamente as publicações pendentes, mas destaca como fundamental o apoio recebido pelos membros que podem também denunciar diretamente as publicações ou comentários aos administradores, de forma anônima (basta clicar em “denunciar publicação/comentário aos administradores do grupo” e informar o motivo da denúncia), conforme imagem:

Figura 9 - Captura de tela do grupo BeP da opção de denúncia à publicação



Fonte: Facebook

Desde o início, é percebida maior interação entre os administradores/moderadores e os membros do grupo PNC em comparação com o BeP, como nos casos de relato da vida pessoal ou de opinião, como também em comunicações que envolvem sentimento de pertença ou amizade nas mídias sociais, que podem ser mais que sociais e se transformar em comunidade (Fuchs, 2014), a exemplo de quando um administrador avisa que estava internado no hospital (“Depois de quase 1 semana internada e vários outros perrengues, eu voltei. Saudades de vcs”, postagem

<sup>97</sup> Contato estabelecido por meio da ferramenta de bate-papo do Facebook em janeiro de 2020, obtendo retorno em abril de 2020 quando seguiu para conversa por texto, por WhatsApp. Demora justificada pela mensagem não ter aparecido na caixa de conversa principal. Após apresentação da investigação em curso, foram feitas perguntas sobre a atuação dos administradores no grupo PNC. Também houve tentativa de contato com administradores do BeP pelo Facebook, no início do mesmo ano, mas sem retorno. Apenas a partir de intermédio de um amigo em comum, foi estabelecido contato por WhatsApp com uma das administradoras, em junho de 2020, mas sem retorno.

PNC, dia 08/08/2019), ou quando uma das administradoras, que estava no Brasil, agradece por um favor recebido por outra administradora, que estava em Portugal (e por isso nunca se viram pessoalmente). Encontro presencial entre administradora e um dos membros também é compartilhado no grupo.

Os administradores do grupo PNC, em diversos momentos, se posicionam sobre questões polêmicas que envolvem a migração. Na postagem sobre a prisão da rede formada por brasileiros que falsificava passaporte português (“Máfia em Portugal: Brasileiros são presos por liderar esquema ilegal” - via RedeTV News<sup>98</sup>), uma das administradoras do grupo PNC comenta e indica situações que ocorrem também nos grupos de sites de redes sociais:

Depois reclamam da demora dos processos e tal....fica cada vez mais burocrático por causa desse tipo de crime. Aqueles que "chama no pv" são os "captadores" de várias células criminosas, pior que fazem isso por meia dúzia de tostões....por algum motivo não permitimos esse tipo de comentários no Grupo, não compactuamos com esses esquemas e que fique bem claro isso. Denunciem comentários que vejam. Tentamos na medida do possível manter esses abutres longe (comentário de administrador, PNC, 18/12/2019)

Os moderadores e administradores do grupo PNC também buscam estimular a reflexão dos membros em notícias compartilhadas, a exemplo da notícia sobre as mães estrangeiras (“Em Portugal, um em cada dez bebês nasce de mãe estrangeira”, dia 18/12/2019) em que a administradora destaca a xenofobia apresentada nos comentários: “... Procurem essa postagem na página do Observador e leia [os comentários]”, recebendo 32 curtidas e 67 comentários na postagem. A maior parte das notícias compartilhadas neste grupo, muitas vezes negativas, são publicadas pelos moderadores e administradores, que colaboram com a construção do discurso crítico sobre a migração predominante no grupo a partir da escolha das notícias a serem destacadas.

Em outros momentos, é solicitada a participação direta dos membros com relatos de experiências migratórias (“A intenção do grupo é contar a realidade de viver em Portugal. Muitas pessoas gostariam de compartilhar suas experiências em Portugal, mas tem vergonha, ou não querem expor os acontecimentos da vivência em Portugal, por medo dos ‘juízes da web’”, postagem PNC, dia 28/09/2019).

---

<sup>98</sup> Ver matéria em: <https://www.facebook.com/REDETV/videos/587201532051763/>

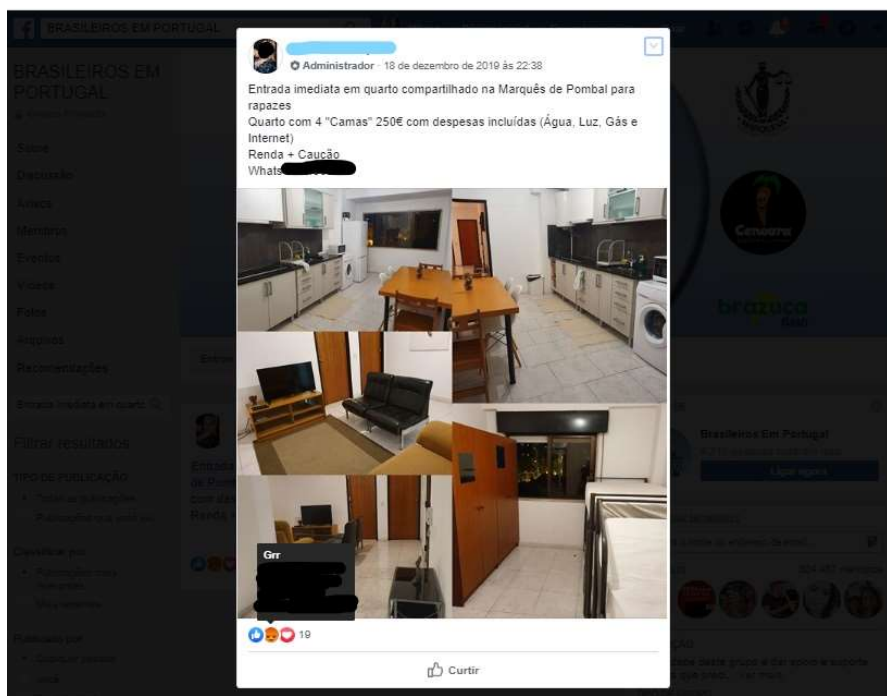
### *Grupo BeP: ações comerciais e desconfianças*

Enquanto o grupo PNC é isento de conteúdos comerciais e os administradores parecem motivados principalmente pelo sentimento de comunidade e de ajuda, no grupo BeP encontram-se fortes indícios de que o mesmo é também utilizado como uma fonte de rendimento pelos administradores. São poucos momentos de expressão pessoal por parte deles, as publicações dos administradores e moderadores são na maioria relacionadas com ações comerciais: propaganda de aluguel de quartos, eventos musicais e restaurantes, assessorias jurídicas, divulgação de grupos de WhatsApp e das próprias redes sociais do grupo.

Principalmente no grupo BeP, foi possível observar ações e estratégias dos administradores com o objetivo de obter retorno financeiro dos grupos de Facebook, sobretudo nos primeiros meses de observação, com a publicação diária de propagandas de shows musicais e festas, e de comércios, como bares, restaurantes e clínica odontológica e de estética, através de imagens, transmissão ao vivo e *watch party*. Imagens e vídeos de eventos eram as primeiras e as últimas publicações do dia, em sequência de 10 a 16 postagens.

Ainda no grupo BeP, as publicações sobre arrendamento de quartos e divulgação de grupos de WhatsApp sobre o assunto ocorreram durante todo o período de observação. Grupos de Facebook se especializaram em anúncios de aluguel de quartos para migrantes e se tornaram bastante populares, assim como os grupos de apoio do WhatsApp. Alguns grupos divulgados já se encontravam lotados e geraram reclamações nos comentários, o que mostra não só o interesse dos membros em participar dessas plataformas, mas evidencia como eles se movem entre elas (“Tem algum grupo no whatsapp de brasileiros em portugal? Quero participar”, postagem BeP, 04/01/2020). Em dezembro de 2019, uma das administradoras anuncia aluguel de quarto de alto valor e recebe reações contrárias do grupo (como emojis de raiva). É então verificado que nas postagens seguintes a administradora desativava os comentários da publicação, impedindo a participação dos membros:

Figura 10 - Captura de tela da publicação do dia 18 de dezembro de 2019 no grupo BeP



Fonte: Facebook

O outro administrador do grupo BeP, R.N., costuma publicar vídeos pessoais, como o que gravou no Brasil em que o próprio faz propaganda de uma agência de viagens. Nos poucos momentos de estímulo à solidariedade entre os membros, o administrador organizou um show, anunciado como “Ação social, a festa”, que teria intuito de arrecadar alimentos para doação para brasileiros que vivem em Portugal. A festa, que aconteceria dias 13 e 14 de outubro de 2019, foi cancelada no final de setembro. Em vídeo, o administrador alegou problemas na organização, sem especificar as questões. Vários cantores, alguns conhecidos do grande público, já estavam confirmados para o evento.

A tabela sintetiza as características dos grupos e as diferenças de atuação dos administradores e moderadores observadas:

Tabela 6 - Características de atuação dos administradores e moderadores

Grupos	Criadores	Publicações	Controle das publicações e comentários	Relação com os membros
BeP	Familiares que atuam no mercado de arrendamento de casas para migrantes	Anúncios de alugueis de quartos, propagandas de serviços voltados para migrantes, vídeos comerciais, divulgações de eventos	Há pouca mediação nos comentários e interferência em questões polêmicas	Pouca proximidade e com interesse comercial
PNC	Perfil de humorista e participantes de outros grupos	Notícias, textos humorísticos, opinativos e sobre experiências pessoais	São acionados pelos membros em situações de conflitos e atuam banindo ou silenciando membros	Pessoal e busca por interação e entreaajuda

Fonte: elaboração da autora

#### 4.1.2 Mediação de conflitos: autoridade e banimento

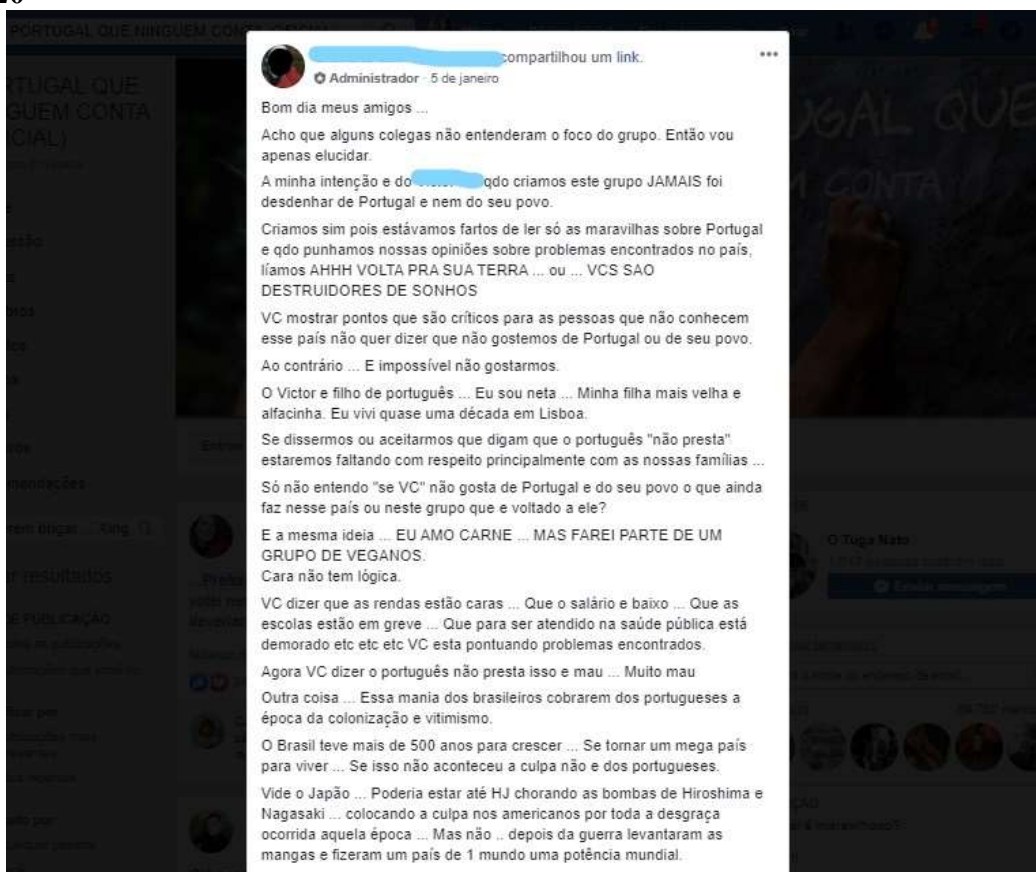
Os moderadores e administradores assumem um importante papel de selecionar entre as postagens recebidas as que serão publicadas e moderar os diversos comentários, definindo assim algumas características de um grupo. Principalmente no grupo BeP, que alcançou mais de 300 mil membros, é possível perceber pelo relato do texto, da seção do grupo “Aviso Importante”, que a grande quantidade de publicações recebidas dificulta a moderação no grupo:

Somos uma pequena equipe para lidar com mais de 2000 postagens/dia. Por vezes não conseguimos responder a tempo todas as demandas e frentes. E por isso podemos passar a impressão que estamos alheios aos fatos que ocorrem aqui no grupo. Mas não se enganem. Este é um trabalho sério. Corremos o risco real do grupo ser bloqueado, caso não se respeitem as regras, dentre elas de educação ao falar com as pessoas, **não ser xenófobo com os seus, imagine com o povo do país que te acolheu**. Por essas e outras, vamos lembrá-los novamente: este espaço é público. Portanto, o seu direito de se expressar, termina onde começa o do outro. (seção “sobre” do grupo BeP, 18/12/2019)

Apesar das regras gerais estabelecidas nos grupos com a intenção de estimular um ambiente de empatia entre os membros e, em especial, em relação a Portugal e os portugueses, conflitos na relação entre os participantes, que envolvem a dificuldade de convivência com as diferenças, foram identificados durante a observação sistemática. Uma das administradoras que tem participação mais ativa no grupo PNC, em janeiro de

2020, reclama de atitudes violentas de brasileiros que “vão para páginas de grupos no face [Facebook] destilar ódio e veneno”:

Figura 11 - Captura de tela da publicação no grupo PNC do dia 5 de janeiro de 2020



Fonte: Facebook

Na postagem acima, a administradora deixa claro que o objetivo do grupo é apontar os aspectos críticos de Portugal para quem não conhece o país e que não seriam toleradas ofensas contra o povo português, em tentativa de conscientizar os participantes. Na mesma publicação, ela ainda reforça que “não está aberta discussão sobre a política brasileira<sup>99</sup>”, uma proibição que evidencia a dificuldade de mediação de diálogo por parte dos moderadores do grupo e uma mídia social que, em determinados momentos, não favorece a comunicação e o debate (Fuchs, 2014).

Em alguns momentos, é possível perceber que os administradores atuam banindo comentadores ou silenciando temporariamente. No PNC, alguém pede

<sup>99</sup> Em contexto de enorme polarização política no Brasil acentuada no período eleitoral de 2018 quando o candidato Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República.

desculpas por um comentário ofensivo e descreve a sensação de não poder participar do grupo: “...Ficar sem poder falar ou escrever no grupo aprendi muitas coisas... Tive a oportunidade de ler politicamente comentários aonde não acho que seja exatamente como eu penso! La democracia é assim! beijos” (postagem PNC, 07/09/2019). A autoridade dos administradores e moderadores é também evidenciada na preocupação dos membros em não serem banidos dos grupos. Os motivos para exclusão ou não aceitação de alguns comentários não são sempre claros para os participantes dos dois grupos, como observado nas publicações:

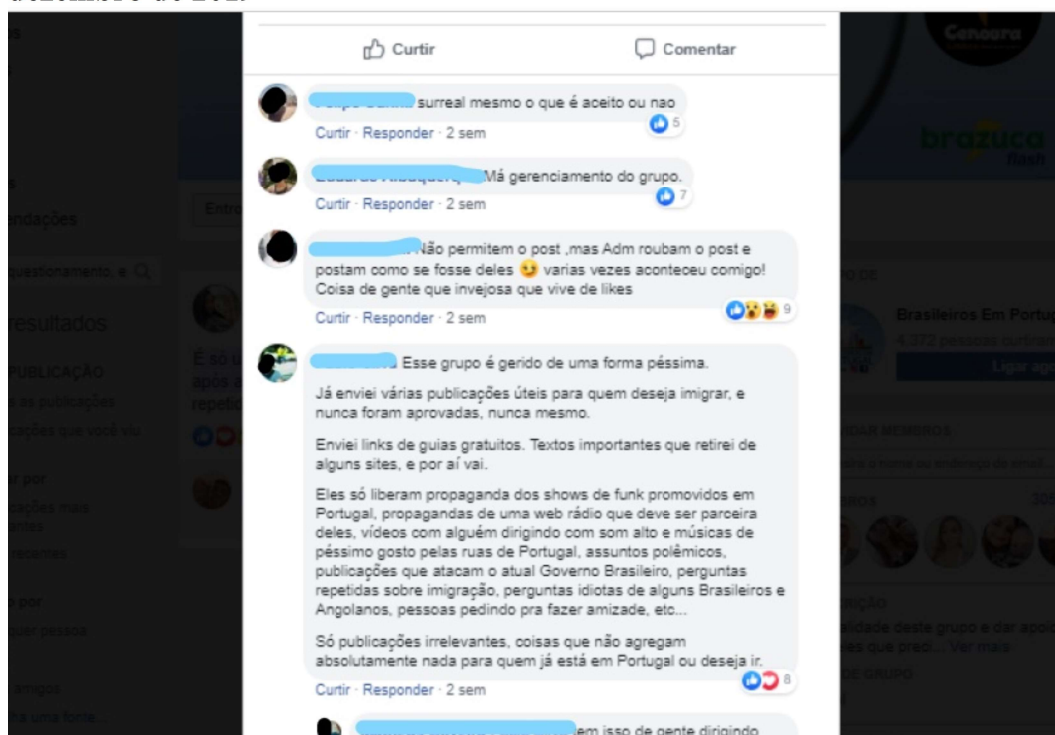
Pessoal. Por favor nao me excluam do grupo. Mas este sr precisa entrsr em contato com o filho (postagem PNC, 18/12/2019).

Olá, ADM do grupo. Tudo bem? Por que minha publicação não foi aceita? Não violei nenhuma regra do grupo. Abraços e bom 2020 (postagem BeP, 26/12/2019, 21 reações e 12 comentários)

É só um questionamento, espero que não me excluam do grupo por isso após apagar esse post. Pq vcs aceitam tantas publicações inúteis e repetidas, e as que eu faço informando coisas realmente úteis, como o não embarque de passageiros sem passagem de retorno no Brasil vcs recusam? Eu não sei que regra infringi. (postagem BeP, 22/12/2019, 31 reações e 19 comentários)

Situações no grupo BeP revelaram poucas interferências por parte dos administradores nos comentários inadequados, apenas fica evidente que existem postagens que não são publicadas, o que, por vezes, provoca reclamações dos próprios membros que apontam problemas no gerenciamento do grupo:

Figura 12 - Captura de tela de comentários da postagem no grupo BeP no dia 22 de dezembro de 2019



Fonte: Facebook

Já no grupo PNC, a presença dos moderadores é mais frequente e geralmente acionada pelos membros nos comentários de postagens inadequadas. Em uma dessas situações, a administradora afirma que há critérios utilizados para os banimentos no grupo, mas não discrimina quais são eles:

S.F. Funciona sim. Na ADM existem critérios de avaliação. As vezes o membro que fez o cmt denunciado é silenciado, outras vezes é banido e bloqueado. As vezes o cmt permanece e não eliminamos o cmt, para que os outros vejam ADM vejam e saibam o pq do membro ser banido. É difícil nós lermos todos os cmt de centenas de pessoas, num Grupo com milhares de membros, mas tentamos sempre fazer o melhor possível. (comentário PNC, 25/01/2020)

Em outro comunicado no grupo PNC, o moderador explica que “todos os moderadores estão de comum acordo com os banimentos” e reclama de pessoas que querem “causar intriga” e falam no privado para reclamar de outros membros. Há tentativa de ressaltar que a decisão de banimento é coletiva, mas percebe-se pelos relatos que cada administrador ou moderador individualmente pode banir os membros, o

que causa conflitos de autoridade no grupo, como também em relação à escolha das notícias compartilhadas.

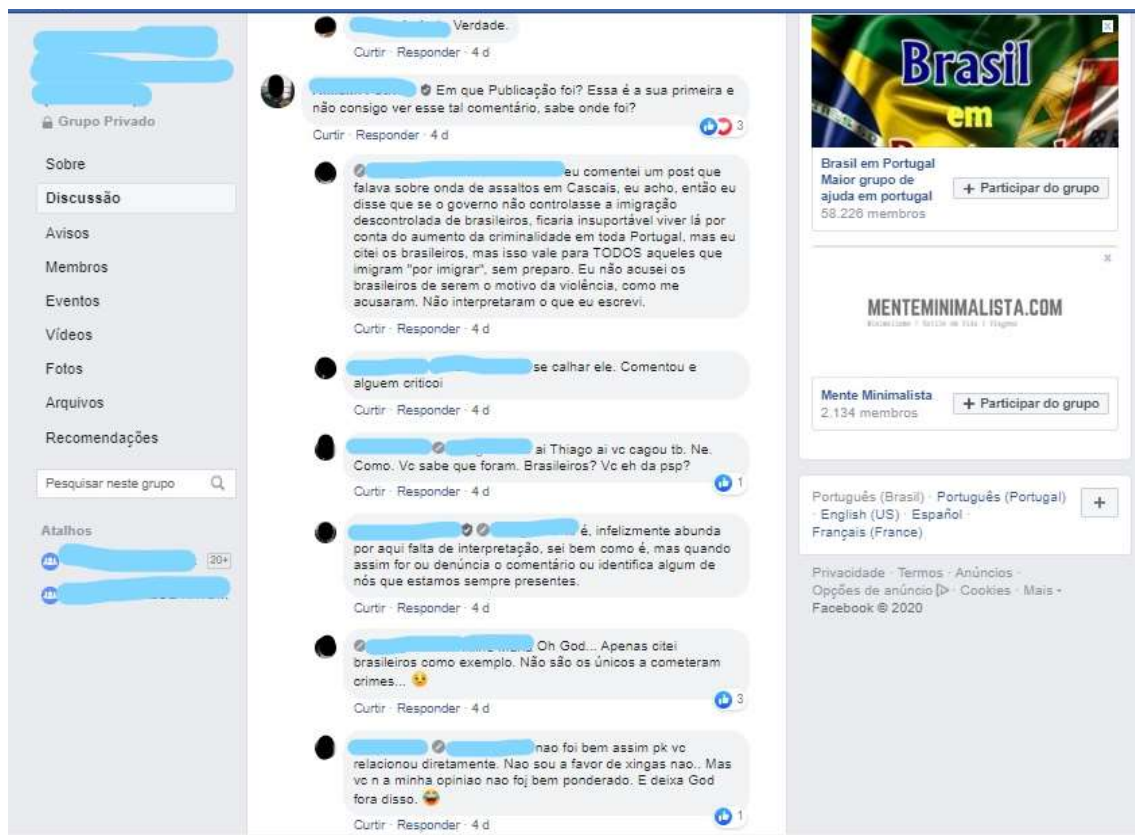
A partir das observações, foi percebido que a decisão de banimento ou suspensão dos membros é subjetiva e não há critérios definidos, depende apenas dos administradores. Em publicação de um membro que reclama dos comentários agressivos no grupo e chama a atenção dos moderadores, há retorno de três administradoras e moderadores do grupo PNC (25/01/2020) que solicitam a denúncia das postagens ofensivas:

Infelizmente não se pode mais dar uma opinião que, em vez de responderem com educação, respondem com : "seu m\*%#@", " seu b\*&%#", "imbecil"... Um monte de ofensa gratuita! Não se há mais diálogo, debates. Fica uma dica aqui aos Administradores do grupo, para que fiquem mais atentos para que pessoas, sem um pingão de educação e civilidade, possam estar em um grupo em que o foco é, justamente, o diálogo, informações... P.S. quem for ofendido gratuitamente como eu fui, não responda! Não se baixe ao mesmo nível. Apenas denuncie ao Administrador (postagem PNC, 25/01/2020)

G.S.P. T... pedimos a gentileza que qdo isso ocorrer que denunciem as postagens aos administradores... Atraves da opcao no facebook... nao adianta nem nos enviarem mensagens privadas pois e dificilimo encontrar os comentarios ofensivos. Alem que e praticamente impossivel acompanharmos todos os comentarios. ! No mais agradecemos a sua postagem e gostaríamos de deixar bem claro que nao toleramos ofensas... , abraços (comentário PNC, 25/01/2020)

Uma moderadora pergunta em que comentário foi feita a agressão ao membro, e em diálogo percebe-se o ocorrido:

Figura 13 - Captura de tela dos comentários do grupo PNC no dia 25/01/2020



Fonte: Facebook

Esse diálogo mostra a relevância da atuação dos moderadores no grupo PNC, sobretudo para mediar casos que envolvem discussões sobre preconceito e xenofobia. Ao mesmo tempo, nem todos os responsáveis mostram-se capazes de moderar tais discussões, como na publicação acima, em que a moderadora não se posiciona em relação à afirmação preconceituosa contra brasileiros. Apesar do publicador aparecer como não fazendo mais parte do grupo (na data da coleta da publicação, ocorrida 4 dias depois da publicação), evidenciando que foi banido, o comentário permanece e não há justificativas sobre o banimento com base nas regras do grupo.

Caso semelhante é observado no compartilhamento de notícia no grupo PNC (25/01/2020) sobre uma agressão ocorrida dias antes a uma mulher angolana por policiais no ônibus público em Portugal (“*Motorista de autocarro que denunciou Cláudia Simões agredido em Massamá*”, SICNOTICIAS.PT). Entre os 145 comentários, em debate, uma pessoa afirma que a agressão contra a mulher foi um ato de racismo (“E.V. ela apanhou por ser angolana sim. Para de ser hipócrita. Já vi inglês

jogar café a cara de agente em aeroporto e não acontecer nada. Já vi alemães partirem um bar e não acontecer nada. Uma mulher foi desfigurada por desacato e vcs tão minimizando e isso é nojento”). Outro comentário é contrário ao caso ser racismo (“concordo que a polícia agiu mal, mas dizer que só apanhou porque eh angolana, vc não tem nenhuma prova em relação a isso ... vc faz questão de citar os brancos nos seus comentários ... vc sim eh racista”).

Os administradores intervêm, banindo do grupo a comentadora que acusava a situação como prática de racismo (“I. A Onde tu falaste isso? Bom, por mim já deu e vou por alguém a descansar e ler muito bem, certamente terá tempo de analisar ... não bate bem da pinha, só pode. Conversa de doidos”). Os administradores também nesse caso foram acionados a fim de solucionar o caso, prática comum no grupo, a partir do envio de capturas de tela da conversa pela própria pessoa que depois foi banida. As moderadoras que acompanhavam a discussão mantiveram no grupo outras pessoas que fizeram comentários incitando a violência e ironizando o racismo, tais como:

F.A.: I.A. mais uma privilegiada pagando de vítima. Bandido tem mais é que apanhar, branco ou negro. Se o bandido for negro, agora tem que pintá-lo de branco, senão, é preconceito. Nos poupe!

J.M.D.: Não me importa se vai ficar arrebetada ou não. Levantou a mão contra o policial, tem que apanhar mesmo.

T.R.R.: Crime de racismo... foi agredido por repreender um preto por fazer merda... afinal todos sabem que os pretos têm mais direitos que os demais, e podem fazer o que quiser. Caso contrário são vítimas de racismo. (comentários PNC, 25/01/2020)

Essas situações apresentam a incapacidade dos administradores e moderadores em mediar discussões polêmicas e revelam, além de suas características identitárias, que a autoridade que têm de banir é uma decisão pessoal que não se apoia somente nas regras do grupo, que não são claramente estabelecidas, mas também em suas posições políticas e visões de mundo.

Outras situações nos grupos revelaram a percepção de proximidade entre os administradores e os membros e ainda os interesses comerciais dos administradores,

considerados fatores que impactam as relações estabelecidas nos grupos entre os participantes, como será analisado a seguir.

#### **4.1.3 Estratégias comerciais: a migração como negócio nas redes sociais**

No grupo PNC são publicadas poucas propagandas, geralmente de atividades desempenhadas pelos próprios membros, tais como: serviços de fotografia, venda de bolos e salgados. A partir de outubro de 2019, o administrador do PNC publica texto que define um dia da semana em que é liberado para propagandas: “Bom dia. Aproveitem que HJ é dia de publicidade. Promova sua empresa e seus negócios” (postagem PNC, 21/10/2019). A administradora busca estimular a divulgação dos negócios e apoiar os anúncios, seja curtindo ou comentando com a palavra “UP”, a fim de que eles alcancem um número maior de visualizações. Não é possível identificar propagandas dos próprios administradores, o que o diferencia do grupo BeP, apenas em uma situação a administradora<sup>100</sup> anuncia parceria com uma empresa de intercâmbios, mas o assunto não teve continuidade.

As propagandas publicadas no grupo BeP se confirmaram como ação de um modelo de negócio quando alguns comércios, sobretudo os que tratam de assuntos relacionados à migração, foram identificados como “oficiais do grupo BeP” pelos próprios administradores. Em outubro, propaganda da assessoria jurídica passou a ser indicada com essa denominação. Foram também acrescentadas logomarcas na foto de capa do grupo<sup>101</sup>, duas em dezembro e seis marcas em janeiro, incluindo a propaganda do negócio de aluguel de quartos, transfer de aeroporto e assessoria para a migração (documentos para trabalho) de um dos administradores, com seu nome, além do café que é identificado como “Administrador” do grupo do Facebook e que em fevereiro de 2020 foi anunciado à venda no próprio grupo.

---

<sup>100</sup> No grupo PNC, em conversa informal, uma das administradoras reconhece a “vontade de ganhar dinheiro com o grupo”, relata que houve tentativa sem sucesso de comandar um canal no YouTube, mas que, por falta de dedicação por parte dos administradores, não continuou.

<sup>101</sup> Em maio de 2020 foi verificado que todas as logomarcas haviam saído do banner, onde estava escrito “anuncie aqui”, em uma nova busca por patrocinadores, dessa vez mais clara.

Figura 14 - Captura de tela de capa do grupo BeP no dia 04/01/2020, com destaque para as logomarcas



Fonte: Facebook

Durante os meses, a rotatividade de patrocinadores evidenciou a necessidade de busca contínua por novas parcerias. As propagandas no grupo BeP, inicialmente relacionadas com produção de eventos culturais, passam a ter o predomínio de serviços que envolvem a migração, ligadas ao principal administrador do grupo, que aparece em vídeos, transmissões ao vivo e fotos. Na descrição da página BeP foi acrescentado endereço físico dos administradores do grupo: “Pessoal, que deseja vir pessoalmente na administração da página nosso endereço oficial é: Rua ...” e telefone que pertence à página “BeP” (Produto/Serviço).

A participação do administrador do grupo BeP em programas de webTV e webrádio, desde o primeiro mês de observação, revela mais uma ação estratégica do negócio. É apresentado, em setembro de 2019, um quadro novo no programa de webTV, “Programa K.W.I”, em que um dos administradores do grupo BeP (anunciado como o maior) faz perguntas dos internautas sobre questões migratórias para um advogado. O programa segue o estilo da TV aberta brasileira, é semanal e transmitido a partir de Portugal, apresentado por um cabeleireiro que faz entrevistas e publicidades de restaurantes e produtos. A situação demonstra que a relação entre os administradores do

grupo BeP e os membros é influenciada por interesses comerciais, até mesmo quando há intenção de prestar informações ou de ajudar os participantes.

Em outra divulgação, um dos programas da rádio, identificada como "oficial do grupo BeP", é apresentado pelo próprio Administrador do grupo BeP que busca divulgar o trabalho musical dos brasileiros que moram em Portugal. A estreia do programa foi anunciada para o dia 1º de novembro de 2019, seria de segunda a sexta-feira, das 13h às 14h (postagem BeP, 24/10/2019), mas nos meses seguintes observados não se falava mais sobre o programa.

### *Comercialização nos sites de redes sociais*

Em novembro de 2019, o grupo BeP amplia sua atuação para outros sites de redes sociais e o administrador anuncia o novo perfil no Instagram (que já foi “BeP 2019” e mudou para “BeP PT”), republicando algumas postagens no grupo do Facebook com dicas sobre documentações e procedimentos para a migração, temáticas de interesse comum dos membros. Também publica lista com o nome de todos os membros novos no grupo, revelando a busca por interação, principalmente com o público-alvo do seu comércio de serviços. Apesar de ter o controle das propagandas, diversas postagens dos próprios administradores receberam poucos comentários ou foram curtidas, como no exemplo:

**Figura 15 - Captura de tela do grupo BeP, no dia 18/12/2019, seção “avisos”**



Fonte: Facebook

Em dezembro (26/12/2019), no grupo BeP, é compartilhado vídeo promocional do próprio grupo do Facebook, apresentado como espaço de compartilhamento de notícias, informações, entretenimento e apoio, temáticas recorrentes dos sites webdiaspóricos (Scopsi, 2009; Elhajji & Escudeiro, 2015). A publicidade de janeiro de 2020 apresenta um novo design e tem maior número de curtidas. A novidade é a venda de passagens aéreas, um dos assuntos de interesse dos membros que buscam migrar para Portugal.

Figura 16 - Captura de tela do grupo BeP, no dia 25/01/2020



Fonte: Facebook

Em um vídeo disponibilizado na seção “avisos” do grupo BeP, publicado em 7/12/2019, o administrador promete uma comemoração, com bebidas de graça, quando o grupo do Facebook atingir os 300 mil membros. O administrador aproveita e pede que curtam também o perfil do Instagram para que alcancem os 10 mil seguidores, em promoção da quantificação nas mídias sociais competitivas (Fuchs, 2014). Ele revela a preocupação com o fim do Facebook, assim como aconteceu com o Orkut, e anuncia que em 2020 será lançado o canal no YouTube dos “BeP”. A conta já estaria criada e,

em suas palavras, essa seria “uma passagem para o profissionalismo”, o que confirma interesse em transferir os membros para o YouTube, plataforma com maior possibilidade de capitalização da participação na página. Em outro momento do vídeo, ele pede desculpas por não conseguir responder a todas as perguntas sobre Portugal que recebe diariamente por mensagem privada.

O administrador finalmente comemora o alcance dos 300 mil membros no Facebook em outro vídeo ao vivo, no fim de dezembro (21/12/2019), e anuncia a continuidade de uma oferta gratuita de auxílio para obtenção do Número de Identificação Fiscal (NIF): “A partir do dia 1º de janeiro, pra quem chegou em Portugal, entra nas nossas páginas, entra em contato com as nossas redes sociais, e você pode tirar seu contribuinte, pra quem não sabe é o CPF brasileiro, pode vir aqui que é gratuitamente, temos três advogados fazendo esse trabalho”. O anúncio evidencia, para além de um apoio via mídia social aos migrantes, que, através da oferta, há tentativa de se fazer contato com os brasileiros recém-chegados a Portugal, público do seu negócio de consultoria para a migração que inclui serviços de aluguel de quartos e auxílio na regularização de documentações para trabalho.

No período destacado para análise não havia sido divulgado, por parte dos administradores, como se dava a publicação dos anúncios no grupo BeP. Apenas em novembro de 2020, postagem explícita a venda do espaço da plataforma para anúncios publicitários:

Figura 17 - Captura de tela da publicação do grupo BeP, no dia 03/11/2020



Fonte: Facebook

#### 4.1.4 Percepção de desconfiança no uso das redes sociais

A atuação dos administradores e moderadores é diferente nos dois grupos analisados, assim como a participação e interação entre os participantes. No grupo PNC, a abordagem dos administradores com os membros é mais próxima, com postagens opinativas, na busca por interação e participação, alcançadas em muitos momentos. A moderação em questões polêmicas no grupo é frequente, causando conflitos, já que os critérios para exclusão de publicação ou banimento de membros não são definidos de forma objetiva, nos dois grupos.

Já no grupo BeP, a organização parece sofrer a influência direta dos interesses comerciais. Os administradores do grupo BeP se empenham em implementar estratégias comerciais de divulgação dos serviços que envolvem a migração e capitalização da participação.

Essas características dos grupos, identificadas a partir das maneiras de atuação dos administradores, impactam a participação dos membros. Visto que os grupos do

Facebook são usados por quem quer as primeiras informações e planeja a mudança para Portugal ou quem inicia sua migração no novo país, passa a ser um ambiente aproveitado por pessoas envolvidas em comércio direcionado para a migração, incluindo os próprios administradores dos grupos, que têm acesso privilegiado a pessoas e informações. “Apesar do mantra da cultura participativa (Jenkins, 2006), os padrões neocoloniais estão presentes na forma como as comunicações digitais são estruturadas online, explorando o trabalho digital gratuito e a coleta de perfis de redes sociais que são usados para fins comerciais. As adaptações da Internet para ganhos capitalistas levam ao neocolonialismo digital<sup>102</sup>” (Ponzanesi, 2020, p. 981).

Em vários momentos, foram identificadas publicações em que as pessoas informavam a data exata em que chegariam a Portugal: “Olá sou nova no grupo estou indo para Portugal dia 28” (postagem BeP, 23/01/2020). A intenção de estabelecer contato com os conterrâneos no país de migração, marcar encontros para troca de informações e assim facilitar a adaptação do novo migrante passa a ser um risco que é reconhecido pelos membros. Nos dois grupos, os participantes demonstram ter consciência da possibilidade de uso das informações compartilhadas em sites de redes sociais para fins comerciais, como pode ser verificado em postagem no PNC que alerta sobre a venda de serviços nos grupos:

...muitos administrados entre outros membros querem contatos de pessoas recém chegadas à Portugal para dar consultoria, vendas de produtos de operadora e tv, como também garantir rentabilidade extra em aluguel/caução de quartos que possam ter disponíveis em casas que já vivem ou sob alugam a preços e condições horríveis. Entre outras coisas que apenas usarão essas pessoas recém chegadas para alcançar seus particulares interesses (postagem PNC, 09/09/2019, 46 curtidas e 20 comentários)

No grupo BeP, também há alerta em postagem sobre o perigo de publicações em redes sociais de informações que podem ser aproveitadas para prática de golpes com migrantes recém-chegados:

---

<sup>102</sup> Tradução para: “Despite the mantra of participatory culture (Jenkins 2006), neocolonial patterns are present in the way digital communications are structured online by exploiting free digital labour and the gathering of social network profiles that are used for commercial purposes. The repurposes of the Internet for capitalistic gains leads to digital neocolonialism”.

Na sequência de algumas notícias recentes, nunca é demais lembrar quem está prestes a vir para Portugal:

1- Nunca divulguem quanto vão trazer em dinheiro.

Se querem saber quanto deverão trazer, simplesmente perguntem. Nunca digam quanto pretendem trazer;

2- Não aceitem ajuda e não combinem encontros à chegada a Portugal, com gente que no Brasil não eram das vossas relações pessoais;

3- Antes de virem, não divulguem nas redes sociais a data de chegada e o local de chegada. Divulguem só a familiares e amigos pessoais.

Às vezes é preciso notícias chocantes para as pessoas perceberem.

Há duas semanas um brasileiro que tinha chegado há dois dias a Portugal, apareceu morto na cidade do Porto, com sinais de violência<sup>103</sup>.

Todo o cuidado é pouco. (postagem BeP, 05/01/2020)

O aumento da percepção de desconfiança entre os membros no uso dos sites de redes sociais pode também interferir nas possibilidades de participação, entreadajuda e solidariedade no grupo. Foram várias as situações de suspeitas de golpes e alertas sobre os perigos das informações compartilhadas nas redes sociais, como será apresentado a seguir, neste capítulo.

Percebe-se, no geral, que nos dois grupos a atenção é direcionada para os brasileiros que querem migrar para Portugal, seja para alertar sobre os problemas do país de acolhimento, no caso do grupo PNC, ou atraí-los para um comércio direcionado para os novos migrantes, no caso do grupo BeP, e evidenciam a temática predominante no grupo: o planejamento da migração para Portugal, como será visto no tópico a seguir.

#### **4.2 Membros: Planejamento da migração e relações estabelecidas nas redes sociais**

Os membros dos grupos foram analisados a partir das informações que compartilham e das interações que estabelecem na página. Vistos como protagonistas, agentes de práticas comunicativas e de mudança digital que têm voz nas web social (Borkert, Fisher & Yafi, 2018; Amaral & Évora, 2016), alguns publicam e comentam, enquanto outros só comentam ou curtem as postagens. Os membros que publicam, além de fazer perguntas e procurar recomendações, também compartilham links ou publicações de outras páginas, fotos e imagens, vídeos e, em momentos mais raros,

---

<sup>103</sup> A morte do brasileiro de 45 anos recém-chegado na cidade do Porto ocorreu no início do mês de dezembro de 2019 (<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2019/12/09/brasileiro-e-encontrado-morto-em-area-de-vegetacao-em-portugal.ghtml>) e teve grande repercussão em Portugal. Segundo informações dos jornais, ele teria se mudado para fazer curso e trabalhar e as investigações apontaram ter sido um morador de rua o autor do assassinato, no momento em que os dois iam consumir drogas.

textos longos, geralmente relatando sua experiência. Muitas vezes, as perguntas ou frases são escritas em quadros com letras grandes e fundo com cores ou imagens, para chamar atenção do grupo.

Já os membros que comentam, respondem às perguntas feitas nas publicações ou diretamente nos comentários, fazem perguntas, relatam suas experiências e desejos, marcam outros perfis, se posicionam e dão opiniões. Eles podem responder também através de *gifs* animados ou imagens, com expressões de surpresa ou com pessoas batendo palmas, ou siglas utilizadas no grupo (“ac”, quando estão *acompanhando* os comentários da questão, ou “up” para sinalizar a publicação como relevante). Há também os muitos comentários de estímulo e agradecimento (“melhor resposta”, “falou tudo”, “gradidão por compartilhar”, “só li verdades”, “deus abençoe”), ou ainda depreciativos (“...o cara deve ficar coçando o saco e pensando qual a imbecilidade que ele vai postar...”) e ainda piadas e ironias (“Glória Perez faz um novela com essa história 🤔🤔🤔🤔”, “Mais um influencer brasileiro em Portugal?...”). Algumas pessoas buscam estabelecer relações no bate-papo privado (“Vou te chamar no Messenger”).

Durante os seis meses de observação, foram identificados muitos comentários e publicações com questões gerais sobre o processo de migração, feitas por pessoas que estão no Brasil no início de um planejamento e demonstram certo despreparo: “Qual a maneira mais prática para ir morar em Portugal?” ou “Pessoal por gentileza, sabem me informar, quais os documentos necessários para morar Portugal? Espero informações e não críticas por favor. Grata!! 🙏” (postagens BeP, 25/09/2019). Muitos se interessam por informações locais, administrativas e jurídicas sobre o processo de migração, além dos casos de sucesso da comunidade e opiniões.

As postagens revelam que as perguntas sobre a migração e os posicionamentos são feitos por migrantes que não residem em Portugal. Nos dois grupos observados, são recorrentes questões feitas por pessoas que pretendem ir para Portugal nos próximos meses, no próximo ano, estão chegando em Portugal nos próximos dias ou querem ir “daqui a algum tempo”, sem definição de data.

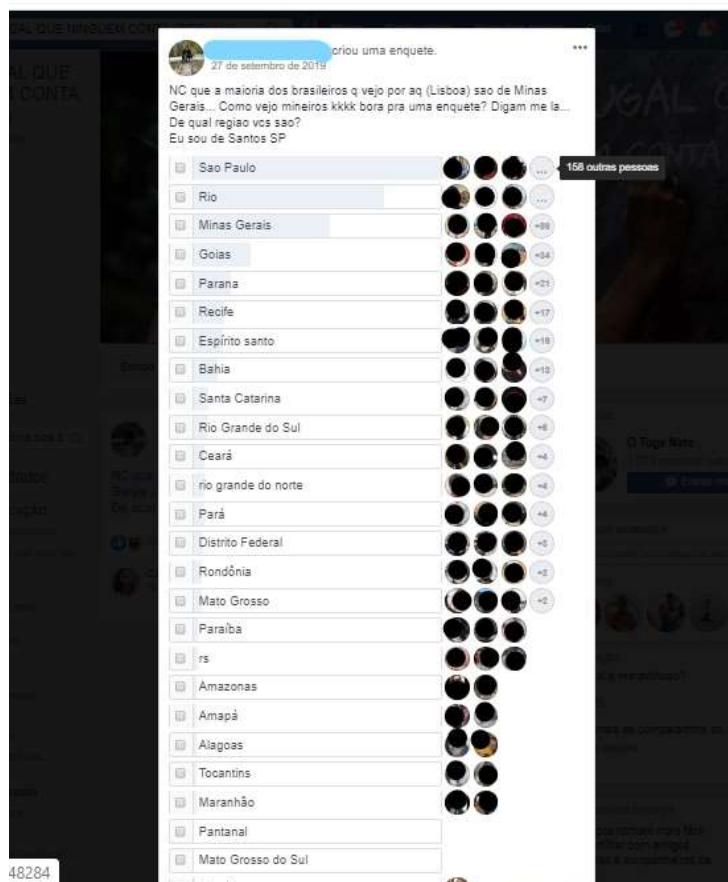
Nas publicações, muitos se identificam pela profissão, querem saber sobre emprego e *planejam ir para Portugal* em determinado período: “Boa noite pessoal estou

querendo ir para Portugal em fevereiro sou vigilante. E gostaria de saber se é fácil de arrumar emprego nesta área” (postagem BeP, 08/09/2019).

Há também brasileiros que já demonstram o interesse em entrar por Portugal e depois migrar para outros países (“Boa tarde queridos amigos. A documentação que eu adquirir em Portugal, serve para viver e trabalhar na Espanha?”, postagem BeP, 06/09/2019), considerando as múltiplas possibilidades de deslocamentos dos migrantes em contexto de globalização e transnacionalismo, também facilitado pelas novas tecnologias de informação e comunicação (Cogo, Gutierrez & Huertas, 2008).

Em poucas situações é possível identificar em qual cidade as pessoas se encontram no Brasil. Em enquete criada por um membro do grupo PNC, em setembro de 2019, foram destacados membros de diversos Estados, em maior quantidade de São Paulo, com 158 respostas, seguido por Rio de Janeiro, com 121, e Minas Gerais, com 86 membros:

**Figura 18 - Captura de tela de publicação do grupo PNC no dia 27 de setembro de 2019**



Fonte: Facebook

Também foi observada participação diária no grupo dos *membros novos*, aqueles que entraram há menos de duas semanas. Essas postagens são identificadas pelo Facebook com o cabeçalho *compartilhou a primeira publicação dele (a)*, além do símbolo de uma mão cinza que indica “membro novo<sup>104</sup>”. Por exemplo, no dia 7 de janeiro de 2020, foram 18 primeiras publicações no grupo BeP, em um total de 124, enquanto no PNC apenas uma, no total de 21.

O grupo se apresenta muitas vezes como o primeiro lugar em que os novos membros procuram informações sobre como migrar para Portugal e, às vezes, recebem respostas que revelam a impaciência dos membros mais antigos diante do despreparo daqueles, tais como: “vá no Google”, no caso de um pedido de contato de alguma universidade portuguesa. Ou ainda o descrédito com as informações do grupo ao sugerirem que sejam procuradas fontes mais seguras, como os órgãos oficiais da profissão, no caso de uma advogada que queria saber como reconhecer o diploma no país e trabalhar na área de formação<sup>105</sup>. A profissional optou pelo grupo de migrantes nas mídias sociais em clara preferência por informações baseadas em experiências pessoais, mesmo que não originadas por laços sociais existentes (Dekker, Belabas & Scholten, 2015).

Algumas pessoas possuem pouca ou nenhuma relação com o país e a busca por informações fica restrita à internet, especialmente nos sites de redes sociais, que “desempenham papel crucial na maneira como os migrantes negociam as trajetórias potenciais de seus empreendimentos no exterior” (Lim, Bork-Hüffer & Yeoh, 2016). Estudos recentes já confirmam a relevância dos usos dos smartphones e da comunicação por WhatsApp e Facebook para a migração (Amaral & Évora, 2016; Borkert, Fisher & Yafi, 2018; Dekker et al., 2018), assim como as incertezas em relação às informações compartilhadas nas redes sociais.

---

<sup>104</sup> Não foi possível identificar grande relevância nas classificações feitas pelo Facebook de “puxador de conversa”, “rising star”, mas a maioria das postagens foi realizada por “puxadores de conversa” e “membros novos”, demonstrando que os grupos são interessantes para quem já é usuário constante da rede social ou para quem busca as primeiras informações.

<sup>105</sup> Nesse e em outros momentos foi possível perceber que quando a pergunta, mesmo que básica, era feita por alguém que se identifica como advogado ou que tinha dinheiro para abrir um negócio, eram identificadas menos brincadeiras ou respostas grosseiras, do que quando a pergunta era feita por alguém em que se percebia um menor grau de instrução (muitas vezes pela escrita) ou se identificava como profissional de baixa qualificação.

Outras fontes de informações na internet são utilizadas pelos membros, mas por vezes consideradas insatisfatórias para o planejamento da migração, tais como notícias (“eu e meu esposo estamos querendo tentar a vida em Portugal, então sabemos pouco apenas pelas notícias de internet, vocês podem nos ajudar? É fácil entrar? Como é a vida? É fácil conseguir emprego? Tenho dois filhos, escola pra eles e fácil?? Podem mi ajudar???”) e vídeos do YouTube (“Boa noite eu e meu irmão estamos planejando para ir para Portugal , eu entrei no YouTube para pesquisar qual visto seria melhor para entrar no país , so que não mim ajudou muito...”, postagem BeP, 06/09/2019), além de grupos de WhatsApp e perfis de Instagram.

A rede transnacional de migrantes estabelecida com parentes ou amigos nos países de destino (Wenden, 2008) é verificada em poucos casos, como nas postagens das mães que querem migrar com filhos e citam a presença de amigas no país ou de pessoas que já moraram em Portugal e pretendem voltar. Além de jovens que indicam a presença de familiares em países da Europa (“...estou indo para a legião francesa ! Caso não venha dar certo,tenho o leque de morar entre França,Suíça e Portugal por conta da minha família. Minha mãe mora na Suíça,porém quer que eu tente Portugal ,meu tio mora em Portugal e diz que é melhor a Suíça ....”, postagem BeP, 24/10/2019, 150 reações, 261 comentários).

A presença de estudantes, já destacada em pesquisas sobre a vaga mais recente de brasileiros em Portugal (Iório & Fonseca, 2018), é percebida através de perguntas genéricas sobre questões estudantis, sobretudo universitárias, que demonstram que não há prévio conhecimento sobre o assunto e os grupos de Facebook são os primeiros locais onde se buscam informações sobre a migração: “Boa tarde! Alguém saberia me dizer quais são os melhores institutos e universidades de Portugal?” (postagem PNC, 21/12/2019); “Olá, alguém aqui foi fazer graduação ou pós em Portugal por conta direto com a universidade? (postagem BeP, 23/01/2020); “Alguém tem e-mail ou wpp de alguma faculdade que possa me passar por favor?” (postagem BeP, 06/09/2019).

Diversos *pedidos de opiniões e relatos de experiências* evidenciam a busca por informações por meio da vivência de outros membros, mesmo que desconhecidos: “Contem-me suas experiências em ir para Portugal, boas e ruins. Para quem valeu a pena e para quem não valeu também” (postagem BeP, 17/11/2019, 76 curtidas e 312

comentários) ou perguntas que finalizam com: “Quem teve essa experiência poderia me compartilhar?”, “Alguém aqui já passou por alguma coisa parecida?”.

E, assim, os sites de redes sociais são onde os futuros migrantes recorrem para obter informações sobre o processo burocrático de planejamento da migração e questões sobre documentações e leis, recebendo muitas vezes respostas não tão seguras, sendo usados sobretudo para colocar em contato os brasileiros que estão no Brasil e planejam a migração e os conterrâneos que já estão no país de migração em torno da temática de Portugal como destino para a migração brasileira, por meio de perguntas em geral muito vagas e por vezes ingênuas que mostram o despreparo de parte considerável dos que querem migrar.

#### **4.2.1 Tipo de migração: condições socioeconômicas e vivências migratórias**

Os grupos de Facebook colocam pessoas de diversos perfis socioeconômicos e diferentes vivências migratórias em contato. Os membros reconhecem essa diversidade de perfis e há tentativa de particularizar ao máximo as perguntas feitas ao grupo para facilitar a troca de experiências, como fica claro nas publicações: “Vamos pra um grupo seletivo agora: Pra galera q no Brasil ganhava pouco mais de salario mínimo, não tinha dois veículos (ou apenas uma moto ou um carro), não tinha casa própria e principalmente não tinha/tem filhos. Como esta sendo a moradia em Portugal? Ps: essa é uma realidade perto da minha!” (postagem PNC, 27/09/2019); “Gostaria muito de ouvir história de casais (principalmente os mais novos 36 anos pra baixo) que não tem filhos nem pretende ter tão cedo que se planejaram e tão a mais de 6 meses em Portugal! (postagem PNC, 26/09/2019, 8 curtidas e 43 comentários)”.

Muitas postagens de futuros migrantes que se apresentam com boas condições financeiras e trabalhos qualificados, ou como empresários que se identificam como alguém que “tem rendas” e negócios no Brasil e não apresentam preocupações com emprego no país de migração, mesmo em uma época de câmbio alto<sup>106</sup>.

Os empresários relatam a intenção de transferir seus negócios para Portugal e pedem opiniões sobre possibilidades de investimentos (“Boa tarde pessoal. Obrigado por me aceitarem no grupo. Estou amadurecendo a ideia de me mudar para Portugal e investir em algum tipo de negócio que sustente a mim e minha família. Pela experiência

---

<sup>106</sup> Em dezembro de 2019 o valor de 1 euro era R\$ 4,50 reais, mas no ano seguinte atingiu R\$ 7,00.

de vocês, o que seria um bom investimento de até 100 mil euros? Muito obrigado”, postagem BeP, 12/11/2019). Os 41 comentários à questão são de sugestões de cautela e necessidade de conhecer o país antes de investir, bem como alertas sobre o perigo de informar nas redes sociais os valores possuídos. Por vezes, algumas questões colocadas no grupo envolvem planejamentos de negócios e migração em fase inicial de desenvolvimento (“Estou amadurecendo a ideia”).

Os montantes investidos em Portugal por empresários, nos estudos sobre representação dos migrantes em notícias de jornais, eram vistos como reforçador da ideia de “contribuição dos empreendimentos para o progresso do País de acolhimento ao nível também da “importação” de inovações associada à vinda daqueles” (Pinho, 2007). Nos grupos, estão associados a uma ideia de possibilitar a migração. Assim como os que revelam a disposição de se desfazer de bens valiosos para iniciar a vida fora do Brasil: “J.A.B.: P.H. é que estou vendendo uma chácara aqui no Brasil e creio que dá pra conseguir uns 45.000,00€ e estou pensando seriamente em imigrar aí pra Portugal” (comentário BeP, 26/12/2019).

Dúvidas sobre “largar tudo” o que têm no Brasil são recorrentes, entendendo aqui que “o tudo” pode representar o dinheiro que foi acumulado durante anos, bens móveis, emprego estável e revela também uma migração conhecedora dos riscos de tentar uma vida fora do país (“... Irei com marido mais ele tá meio receioso de nao dá certo me contem se vale a pena larga tudo no Brasil por favor”, postagem BeP, 09/09/2019).

Ao mesmo tempo, existem os membros que “vão com a cara e a coragem”, sem dinheiro suficiente acumulado para a migração (“Eu vim para Portugal com 800 euros...”) e até mostram dificuldades para comprar a passagem aérea de ida: “Boa tarde, Sou nova no grupo e ainda estou no Brasil. Gostaria de saber se existe empresas ou famílias que precisam de domésticas, que pagam passagem e vão descontando conforme vai se trabalhando?” (postagem BeP, 25/10/2019). Entre os 78 comentários, alguns alertam sobre os riscos da proposta de trabalho se transformar em tráfico de seres humanos e prostituição, e demonstram consciência em relação aos perigos nos usos das redes sociais e também enfrentados pelos migrantes.

Em outras situações, as condições de migração mostram-se mais favoráveis, como o brasileiro que revela ter cidadania portuguesa e emprego garantido em Portugal

e pergunta se é possível viver com o salário de 1.600 euros, se apresentando com um perfil profissional qualificado e que recebe um salário acima do salário mínimo no país. Os comentários são entusiasmados (“isso é que é ostentação”), e recebe conselho para não ser “extravagante”. Mas, há desconfiança entre os próprios nacionais sobre a veracidade da excelente oferta de trabalho para o brasileiro:

Figura 19 - Captura de tela dos comentários do grupo BeP no dia 20 de dezembro de 2019



Fonte: Facebook

Em outra postagem no grupo BeP, um migrante revela ter pago por serviços de auxílio, oferecidos por outros brasileiros, para obtenção de documentações em Portugal, e recebe apoio do grupo:

Quanto mimimi. Enganação e safadeza só porque o cara tá cobrando para tirar alguns documentos... Estou aqui a um mês e se fosse atrás iria demorar mais e gastar mais tempo. Como eu tinha uns trocados a mais, pq não tirar??! Tem gente cobrando absurdos e tem gente que realmente tá ajudando com um certo custo. (postagem BeP, 06/01/2019).

Cobrar pela ajuda não só é aceito pelo grupo como pagar pelo auxílio no processo burocrático da migração é o recomendado entre os comentários dos migrantes que estão há mais tempo no país e dos que acabaram de chegar, situação que fortalece o comércio que envolve a migração já estabelecido no próprio grupo BeP.

Entre os comentários, alguém pede o contato da pessoa que realiza o serviço, mas também suspeitam do perfil ter sido criado para fazer propaganda do negócio. Há apenas uma crítica à publicação: "vergonha da geração nutela de imigrantes que esta vindo pra ca". Em resposta, alguém reconhece a diversidade de perfis dos novos migrantes brasileiros em Portugal ("Tem galera que vem com planejamento e guardou dinheiro ... às vezes até vai para viver de renda ou aposentado ... tem que ver que há vários perfis indo para Portugal , não só quem está muito mal financeiramente").

Em situações econômicas muito diversas, os pedidos de recomendações variam de produtos de consumo não essenciais ("Perguntar não ofende...Alguém sabe informar, se aqui existe carpaccio?? Não é gravidez, mas estou com desejo...", postagem PNC, 10/11/2019) a pedidos de apoio que demonstram dificuldades de sobrevivência. Na publicação, uma mulher que se encontra no Brasil utiliza o grupo para pedir ajuda para o irmão que, após ter sofrido golpe no arrendamento da casa e perdido o emprego, não teria dinheiro e nem lugar para dormir em Portugal:

[Cascais]

Boa tarde gente, gostaria de pedir um favor para o meu irmão. Ele estava trabalhando em obra so que a obra parou e os caras o dispensaram. até ai tudo bem, ele estava alugando um quarto, pagou o aluguel desse mês e o cara sumiu, e deixou ele de fora. Ele está sem trabalho e sem lugar para ficar, sem nenhum dinheiro, pois tinha pago o aluguel e já feito compras do mês. Peço por favor quem puder ajudar ele com um lugar pra ficar só por umas noites, eu agradeceria muito. ele eh um rapaz muito honesto e trabalhador  
ele está em Cascais

[edit] ele conseguiu um lugar pra passar a noite e o dia de hoje, quero agradecer as pessoas que me procuraram no chat pra ajudar, quem puder ajudar com trabalho agradeceria muito também, obrigada

[edit2] sei que não devo explicações a ngm, mas devido a algumas pessoas falarem q sou um perfil fake ou que isso eh uma publicação fake venho explicar pq não respondi todos antes. Muita gente me procurou no chat do face pra poder ajudar, fiquei a noite toda com várias pessoas (as quais sou realmente grata) tentando ajudar meu irmão, não tive tempo de responder os comentários, pois lá na estava a noite e não gostaria q ele dormisse na rua! Por isso neh deu pra

responder todos, mas já estou respondendo agora (postagem BeP, 18/12/2019, 87 reações e 175 comentários)

Nos comentários da postagem acima, há suspeita do pedido ser um golpe de um perfil falso e críticas ao pedido de ajuda (“Porque o seu irmão mesmo não pede ajuda? Mas facil ele pedir ajuda estando ca, do que você pedir para ele ai do brasil”). O texto foi alterado para dar esclarecimentos. Apesar da desconfiança sobre a veracidade das informações entre os membros (“Pra mim é treta”), há a mobilização de uma rede de solidariedade, em que muitas pessoas oferecem ajuda (“Tenho trabalho e alojamento p ele”) e buscam entrar em contato, informam até seus números de telefone (“Pede ele pr me chamar no pv”).

A situação revela um perfil de migrante que vivencia experiência de extrema necessidade, reflexo de uma realidade financeira frágil, que o coloca em posição de vulnerabilidade. Sem ter uma rede de apoio no país para recorrer, o grupo do Facebook é então utilizado para estabelecer uma *rede transnacional de apoio* entre a irmã no Brasil que pede ajuda aos membros do grupo que estão em Portugal.

A síntese dos perfis mais comuns identificados, a partir das publicações de perguntas e pedidos nos grupos dos brasileiros que planejam a migração para Portugal leva em consideração a interseccionalidade, entendendo os migrantes não como uma categoria homogênea. Nesse sentido, optamos por diferenciar os participantes por condição social, formação profissional e gênero / fases da vida (Lim, S.S., Bork-Hüffer, T., & Yeoh, B.S., 2016) para compreender as relações estabelecidas no grupo.

A Tabela 7 apresenta as características dos três perfis dos membros identificados e as respostas que suscitam.

Tabela 7 - Perfis dos membros, características e relações estabelecidas

Perfil	Subcategorias (tipo de migração)	Respostas que suscitam
<p><b>1) “Imigrante nutella”:</b> classe média, planeja e junta dinheiro para migrar. Paga por serviços de assessoria à migração e por moradias caras. Ou ainda, com boas condições financeiras, rendas e bens no Brasil.</p>	<p>Situação profissional:</p> <p><b>a) Investidores:</b> querem investir em negócios em Portugal. Por vezes, já têm cidadania portuguesa.</p> <p><b>b) Qualificados:</b> querem saber sobre o mercado de trabalho para profissões e revalidação do diploma, buscam empregos na área de formação. Alguns apresentam uma situação profissional estabelecida no Brasil até com bons empregos.</p> <p><b>c) Reformados:</b> busca por visto e qualidade de vida.</p> <p><b>d) Estudantes<sup>107</sup>:</b> buscam informações básicas no grupo, demonstram interesse na facilidade de legalização através do estudo.</p>	<p>Estímulo à migração: incentivados quando apresentam boas condições financeiras para migrar e têm assessorias pagas;</p> <p>a) <b>Alertas:</b> recebem sugestões de cautela e alertas sobre os perigos das redes sociais.</p> <p>b) São desencorajados ou já incentivados a aceitarem a realidade de subemprego em Portugal.</p> <p>c) São estimulados quando ganham boa aposentadoria.</p> <p>d) Poucas respostas objetivas às questões.</p>
<p><b>2) “Vai com a cara e a coragem”:</b> Não têm bens e migram com pouco dinheiro, pedem ajuda e informações sobre emprego.</p>	<p><b>Fase da vida e gênero:</b></p> <p><b>a) Jovens:</b> pedem ajuda e mostram disposição para todos os tipos de trabalho e empolgação em viver a experiência da migração.</p> <p><b>b) Mulheres:</b> muitas migram sozinhas ou com os filhos e buscam boas escolas e qualidade de vida. Querem trocar experiências com outras mulheres.</p>	<p>Comentários destacam as dificuldades de conseguir emprego sem documentação.</p> <p>a) <b>Alertas:</b> os pedidos de ajuda são suspeitos de serem golpes ou recebem solidariedade de quem oferece ajuda.</p> <p>b) São desencorajadas pelos relatos de dificuldades de outras mães migrantes.</p> <p>c) <b>Solidariedade:</b> recebem apoio de outras mulheres migrantes.</p>

Fonte: elaboração da autora

Além das diferenças socioeconômicas, as publicações com fotos de mulheres promovem grande participação no grupo, em situações que mostram que as diferenças de gênero também interferem nas vivências migratórias. Obteve 3,1 mil curtidas e 428 comentários a postagem de uma menina com foto estilo selfie para *anunciar sua chegada*: “Muito feliz por estar em Lisboa! Agora só falta juntar uma galera e fazer novas amizades aqui!!”. Uma foto de outra mulher em um jardim em Lisboa acompanhado de texto que reflete sobre as motivações da vida do migrante (“E você? Quer mudar para Portugal porquê?”), em intenção de interagir com os membros do grupo e divulgar o seu perfil no Instagram, obteve 956 curtidas no grupo BeP. Em outras postagens, a mesma mulher, posteriormente, se identifica como uma

<sup>107</sup> Apesar de presentes nos grupos, os “estudantes” não se mostraram atores relevantes nas interações estabelecidas, apenas algumas perguntas de pessoas que se interessavam em estudar em Portugal e buscavam as primeiras informações sobre o assunto. Vários grupos de Facebook específicos para estudantes foram identificados durante a pesquisa, o que pode apontar ser um ambiente mais aproveitado por eles para interações e troca de experiências.

“influenciadora digital” que fala sobre migração e marketing digital em seus perfis em redes sociais, em mais uma situação que demonstra o uso dos grupos para promoção pessoal e de negócios.

**Figura 20 - Captura de tela de duas publicações de mulheres no grupo BeP do dia 09 de setembro de 2019**



Fonte: Facebook

As duas postagens têm características semelhantes, apresentam mulheres brancas, que seguem um padrão de beleza: cabelos lisos, uma morena e outra ruiva, e jovens. Em uma foto, o destaque é o cenário de Portugal, em monumento em homenagem a D. Nuno Álvares Pereira, identificado no texto. Já na outra foto, o destaque é o rosto da menina, e não é possível identificar o local da foto, podendo ser inclusive no Brasil, apesar do texto afirmar que ela está em Lisboa.

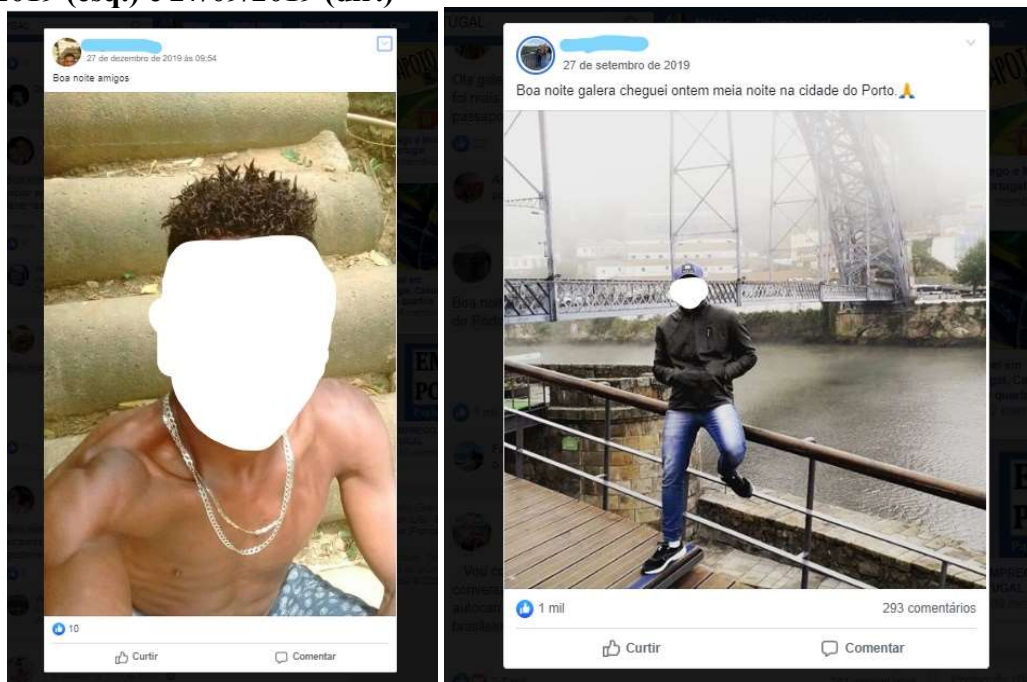
Publicações com fotos dos migrantes em viagens pela Europa e selfies como esses geram muitas reações nos grupos. Mas, entre os comentários da postagem da mulher morena, são reveladas claras tentativas de assédio de homens que elogiam a beleza e falam do sonho de conhecê-la, e até escrevem seus números de telefone, e de

machismo quando elogia a mulher e faz uma advertência de que é casado (“muito bem casado”), como se a mulher estivesse se insinuando e não o próprio homem ao fazer o elogio. Situação que remete ao estereótipo da brasileira que “rouba” o marido, em referência ao caso das Mulheres de Bragança.

Na postagem da direita, comentários de boas-vindas e novamente assédio dos homens com convites para jantar, ou comentários machistas que associam a migração à procura por casamento (“vai casar rapidinho”). Ainda mais explícito, um homem mais velho publica sua foto nos comentários, a fim de mostrar interesse. Algumas pessoas duvidam da veracidade da foto e dizem ser uma postagem falsa (*fake*), um perfil que teria sido criado no Facebook com uma foto da internet de uma menina bonita. Também há alertas por parte das mulheres, em um misto de preocupação e preconceito: “Seja bem vinda mas tome cuidado com as amizades que VC vai arranjar. Se organize. VC é muito bonita e chama a atenção. Cuidado com as msgs privadas que lhe vão aparecer.”. Comentário que coloca a responsabilidade na própria mulher pelos assédios recebidos. Outro comentário do tipo feito por uma mulher é duramente criticado pelo grupo e excluído, por se tratar de um julgamento à menina (os comentários já haviam sido excluídos no momento da observação, mas foi possível intuir pelo diálogo).

Também há casos de muitas curtidas em postagens com fotos de homens, também com clara preferência por um padrão de beleza branco. A publicação de foto de um homem negro (foto esq.), com cabelo crespo e óculos escuros, sentado em um telhado, sem camisa, com o texto que cumprimenta o grupo (“Boa noite amigos”, postagem Bep, 26/12/2019) e recebe apenas 10 curtidas e nenhum comentário. No mesmo dia, poucas postagens depois, a publicação de foto de um homem branco, olhos claros, dentro de um trem, bem vestido, com os cabelos bem arrumados, e texto que anuncia a conquista da autorização de residência, recebe 1,1 mil curtidas e 125 comentários. O padrão de homem não negro, jovem e em ponto turístico no Porto, anunciando sua chegada em publicação no dia 27 de setembro, no grupo BeP, também recebe mil curtidas, como visto na imagem à direita:

Figura 21 - Captura de tela de duas postagens de homens no grupo BeP dos dias 26/12/2019 (esq.) e 27/09/2019 (dir.)



Fonte: Facebook

Entre os comentários ao homem da foto na cidade do Porto, além de parabéns e desejos de sorte, perguntas sobre como foi a migração e destaque para alguns elogios de mulheres sobre a beleza dele, de forma menos agressiva se comparada com os homens nas fotos das mulheres. Há também alertas para que seja tomado cuidado com os aproveitadores que aplicam golpes em quem acaba de chegar e expõe a situação em grupos como estes.

#### *Rede de solidariedade: troca de experiências entre as mulheres*

Uma rede de solidariedade é identificada no grupo entre as mulheres que afirmam ter filhos e buscam saber como é a experiência das mães que já migraram (“Alguém q já foi pra Portugal com bebê de 6 meses ? Tem creche ? Ou Conseguiram deixar com alguém q cuide bem ?!”, postagem BeP, membro novo, 29/09/2019). Nos 50 comentários a esta pergunta, muitos desestimulam a mudança de país e relatam dificuldades no processo, mas outras se disponibilizam para conversas *inbox* para troca

de experiências, indicam infantários ou até mesmo oferecem ajuda para cuidar das crianças.

Em relato de “desabafo”, uma mãe brasileira fala sobre as dificuldades de migrar sozinha com filhos e a intenção de orientar outras mães: “não custa nada nós que estamos vivendo isso na pele dizer a realidade nua e crua!! Melhor uma verdade dolorida ,do que uma mentira que vai doer mais a frente e q talvez seja irremediável ...🙄🙄” (postagem PNC, 11/09/2019). Os momentos de compartilhamento de intimidade reforçam a confiança entre as mulheres que buscam ajuda e as que relatam suas experiências. Nos comentários de pergunta sobre o assunto, uma mãe que deixou os três filhos no Brasil relata a decisão de retorno ao país, após situação difícil no primeiro mês da migração.

R.G.V.: Concordo, não é fácil sai do Brasil com a ilusão que fosse fácil, estou aqui vai fazer um mês não encontrei nada porque preciso documentos , eu decedir voltar porque tenho 3 filhas e estou entrando em depressão de tanta saudades então pra mim não vale a pena. Pense bem quem for vim vem com dinheiro pra se manter por 3 meses eu não vim preparada pra isso vim pensando que no segundo dia iria está trabalhando e não é assim que funciona , e também não conheço ninguém isso também dificulta. Não quero tirar o sonho de ninguém ,aqui não é ruim mas vem preparado e com muita força , fui fraca porque desde do natal choro de saudades das minhas 3 filhas e do meu primeiro neto que vai nascer em abril. Minha filha pequena tem apenas 7 anos e fala todos dias mãe volta e outra coisa sou viúva minha filha não tem pai não tem ninguém por ela. Só tem eu. Desculpa o desabafo talvez sirva para alguém eu decidir eu vou voltar (comentário BeP, 26/12/2019)

Ela reconhece que migrou com a expectativa de que poderia conseguir emprego rapidamente em Portugal. Percebeu-se em muitas experiências relatadas nos grupos que os migrantes costumam ressaltar a rapidez com que conseguiram trabalho, já nos primeiros dias, o que também pode contribuir com esse imaginário de facilidade da migração para Portugal. Como no relato positivo sobre Portugal, em vídeo que mostra alguém dirigindo um carro e o texto: “Obrigado Portugal por receber a mim e minha família, cheguei no sábado e Deus já abençoou com moradia e um emprego bacana na construção civil !!!” (postagem BeP, 29/10/2019, 882 reações e 422 comentários).

As mulheres conseguem estabelecer diálogo nos comentários e em diversos momentos há troca de experiências entre as mães que vivem em Portugal que buscam

aconselhar as que estão no Brasil. Outras revelam ter amigas que já estão em Portugal, evidenciando uma migração em rede estabelecida com outras mulheres que auxiliam. A preocupação é conciliar trabalho e o cuidado com os filhos, como apresentado nos comentários selecionados:

J. R.: eu tinha uma amiga, ela arranhou um quarto e vim, mas não tinha nada. Nem trabalho, vim com pouco dinheiro procurei trabalho de porta em porta, logo coloquei os na escola, mas vivi num quarto com eles 10 meses, foi bem difícil e ainda e, pois trabalho muito e o pior é o tempo pra eles que é pouco, mas apesar de tudo vivemos bem, e eles são minhas motivações! 🙏

....

V. M.: M. G. pois é se vc conseguir vim sem eles e tiver alguém para cuidar no Brasil e o melhor, eu não tinha por isso arrisquei e trouxe! Mas saiba que é no mínimo 1 ano e meio para busca-los!

M.G.: N.C. e exatamente isso, eu penso em ir me adaptar ver se realmente compensa e mando eles virem. Tenho uma amiga que mora em Portugal já estou pensando em ir tentar...

....

G.T. (homem): Ser mãe solteira não é fácil na europa

A.S.: G.T. amado ser Mãe, independente do estado civil não é fácil! A gente precisa abrir mão de muita coisa em prol das crianças. Mas sabe o melhor de ser Mãe Solteira? É que a gente não precisa criar um marido que não presta pra ajudar em casa só porque trabalha fora. A gente consegue dar mais atenção para o filho. Então pra quem acha e fala de forma pejorativa das Mães Solo, um grande vai a m%@#\* kkkkkkkkk

....

C.C.: Quer saber a verdade? Todas q vem nessa condição acabam se embolando com um português só por causa de documento e ajuda financeira. T O D A S! se quiser engrossar a estatística. Seja bem vinda. Ps: desculpe, mas nem sempre a verdade agrada

....

A.M.: Pior é quando sofrem violência doméstica. Infelizmente as estatísticas de violência doméstica aqui em Portugal são absurdas. Os maridos portugueses se aproveitam da fragilidade da esposa imigrante e o final da história a maioria já conhece. Muito triste isso

....

K.A.: Experiência própria não é nada fácil, tem que pensar muito bem... Eu moro aqui à 14 anos, tive meus filhos aqui, mas não moro com o pai deles.. Apesar de ter pensão alimentícia, continua não sendo fácil, uma vez que para o resto é tudo eu... Ter com quem deixar os filhos, arranjar trabalho em horário q dê para por e buscar na escola é muito complicado... Estou querendo trocar de trabalho e ainda não fiz, exatamente por esse motivo...

....

C.T.Z.: Tem alguma coisa errada, se tem brasileiro em cada esquina, e falta gente para cuidar das crianças desses brasileiros e tem brasileiro desempregado, por que NÃO há cuidadores de crianças brasileiras, cadê a colônia brasileira em Portugal para todos se ajudarem... (comentários PNC)

As mães são as que mais revelam as dificuldades, relatadas também pelas que já migraram há anos. A violência doméstica em relacionamentos com portugueses é sugerida como realidade. A possibilidade de deixar os filhos no Brasil enquanto as mães se estabilizam é apontada como possível solução, mas também há sugestão de formação de uma rede de entajuda, inclusive com ofertas diretas de apoio entre as mulheres.

Percebe-se a confiança estabelecida entre as mulheres em uma rede de apoio já existente. As mulheres reagem ao comentário de um homem sobre a migração de mães com filhos e também há momento de apoio na proteção contra possíveis abusadores (“Acho que tem alguém querendo um alvo fácil de abuso sexual”).

As perguntas das mães confirmam um perfil de migração cada vez mais feminino em Portugal, relacionado com os dados do Observatório das Migrações de 2018, apresentados no segundo capítulo, e diferente do estereótipo da brasileira prostituta reforçado pela mídia na primeira década dos anos 2000 (Santos, 2007; Padilla, 2007; Piscitelli, 2008; Correia & Neves, 2011; Malheiros, 2007).

Em muitos casos, há indícios de que a migração seria apenas de mãe e filho(s), como verificado objetivamente na questão: “Mães solteiras que residem em Portugal me conte sua experiência,vc foi com os filhos? Da para viver com eles sozinha aí?” (postagem BeP, 15/11/2019). A publicação recebeu 170 comentários que destacaram sobretudo a enorme dificuldade das mães.

A publicação de um pai que faz uma pergunta pela mulher, que vai migrar com os filhos, revela uma situação inversa à migração masculina mais comum, em que o homem migrava primeiro para conseguir se estruturar e depois levava a família: “Alguém que foi para portugal na mesma situação! Minha esposa esta indo em março com meu filho de 13 anos! Qual seria a melhor opção de moradia um quarto duplo? ...” (comentário BeP, 24/12/2019). Na pergunta, é possível perceber que há conhecimento prévio sobre a dificuldade de moradia em Portugal, bastante afirmada no grupo, quando ele mesmo indica como “a melhor opção” um quarto duplo, não cogitando um apartamento ou casa para acolher a família.

#### 4.2.2 Motivador da migração: emprego e moradia

As muitas perguntas sobre o mercado de trabalho para determinadas profissões ou sobre as possibilidades de conseguir um emprego em Portugal revelam essas questões como principal preocupação e motivador do pensamento de migração (Wenden, 2008; Malheiros, 2007), interesse que cresce associado ao contexto brasileiro de crise econômica e de altas taxas de desemprego (dados do IBGE de novembro de 2019 revelam 11,9 milhões de desempregados no Brasil).

Questões como segurança ou qualidade de vida foram pouco destacadas nas perguntas nos grupos, identificadas sobretudo em relação aos reformados (“A vida para aposentados Brasileiros em Portugal é tranquila?”, postagem BeP, 08/01/2020). Nos 64 comentários, a migração é estimulada a depender do valor da aposentadoria recebida no Brasil, e há sugestões do grupo de que seria preciso para viver uma renda de R\$ 6 mil por mês, valor bem superior ao mínimo que recebe um aposentado brasileiro e considerado alto para se ter uma vida tranquila no Brasil.

“Viver bem” está associado a ter emprego e moradia, sem especificação de compensação financeira ou realização pessoal. Por vezes, os membros revelam poucas perspectivas profissionais no Brasil ou mesmo sua situação de desemprego, como verificado nas postagens no grupo BeP, no dia 11/09/2019:

Olá, sou brasileira e moro em Mogi das Cruzes-Sao Paulo. Estou desempregada e com a intenção de ir embora para Portugal. Qual a dica de cidade vocês me dão? Emprego, consigo algo antes de embarcar, como faço? Alguma agencia de emprego contrata brasileiros?? (6 reações e 17 comentários)

Qual o nível de dificuldade para conseguir um emprego em Portugal? (17 reações e 97 comentários)

Olá bom dia!! Gostaria de opiniões de pessasl que vivem em Portugal e que possam dizer com "certezas". Eu e meu esposo estamos planejando ir À Portugal ano que vem. Gostaria de saber se um casal sem filhos consegue viver "bem", se consegue trabalho/moradia? Vamos com carta convite. Poderiam dar conselhos/experiências? (23 reações e 111 comentários)

Há pessoas que apresentam uma situação profissional estabelecida no Brasil e trabalham em empresas renomadas, mas pensam na possibilidade de migrar para

Portugal, sem especificar os motivos da mudança de país. A pergunta se restringe ao mercado de trabalho, na condição de permanência na área de atuação no Brasil:

Sou livreira, e tenho bastante experiência em livrarias. No momento, estou trabalhando de assistente administrativo em uma renomada editora, aqui do Brasil. Gostaria de saber se alguém sabe como funciona esse ramo, aí em Portugal, e se há oportunidade de trabalho nessa área para brasileiros. Outra área que gostaria de saber é a de Petshop, pois meu marido é supervisor de vendas nesse seguimento. Desde já, agradeço (postagem BeP, 27/01/2020, 0 reações e 0 comentários).

A publicação acima não recebe comentários ou reação, talvez por ser uma pergunta que se refere a uma área específica ou por determinação do alcance pelo algoritmo.

É possível observar nos grupos que não há relação entre a procura e a demanda por emprego: enquanto as ofertas de trabalho, como descritas no capítulo anterior, são direcionadas para mão de obra sem formação acadêmica, na restauração, salão de beleza e construção, as perguntas sobre mercado de trabalho são para áreas especializadas. As perguntas sobre como é o mercado de trabalho para profissões que exigem qualificação, como enfermeiro, engenheiro, advogado, demonstram a expectativa de continuidade da vida laboral no país de migração na mesma profissão exercida no Brasil: “Me tirem uma dúvida, com o meu diploma validado na Europa eu consigo trabalhar na minha área ou não adianta nada? Obs: sou nutricionista” (postagem BeP, 10/11/2019). Geralmente recebem comentários que desmotivam ao revelar uma demanda por trabalhadores restrita aos serviços que não exigem formação de nível superior, como na restauração (“Para ganhar 600 euros dá, ha emprego na restauração é da área da nutrição eu acho..”). Por vezes utilizam de ironia e deboche ao apresentar a realidade de ofertas de trabalho em Portugal.

As perguntas revelam membros com pós-graduação (“Boa noite! Sou economista com especialização em economia da saúde e estou terminando análise de sistema. Gostaria de saber de vocês que estão aí em Portugal como estão as vagas de emprego para essas profissões...?”, postagem BeP, 16/11/2019). Quanto maior a escolaridade apresentada, maior é o desestímulo nos comentários: “não faça isso, não jogue seus estudos diploma e conhecimento no lixo, pois é isso q acontece aqui. Pense, análise e boa sorte”. Entre os 62 comentários, alguém que se identifica como português

sinaliza a demora no processo de revalidação de diplomas dos migrantes e, como solução, sugere um trabalho abaixo das qualificações apresentadas (“... mas como economista , acho que tens sempre saída.. até pq dá p/ seres explicador de matemática (isto no início) até validares os teus diplomas...”).

Outra questão feita no grupo relaciona as dificuldades de inserção laboral e a idade (“Bom dia pessoal! Tenho 43 anos e, aqui no Brasil como todos sabemos a coisa não está muito boa, gostaria de saber como está o mercado de trabalho para pessoas com essa idade???, postagem BeP, membro novo, 14/11/2019) e recebe relatos de experiências positivas dos migrantes que conseguiram emprego “rapidamente” ou que estão trabalhando. Mas a indicação de trabalhos é somente para as áreas não especializadas (“call center, construção civil, cuidadora de idosos, copeira”) e, entre os 51 comentários, um afirma em tom de brincadeira que o migrante precisa “apenas ter resistência física e bom psicológico”, se referindo às dificuldades que os migrantes estão sujeitos em opções de trabalho ruins. Outro comentário faz alusão a exploração da força de trabalho do migrante sem documentação (“se ficar ilegal, sujeito a ser explorado e não receber”):

Figura 22 - Captura de tela dos comentários no grupo BeP no dia 14/11/2019



Fonte: Facebook

Comentários reconhecem as dificuldades em obter qualquer emprego sem documentação (“[Dificuldade] grande se for especializado e vc não tiver documentos. Mas sub-empregos são mais fáceis, lembrando que alguns não pedem documentos, mas a grande maioria pede título de residência..”). O trabalho irregular é apontado como realidade do migrante que não tem o título de residência (“Para trabalhar vc precisa ter documentos...Para ter documentos vc precisa trabalhar...Do contrário é trabalhar irregular...aceitar qqr coisa...”). Os comentários que encorajam a migração são geralmente feitos por pessoas que ainda estão no Brasil e mantêm a esperança de que em Portugal seja melhor do que a realidade brasileira (“Emprego lá tem é muito basta você ter força e vontade”; “Bem menor que conseguir aqui no Brasil”).

As perguntas sobre mercado de trabalho são as mais recorrentes no grupo e percebe-se que, entre as respostas, os migrantes revelam um cenário desencorajador

sobre o mercado de trabalho em Portugal, em meio a dificuldades em obter trabalho sem documentação ou na mesma área de formação profissional que se tem no Brasil. Esse cenário é conhecido pelos brasileiros que planejam a migração e fazem perguntas sobre as “reais” possibilidades de trabalho em Portugal, já afirmando a disposição em aceitar trabalhos nas áreas consideradas como mais fáceis e “independente da formação”:

Gostaria de saber, pra quem vai pra Portugal, disposto a trabalhar, quais as oportunidades de trabalho reais que se encontra, sem muita dificuldade? Exemplo: consegue trabalho mais “fácil” nos cafés, comércios, limpeza, produção? Independente da formação da pessoa aqui no Brasil, mas a pessoa está disposta a trabalhar, o que se consegue. Outra pergunta: a região de coimbra, é boa pra se trabalhar e morar ou é caro tbm como Lisboa? Obs: já agradeço as respostas e esclarecimentos (postagem Bep, 23/10/2019, 4 reações e 4 comentários)

A obtenção de nacionalidade prévia aparece como determinante para facilitar a vivência migratória. No decorrer das observações, em repetidos momentos, é destacado nas postagens o estatuto migratório favorável, já legalizado (“Como é a área de Seguros, para quem tem experiência e cidadania?”, postagem BeP, 26/10/2019). A cidadania representa uma grande vantagem na procura por trabalho, no entanto, não parece ser suficiente para superar preconceitos, já que o sotaque brasileiro, mesmo quando se é cidadão português, pode ser um fator de discriminação, situação apontada pelos próprios migrantes em comentários durante as observações.

Outras perguntas também podem dar indícios de que há interesse na facilidade de legalização através do estudo (“Sempre tive o sonho de morar em Portugal. Mais só agora esse sonho se tornou um real objetivo. Preciso saber qual visto é mais fácil de conseguir, o de emprego ou de estudante? E se alguém souber como faço para já ir empregada.. me ajuda por favor.”, postagem BeP, 21/09/2019). Ter visto de estudante ajuda no plano de se estabelecer em Portugal, já que a legislação garante a possibilidade de o estudante trabalhar.

#### **4.2.3 Participação no grupo e percepções sobre a falta de empatia**

Na diversidade de membros nos grupos, foram observadas situações que atestam que as vivências migratórias são bastante diferenciadas consoante o estatuto

socioeconômico, gênero, de legalização e o tempo de migração. Quando se busca informações, já é observada valorização da opinião de quem está em Portugal há mais tempo e *estabelecido financeiramente*, como ressalta a questão: “Gente, nada pessoal, mas tenho a impressão de que as pessoas neste grupo são mais jovens que estão tentando a vida de imigrante... por outro lado ouço dizer q pessoas estabelecidas financeiramente formadas estão cada vez mais mudando para Portugal... onde estão elas? Ou eh mentira??? Hehehehe” (postagem BeP, 08/01/2020).

Entre as respostas, nos 72 comentários, discute-se a participação dos membros nos grupos de Facebook a partir de suas diferenças socioeconômicas e tempo de migração:

A.L.:As pessoas mais antigas que moram em Portugal, as vezes preferem se calar, pq muitos não gostam de ouvir a verdade. Preferem ouvir que é fácil e tudo lindo! Eu moro em Portugal há 05 anos e a única coisa que digo é que nos tempos atuais não é o momento oportuno para se imigrar, principalmente famílias com crianças. Agora para quem tem dinheiro e visto Gold, não há melhor lugar!

....

R.P.: Procura o Expats in Portugal e outros grupos de expatriados. Verá realidades diferentes dos grupos de brasileiros.

....

F.N.: Pessoas qualificadas normalmente recebem ajuda da empresa que a contrata... Não precisando ficar participando mto de grupo para pedir ajuda. Eu vim com trabalho e peguei a residência de atividade altamente qualificada, tive ajuda da empresa q me contratou e da assessoria de imigração...

Mas tô sempre de olho aqui 😊

....

L.D.: exatamente. Quem vem estruturado dessa forma tem muito mais chances de se dar bem, tem discernimento para tirar duvidas nos órgãos oficiais e diz muitopouco sobre si e sobre sua vida em grupos como esse. E sinceramente é E Esse o caminho. Quando entenderem que o sistema de Portugal não permite que se chegue aqui do nada e se levante a partir do seu esforço como em outros sistemas mais capitalistas, infelizmente quem tem as melhores condições tem as melhores chances.

....

S.G.: Eu vivo aqui em Portugal há 13anos. Nada a reclamar, estou estabilizada, tenho negócio próprio... O que me admira é as pessoas que estão chegando agora, já querem ter a estabilidade igual a quem está aqui há muito tempo e lutou muito por isto. Chegam, com menos de um ano já querem estar até legalizados e com dinheiro a sobrar. Affff. (comentários BeP, 08/01/2020)

Alguns migrantes que moram há mais tempo em Portugal reconhecem que o tempo de moradia no país foi determinante para se alcançar uma estabilidade financeira e consideram que os membros dos grupos não estão interessados nos seus relatos de uma migração difícil. Geralmente, ao comentar as questões, eles já se identificam pelo tempo de migração em Portugal (“Eu vivo aqui em Portugal há 13anos. Nada a reclamar...”; “Estou aqui há 12 anos, e graças à Deus, nunca me arrependi de ter vindo”), por vezes afirmando não se arrepender da escolha e, outras vezes, ressaltando a migração como um processo difícil (“Eu confesso que se fosse pra passar tudo o que eu passei, eu não faria. Eu fui muito humilhado e desrespeitado, mais sempre mantive o controle...”).

Pelos comentários, eles consideram a participação no grupo como uma exposição que é necessária apenas para quem precisa de ajuda. E os migrantes “estruturados”, que já chegam com trabalho ou são apoiados por assessorias de migração pagas, não precisam participar e são esses que têm mais chances de dar certo no empreendimento da migração.

No grupo BeP, em uma publicação sobre como é o mercado de trabalho para a profissão de enfermagem, uma das respostas sugere que a pessoa evite perguntar em grupos do Facebook: “escolha uma pessoa de sua confiança pra passar pra vc informações no privado. Evite grupos. Muitos não dão as informações corretas” (comentário BeP, 22/12/2019).

Verificou-se uma diversidade de perfis dos membros, que apresentam diferentes níveis de formação escolar e situação social e que, com frequência, são ressaltados em busca de se afastar do estereótipo estigmatizado do “migrante brasileiro”, minoria étnica não só historicamente marginalizada no imaginário construído pela mídia portuguesa, que projeta um modelo dominante de identidade (Georgiou, 2010), como também pela opressão da ideologia colonial ainda predominante.

### *Percepções sobre a falta de empatia nos grupos*

Momentos de solidariedade não são os mais frequentes nos grupos. Muitas postagens com perguntas recebem comentários críticos e até agressivos ou não recebem nenhum retorno, caracterizando falta de empatia entre os membros dos grupos. Diante

disso, é comum que eles se antecipem a uma possível crítica e já expliquem nas publicações que não foram encontradas informações no grupo sobre a temática a ser perguntada. Outros, em observações no final dos textos, pedem diretamente que não façam críticas agressivas: “OBS: Dispensio comentários que não me agreguem conhecimento ou ajuda. Procuo informações e não críticas ou piadas sem graça” (postagem BeP, 27/09/2019, 8 curtidas e 66 comentários); “(NÃO SEJAM AGRESSIVOS NOS COMENTÁRIOS 🙏)” (postagem BeP, 14/11/2019, 147 curtidas e 48 comentários).

Também existem comentários que, ao invés de responderem à questão proposta, opinam e tecem julgamentos sobre o assunto, o que também é criticado pelos membros. Muitas vezes, perguntas consideradas básicas ou ingênuas recebem comentários depreciativos com piadas e risos. Há pessoas que criticam essa postura: “Queria saber porque sempre tem alguém que acha graça de post serios feitos aqui?” (postagem Bep, 22/12/2019).

Publicação no grupo BeP revela situação em que comentários pejorativos têm o intuito de ridicularizar e não de responder à pergunta publicada por brasileiro que procura dividir apartamento e cita valor considerado baixo:

Figura 23 - Captura de tela da postagem no grupo Bep do dia 20 de dezembro de 2019



Fonte: Facebook

Em outro caso, é solicitada opinião do grupo sobre uma situação em que a pessoa relata que direitos trabalhistas não estão sendo garantidos, e muitos comentários optam por criticar, de forma pejorativa, a própria escrita da postagem, que revela a baixa escolaridade do membro:

Bom dia gente estou aqui para fazer uma pergunta vocês achas certo eu trabalho por hora no final do mês ele some quantas horas você trabalhou e pago tanto que você ganhou ainda faz desconto da segurança social faz desconto 15 minutos do café da manhã uma hora do almoço e eu trabalho com contrato no contrato fala que tem de pagar para a gente subsídio férias subsídio natal subsídio de refeição mas na verdade não paga nada disso para a gente vocês acha certo ou não aqui em Portugal da sua opinião (postagem BeP, 08/01/2019, 26 reações e 63 comentários)

Nos comentários, entre risos, alguns criticam a escrita que dificulta a compreensão, enquanto outros reclamam da falta de empatia dos que não manifestaram

preocupação com a situação de exploração narrada, e também é identificada solidariedade com quem é criticado pelos erros de português:

Figura 24 - Captura de tela dos comentários da postagem no grupo BeP de 08 de janeiro de 2019



Fonte: Facebook

Nos dois grupos, são comuns reclamações sobre o ambiente de ofensas e pouca empatia entre os membros dos grupos (“Fazer deboche alheio, se tornou algo corriqueiro”). Uma postagem no grupo PNC tenta sensibilizar os membros sobre o sofrimento de pessoas que procuram o grupo e a necessidade de receber apoio: “NC que quando uma pessoa pede ajuda, expõe sua vida e suas fragilidades em uma rede social é porque realmente ela está precisando muito de apoio e não de críticas principalmente as que não acrescentam nada e ainda a deixam mais para baixo (...)” (postagem PNC, 17/11/2019, 167 curtidas e 34 comentários).

Em comentários nas postagens, os membros revelam estratégias assumidas em situações de pouca solidariedade e ofensas no ambiente virtual. Eles dizem evitar publicar no grupo e ocultar os comentários agressivos, entre outras atitudes descritas nos comentários:

A.F: eu Até parei de publicar no grupo pedindo informações, porque a maioria faz comentários absurdo uns a estragar os sonhos dos outros e outros a ofender prefiro só ver e mais nada porque acho que o grupo já não tem piada a muito tempo ... eu sou apologista de que quem acha que a publicação não faz sentido n comenta e deixa quem poder ajudar ou algo parecido comentar...

....

E.S.G: Vou te dar uma dica de ouro amigo: Oculte o comentário como faço, essa semana também fui ofendida por uma sem cultura, sem noção, já nem sei q adjetivo usar para qualificar um ser q sente prazer ou se acha mais q alguém humilhar e ofender pessoas q nem sequer estão se dirigindo a mesma, eu simplesmente oculto o comentário e na maioria das vezes nem leio até o fim, depois q oculto e não dou a mínima esqueço completamente,... Tenho pena dessas criaturas... Talvez sentem \_se fortes, sei lá....!!!!

....

C.M: Eu não comento mais nada! Já fui ofendida tantas vezes..Algumas pessoas fazem seus comentários, e nos temos que concordar com a opinião deles! Não da pra contrariar certas pessoas porque tem que aceitar o comentário dela! O nosso e a mesma coisa que jogar uma bomba! Dependendo do tipo de publicação. As vezes os comentários são de tão baixo nível é com uma falta de respeito tão grande! Que parece estarmos num campo de treinamento. 😞

....

E.A.: Não opino, não peço informações. Nada! Porque a intolerância e a falta de educação está cada dia pior. Já saí de vários grupos de compras, porque quando temos uma dúvida ou algo relacionado. E, fazemos questionamentos, nos agridem moralmente. Desdenham, fazem pouco. É tanto ódio gratuito. Que essas pessoas deveriam se analisar e procurar ajuda especializada. É incrível como os brasileiros ( estou citando brasileiros, porque temos que começar por nossa casa. E, também porque sou uma)na sua maioria ADORAM agredir, maltratar, subjulgar seu semelhante. Digo isso, porque também faço parte de grupos de brasileiros que vivem em outros países. E, vejo como do nada, começam as agressões verbais, pouco caso, ironias. Nunca usam de empatia para com o outro. Parece intrisecado no DNA de muitas pessoas, o prazer de menosprezar o outro! PS: Eu falei MAIORIA. Não generalizei. Graças a Deus ainda existe muita gente de bom coração.

....

J.L.G.O: Amigo, se achou que passaram do limite, denuncie! A denúncia sempre funciona. Se não funcionar, é pq a pessoa também pode estar se sentindo

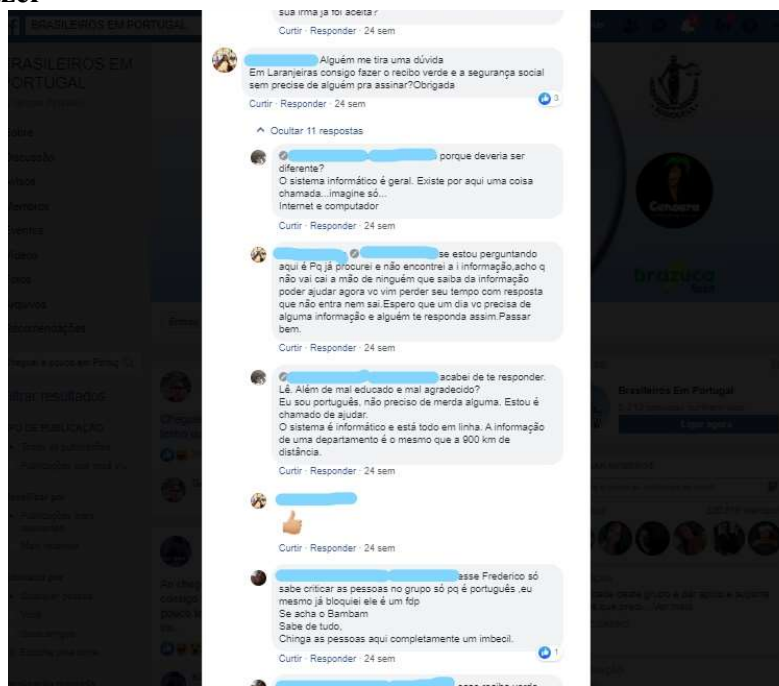
ofendida sem ser. E ainda têm os que ofendem e não querem resposta a altura. Não desanime. Se está correto, os administradores tomarão a decisão certa.

....

E. S. C.: Por isso quase nem uso mais o Facebook. Ou e pessoas se lamentando nos posts ou pessoas agredindo as outras por ter opiniões diferentes. (comentários PNC, 25/01/2020)

Esse diálogo expressa que os grupos se tornaram ambientes em que os membros revelam resistências em participar, seja através de publicações ou comentários. O conselho para que sejam denunciadas as agressões demonstra expectativa quanto a atitudes de controle das mensagens expostas no grupo pelos administradores e moderadores. A opção por não se pronunciar sobre as questões, e nem fazer perguntas diante desse contexto que não favorece o debate de ideias, pode dificultar a troca de experiências entre os membros que vivem no país e a formação de uma rede de solidariedade e entreajuda no grupo, reconhecidos como principais objetivos dos grupos de Facebook no contexto da migração. Além das atitudes agressivas entre os nacionais, há também situação em que o comentador de nacionalidade portuguesa está envolvido:

**Figura 25 - Captura de tela de comentários de postagem no grupo BeP no dia 09/09/2019: “Cheguei a pouco em Portugal alguém sabe algo sobre trabalho Como tenho que fazer”**



Fonte: Facebook

No diálogo, um dos membros sugere o bloqueio do comentador agressivo e, no momento da coleta dos dados (de 1 a 5 dias após a publicação), o membro já aparecia com símbolo cinza de quem não pertencia mais ao grupo. Possivelmente foi banido por algum administrador ou moderador que, mesmo assim, manteve o comentário no grupo (ação já reconhecida por eles como comum).

A sensação de descrédito com as informações compartilhadas nos grupos e desconfiança entre os membros causa preocupação e receio na participação e é sugerido, como alternativa, o contato privado com pessoas fora do grupo. Nesse sentido, são identificadas, a partir de novembro, muitas perguntas no grupo em que as pessoas já solicitam contato pessoal, “inbox”, no “privado”, tal como: “Bom dia, Recebi uma proposta para trabalhar em Portugal, alguém que tenha saído do Brasil para Portugal possa falar comigo no privado, agradeço” (postagem BeP, 14/11/2019); “Gostaria de contatos de pessoas que residem em Portugal, me chama no pv” (postagem BeP, 15/11/2019, 3 reações e 3 comentários); “Bom dia. Tem alguém que more na ilha da madeira que pode comunicar comigo” (postagem BeP, 17/11/2019, 1 curtida, 0 comentários). Apesar de não ter sido verificado nenhum comentário para essa postagem, alguém pode ter entrado em contato.

Mesmo com as reclamações sobre a relação agressiva estabelecida entre os membros, comentário no PNC ressalta a utilidade do grupo e evidencia que ter uma boa relação com os membros e administradores é determinante para a participação (“Só não saí do grupo pq aqui tem ótimas pessoas, aqui eu aprendi muito, e acima de tudo adoro os administradores!! 😊😊😊”, comentário PNC, 25/01/2020). Em outro comentário, o membro do grupo BeP afirma se divertir com as “inutilidades, perguntas idiotas e respostas cretinas” (“...o que o povão gosta é só palhaçada, então não dá pra levar a sério. Só fico aqui pra dar risada mesmo”, comentário BeP, 22/12/2019).

Os grupos não formam sempre uma comunidade de apoio e entresajuda como no caso das mulheres, já que há muitas interações que evidenciam a falta de empatia entre os membros. Neste capítulo, a atuação dos moderadores, administradores e membros revelou características que diferenciam os dois grupos analisados e que impactam as dinâmicas de participação e as relações estabelecidas nos ambientes virtuais, baseadas em uma sensação de confiança e proximidade entre os membros.

Partindo da caracterização dos atores e das dinâmicas de participação apresentadas, o capítulo a seguir busca analisar as interações estabelecidas nos grupos para compreender como se dão as negociações dos sentidos sobre a migração de brasileiros em Portugal, construídos por meio das relações transnacionais estabelecidas entre os membros que estão no Brasil e em Portugal, sobretudo em situações de confronto de opiniões no grupo. Serão então analisados os compartilhamentos de notícias, os relatos de experiências migratórias e as postagens mais curtidas e comentadas.

## Capítulo 5

### **Dinâmicas de Interação: Discussões e Construção de Sentidos sobre a Migração de Brasileiros em Portugal**

Neste quinto capítulo, busca-se observar as dinâmicas de interação entre os atores e as discussões no espaço virtual do Facebook em contexto transnacional. Partimos das publicações analisadas, dos dados relativos à identificação das principais características socioeconômicas e culturais dos membros e temática central que mobiliza a participação nos grupos, já apresentados no capítulo anterior, para compreender os sentidos produzidos sobre a migração por esses brasileiros nos grupos BeP e PNC. O objetivo é refletir sobre o que está acontecendo em campo a partir da questão: *de que modos as postagens e comentários nos grupos de Facebook de brasileiros em Portugal constroem sentidos sobre os seus processos migratórios?*

Com base no conteúdo das postagens, comentários e demais interações dos usuários, serão analisados: 1) Como eles se apresentam como migrantes; 2) Quais aspectos são destacados ou omitidos sobre a migração; 3) Como as notícias destacadas nos grupos são interpretadas. A análise será desenvolvida tendo em conta os significados das publicações das subcategorias de *relatos de experiências migratórias*, textos que narram a experiência pessoal de migração para Portugal, e *compartilhamento de notícias*, de jornais diários e sites de notícias.

Busca-se examinar os modos de interação, as tomadas de posição nas discussões e refletir acerca do entendimento sobre a migração de brasileiros em Portugal a partir das negociações que ocorrem nos sites de redes sociais. Na interação que se dá propriamente on-line, em relações transnacionais, a ênfase é nas circunstâncias relacionais e nos aspectos históricos e socioeconômicos que atravessam essas construções de sentidos sobre a migração.

#### **5.1 Interação transnacional e discussões sobre a decisão de migrar**

Partindo da compreensão das mídias sociais como canais de informações populares em que os migrantes baseiam suas decisões sobre a migração ou destino para onde se estabelecer (Dekker, Engbersen, Klaver & Vonk, 2018), busca-se analisar como

ocorrem as interações nos grupos de Facebook e que tipo de relacionamentos são desenvolvidos.

A partir da observação das relações estabelecidas, seguindo pistas da pesquisa etnográfica, identificamos tópicos de discussão que mobilizam a conversa por meio de engajamentos dos membros nos grupos. Verificou-se que a decisão de migrar é um assunto que gera discussões frequentes, pois os membros buscam entender se é vantajoso migrar para Portugal: “Para você, está valendo à pena morar em Portugal? Diz aí!” (postagem BeP, 07/01/2020). Perguntas sobre a preferência por Portugal para migração recebem muitos comentários e despertam interesse sobretudo das pessoas que estão no Brasil (“EU GOSTARIA DE SABER PORQUE OS BRASILEIRO GOSTAM MUITO DE IR PARA PORTUGAL 😊”) (postagem BeP, 25/12/2019, 230 reações e 696 comentários).

Alguns estão em dúvida sobre o destino da migração e utilizam os grupos de Facebook para solicitar opiniões, tais como: “...então queria saber a opinião de vocês que estão em Portugal, qual acham melhor, Suíça, França ou Portugal? Não tenho problema com os idiomas!” (postagem BeP, 24/10/2019, 150 reações, 261 comentários).

Entre os comentários, há críticas e piadas, e o argumento predominante é que, apesar do salário em média não ser atrativo em Portugal, a legalização é mais fácil comparado a outros países da Europa, além de ter a mesma língua, o que facilitaria a adaptação. No geral, os membros se dividem entre os que se identificam como pessoas que desejam migrar para Portugal, e estão no Brasil ou outras partes do mundo, e os que estão em Portugal e relatam suas experiências positivas ou negativas.

Na questão publicada no grupo Brasileiros em Portugal, além de considerar para a tomada de decisão sobre a migração critérios objetivos, como a oportunidade de trabalho no país, já identificada no capítulo anterior como a principal preocupação e motivação para a migração, a autora da postagem revela interesse na “opinião” do grupo: “1) Como está o mercado de trabalho em Portugal? 2) Quais cidades oferecem emprego? 3) Sou formada em arquitetura, há oportunidades no país? Por favor preciso de opiniões para poder formar minha decisão de sair do Brasil!” (postagem BeP, 11/11/2019).

A conexão estabelecida evidencia o interesse em opiniões sobre Portugal baseadas nas experiências dos migrantes membros dos grupos que são considerados relevantes no processo de decisão de mudança de país, não necessariamente pelos laços de confiança, já que eles não se conhecem, mas com interesse de receber aprovação de um grupo. Como fica evidente na pergunta de uma mulher interessada em migrar que, apesar de já possuir uma rede migratória formada por parentes no país de migração, recorre ao grupo para pedir opiniões de pessoas consideradas “neutras”:

Bom dia, pessoal! Pretendo viver em Portugal ano que vem. Minha irmã e minha prima já estão lá. Dividem um apartamento e as outras despesas. Minha irmã já conseguiu a cidadania. Já tem carta de motorista, já tem automóvel, e ama viver lá. Sou empreendedora aqui, mãe solteira. Não ganho tão mal, porém tbm é complicado juntar grana, devido as despesas e impostos. Pergunto de todo coração. No meu caso, mesmo salário mínimo de Portugal, sendo tão baixo. Dividindo aluguel com minha irmã e prima, dá para viver mais tranquila? Por que tipo, tenho um filho de 7 anos para sustentar. Minha irmã vive no interior, e nunca ficou sem trabalho por lá... Quais dicas me dão? Por favor, sejam super sinceros.. Pergunto, pois gostaria de saber também opiniões de pessoas mais neutras... Agradeço! (postagem BeP, 14/11/2019, 30 reações e 90 comentários)

Entre as reações, comentários questionam a necessidade de pedir informações no grupo (“Vai entender!!!! Se a irmã e a prima estão aqui ainda precisa de informações? Será que elas não são sinceras o suficiente?”). Nas redes tradicionais de migrantes, as interações eram baseadas em laços fortes de família e amigos. No contexto das webdiásporas, os laços transnacionais estabelecidos nas convivências em comunidades on-line parece terem se tornado confiáveis (Dekker, Engbersen, Klaver & Vonk, 2018), exercendo uma função complementar às relações pessoais.

No entanto, como constatado no capítulo anterior, os espaços dos grupos também se mostram como locais de desconfianças, disputas e agressões entre seus membros. Nesse cenário, a abordagem emocional é colocada em evidência, como na questão exemplificada anteriormente (“Pergunto de todo coração”), e surge na investigação como fator fundamental para compreensão das construções sobre os sentidos da migração nos grupos. Concorda-se com a compreensão de Alinejad et al. (2019) de que “a camada afetiva nas práticas de mídia digital dos migrantes nos dá uma maneira de nos concentrarmos em como as conexões digitais estão imbuídas de

investimento e, portanto, de significado social e emocional<sup>108</sup>” (Alinejad et al., 2019, p. 24).

### *Entre o desejo de migrar e o medo de arriscar*

Com foco nas interações estabelecidas nos grupos, foi possível perceber pelas perguntas e pedidos de opiniões sobre o processo de mudança para Portugal que a maioria das questões parte de pessoas que se encontram no Brasil e demonstram o desejo de migrar, assim como também são as que curtem e comentam as postagens positivas sobre Portugal.

Na publicação (“COMO 😞 EU GOSTARIA DE ESTAR EM PORTUGAL 😭”), postagem BeP, 10/09/2019), percebe-se a expressão de um desejo que, por não ter sido realizado, causa tristeza, simbolizada pelos emojis de desespero e choro. Entre os comentários, muitos concordam (“Somos 2”; “eu também”) e alguns relatam o sentimento de frustração com o Brasil, entendido como o que impulsiona a vontade da migração.

Os planos da migração explicitados nas falas estão relacionados com *a vontade de ir embora do Brasil*, algumas vezes sem especificar os motivos (“Boa noite, como faço para conseguir emprego em Portugal? Quero sair do Brasil”, postagem BeP, 22/12/2019, 220 comentários). Outros apresentam a justificativa do medo da violência, como no caso a seguir. No geral, recebem comentários de apoio e incentivos do grupo para a migração; os que comentam com opiniões contrárias e apontam dificuldades na vida em Portugal recebem questionamentos.

Entre no grupo ontem para tirar duvidas sobre Portugal, pois tenho desejo de me mudar em Março,mais sinceramente estou assustada com tantas críticas sobre viver ai. Por favor alguém pode me dizer que vale a pena me mudar com meu marido e 2 filhos para morar e trabalhar como manicure e ele com obra e mecânico de moto??Quero sair do Brasil principalmente pelo medo da violência. (postagem BeP, 28/10/2019, 59 reações e 213 comentários)

---

<sup>108</sup> Tradução de: “The idea of mattering maps inspires us in two senses. First, the affective layer within migrants’ digital media practices gives us a way of focusing on how digital connections are imbued with investment and therefore social and emotional significance, namely how something comes to matter (mattering as a verb)” (Alinejad et al, 2019, p. 24).

Muitas publicações revelam, além do desejo de migrar, a dúvida, e a ideia da migração é associada a um investimento também de risco e que envolve dinheiro, como no exemplo: “Tenho vontade de ir para Portugal, mais tenho receio, estou com dinheiro guardado na dúvida, invisto ou vou” (postagem BeP, 25/01/2020, 26 reações e 142 comentários). O membro recorre ao grupo para manifestar um pensamento, em tom confessional, estabelecendo uma relação de maior intimidade, ao mesmo tempo que revela condições financeiras para migrar, o que o coloca como um perfil privilegiado, o “migrante Nutella”.

Alguns comentários de brasileiros que já moraram em Portugal em outras épocas relatam boa experiência, em tom nostálgico, comparando com sua vida atual no Brasil: “Eu morei 9 anos em Lisboa . E amava . Sinto falta da vida que tinha ai . E eu era faxineira . E tinha uma vida muito melhor que tenho aqui Brasil ....” (comentário BeP, 26/12/2019). Membros que já tiveram experiência de migração revelam o sonho de regressar ao exterior, ao mesmo tempo o medo de arriscar, apesar de ter contato estabelecido no país e cidadania europeia. Na publicação, o membro relata sua história de vida e anuncia sua decisão de migrar novamente com os filhos, compartilhando o desejo com o grupo:

Boa noite, em primeiro lugar quero agradecer por me aceitarem no grupo. Bem tenho 39 anos, e três filhos 18,10,3 idade dos herdeiros, vivi um tempo em Madri com minha mãe, quando viemos de passeio ao Brasil minha mãe descobriu que estava com câncer, foram 3 anos de cuidados mas Deus a levou. Desde então meu sonho era voltar, mas a vida foi seguindo outros rumos os anos foram passando mas o sonho sempre gritando no coração. Quando meu filho mais velho completou 18 anos decidi que é a hora de voltar. Tenho cidadania portuguesa, e hj uma amiga que está morando em Portimão pra me receber. Sei que não é fácil aí como aqui TB não e em qualquer lugar do mundo sem luta. Tudo o que tenho no Brasil hj vai comigo meus filhos. Tenho muito medo mas minha fé e coragem são maiores. Tenho orado a Deus que me abençoe nessa nova jornada, trabalho como manicure, cozinheira, limpeza o que vier eu faço. Que Deus abençoe cada um de vcs com força e coragem para a realização de cada sonho. (postagem BeP, 10/09/2019, 210 curtidas e 82 comentários)

Entre os comentários, a maioria são incentivos de retorno a Portugal, que seria facilitado pela cidadania, mas também há reconhecimento das dificuldades da migração: “Se tem cidadania, vai ser mais facil, mas o trabalho é duro ate pros portugueses, entao se prepare pra trabalhar mas saiba que tera e podera tbn dar uma vida mais digna a seus

filhos em Portugal...”. Alguns chamam a mulher de “guerreira” e outras expressões de estímulo se repetem em uma sequência de comentários otimistas, tais como: “força”, “fé”, “Deus no comando” e “já deu tudo certo”. Quando a administradora do grupo alerta para o problema de falta de vagas em infantários, na sequência surgem outros comentários em defesa do sonho da migração e a questão é encerrada, dando continuidade às frases de incentivo, que predominam.

As pessoas que desistiram de migrar ou revelam que não tiveram boas experiências em Portugal são apontadas pelo grupo como “*fracassadas*” e têm sua decisão colocada em questão. Recebem críticas e sofrem pressão do grupo para esclarecer os motivos da volta ao Brasil (“C.M.: Eu fui e voltei ... pior experiência da minha vida. Aquele lugar não presta e maldito”, comentário BeP, 29/09/2019).

As motivações para o retorno ao Brasil são diversas, como a depressão e a saudade da família e amigos, fatores decisivos citados nos comentários da questão: “E se não fosse a violência no Brasil, voltaria? Eu acho que não e você?” (postagem PNC, 23/10/2019, 70 reações e 342 comentários). As altas taxas de desemprego no Brasil ou a falta de dinheiro para comprar a passagem impossibilitam o retorno de alguns. Também há comentários que optam por valorizar o Brasil, em expressão de orgulho: “Acho que o bom desta onda migratória está sendo mostrar para nós, brasileiros, o tanto de coisas boas que temos em nosso país. O Brasil, apesar de tudo, é maravilhoso. É sim uma terra de grandes oportunidades....Nossa alegria não existe em lugar nenhum deste planeta” (comentário PNC, 23/10/2019).

As publicações e comentários revelam que predominam fortemente nos dois grupos do Facebook os brasileiros que vivem no Brasil e os que vivem em Portugal. Há ainda uma parcela pouco expressiva de brasileiros em outras partes do mundo e de portugueses que estão em Portugal ou que vivem ou já viveram no Brasil.

A Tabela 8 sintetiza as características observadas nessas relações transnacionais estabelecidas entre os membros nos grupos, envolvendo emoções e afetos, desejos e busca por incentivos, e os principais posicionamentos sobre a migração para Portugal: estímulo ou desencorajamento da migração.

Tabela 8 - **Localização e características dos membros**

Nacionalidade e Localização	Características	Na relação com o grupo
Brasileiros no Brasil	<p><b>“Quero ir embora do Brasil”</b>: Desejam sair do Brasil, mas têm dúvidas sobre as vantagens de migrar para Portugal. Alguns já moraram em Portugal, tiveram boa experiência e revelam vontade de regressar ao exterior, mas medo de arriscar. Curtem e comentam as postagens positivas sobre Portugal e reclamam da vida no Brasil.</p>	<p>Recebem comentários de apoio e incentivo à migração dos que também estão no Brasil; e comentários que retratam os problemas e a vida difícil dos que estão em Portugal e, por isso, são questionados pelo grupo.</p>
Brasileiros noutros países do Mundo que não Brasil ou Portugal	<p><b>“Fracassados”</b>: moraram em Portugal e não tiveram boa experiência, decidiram voltar ao Brasil. Falam mal de Portugal e dos portugueses.</p> <hr/> <p><b>Portugal como segunda opção</b>: pensam em migrar para Portugal por enfrentar dificuldades na migração atual em outros países, fazem comparações entre os países, querem manter vínculo com brasileiros. Têm expectativas sobre a qualidade de vida em Portugal.</p> <hr/>	<p>Recebem críticas, a opinião é questionada e são instados a explicar os motivos da desistência.</p> <p>Não recebem estímulo dos membros para migrar para Portugal. São recomendados a ficar no país onde estão, sobretudo pelos baixos salários em Portugal e falta de perspectiva de acumular dinheiro.</p>
Brasileiros em Portugal	<p><b>Otimistas</b>: recém-chegados que comemoram o tempo em Portugal, mesmo que pouco, mostram entusiasmo, elogiam o país e fazem relatos de sucesso. Alguns também citam as dificuldades encontradas na migração.</p> <p><b>Guerreiras/os</b>: moram em Portugal há algum tempo, sofrem dificuldades, mas aceitam a condição e não problematizam. Acreditam no poder da superação individual. Elogiam Portugal e o comparam com o Brasil.</p> <p><b>“Destruidores de sonhos”</b>: migraram para Portugal há alguns anos, já estão estabelecidos no país, dizem mostrar a “realidade” de Portugal para alertar os novos migrantes. Outros estão nos primeiros anos da migração, não têm boa experiência e fazem muitas reclamações.</p> <p><b>Portugueses</b>: Apresentam a nacionalidade como atrativo para estabelecer relações com mulheres ou valorizar opiniões e críticas. Quando entram em confrontos com o grupo, se apoiam na nacionalidade. Outros apoiam os migrantes.</p>	<p>As suas mensagens de otimismo sobre a migração são aprovadas pelo grupo e recebem muitas reações e comentários de estímulo baseados na fé. Alguns oferecem ajuda e sugerem “muito cuidado”. Há crítica aos “iludidos” que migram sem planejamento ou informações e reclamam das dificuldades.</p> <p>Recebem incentivo do grupo que elogia a força de vontade e estimula a aceitação das condições difíceis dos migrantes. Alguns membros criticam Portugal e desconfiam dos elogios feitos ao país.</p> <p>Ao falarem mal de Portugal, são contestados e chamados de “pessimistas” e “pessoas negativas”. Sofrem críticas e são considerados “arrogantes” e privilegiados, por vezes são motivados a voltar ao Brasil. Ao reclamarem, são interpretados como alguém que não quer mais brasileiros em Portugal e são silenciados.</p> <p>Algumas reações xenófobas são identificadas, em busca de silenciar os migrantes. Quando criticam os brasileiros, geram conflitos e discussões no grupo.</p>

Fonte: elaboração da autora.

Apesar de pouco expressiva, a participação dos *portugueses* no grupo é facilmente identificada não só pelo estilo da escrita, mas também porque os mesmos, diversas vezes, se identificam pela nacionalidade. Sobretudo em momentos polêmicos em que entram em confronto no grupo, como forma de valorizar suas opiniões e críticas. Em outros momentos também apoiam os brasileiros. Nos casos de publicações de mulheres jovens recém-chegadas a Portugal, é comum a oferta de ajuda de homens que afirmam não ter “nenhuma intenção”. Porém, ao se identificar como português (“um abraço de um português”) na mensagem de boas-vindas, é perceptível que a apresentação da nacionalidade serve como atrativo para estabelecer relações com a mulher.

Os grupos de brasileiros em Portugal possibilitam uma relação transnacional que extrapola a temática ao reunir muitos brasileiros que ainda estão no Brasil ou migrantes espalhados pelo mundo. Muitos querem apenas estabelecer contato com outros migrantes brasileiros, a exemplo da migrante na Austrália que, ao relatar sua experiência, é até repreendida por não respeitar a temática do grupo, mas responde: “L.A.: [...] Somos imigrantes e estamos aqui para se ajudar”. Geralmente são desencorajados pelos grupos os membros que têm a intenção de mudar para Portugal e estão em outras partes do mundo, como Inglaterra, Canadá, Espanha, Irlanda, México, Itália, Dinamarca, EUA, Austrália, etc.

Muitos brasileiros que apresentam a cidadania italiana também demonstram planos de morar em Portugal, confirmando os dados dos Relatórios Estatístico Anual Imigração em Números de 2018 e 2019 que apontam a comunidade italiana entre as 10 nacionalidades mais relevantes em Portugal, sobretudo devido aos brasileiros descendentes. As facilidades de adaptação por conta da língua são levadas em consideração na escolha de mudança de país: “Boa tarde pessoal, eu e minha família temos cidadania italiana. Estamos querendo ir a Portugal, mas sabemos que podemos escolher outros países. Porém estamos optando por Portugal pelo idioma, já que infelizmente só falamos português” (postagem BeP).

Já os brasileiros que estão nos EUA ou Inglaterra revelam pretensão de deixar os países motivados por questões políticas, como as ações anti-imigração do governo do então presidente norte-americano Donald Trump (candidato republicano com mandato de 2016-2021) e as mudanças com o processo de saída do Reino Unido da União

Europeia (apelidado de Brexit) que entrou em vigor em janeiro de 2021: “Eu moro atualmente nos EUA, trabalho de baba e meu visto acaba ano que vem. Estou pensando em migrar pra Portugal (Porto) e aplicar para faculdade de enfermagem do Porto...” (postagem BeP, 14/11/2019).

Alguns brasileiros que já acumulam vivências migratórias em vários países estabelecem diálogos no grupo e possibilitam troca de experiências e comparação entre os lugares de migração. As pessoas que estão em Portugal e já moraram nos EUA relatam as diferenças entre os estilos de vida, destacando a possibilidade de acumular mais dinheiro no país americano e desestimulando a mudança.

O mesmo ocorre com os migrantes que estão em outros países da Europa e são desestimulados, em uma das poucas situações em que há predomínio de opiniões contrárias à migração para Portugal. Já que, na maior parte dos casos, os brasileiros que querem sair do Brasil têm a decisão de migrar amparada por uma rede de encorajadores da migração que tecem incentivos, baseados na fé ou em facilidades como a cidadania prévia, e é formada por muitos que ainda estão no Brasil.

Nesse cenário, compreende-se que, na relação transnacional estabelecida no grupo, predomina a busca por aprovação sobre a decisão de migrar e as discussões envolvem sobretudo o sentimento de frustração em relação ao Brasil, motivador da vontade de ir embora do país, e do medo de arriscar na migração.

### **5.1.1 Tomada de posições sobre a migração: polarização entre estimuladores vs. desencorajadores**

Comprendemos, a partir dos discursos descritos neste capítulo, que o desejo de migração é também construído de forma coletiva nos grupos de Facebook, a partir da articulação dos campos das emoções. Nesta dimensão de análise, destaca-se que os significados das interações transnacionais estabelecidas entre os membros dos grupos de Facebook, entre os que estão no Brasil, em Portugal ou outras partes do mundo, revelaram dois posicionamentos expressos nos comentários: os encorajadores da migração e os membros que apontam os problemas e dificuldades do processo.

A *rede de estímulo à migração* é verificada nas postagens dos novos migrantes, identificados em anúncios de chegada, geralmente com mensagens de otimismo que são

aprovadas pelo grupo através de reações e comentários. Na publicação de uma mulher: “Chegando em Portugal ..muito confiante vai dar tudo certo” (postagem BeP, 14/11/2019, 1,7 mil reações e 518 comentários), grande parte dos comentários que estimulam a migração parte de brasileiros que ainda não migraram e destacam otimismo e fé em suas mensagens (“Já deu tudo certo. Deus está com tigo”, “Amém”, “Venha na fé”), como também solicitam o relato de experiência da recém-chegada, revelando a intenção de receber motivação: “depois vc posta como foi essa vitória pra animar mais pessoas que queiram ir pra fora”.

Outras situações verificadas nos comentários da publicação revelaram a percepção de competitividade entre os próprios nacionais (“... a grande maioria dos brasileiros aqui ja estão fartos de mais um está chegando, pq é mais um pra pedir emprego, mais um pra competir com as vagas do SEF. ”). Percebe-se pouca repercussão do grupo no relato de quem teve experiência de migração ruim (“...só dou um conselho muito cuidado confie em quase ninguém e se prepare pra aceitar TD e calada, digo quase TD, eu vou embora pro Brasil em janeiro de vez, Austrália [fazendo referência a Portugal<sup>109</sup>] e boa mas fui, boa sorte moça”).

Nos meses observados, foram verificados muitos depoimentos positivos de migrantes que comemoram o tempo de chegada a Portugal, principalmente no grupo BeP<sup>110</sup>. Nos dois grupos, as postagens com mais de mil curtidas são geralmente esses relatos de experiências sobre a migração escritos pelos chamados *otimistas*. Percebe-se que a aprovação parte dos membros que estão no Brasil e têm o sonho de migrar para Portugal.

A publicação do jovem que, em tom de conquista e gratidão, comemora um ano de migração em Portugal, recebe 1 mil curtidas e 227 comentários: “...isso são palavras de quem 1 ano depois pode falar sem medo de errar, eu nunca senti tanto que estou onde deveria estar em toda minha vida, faria e passaria por tudo outra vez pra chegar em um dia como hoje e dizer: OBRIGADO POR TUDO PORTUGAL” (postagem BeP,

---

<sup>109</sup> Alguns brasileiros que moram em Portugal fazem referência ao país lusitano por “Austrália”, código utilizado para que os portugueses não percebam quando estão criticando o país, por exemplo. Logo que cheguei a Lisboa me foi apresentado esse código por uma brasileira que morava há mais tempo no país. A ideia da distância cultural entre Brasil e Portugal e do estranhamento entre eles é simbolizada pela distância geográfica e cultural entre o Brasil e a Austrália.

<sup>110</sup> São contabilizados mais relatos no BeP do que no PNC, nos quatro meses observados e, na sua maioria, são depoimentos de experiências positivas, publicados com grande número de curtidas, no grupo BeP (12 relatos no total, apenas 2 negativos, em setembro).

24/10/2019). Mensagens de encorajamento também são aprovadas pelo grupo e os brasileiros que realizam o sonho de migrar são considerados vencedores e se apresentam como *guerreiros*:

A esse um mês aqui em Portugal, primeiramente agradeço muito a Deus e peço força pra cada dia ser assim um melhor do que o outro, e digo nunca desiste dos seus sonhos seja ele qual seja, tudo vale a pena tentar, um brinde a todos esses brasileiros guerreiros que nós somos, quem quiser fazer amizades só me chamar no privado um abraço e força a todos (postagem BeP, 28/10/2019, 949 reações, 120 comentários)

No texto que segue, o autor brasileiro se inclui na posição de nação portuguesa e recusa os migrantes “derrotados”, os que não são capazes de superar as dificuldades (“Agradeçam pois não precisamos de derrotados aqui e sim de pessoas pro ativas<sup>111</sup>”). A situação de discriminação com os migrantes é criticada em um dos comentários (“O cara tá se achando Europeu, coitado, kkkk”):

Sabe porque de cada 10 pessoas que mudam p Portugal, duas desistem?  
Porque não caem na real, antes mesmo de sair do Brasil que...  
Aqui ninguém fica rico...Aqui a alimentação é sem tempero, e não como a nossa comida ai... Aqui o povo dentro de sua propria maneira é mais fechado que nós Brasileiros.. Aqui se fuma absurdamente ...Aqui 80% da população recebe salario minimo e vivem conformadamente com este salario... Aqui como em todos países do mundo tb se tem racismo e xenofobia.. Aqui inicialmente se encontra certas barreiras p mercado de trabalho.. Porque não entende que a distancia vai separar da familia e de seu conforto e zona de confiança.. bem....  
Ainda bem que são apenas duas em cada dez, pois assim ficam as mais guerreiras, as pessoas que Portugal precisa e valoriza, pessoas que vencem. Que provavelmente vão morrer um dia de velhice e nao por tiros ou acidente de transito, e bem velhas mesmo...Que são abraçadas pelo otimo sistema de saude de Portugal.. Que podem viajar a Europa toda mesmo sendo pessoas simples...Que podem visitar e curtir o que tem de melhor do Brasil nas ferias levando pouco, que vira muito no Brasil.. Então senhores quando vcs lerem, historinhas aqui de pessoas falando mal, e dizendo que voltaram por isso e aquilo.. Agradeçam pois não precisamos de derrotados aqui e sim de pessoas pro ativas.  
.Em cinco anos aqui, vejo Fisioterapeutas, Enfermeiras, Advogadas, Contadores e etc..todos enfrentaram e enfrentam as dificuldades que falei acima.. Mas todos vivendo tranquilamente ou em suas areas ou em outras. .Mas todas gozando das dificuldade iniciais que passaram e que ainda passam..

---

<sup>111</sup> O termo proativo remete à expressão utilizada para questões relativas a trabalho.

Então pessoas que voltam p o Brasil, que façam o terrorismo dos frustrados em redes sociais, porem garanto a todos vcs que quem veio e lutou e está aqui.. Estão bem e vivendo suas vidas tranquilamente.. uns com mais dureza mas o salario vc tem acesso a bens que no Brasil com o minimo não temos.., outros com mais tranquilidades e alguns poucos investidores ganhando menos que no Brasil porem , fazendo mais com os ganhos do que faria no Brasil... Um abç a quem voltou .. e um beijo no coração de quem pretende vir.. Analisem tudo antes de virem, um projeto de mudança se faz de entendimento do que pode vir pela frente. (postagem BeP, 15/01/2020, 435 comentários)

Entre os comentários recebidos, muitos dos que concordam e elogiam o texto estão no Brasil (“Adorei o que escreveu estou no Brasil, e penso da forma como escreveu, um dia estarei aí”) e há críticas aos próprios brasileiros (“cara é um monte de gente frustada e sem vontade de vencer aqui, gente que adora justificar suas derrotas para se sentir mais confortável na vida ...essa é cara do brasileiro arruma justificativa pra tudo mas não assume nada kkkk...”). Alguns questionam a denominação de “derrotados” (“O que te autoriza a dizer que quem não teve sucesso aí é "derrotado"? Quem vc pensa que é pra falar que as pessoas que falam de suas experiências, únicas e subjetivas, fazem "terrorismo dos frustados"? Que elas "não lutaram o suficiente"?). Já os que vivem em Portugal duvidam do depoimento elogioso e reclamam de questões como saúde e moradia (“Deves maquear um Portugal ilusório aos brasileiros que não conhecem aqui e ganhar dinheiro em cima. com certeza”).

Os membros que apontam os problemas e dificuldades do processo migratório são considerados como pessoas pessimistas e denominadas como “*destruidores de sonhos*” pelo grupo. Visto que muitos buscam no grupo estímulo para migrar, quando nas postagens há relatos de experiências negativas de migração, percebe-se o cuidado em alertar que o objetivo é orientar os membros. A exemplo de uma mãe brasileira que critica o alto custo da migração com filhos (publicado no grupo PNC e informado que foi retirado de outro grupo): “não é querendo destruir sonhos de ninguém , eu to passando por isso , e não custa nada nós que estamos vivendo isso na pele dizer a realidade nua e crua!! Melhor uma verdade dolorida ,do que uma mentira que vai doer mais a frente e q talvez seja irremediável ...🙄🙄” (postagem PNC, 11/09/2019).

Essas explicações evidenciam dificuldade na abordagem de assuntos negativos sobre a migração no grupo, até no próprio grupo PNC, que foi criado com a proposta de abordar também essas questões, tais como: violência, choque cultural, burocracias,

saúde pública. Críticas sobre o aumento das rendas em Portugal, por exemplo, foram observadas com frequência nos dois grupos:

Genteeeeee, que absurdo é esse para alugar um apartamento?  
Primeiro que se desconfiam que você é brasileiro, já nem respondem mais. Segundo que a maioria dos anúncios tem telefone mas não tem WhatsApp... e ninguém atende! Terceiro que eles querem cobrar 2 rendas e MUITAS cauções (a última me pediu 6). Eu lia bastante reclamação aqui no grupo sobre isso mas achava que era exagero... Agora eu acho que era POUCO! 😏😏😏 (tô rindo mas é de desespero) (postagem BeP, 23/12/2019, 171 reações e 246 comentários)

Na relação transnacional, há tentativa de desconsiderar as críticas alegando vários fatores, por exemplo, que são feitas por brasileiros que não estão em Portugal: “NC que a maioria das pessoas que ficam julgando as pessoas e criticando as postagens, nem em PORTUGAL moram 🇧🇷” (postagem PNC, 06/09/2019). Os membros também identificam alguns perfis que desencorajam a migração como “fakes” ou “falsos” para desacreditar e banalizar as opiniões: “O.R.B.S.: esse M.L. é um perfil falso que tem o único objetivo por aqui de falar mentiras, simplesmente porque não quer brasileiros em Portugal” (comentário BeP, 27/09/2019).

As pessoas que moram há mais tempo em Portugal, apesar de terem a opinião valorizada no grupo, como destacado em perguntas (“Quero tirar uma dúvida com o pessoal qui está a mas tempo em Portugal, sobre manifestação de interesse a residência”, postagem BeP, 06/09/2019), ao relatarem experiências negativas, também sofrem resistência. São identificadas como pessimistas, evidenciando que o critério para que a opinião seja considerada pelo grupo não é somente a experiência, mas o teor positivo das mensagens.

Por exemplo, nos comentários à pergunta feita por uma maquiadora sobre o trabalho em Portugal (“Alguém do grupo trabalha na área da beleza e poderia dizer como está este campo de trabalho em Portugal? [...] Eu tenho certificados de boas escolas no Brasil, eles valem aí? Agradeço se puderem me informar”, postagem BeP, 09/09/2019), os conselhos para não migrar e os relatos de experiências negativas nos comentários são confrontados e banalizados por outras pessoas do grupo. A realidade do Brasil é apontada como pior que a de Portugal, fato observado nos trechos selecionados nos comentários:

J.X.: Sandra não sou da área, mas tenho amigas que vieram e se frustraram. Aqui normalmente se paga fixo e é muito baixo o valor..... se trabalha demais e a forma de executar o trabalho é muito diferente das brasileiras. Não venha, pode acreditar que vc está mais feliz aí [no Brasil] do que aqui [em Portugal].

....

S.M.: Amada se fosse você arriscava sim, não ligue para o que as pessoas negativa dizem por que se seu trabalho for de qualidade seu sucesso é garantido, aqui no Brasil sim você fica perdendo tempo é um país que infelizmente não dar valor ao trabalhador. Vá com Deus na frente o sucesso é garantido.

....

I.S.: Eu já abri um salão em Portugal. Não deu certo e fechei com 6 meses. Motivos...Os procedimentos nos salões em geral era tudo barato e tive q manter igual [...] Melhor vc procurar ser empregada um bom tempo mesmo porque aqui elas têm gostos diferentes. Aprender lidar. Maquiagem se paga muito pouco. Tem salão q faz por 5 euros. No Brasil minha cunhada faz por 250 reais. Diferença gritante. Só disse a experiência que tive aqui apesar de 15 anos de profissão. Boa sorte.

....

B.L.I.: A. eu sou maquiadora e não cobro 5€ em uma maquiagem não! Com certeza 5€ deve ser uma maquiagem super mal feita e sem qualidade.

....

I.S.: O engraçado e que as pessoas querem contestar até as experiências q outros tiveram. Querem ouvir só histórias de sucesso. Gente eu contei o que passei e claro igual no Brasil tem salão que se paga bem pelo trabalho ao mesmo tempo que o aluguel é 2000 euros ao mês.

....

P.N.: Nao estamos sendo.negativa. estamos sendo realista! .Mas tenta. vai.ver que nao.vale a pena.

....

M.C.: D.R.A. verdade . Eles queixam se em todo o lado. Não querem e que ninguém venha . Hoje fui cortar o cabelo e o meu cab brasileiro está a ampliar o salão, vai ficar gigante.

....

K.D.: PQP! Quantos comentários negativos afff vou dar uma dica, não ouçam os otários, se vc for uma ótima profissional vai sem medo de ser feliz.

....

D.R.A.: Gente qual a dificuldade de ser solidário....se está tão ruim aí pq mesmo assim a pessoa fica aí??? Porque para o outro que quer tentar, mudar, viver melhor vai ser ruim, vai ser difícil, não vai ganhar bem, não vai conseguir....Eu hein!!! ,Deus é mais.....em tudo que se tem Foco e fé dará certo, penso assim!!!! (comentários BeP, 09/09/2019)

Pelos comentários, nota-se que as pessoas que criticaram Portugal foram identificadas como “negativas”, “otários” ou apontadas como alguém que não quer mais

brasileiros em Portugal. As opiniões contrárias são também consideradas como falta de solidariedade e rejeitadas pelo grupo que questiona as pessoas que criticam sobre os motivos de ainda permanecerem em Portugal. Prevalece a opinião de quem, mesmo estando no Brasil, estimula a migração com frases de incentivo que remetem ao risco e à fé: “vale a pena arriscar”, “venha com fé”, “Deus é mais”. Os que estão em Portugal e desestimulam a migração, ao encontrarem dificuldades em relatar a própria experiência no grupo, se apresentam como “realistas”.

O fato de grande parte dos membros dos grupos ainda estar no Brasil possibilita o embate com os brasileiros que migraram para Portugal, além dos portugueses. Essa particularidade da formação dos grupos, entre migrantes e não-migrantes, ou futuro-migrantes, marca a polarização das discussões sobre a migração entre pessoas que sonham em migrar, outras que já migraram e reclamam, desestimulando a migração, e os que defendem Portugal.

### **5.1.2 Entre o sonho e a realidade: confrontos e os usos das redes sociais**

Mudar de país significa para as pessoas identificadas na categoria “*Quero sair do Brasil*” uma solução para uma vida melhor, um recomeço para quem vive em situação difícil no Brasil. Por isso, os comentários negativos sobre a vida em Portugal são considerados não só como desestímulos, mas como uma “destruição de um sonho”. No relato selecionado, o pedido de compreensão e paciência evidencia a necessidade de acolhimento das pessoas que acreditam na migração como uma solução e têm expectativas de mudança de vida, um entendimento que aproxima os membros (“no impulso que me fez querer dar a mesma virada de página que você!!”), um *sonho* que vai sendo construído de forma coletiva nos grupos de Facebook:

Boa Noite.. (POSTAGEM DESABAFO)

Tenho acompanhado as postagens do grupo (TODAS) e observo que a galera é muito crítica com quem ta indo ou já chegou recentemente..

Acredito, sério, eu prefiro acreditar que quando você foi para Portugal, ou seja lá onde você está agora, alguém te orientou, teve paciência com suas repetidas dúvidas, te ajudou explicando sobre regras, leis, trabalho, moradia, lazer.. Por que estou falando isso??

Ninguém sai de perto dos seus familiares, da sua zona de conforto, por que simplesmente acordou numa bela manhã e pensou "Nossa, o BR tá muito chato, vou vender tudo que eu tenho e vou me aventurar em outro país"..

Vejo compatriotas jogando uma tonelada de desaforos em quem está tentando o mesmo sonho que você teve em algum momento na sua vida e que acreditou ser a solução..

Não tá dando certo pra você aí? .. Não significa que vai dar errado pra mim. Eu não sei da sua vida, assim como você também não sabe da minha e o impulso que me fez querer dar a mesma virada de página que você!!

Sei que temos no grupo variados tipos de pessoas, com diferentes níveis de entendimento digital, sócio-econômico, cultural e por aí vai... Sejam pacientes com quem sabe "menos" que você. Você não nasceu sabendo tudo sobre o país em que você está agora.. repito: **ALGUÉM TE AJUDOU!**

Não destrua o sonho de quem só tem essa esperança como recomeço!!

Se você tá de saco cheio de pergunta idiota e repetida.. ignore, pois ninguém está te obrigando a responder...

Você saiu do BR pra ser uma pessoa diferente.. tenho certeza.. então pratique.

PS1: NÃO, eu não moro em Portugal.

PS2: Sim, eu vou. E tento pegar todas as dicas úteis que são postadas aqui. ( Postagem PNC, 15/11/2019, 204 curtidas e 158 comentários)

O texto é direcionado para os membros que criticam aqueles que sonham em migrar e, em edições realizadas posteriormente, o autor se identifica como alguém que espera ajuda do grupo para alcançar seu objetivo. Entre os comentários, os chamados por membros dos grupos como "iludidos" são criticados pela falta de planejamento e de informações sobre o país para o qual pretendem migrar, além do despreparo emocional. Os migrantes destacam a importância das redes sociais como espaço para que eles possam "alertar" e mostrar a realidade de Portugal, como apontado nos comentários:

T.A.: Às vezes não se trata de destruir os sonhos de ninguém, o que acontece é que temos visto muita gente perdida, muitos vêm na fé do primo da prima etc..... principalmente quando tem crianças no meio é de cortar o coração.....a "nossa" função aqui é precisamente para alertar a que outros que estão por vir não cometam os mesmo erros.....a experiência é individual e isso não temos dúvidas.....tb sabemos que os iludidos são os primeiros a falar mal, pq chegam sem eira nem beira, sem estrutura para o básico, tem pessoas que nem sabem o que é o NIF/NISS e por aí vai.

....

S.F.: 1. Mudar de país não é como mudar de cidade ou estado. Ao invés de ficarem ofendidas e fazerem textão, as pessoas inteligentes filtram as informações, juntam dinheiro suficiente e vêm com os pés no chão.

2. Quando o discurso começa com "sonho", já mostra uma certa ilusão sobre o país, porque quem vem sabendo os pontos positivos e negativos dificilmente considera um "sonho", mas uma contingência dada à atual situação do Brasil.

3. Quem tem firmeza de propósito e maturidade, faz seu planejamento, entra no avião e arrisca. Esse papo de magoado ou fazer sermão nas redes sociais só denuncia a falta de preparo emocional.

4. Um pouco de inteligência e humildade sempre cai bem. Nem todo comentário é para desanimar e algumas chacoalhadas são importantes para acordarmos para a realidade!

....

A.L.: Este grupo eh para as pessoas que estiveram ou estao em Portugal falarem a realidade do que passaram ou estao passando. Tem milhares de outros grupos no FB onde so se fala de sonhos e o que as pessoas que ainda estao no Brasil querem ouvir

E.L.: E.M. ajudar o outro é exatamente o que é feito aqui, mostrando a nova Portugal, onde hoje é moda, onde todos querem morar e viver, onde o metro quadrado esta acima da média salarial dos portugueses, onde vejo brasileiros que são enganados pelos yutubers, "amigos" de facenook, e que aproveitam se da igenuidade dos que querem uma vida melhor e acabam por colocar dinheiro nas mãos de qyem não conhecem e são roubados, brasileiros que chegam aqui cheio de sonhos e na FÉ e qd desembarcam veem que n é bem aquilo que lhe disseram no face e nos vídeos e aqueles que incentivam escondem se por trás das redes sociais

....

C.B.N.: Qdo entrei para o grupo foi exatamente para conhecer o que havia de ruim, e buscar soluções pra isso, pq com o que é bom, nós acostumamos bem rápido. Acompanho bastante o grupo, falo muito pouco, gosto mais de observar e tirar minhas próprias conclusões a respeito de diversos assuntos levantados aqui. (...) Falam mal de Youtubers, mas existem TB os que são conscientes e falam a verdade, a realidade do país, mas qdo a pessoa está disposta a arrumar "aval" para suas loucuras, não vão assistir aos que falam verdade, mas os que estimulam sonhos. Enfim, vejo algumas pessoas aqui com o firme projeto de ajudar, esclarecendo dúvidas, postando o de bom e ruim que acontece no país, como. G.S.P. [administradora], a A. P. [administradora], bem como outros moderadores e membros do grupo... (comentários PNC, 15/11/2019).

Nos comentários acima, os membros destacam a importância de selecionar de forma crítica as informações encontradas na internet e reconhecem a atuação relevante de moderadores e membros nos grupos. Para eles, existem alguns grupos de Facebook e canais do YouTube que buscam mostrar a realidade e esclarecem dúvidas, enquanto outros apenas estimulam a migração, atendendo a uma demanda dos próprios

seguidores: “onde so se fala de sonhos e o que as pessoas que ainda estao no Brasil querem ouvir”.

Nesse cenário, os membros que se autodenominam de “realistas” dizem apresentar os problemas do processo migratório que não são reconhecidos em algumas narrativas das redes sociais, como observado na publicação no grupo PNC: “NC [ninguém conta] que o "sonho de Portugal" não é esses videozinhos motivacionais e esses "super manuais milagrosos" que te vendem. Prezados coleguinhas que diariamente falam que sonham em morar em Portugal, trago-vos uma dose de verdade: Há muitos pilantras a agir em Portugal...” (postagem PNC, 12/11/2019, 108 curtidas e 73 comentários).

Os usos das redes sociais são refletidos pelos próprios usuários que criticam as pessoas que só mostram os aspectos positivos do país, indicando que seria uma forma de "ganhar seguidores" e conseguir mais audiência. Há crítica à visão otimista de alguns *youtubers* que narram suas vidas no exterior como um “sonho”, contribuindo para a construção de uma imaginação migratória, fator relevante para o aumento da taxa de migração (Appadurai, 2004), a exemplo da publicação:

Bom dia pessoal fiz um ano que estou aqui em PORTUGAL e muito feliz ,como todos tenho meus altos e baixos, porém andei vendo aqui no grupo pessoas que infelizmente fazem propaganda falsa enchendo os olhos dos outros como é Portugal e muitos só dizem que quer para ganha seguidores em toma cuidado vc que tem interesse em vim mora em PORTUGAL, todo país tem seu problema mais portugal tb não é diferente segui seu coração, tire algumas dúvidas mais não viva de ilusão e muito triste vê pessoas que só quer ganha mérito em cima do seu prox nem que for para ganha seguidores e passa a inf de ilusão boa sorte para quem vem, pronto falei goste ou não vamos por pé no chão. (postagem BeP, 25/09/2019)

Em sequência das muitas críticas aos que propagam a visão idealizada sobre a migração, nos grupos são identificadas propagandas de canais de YouTube e perfis de redes sociais com a proposta de “mostrar a realidade que os outros não mostram”, como o próprio grupo PNC.

Em contraponto às críticas ao grupo, os membros que se mudaram há mais tempo também destacam as vantagens do uso dos sites de redes sociais e explicam como as informações e as experiências de quem já migrou podem contribuir com o processo

de planejamento da migração. Nos comentários, eles relatam as dificuldades enfrentadas na época sem as tecnologias de comunicação possibilitadas pela internet:

F.R.: Vdd arrasou 🤔🤔🤔 quando vir pela a primeira vez realmente não tinha noção da vida nem de imigrante nem de Portugal .estava mesmo inludida mas na quela época não avia meio de comunicação .redes sociais era um telefone público um cartão de 5€ um fila inorme isso no domingo onde todos ouvia conversas de todos . mas já alguns anos e impossível as pessoas não sabe que Portugal não e um país de se ganhar dinheiro . Affff levam o tempo em falar mal de Brasil . Portugal etc Affff (comentário BeP, 26/12/2019)

T.A.: F.N. hoje em dia informação não falta, todos sabem o valor imobiliário,todos sabem o valor dos ordenados,todos sabem das dificuldades. Emigrei apenas com um mapa na mão e uma mochila nas costas,ainda não havia internet como hoje, fiz a minha história e trouxe uma bagagem para a vida inteira quando decidi regressar ao meu País, foram 10 anos de tudoooo....sou muito grata a isso. Hoje os tempos são mais difíceis é verdade, mas antes tb o era porque sempre se ganhou mal em Portugal e o povo pensa que é de hoje, mas sempre se viveu e vive! Só depende de vc. Pelo seu texto vejo que não vem ao vazio, então o melhor conselho que lhe posso dar é procurar as lugares no mapa que ninguém fala kkkkkkkk e adaptar ao seu propósito . Seja feliz e espero que retorne com a sua experiência, seja qual for 😊

....

M.C.: Estou em Braga com minha família e como vc disse, hoje com o advento da Internet temos a chance de ver e ouvir diversas experiências sobre o que quer que seja. Com a gente não foi diferente. " Estudei " sobre Portugal durante quase 3 anos e mesmo assim as coisas aqui são bem diferentes. Só vivendo na pele pra saber. Estamos amando mas sempre soubemos que não seriam só flores, principalmente no começo.

....

G.S.P. (administradora): Você leu a descrição do grupo ???

Aqui neste grupo todos tem liberdade de opinião ... Inclusive os " reis das maravilhas" bem como os "destruidores de sonhos" ...

A questão não e responder as questões .. o fato é que se percebe o quão as pessoas estão preguiçosas querendo tudo de mão beijada.

Outra coisa ... Qdo fui a pt logo no início dos anos 2000 male male tinha o Orkut ... E eu pouco o usava. Pesquisei tudo através da internet ... Não tinha ninguém que falasse olha tem que tirar NIF ... Olha leve PB4 ... Olha precisa de trabalho com contrato para obter niss... As pessoas querem emigrar ???? Oh pah ... Desejo boa sorte ... Mas levante as mangas e comece a estudar.

O que mais tenho visto são pessoas sem o mínimo de estrutura indo muitas vezes com crianças pequenas ... E a gente que está "nesta empreitada " acompanhando grupos e noticiários sobre Portugal sabemos infelizmente onde a maioria dessas histórias vão parar... O que tentamos aqui e só alertar sobre as imensas dificuldades que encontrarão ... E destruir sonho???? Então desculpe se

apenas lendo as informações já se assustam imagine qdo sentirem na pele ???  
Portugal e ruim ??? NAOOOOOOOO  
Portugal e MARAVILHOSO  
Mas como todos os países tem seus problemas ... E são esses que expomos aqui.  
Boa sorte (comentários PNC, 15/11/2019)

A relevância da pesquisa na internet durante o processo de planejamento da migração, seja para entender questões burocráticas, seja para ter acesso a experiências de outros migrantes antes de migrar, se mostra como um facilitador para a migração. Contudo, mesmo se preparando por anos, as pessoas relatam situações difíceis em Portugal, apresentado como um país que também tem problemas como qualquer outro, sem idealizações.

A migração não é vista como uma solução pronta e certa pelas pessoas que já migraram há mais tempo, mas como uma opção de recomeço que envolve riscos e muitos problemas, os quais não são tratados em uma perspectiva de que serão superados, como será verificado nos relatos de experiências dos novos migrantes a seguir, mas como uma situação inevitável no processo da migração, uma realidade difícil.

Pelos comentários, os membros demonstram ter consciência dos riscos do ambiente virtual, que não é confiável por ser também lugar onde pessoas buscam tirar vantagens, e alertam para o despreparo e ingenuidade dos participantes que acreditam em todas as informações e serviços ofertados nos grupos. Compreendem os usuários dos sites de redes sociais como agentes ativos que escolhem participar dos grupos de acordo com os seus interesses e posicionamentos sobre a migração, muitas vezes na busca por estímulo para migrar.

A descrição das interações e práticas comunicacionais dos participantes dos grupos do Facebook nos orienta nas reflexões e compreensão de como eles produzem sentidos sobre a migração de brasileiros em Portugal. Uma construção afetiva de significados que articula emoções, preocupações, desejos e sentimentos nas relações transnacionais possibilitadas pelas tecnologias de comunicação entre brasileiros que estão no Brasil e outros que já migraram, além de portugueses.

## 5.2 Interpretação dos sentidos sobre a migração

Para compreender como os sentidos sobre a migração de brasileiros em Portugal são construídos no ambiente virtual, com a participação dos próprios migrantes ou dos que planejam migrar, partimos neste tópico para a análise das interpretações das publicações classificadas como *relatos de experiências migratórias* e *notícias compartilhadas*. Os depoimentos dos membros, de forma espontânea em interações e publicações nos grupos, revelam percepções sobre os processos migratórios do ponto de vista pessoal, com os relatos biográficos das experiências, e também contextual e interpretativo, por meio do compartilhamento de notícias.

A partir de uma abordagem interpretativa, incluindo as experiências subjetivas e colocando a interpretação dos agentes em evidência (Joas, 1999; Coulon, 1995), buscase verificar nos dois grupos de sites de redes sociais analisados como as experiências migratórias são sentidas na individualidade, na ligação com o real e pertencimento ao local, e na organização da relação com o outro através dos novos símbolos de sucesso na migração e da reinterpretação das notícias

### 5.2.1 Relatos de experiência migratória: símbolos do sucesso na migração

Em tempos sem internet, na década de 1970, o jovem argelino recém-emigrado para a França, que chega para férias na Argélia, descreve como se dava o encontro e o que eles escolhiam contar ou calar para os que ficavam na aldeia. Sobre a vida na França, ele revela que “tudo o que dizemos são mentiras”:

O que conta para eles é que eu lhes diga que eu estou trabalhando, é tudo o que vão ouvir. Então por que fazer cair sobre eles a ‘escuridão’? De toda forma, nada vai abalar sua fé. Para entender algo na França, é preciso ter passado antes por ela [...] Aquele que não viu nada [da França], este escuta e se convence de que a felicidade é "futura", que o espera lá e que lhe basta ir em frente ... Se é preciso chegar até aqui na França para conhecer a verdade, é um pouco tarde ... tarde demais. (Sayad, 1998, p. 36)

Com a internet, os emigrados estabelecem contatos transnacionais com a terra de origem de forma mais rápida nos grupos de Facebook e, com recorrência, também são publicados relatos dos que migraram para Portugal e narram suas experiências quase

que ao mesmo tempo em que vivem. São momentos em que eles assumem o lugar de produtores na narrativa de suas vivências (Brignol, 2012; Saturnino, 2009).

Em muitos casos, mesmo com apenas um ou dois meses de migração, eles já destacam sobretudo os aspectos positivos da experiência, direcionando os textos para os membros que ainda não decidiram migrar (“falo pra vc q quer vim e tem medo”, BeP 25/10/2019).

Nos grupos de sites de redes sociais, eles evidenciam também a intenção de fazer novos amigos, conquistar seguidores ou indicar serviços do comércio que envolve a migração, em novas possibilidades que a internet apresenta, diferente dos jornais em que eles eram apenas utilizados como fontes. A exemplo dos casos em que há recomendação de agência de turismo e divulgação de perfil no Instagram:

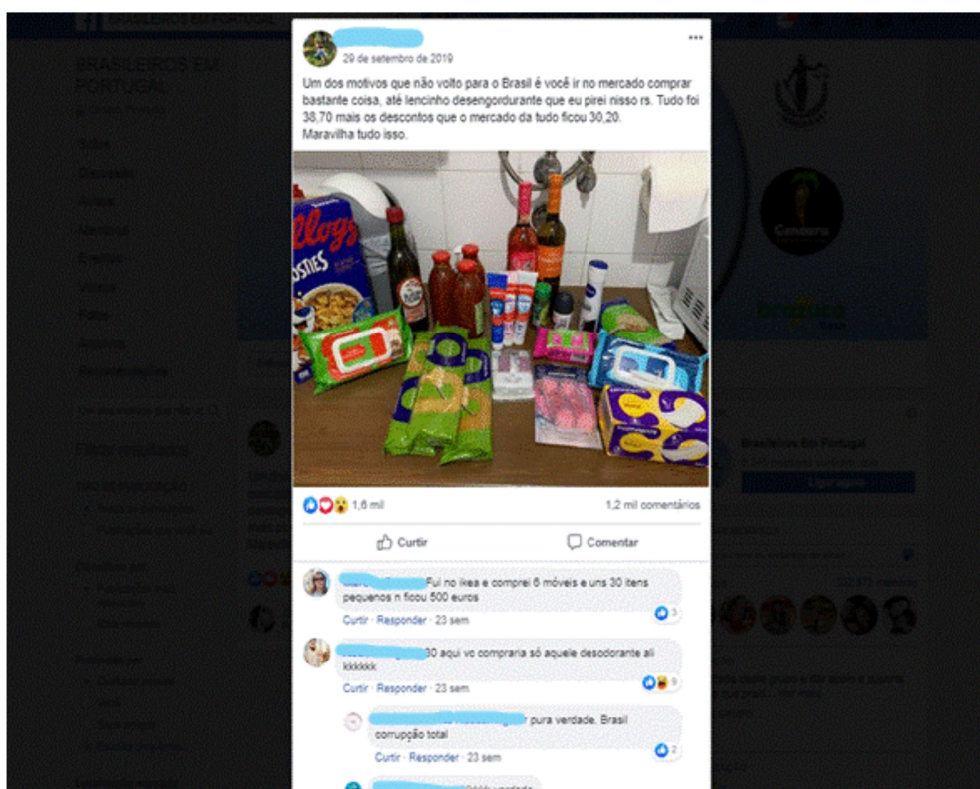
Estou 2 meses em Portugal, e estou achando muito interessante tudo o modo de vida aqui , vim só eu e Deus não conhecia ninguém aqui na cidade de Lisboa e fiquei aqui , tenho 20 anos e falo pra vc q quer vim e tem medo pq não conheci ninguém q não tem emprego isso e aquilo , se vc tem coragem de trabalhar em qualquer lugar do mundo vc vive vc se adapta , estou em Lisboa vivo só e estou feliz, se alguém quiser fazer amizades chama no privado ☺ quem quiser alguma informação me manda msg no Instagram pq no whats estar ruim responderei todos 📩 JJUNIORKAIRON 📩 (postagem BeP, 25/10/2019, 1,2 mil reações e 340 comentários)

Como não amar esse lugar hein. Estou a quase dois meses aqui e tenho certeza q foi a melhor coisa que eu fiz, pois no Brasil estava desempregada sem expectativa hoje eu e meu marido estamos empregados meu filho vai estudar aqui. Quem pensa em vim venha com foco e fé não desista e lute q na frente vale a pena. As que estão vindo ou planejam vim eu recomendo a agência de turismo que eu vim com meu marido os preços deles são bons e baratos. #portugallindo #amoportugal (postagem BeP, 25/09/2019, 2 curtidas, 9 comentários)

A conquista de um emprego e de escola para os filhos se confirma como argumento principal na apresentação de uma experiência migratória vantajosa, tal qual no relato dos argelinos na França da década de 1970. Entretanto, o símbolo de viver bem na Europa contemporânea acrescenta também os aspectos de custo de vida e poder de consumo. A possibilidade de, mesmo com um baixo salário, poder comprar muitos itens no supermercado, é explorada como argumento na postagem que mais gerou

comentários no período observado (1,8 mil), e compara o poder de compra no Brasil e em Portugal:

Figura 26 - Captura de tela da publicação do grupo BeP do dia 20 de setembro de 2019



Fonte: Facebook

Os comentários não aprofundam questões econômicas, apenas questionam o poder de compra e os produtos escolhidos. Apesar disso, muitos defendem que com o mesmo valor seria possível comprar a mesma quantidade de produtos no Brasil. Verifica-se que as publicações mais comentadas se referem às comparações entre Portugal e Brasil, enquanto as postagens mais curtidas são de fotos de pessoas que relatam experiências migratórias positivas, atendendo às expectativas de parte do grupo que, ao desejar receber estímulo para migrar, aprova as publicações que mostram as vantagens de morar em Portugal.

Os casos de “sucesso da comunidade”, uma das temáticas recorrentes dos sites webdiaspóricos (Scopsi, 2009), são simbolicamente representados, além das conquistas de emprego, escola e do poder de compra, pelas viagens turísticas aos países da Europa,

em postagens de relatos acompanhadas por fotos de migrantes em vários lugares visitados, por vezes recompensas de uma vida difícil: “6 meses em Portugal, 2 vezes voltando a Paris, 1 vez em Londres, Alemanha, Madrid....Não adianta vir pra cá, e ficar chorando...Venha, engula os sapos, trabalhe, e conquiste. Não ligue para as ofensas, você não saiu do Brasil pra ganhar a simpatia de ninguém, você veio atrás de uma vida melhor...” (BeP, 3 mil curtidas e 359 comentários).

Viajar para países da Europa é um sonho que é realizado por uma classe média e rica do Brasil e, ao ser conquistado pelo migrante, é apresentado como um símbolo de uma vida de sucesso nos sites de redes sociais. Mesmo que o migrante não encontre uma realidade que atenda às suas expectativas de quando estava planejando a migração, até mesmo se não ganha muito dinheiro ou executa trabalhos em condições precárias, ele consegue viajar pela Europa, o que é considerado no seu país de origem um luxo.

Nesse sentido, eles optam por trazer para primeiro plano em seus relatos de experiência migratória as viagens e deixam para trás a “escuridão” das condições de vida, em um discurso que é construído a partir de uma negociação entre as expectativas deles e do grupo, entre a realidade e a imagem de Portugal que é construída a partir dos símbolos culturais de sucesso do país de emigração, tal como explica Sayad (1998) sobre as contradições dos argelinos migrantes na França:

Convidado a contar sua experiência de emigrante e, em particular, a contradição que descobre entre a realidade de sua condição de imigrante e a imagem encantada que tinha da França antes (porque era aquela que seu grupo lhe propunha), o informante demonstra as condições sociais que produzem essa contradição. Porque ele se transporta incessantemente de um mundo para outro, toda a visão que tem da emigração o que ele chama de "a França" - e o discurso pelo qual comunica essa visão se vêem condenados a buscar suas fontes nos dois universos dos quais todos os emigrantes participam. (Sayad, 1998, p. 42)

Nos grupos observados, a maioria são jovens que reforçam nas postagens um cenário de “boa vida” na migração seguindo a linguagem dos sites de redes sociais, usando recursos como fotografias produzidas nos momentos em que fazem turismo, como símbolo de sucesso da sociedade de *performers individuais*, pensada pelo filósofo Byung-Chul Han como substituta da sociedade da disciplina, que era caracterizada pelo excesso de deveres e que tem como nova regra o imperativo da performance (Bauman, 2017). A apropriação de narrativas ligadas a um discurso de superação e otimismo e

outros conteúdos positivos, em uma *performance de si* no Facebook, é definida por Polivanov e Santos (2016) como “mediadores que comunicam determinados sentimentos e impressões de si que se deseja criar no outro”.

O sucesso do migrante na busca por “uma vida melhor na Europa” é conquistado pelo trabalho e superação dos problemas, entre eles a xenofobia e o racismo, simplificados através das expressões “engolir sapos” e “não ligue para as ofensas”, do depoimento anterior. Apesar das dificuldades enfrentadas, os relatos são geralmente encorajadores e reforçam a persistência, em um discurso de otimismo direcionado para as pessoas que querem migrar, com intenção de estimulá-las, como também parecem justificar para o próprio migrante a validade daquela experiência, como visto no exemplo a seguir:

Figura 27 - Captura de tela da postagem do grupo BeP no dia 25 de setembro de 2019



Fonte: Facebook

A estrutura do relato de sucesso se repete nos grupos: um começo de dificuldades na adaptação ao novo país, mas que pelo esforço e dedicação do migrante foram superadas. No texto da imagem acima, é destacado o emprego que foi conseguido com rapidez (“em dois dias”), uma das grandes preocupações dos que planejam migrar e reforçado pela celeridade com que se alcança a integração do mercado de trabalho. Mas que não é completamente um sucesso, já que há reconhecimento que os trabalhos iniciais eram difíceis e mal remunerados, amenizados pelos significados de persistência na busca por melhores oportunidades. A possibilidade de viajar e conhecer outros países na Europa (cinco!) é o símbolo do sucesso da migração nos grupos de redes sociais e a realização do sonho construído no país de emigração.

“Viver superbem” na Europa é muitas vezes resumido à possibilidade de viajar; outras questões sobre qualidade de vida, como integração, moradia ou desenvolvimento profissional não são destacadas no relato. Quando descreve o trabalho na fábrica, a ênfase é na carga horária de 6 horas por dia e no salário acima do mínimo, uma situação melhor quando comparada à realidade mais comum do migrante, o qual pode chegar a trabalhar mais de 8 horas por dia e ganhar menos que um salário mínimo<sup>112</sup>, que já é um dos valores mais baixos em relação a outros países da União Europeia.

#### *Da superação à gratidão: a migração como um ato de coragem e persistência*

Os textos dos relatos de experiências migratórias reforçam a *migração como um ato de coragem e persistência* e não se discute em detalhes nos depoimentos as dificuldades, resumindo apenas ao fato de que são superadas. Não há espaço para o reconhecimento do sofrimento gerado pelas discriminações e outras problemáticas do processo migratório, evitando serem assim consideradas mensagens “pessimistas”, que não teriam aprovação do grupo, como visto nas reações de rejeição e banalização dos depoimentos negativos apresentados neste capítulo.

A publicação que recebeu o maior número de reações no período analisado foi feita em dezembro de 2019, próximo ao período de Natal, e é também o relato de experiência de uma mulher jovem e migrante que conta a sua história em um texto

---

<sup>112</sup> Em 2018, o salário mínimo em Portugal era de 580 euros, aumentando para 600 euros em 2019 e 635 em 2020.

longo que detalha o primeiro ano de migração, denominado como “teste de sobrevivência”, na tentativa de se convencer que se trata apenas de uma “provação” passageira, como explica Sayad (1998).

A igreja foi apontada como o primeiro lugar em que ela encontrou apoio para questões burocráticas e recebeu indicação para o primeiro trabalho, em um lar de idosos, conquistado nos primeiros dias. E a renovação do visto é o principal objetivo a ser alcançado pela migrante e marco temporal que motiva o depoimento no grupo. Os momentos difíceis em relação à integração são reconhecidos, mas a intenção do texto é ressaltar a superação e o orgulho em persistir em viver em Portugal, já que a volta ao Brasil é considerada um fracasso:

Minha experiência com Portugal.

Hoje renovei meu visto de residência para mais dois anos e me sinto preparada para contar minha história.

Hoje completa exatamente 1 ano e 8 meses vivendo em Lisboa.

Tenho tantas coisas para escrever, algumas chatas outras de muito orgulho e superação.

Cheguei em Lisboa com 22 anos, sozinha e sem saber por onde começar, com visto de turista e 500 [euros]. Não fiz muito planejamento, decidi vir para cá 15 dias antes de comprar minha passagem. ( paguei 5800 na passagem ida e volta 😊).

Cheguei no sábado e no domingo eu fui convidada pelos colegas de quarto à conhecer a igreja MCI de Sintra. Foi na igreja que conheci um Português que se disponibilizou a assinar meu NIF e também comentou que estava precisando de alguém para trabalhar em um lar de idosos.

Sim, meu primeiro trabalho foi em um lar. Super difícil e cansativo confesso.

Aluguei um quarto e 20 dias depois o colega de apartamento decidiu voltar para o Brasil. Sem lugar para ficar, durmi na garagem do lar de idosos, onde trabalhei dois meses. Passei muitas dificuldades, chorei muito, mas não desisti e nunca pensei em voltar. ( eu vim com o objetivo de ter minha residência e não ia desistir independente das dificuldades).

Com dois meses e meio de Lisboa, consegui um trabalho em uma Ótica, na qual trabalho até hoje.

A ótica me deu contrato de trabalho e entrada na segurança social. ( meu número demorou quase 4 meses para chegar).

Em novembro de 2018 dei entrada no Sef, final de dezembro abriu a agenda para marcação. Consegui marcar para setembro de 2019 na ilha da Madeira. Mas não convencida com a data e a distância, mudei minha marcação para 20 de outubro para a Lisboa.

Dormi em frente ao Consulado duas vezes para conseguir atendimento e duas vezes em frente à Loja do Cidadão de Laranjeiras.

Mesmo com marcação eu fiquei insistindo no site, todos os dias e todos os momentos possíveis, até que dia 13 de Março consegui uma vaga para dia 15 de Março na delegação de Albufeira.

A entrevista foi super simples, levei os documentos pedidos no site, os mesmos que anexe e em dois meses recebi meu cartão de residência.

Depois com a residência, troquei minha carta de Habilitação, consegui médico de família e dei entrada no pedido de estatuto de igualdade. Um passo de cada vez!

Em julho entrei no site novamente e fiz o agendamento para renovar meu visto para hoje 20 de dezembro.

A validade era até março, mas não tinha mais vaga no site no dia que fiz a marcação.

Hoje o sentimento é de gratidão e paz.

Para quem está vindo para cá, leia o depoimento e que sirva de motivação, mas se eu pudesse dar um conselho, prepara muito bem seu psicológico e traga sim dinheiro. ( ainda mais se vc vem com família). Os alugueis não estão baratos, você não vai ficar rico e não vai ter estabilidade nos primeiros meses.

O primeiro ano é só teste para ver se você sobrevive aqui! Kkkk Os portugueses são sim difíceis de lidar, mas meus melhores amigos aqui, são portugueses. Então, se você se decepcionar com o primeiro, tenta o segundo é assim por diante, acontece o mesmo no Brasil.

Este ano consegui viajar para 6 países, realizei vários sonhos e continuo batalhando para meu crescimento. Não espere encontrar alguém que vai fazer tudo por você, essa pessoa não existe . Você vai precisar acordar cedo, dormir tarde, pesquisar muito na internet as coisas, perguntar para várias pessoas até entender como fazer. Mas não desanime, o começo é sempre mais difícil.

Foque naquilo que você deseja e não tente usar pessoas para conseguir, não venha com pensamento de arranjar casamento, conquiste as coisas por si próprio (a), o sentimento é muito melhor na conquista.

Vai ter algumas pessoas que vão ter preconceito sim, aí vai de você comprar ou não a briga. Vai ter stress no trabalho, vai ter chatice na casa, mas se você tem um objetivo, não tire os olhos dele.

Em relação aos comentários dos grupos, nem todos são reais, alguns são só de pessoas frustradas. Outros são super importantes, mas não utilize a experiência do outro para definir a tua vitória ou não.

Enfim, é isso! Tenho saudades do Brasil, sim, tenho! Mas fui eu quem escolhi vir, então eu pago o preço.

Não adianta você fazer uma escolha e depois reclamar todo dia pelas consequências! Assuma os riscos e escreva a sua própria história.

Boas festas a todos e um Natal feliz! ( com sdds sim, com vontade de estar com a família sim, mas grata por tudo também).

Boa sorte para todos. Beijinhos 🍷 (postagem BeP, 21/12/2019, 4,1 mil reações; 811 comentários e 2 compartilhamentos)

A experiência relatada é organizada em torno do processo burocrático para conseguir a documentação de residência, é o que define a trajetória da migrante até

aquele momento. Para ser recebida pelos órgãos responsáveis pela emissão dos documentos em Portugal e no Consulado brasileiro, ela precisa se submeter a situações como dormir na rua para garantir lugar na fila ou se deslocar para outras cidades distantes, em uma espera que dura vários meses, em um processo contínuo, pois a documentação temporária a cada ano precisa ser renovada. Evidenciando a ilusão coletiva do estado dos migrantes, que nem é provisório e nem é permanente, situação que pode durar por vários anos e que justifica a negação de todos os direitos de uma estadia permanente (Sayad, 1998).

A descrição da vida da migrante no primeiro ano é repleta de barreiras burocráticas, sociais e situações de total desamparo que não são questionadas, por exemplo, quando ela precisa se submeter a dormir por dois meses na garagem do local de trabalho. Ao mesmo tempo em que são apresentados os problemas, não há sentimento de revolta ou crítica. Até quando se fala sobre situações de discriminação sofridas pelos migrantes, há apenas a sugestão de que existe preconceito, mas não é refletido como uma questão social, estrutural ou institucional, mas visto como uma decisão pessoal do migrante em evitar ou se posicionar (“comprar a briga ou não”).

São introduzidos elementos que relativizam os problemas, tais como os sentimentos descritos no relato de superação e *gratidão*. A responsabilidade é do migrante que deve assumir os riscos da escolha (“Mas fui eu quem escolhi vir, então eu pago o preço”). Mesmo sem ter argumentos para comprovar uma boa vida, a intenção do relato é de estimular a migração, como está explícito no texto (“Para quem está vindo para cá, leia o depoimento e que sirva de motivação”).

Os momentos de dor ou a saudade do Brasil são superados pela vontade de conquistar algo na Europa, simbolizado pela conquista da autorização de residência, o objetivo dos migrantes, muitas vezes tão difícil de se alcançar e decisivo na sua trajetória. Enquanto a tão sonhada autorização de residência não chega, o emprego com salário justo ou a qualidade de vida, por exemplo, são colocados em segundo plano.

Nos grupos analisados, a autorização de residência temporária, que é alcançada geralmente depois de um ou dois anos de trabalho, é comemorada como uma vitória diante de uma luta dura, e não como um direito de um cidadão que integra a sociedade, paga seus impostos e trabalha no país, como observado nos exemplos a seguir:

Figura 28 - Captura de tela de duas postagens no grupo BeP nos dias 25 de outubro de 2019 e 27 de dezembro de 2019



Fonte: Facebook

Postagens com fotos da carteira de residência foram compartilhadas algumas vezes no grupo, sempre ressaltando a “emoção da conquista” e a sensação “gratificante”. A publicação da esquerda recebe 1,5 mil curtidas e 341 comentários, o primeiro pergunta quanto tempo demorou o processo, e o autor da postagem responde: “S.A. para ter esse documento desde a entrada no processo, demorou 1 ano e 3 meses”. A vitória do “guerreiro” é apenas comemorada, sem questionamentos ou críticas sobre o processo.

Receber a autorização de residência é considerado “um momento espetacular”, apesar de toda a dificuldade no processo e a lentidão na legalização<sup>113</sup>, como relatado:

<sup>113</sup> No meu próprio processo de preparação para mudança para Portugal já fiquei sabendo antes de ir que todo migrante em algum momento ficaria ilegal por causa da demora do atendimento no SEF. Com um visto de entrada de apenas 120 dias, a luta para conseguir agendamento começou logo nos primeiros dias. Um processo que se repetiu por todos os anos de doutoramento e que se iniciava pelo menos com 6 meses de antecedência do vencimento do documento de residência anual (e um valor a ser pago que chegou a 48 euros). A tensão no lugar de atendimento é visível, é impossível não se sentir em uma polícia. Em uma das idas ao SEF, apesar do agendamento, a espera das senhas durava entre 3 e 4 horas, uma mulher que soube ser chinesa, pelos seus 50 anos, estava na mesa ao meu lado e presenciei um episódio em que a atendente fazia perguntas sem paciência. A mulher tem dificuldades para responder e a atendente já declara que ela não sabia falar português. Na tentativa de escrever, o papel é arrancado da sua mão e a

“muito esforço, luta, lágrimas, sonhar e sonhar muito...”. No geral, esse processo burocrático é lento e opressor, e muitas vezes o migrante precisa verificar no site as vagas para atendimento todos os dias ou ter sorte de receber uma informação preciosa, por vezes pelos próprios grupos de Facebook observados: “SEF liberou vagas para agendamento”. Vagas que são disponibilizadas para muitos meses depois<sup>114</sup>.

A publicação da direita, em que um homem anuncia sua trajetória de conquista da autorização de residência depois de um ano e quatro meses, recebe 1,1 mil curtidas e 125 comentários, a maioria desejando boa sorte ou com palavras de incentivo, tais como: “vai dá tudo certo”, ou ligados à fé e religiosidade: “amém”, “deus está no comando”, etc. O homem que publicou a foto responde e confirma nos comentários que a documentação de residência foi obtida com sucesso.

A migração é vista como um ato de coragem, não deixando claro os fatores que contribuem para esse contexto de dificuldades e muito menos abrindo caminhos para reflexões e ações para que esse processo migratório seja mais digno e justo. Compartilhar a vitória no grupo é um privilégio de alguns migrantes que conseguem a legalização e é festejado pelos que ainda têm esperanças de um dia conseguir, e mesmo os que ainda nem migraram já sabem a dimensão da luta.

A realidade da experiência migratória é apresentada de forma superficial, a exemplo da dificuldade do processo para receber a permissão de residência ou ainda dos trabalhos disponíveis para os migrantes. Os problemas não são escondidos mas, ao serem apresentados nos grupos sob um ponto de vista otimista, da superação pelo esforço do migrante, nunca são questionados, apenas comemorados quando superados, em alguns casos.

A posição contraditória dos migrantes que reconhecem os problemas que não são questionados nos relatos, mas escondidos pelas ideias otimistas de superação - e a tendência de estimular a migração no grupo, apresenta uma *experiência alienada e mistificada* da migração, como identificada por Sayad (1998), no contexto dos emigrados argelinos que optavam por não revelar a realidade da vida que tinham na

---

avaliação é a mesma. Ela continua com sua permissão temporária e o processo seria repetido no ano que vem. Antes disso, comentários humilhantes questionavam o baixo faturamento e a qualidade do restaurante chinês que a mulher migrante mantinha com o marido há 10 anos em Lisboa.

<sup>114</sup> No período de Covid, finalmente a autorização automática pelo site para estudantes foi liberada, mas os trabalhadores, esses continuaram submetidos ao mesmo processo opressor. O SEF passou por mudanças, em 2021, deixando de ser ligado à polícia, mudando de nome.

França. Nos sites de redes sociais, a *performance* é ainda mais fácil e rápida, porque é a distância.

O desconhecimento coletivo da verdade objetiva da emigração que todo o grupo se esforça por manter (os emigrantes que selecionam as informações que trazem quando passam algum tempo na terra; os antigos emigrantes que "encantam" as lembranças que guardaram da França; os candidatos à emigração que projetam sobre a França suas aspirações mais irrealistas etc.) constitui a mediação necessária através da qual se pode exercer a necessidade econômica. (Sayad, 1998, p. 44)

Sayad (1998) entende que a experiência do emigrante oscilava entre duas verdades contraditórias sobre a terra de exílio (*elghorba*): uma associada ao isolamento, infelicidade, e outra idealizada, que mascara a experiência da realidade para que a migração não seja renunciada.

### **5.2.2 Notícias compartilhadas sobre Portugal e os brasileiros: da crítica à reprodução de estereótipos construídos pela mídia**

No período observado, foram identificados diversos compartilhamentos de notícias sobre Portugal, sobretudo de veículos de comunicação portugueses, entre jornais diários e sites noticiosos. Situação que revelou o migrante como sujeito ativo não só na escolha das temáticas migratórias que quer discutir no grupo, mas também na interpretação das notícias.

Além de informar, as notícias estimularam interações nos comentários e possibilitaram relatos que retratam suas dificuldades e críticas à burocracias da migração e falta de oportunidades de trabalho em Portugal. Ao assumirem o protagonismo de tematizar e experimentar a própria condição migrante (Brignol, 2012), no geral, as pessoas desestimulavam a ida de novos migrantes ao país e, por vezes, criticavam a mídia por uma construção idealizada da migração para Portugal.

## *Compartilhamento de notícias negativas sobre Portugal*

Diferente do que foi apontado por Pinho (2007), em pesquisa sobre a primeira vaga de brasileiros em Portugal, em que as notícias sobre Portugal no Brasil eram predominantemente sob um viés positivo, a sequência de notícias sobre a crise econômica, deficiência no sistema de saúde e golpes no arrendamento de casas em Portugal revela que os acontecimentos com carácter negativo se destacam nos grupos do Facebook. As manchetes das notícias compartilhadas no dia 16/11/2019, no grupo PNC, exemplificam a situação:

1. *“Como é viver com uma reforma de 371 euros por mês?”* São muitas as pessoas que depois de uma vida de trabalho fazem contas à vida para pagar as mais básicas despesas de alimentação, renda e saúde. Dessas, há quem consiga. E há aquelas que a família tem...(TUGA.PRESS)[106 reações e 66 comentários];
2. *“Burlas nas rendas: senhorio pediu 6.000 euros a pronto de caução e depois não devolveu”* (TVI24.IOL.PT) [28 reações e 23 comentários];
3. *“Como uma médica acabou a chorar após atender 70 crianças em 12 horas”*. São alguns sintomas de um Serviço Nacional de Saúde doente que o Expresso conta na edição deste fim de semana: uma pediatra esteve a ver 70 crianças entre as 8h e às 20h e acabou numa crise de choro por ter medo de errar as doses a administrar às crianças devido ao cansaço (EXPRESSO.PT) [78 reações e 39 comentários];
4. *“Maternidade de Castelo Branco em risco de fechar por falta de médicos”*, alerta sindicato Sindicato dos Médicos da Zona Centro denuncia falta de médicos e turnos de mais de 70 horas. Funcionamento da maternidade de Castelo Branco pode estar... (OBSERVADOR.PT) [30 reações e 21 comentários].

Entre os comentários, membros que moram no Brasil buscam semelhanças entre a sua realidade e a apresentada nas notícias compartilhadas, por vezes apontando como pior a brasileira, na tentativa de minimizar os problemas de Portugal. O compartilhamento das notícias de jornais permite dar suporte às reclamações e críticas

dos migrantes brasileiros diante da resistência do grupo aos relatos negativos. A situação foi evidenciada no caso que obteve grande repercussão nos dois grupos, a publicação por diversas vezes da notícia da revista semanal *Veja*, importante veículo de comunicação no Brasil, com a manchete: “*Quando o sonho de emigrar para Portugal vira pesadelo*”, de setembro de 2019.

Na matéria, são relatadas histórias de brasileiros que tiveram péssimas experiências ao tentar a vida em Portugal, alguns investiram na migração todo o dinheiro que possuíam e tiveram grandes dificuldades para retornar ao Brasil. Entre os 144 comentários no grupo PNC, muitos migrantes desaconselharam a mudança para Portugal e outros relataram o seu retorno, assunto geralmente pouco comentado no grupo. A temática negativa da revista gerou dinâmicas de interação e conversação e abriu espaço para um falar sobre as próprias experiências migratórias nos grupos (Cogo, 2015). Respaldados pelos casos apresentados na revista, os membros conseguiram expor suas insatisfações, como verificado:

R. S.: F. S. quais motivos te fizeram decidir voltar?

F. S.: R.S. Burocracia demais para conseguir legalizar, so sabem cobrar multas, cobrar impostos, mas facilitar a vida nunca, arrendamento de casa e um absurdo, querem ate um fígado e a dentadura da sua boca para te alugar um apartamento mofado e com percevejos ! Saude não são lá essas coisas, sabe, eu sei lá ! Não quero ficar aqui esfregando chão e limpando bunda de idosos pra vida toda, aqui e complicado trabalhar, estudar e comer, vc tem que optar so por 2 desse itens, e no Brasil, tenho casa, profissão, nao moro em area de risco, tenho familia, tenho documentos e não pago pra tudo, aqui te cobram pra tudoooooooooo (comentários PNC, dia 27/09/2019)

No grupo BeP, entre os 376 comentários no compartilhamento da mesma matéria da Revista *Veja*, o primeiro comentário sugere que o problema são os próprios brasileiros, em discurso que apresenta xenofobia e ressalta relações de poder: “única comunidade que passa por dificuldades, reclama de tudo, volta ao Brasil”. O comentário tenta desconsiderar as reclamações dos migrantes e há demonstração de poder quando o autor sugere a volta dos brasileiros ao país natal. A reação revela que notícias que buscam trazer a perspectiva do migrante sobre o país lusitano podem gerar tentativa de silenciamento das críticas apresentadas.

Outros optam por desvalorizar a notícia ao desconfiar da credibilidade do veículo de comunicação ou tentam justificar as histórias de fracassos apresentadas na matéria argumentando se tratar de pessoas despreparadas e com perfil desfavorável, a exemplo da família que migrou com filhos.

Há também discussão sobre o papel da mídia na atração da migração brasileira a Portugal. Os comentários são críticos em relação à construção da imagem positiva de Portugal como país de destino da migração, especialmente na internet e nos sites de redes sociais, responsabilizando o governo português ou os youtubers brasileiros:

M.L.: P.A.R. o erro esta na hipocrisia do seu país que para não ve-lo vazio esta dando o maior golpe da história a fazer publicidades no brasil pagas para que venham morar aqui. Sim, nos simpatizamos mais com os brasileiros, falamos a mesma lingua, mais do que com os europeus que nos tratam como os burros miseráveis da europa. No final das contas cadê a economia, cadê empregos dignos para o imigrantes.... Que se lixe.... Afinal é um golpe para tentar arrancar o que der dos brasileiros iludidos.

....

C.S.: M.L. Só faltou dizeres que os imigrantes deveriam ter emprego mais digno e receber mais que os Portugueses, como coisa que ter um trabalho seja ele qual for é sempre digno. Sobre a propaganda de Portugal deve se isso aos youtuberes Brasileiros que fartam se de fazer a propaganda nao vejo nenhum Portugues a fazer videos pedindo para os Brasileiros virem morar aqui. (comentários BeP, 27/09/2019)

Eles também refletem nos comentários sobre a mudança na imagem construída pela mídia: “Assim como a própria mídia pintou há uns três anos que Portugal é o paraíso na terra, estão, agora, desfazendo o incentivo que eles mesmos deram... É assim mesmo. Faz parte” (comentário BeP, 27/09/2019).

Os sites de redes sociais surgem como um espaço para discussão e interpretação das notícias com a temática migratória sob o ponto de vista dos migrantes, que optam por compartilhar notícias sobre os problemas de Portugal e da migração. Mas, ainda é possível perceber, em alguns momentos, discursos xenófobos de membros nos comentários na tentativa de reprimir a opinião dos migrantes. Por outro lado, eles também demonstram postura crítica sobre o papel da mídia na construção da imagem de Portugal como destino para migração.

## *Compartilhamento de notícias negativas sobre brasileiros*

Por décadas, estudos constataram a representação discriminatória sofrida pelos brasileiros na mídia portuguesa, a partir de elementos discursivos de xenofobia presentes nas notícias (Cunha, Santos, Silveirinha & Peixinho, 2004), como na associação da prática de *crime* com a nacionalidade brasileira e reprodução de estereótipos sobre a migração brasileira em Portugal (Silva, 2011; Galante, 2010; Carvalho, 2008).

Nos grupos de Facebook, foi observado o compartilhamento de notícia sobre o comércio de documentos falsos usados no processo de obtenção de cidadania portuguesa em que no título há esse tipo de associação: “*Máfia em Portugal: Brasileiros são presos por liderar esquema ilegal*” (via *RedeTV News*), em dezembro de 2019. Nos comentários no grupo BeP, alguns migrantes brasileiros criticam a própria nacionalidade, em situação de reprodução do estereótipo criado pela mídia: “Só poderiam ser brasileiros”, “Meus medos se concretizando, nós trazemos nossa cultura para aqui”, “A gente exporta puta, droga, vagabundo.....é Brasileiro sempre querendo ser dar de bem a qualquer custo...”.

Em outros comentários, há o reconhecimento de que o estereótipo dos brasileiros construído pela mídia prejudica toda a comunidade: “pois mas vc viu que a quadrilha é internacional composta por portugueses?”, “É porque ele não teve a oportunidade de conhecer português que não te paga. Belgas . Ixi... pessoas sem caráter tem em todos países”, “O pior é quem paga o pato somos nós que estamos trabalhando honestamente e somos alvo das pessoas que acham que todos não prestam” (comentários, grupo BeP, dezembro/2019). E alguns reagem contra os portugueses de uma forma geral: “Tá de brincadeira !? Existe tanta coisa pior nesse País de gente mal educada e racista...” (comentários BeP, dezembro/2019).

Já a tentativa de dar visibilidade a um crime cometido por portugueses, fugindo assim do estereótipo que associa os brasileiros à prática criminosa, não repercute no grupo. O compartilhamento da notícia sobre o esquema de migração ilegal em que os protagonistas são portugueses, com o título: “Director do SEF na Madeira constituído arguido por auxílio à imigração ilegal. A investigação do SEF começou há cerca de um

mês, depois de uma denúncia feita ao serviço” (Publico.pt), recebe apenas três curtidas e nenhum comentário no BeP.

Em outra situação, um membro busca refletir sobre o estereótipo atribuído aos brasileiros pela mídia ao compartilhar notícia (“*Cerca de 30 adeptos encapuzados vandalizam pastelaria em Braga*”, OMINHO.PT, janeiro de 2020) com comentário irônico: “Puxa!! Pensei que eram brasileiros!! Ahhhh... é que quem nao presta existe em qualquer lugar e nao é a nacionalidade que faz a pessoa!! Agora entendi!”. São diversas as situações no grupo que evidenciam reconhecimento e reflexão crítica sobre o papel da mídia no fomento a discriminação dos migrantes e no reforço de estereótipo negativo (Silva, 2011; Cunha & Santos, 2008).

Também repercute nos dois grupos o *link* da notícia sobre o desfecho do caso do brasileiro que foi encontrado morto, em 7 de dezembro de 2019, no Porto, dois dias depois da sua chegada (“Sem-abrigo matou brasileiro quando compravam cocaína no Porto”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*). Nessa situação, muitos desconfiam da conclusão da polícia e da associação do brasileiro com o uso de drogas e saem em defesa do compatriota: “Tenho lá minhas dúvidas, pois 1 mês depois soltaram essa nota dizendo que ele foi comprar drogas? BRASILEIRO?! Acho que querem é deixar o Brasileiro pior do que ja está quanto a reputação!!!; “bem isso, muito triste, mancham a imagem das pessoas só para concluir uma investigação, dar respostas à sociedade, lamentável!” (comentários PNC, dia 07/01/2020).

O compartilhamento da notícia sobre o assassinato promove a comoção do grupo e uma rede de solidariedade formada entre os nacionais se sobressai às reproduções de estereótipos identificadas em outros momentos. Como se fosse compreendido que ao compartilhar notícias negativas reproduzidas pelos jornais sobre os migrantes brasileiros, os membros atuam no sentido de reconhecer criticamente os estereótipos construídos pela mídia, apesar de também haver situações de reprodução do estereótipo criado pela imprensa.

#### *Compartilhamento de notícias positivas sobre migrantes*

Seguindo a tendência de estudos, entre 2017 e 2018, que apontam a emergência de um perfil positivo do brasileiro construído pela mídia portuguesa (Souza & Iório, 2018; França & Padilla, 2018), na observação das notícias compartilhadas nos grupos,

se destacaram as abordagens positivas, sejam sobre as contribuições da migração ou medidas que beneficiam os migrantes. A maior parte foi identificada entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020 e tinha relação com a divulgação dos dados estatísticos do Observatório das Migrações, reunidos na publicação “Indicadores de Integração de Imigrantes 2019<sup>115</sup>”, que ressaltam entre os resultados a contribuição dos migrantes para a Segurança Social, gerando comentários de crítica a Portugal. Outras temáticas são identificadas nas manchetes das notícias compartilhadas listadas:

*Segurança Social ganhou mais de 651 milhões de euros com imigrantes. Dados do Observatório das Migrações mostram que valor é mais do dobro do que foi registado em 2013 (PUBLICO.PT). [Grupo BeP, 19/12/2019, 114 reações e 29 comentários];*

*Em Portugal, um em cada dez bebés nasce de mãe estrangeira. Em 23 anos, o número de nascimentos de filhos de mães estrangeiras residentes em Portugal aumentou quase 300%. No mesmo período, nasceram menos 19% de bebés portugueses (OBSERVADOR.PT). [Grupo PNC, 18/12/2019, 32 reações e 67 comentários];*

*IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL CRESCEU. O número de franceses e nepaleses a viver em Portugal foi o que mais cresceu nos últimos 10 anos. Contudo, a maior comunidade estrangeira a viver no nosso país continua a ser a brasileira (Fala Portugal, Record Europa). [Grupo PNC, 19/12/2019, 12 reações e 1 compartilhamento];*

*Imigrantes vão ter número da Segurança Social na hora. O Governo vai testar a partir de janeiro a atribuição mais rápida da identificação contributiva da Segurança Social aos cidadãos estrangeiros que cá vivam e trabalhem. A demora de meses no processo é há vários anos uma das principais queixas dos imigrantes (JN.PT|POR JORNAL DE NOTÍCIAS). [Grupo PNC, 21/12/2019, 63 reações e 7 comentários];*

São destacadas nas notícias as vantagens dos migrantes, identificados como pessoas que colaboram com o crescimento demográfico e contribuem com a Segurança Social. O compartilhamento de notícias positivas continua em janeiro de 2020 com temáticas que ressaltam a valorização da migração a partir de critérios como juventude e qualificação profissional do migrante:

---

<sup>115</sup> Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/383402/Indicadores+de+Integra%C3%A7%C3%A3o+de+Imigrantes.+Relat%C3%B3rio+Estat%C3%ADstico+Anual+2019/98bf34e6-f53f-41b9-add6-cdb4fc343b34>

*Estrangeiros em Portugal são mais jovens e mais qualificados que os nacionais. A população ativa em Portugal tem vindo a aumentar desde 2018 mas apenas pela entrada de estrangeiros para o mercado de trabalho. São sobretudo brasileiros, italianos e britânicos.* (JORNALDENEGOCIOS.PT). [Grupo BeP, 05/01/2020; 508 curtidas e 455 comentários].

*Sem saída, Portugal é "obrigado" a importar brasileiros para vagas na área de TI. Em Portugal e outros países europeus, trabalhadores da área de Tecnologia da Informação (TI) têm sido cada vez mais recrutados* (CBSI.NET.BR). [Grupo PNC, 05/01/2020; 244 curtidas e 224 comentários]

Verifica-se que, apesar dos destaques dados pelas manchetes nas contribuições e na imagem positiva dos migrantes, os comentários nos grupos divergem sobre a abordagem e reforçam o sentido negativo, em tendências apontadas:

- a) *Desconfiança*: Alguns comentam que se trata de uma fake news, pois os profissionais qualificados estariam fora de Portugal, assim como os jovens portugueses ou profissionais de T.I. migram para outros países em busca de melhores salários.
- b) *Trocas de insultos*: Ao criticar o país pelos salários baixos e falta de incentivo profissional, há troca de insultos entre brasileiros e portugueses (“os portugueses não precisam de vocês cá”).
- c) *Desvalorização da autoimagem dos brasileiros*: Alguns brasileiros reproduzem preconceito contra conterrâneos ao opinar que os migrantes qualificados a que a notícia se refere são de outras nacionalidades.
- d) *Defesa da migração*: “Portugal estaria falido economicamente se não fossem os estrangeiros. Somos nós que movimentamos esse país”.
- e) *Sentido crítico*: Um comentário questiona a própria capacidade de interpretação dos significados da notícia: “ai ai isso é o que dá só se ler os benditos cabeçalhos das notícias”.

Nos grupos, as notícias que buscam valorizar a presença dos estrangeiros em Portugal são questionadas, assim como as notícias sobre benefícios garantidos pelo Governo português à população em geral ou incentivos aos migrantes, como acesso às creches e casas com rendas reduzidas, como se vê nas manchetes listadas:

*Governo admite creches gratuitas para crianças que estão no primeiro escalão. Medida anunciada pela ministra do Trabalho e da Segurança Social (SICNOTICIAS.PT). [Grupo PNC, 23/01/2020; 46 curtidas e 5 comentários].*

*Casa em Lisboa por 150 euros? Já abriram as candidaturas para o Programa Renda Acessível (DN.PT). [Grupo PNC, 23/01/2020; 25 curtidas e 23 comentários].*

*Rendas em Lisboa estão a descer, pela primeira vez em anos (NIT.PT). [Grupo PNC, 23/01/2020; 88 curtidas e 77 comentários].*

*Governo português cria visto específico para imigrantes à procura de trabalho, ESTUDARPORTUGAL.COM.BR)*

Os comentários, ao invés de reforçarem a ideia de Portugal como país interessante para a migração, apresentam tendência de *críticas e reclamações*: “tô na fila vão fazer dois anos...”; “sim, basicamente 90 ou 99% destes concursos já estão marcados por pessoas de dentro”; “Essa piada é do dia! pq meu aluguel aumentou!”. São situações que revelam os migrantes como receptores ativos que se apropriam de forma crítica do conteúdo de notícias positivas sobre a migração e reinterpretam os significados dos meios de comunicação (Cogo, Gutiérrez & Huertas, 2008).

Em outra situação, a tentativa de destaque da vantagem da migração para o mercado imobiliário apresenta imagem que exalta o estereótipo da brasileira hiperssexualizada e do brasileiro jogador de futebol. Compartilhada no grupo PNC, a manchete sobre o aumento da procura de casas por brasileiros em Portugal (“*Há cada vez mais brasileiros à procura de casa em Portugal*” - DIARIOIMOBILIARIO.PT) é destaque em site temático sobre o mercado imobiliário português, acompanhada da imagem que representa um jogador de futebol e uma mulher negra com roupa curta:

Figura 29 - Captura de tela da publicação no grupo PNC do dia 07/01/2020, com compartilhamento da notícia: “Há cada vez mais brasileiros à procura de casa em Portugal” (Diário Imobiliário)



Fonte: Facebook

A imagem estereotipada que ilustra o assunto é criticada nos comentários (18 curtidas e 11 comentários): “Agarrados aos estereótipos de sempre para retratar o brasileiro... Que preguiça!”. Mas, também há *reprodução do preconceito*: “mas se brasileiro chega aqui e fica procurando bar pra beber e assistir futebol, pagode e churrasco? Entao nao tem como ver os brasileiros de outra forma, infelizmente”.

A produção dos migrantes nos sites de redes sociais observados, a partir dos relatos de experiências migratórias e do compartilhamento e comentário de notícias, possibilita não só a construção de discursos críticos sobre a migração e a mídia, como também a reprodução de estereótipos e discussões com apelos xenófobos entre as nacionalidades. Os problemas da migração são até reconhecidos, mas a visão otimista, de superação pelo esforço e pela coragem, mascara alguns questionamentos e "contribui para dissimular para si mesmo sua própria verdade", como afirma Sayad (1998).

A seguir, será refletido o processo de negociação sobre os sentidos atribuídos à migração, ao relacionar os aspectos emocionais com fatores sociohistóricos, políticos e econômicos que envolvem o entendimento sobre a migração nos grupos.

### **5.3 Aspectos que atravessam as construções de sentidos sobre a migração: relações históricas, econômicas e socioculturais**

As interpretações dos membros dos grupos, as publicações de *relatos de experiências migratórias* e as *notícias compartilhadas* nos apresentaram algumas chaves de entendimento sobre a negociação e os sentidos compreendidos sobre a experiência migratória pelos brasileiros a partir de um olhar para aspectos políticos, sociais, econômicos e simbólicos.

Nas relações observadas nos grupos, foram reveladas reprodução de preconceitos, estereótipos, casos de xenofobia, racismo e reações de assujeitamento dos migrantes. Memórias coletivas de um *trauma colonial*, como expresso por Kilomba (2019): “O racismo cotidiano nos coloca de volta em cenas de um passado colonial - colonizando-nos novamente” (p. 224).

Quijano (1992) considera a estrutura de poder colonial como produtora das discriminações sociais, raciais, étnicas, antropológicas e nacionais, na relação de dominação colonial da cultura europeia “ocidental” sobre as outras culturas. Relação de exploração que continua até hoje: “...é impossível não ver que a grande maioria dos explorados, dos dominados, dos discriminados, são exatamente os membros das “raças”, dos “grupos étnicos”, ou das “nações” em que foram categorizadas as populações colonizadas, no processo de formação desse poder mundial, da conquista da América em diante<sup>116</sup>” (p. 12). Nesse sentido, as narrativas de conquistas que constroem a civilização ocidental celebradas pela Europa escondem consequências trágicas da colonização que ainda permanecem.

Quijano (1992) compreende que *la colonialidad del poder* é parte indissociável do capitalismo, desde o século XVI, apesar do imaginário colonial evitar essa relação,

---

<sup>116</sup> Tradução de: “...es imposible no ver que la vasta mayoría de los explotados, de los dominados, de los discriminados, son exactamente los miembros de las “razas”, de las “etnias”, o de las “naciones” en que fueron categorizadas las poblaciones colonizadas, en el proceso de formación de ese poder mundial, desde la conquista de América en adelante”.

compreendendo a globalização como a narrativa da modernidade e da lógica da “colonialidade”:

A colonialidade, portanto, ainda é o modo mais geral de dominação no mundo de hoje, uma vez que o colonialismo como uma ordem política explícita foi destruído. Obviamente, não esgota as condições, nem as formas de exploração e dominação existentes entre os povos. Mas não deixou de ser, há 500 anos, seu principal marco. As relações coloniais de períodos anteriores provavelmente não produziram as mesmas consequências e, sobretudo, não foram a pedra angular de nenhuma potência global.<sup>117</sup> (Quijano, 1992, p. 14)

Ao refletir sobre a história do capitalismo e da modernidade/colonialidade, Mignolo (2000, p. 56) considerou como fundamental a emergência do circuito comercial do Atlântico, no século XVI, que foi capaz de acelerar o processo e transformar a concepção de escravidão, “quando a escravidão se tornou sinônimo de negritude<sup>118</sup>”, associada ao corpo negro e africano, estabelecendo novas relações entre raça e trabalho.

O autor entende que a *diferença colonial* se redefine em formas globais de colonialismo e passa a ser motivada pelo mercado financeiro, não mais pela “missão colonial civilizadora”: “A colonialidade do poder é o eixo que organizou e organiza a diferença colonial, a periferia como natureza<sup>119</sup>” (Mignolo, 2000, p. 57).

O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, vozes ouvidas ou abafadas, memórias compactas ou fraturadas, histórias contadas de um único lado que suprimiam outras memórias e histórias que eram contadas e contadas a partir da dupla consciência que gera a diferença colonial.<sup>120</sup> (Mignolo, 2000, p. 63)

---

<sup>117</sup> Tradução de: “La colonialidad, en consecuencia, es aún el modo más general de dominación en el Mundo actual, una vez que el colonialismo como orden político explícito fue destruido. Ella no agota, obviamente, las condiciones, ni las formas de explotación y de dominación existentes entre las gentes. Pero no ha cesado de ser, desde hace 500 años, su marco principal. Las relaciones coloniales de períodos anteriores, probablemente no produjeron las mismas secuelas y sobre todo no fueron la piedra angular de ningún poder global”.

<sup>118</sup> Tradução de: “cuando la esclavitud se convirtió en sinónimo de negritud”.

<sup>119</sup> Tradução de: “La colonialidad del poder es el eje que organizó y organiza la diferencia colonial, la periferia como naturaleza”.

<sup>120</sup> Tradução de: “El imaginario del mundo moderno/colonial surgió de la compleja articulación de fuerzas, de voces oídas o apagadas, de memorias compactas o fracturadas, de historias contadas desde un solo lado que suprimieron otras memorias y de historias que se contaron y cuentan desde la doble conciencia que genera la diferencia colonial”.

Assim, é preciso reconhecer primeiramente a colonialidade do poder para compreender as narrativas dos brasileiros e as percepções sobre a migração nas suas relações e suas histórias coletivas de opressão que continuam a ser animadas através de episódios cotidianos de discriminação, racismo e silenciamentos. “A ideia de ‘esquecer’ o passado torna-se, de fato, inatingível; pois cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional” (Kilomba, 2019, p. 213).

### **5.3.1 Relações históricas e discriminação: “volta para a tua terra” e silenciamento das críticas**

Foram observadas interações nos grupos que expressam situações de *rivalidade* e *conflito* entre as nacionalidades, assim como tentativas de *adaptação* e *assimilação* (Coulon, 1995) por parte dos migrantes. A exemplo da questão colocada sobre a necessidade de modificar a forma de falar em Portugal: “O quê que vocês acham, brasileiro deve falar o português lusitano ou permanecer com português brasileiro de origem em terras portuguesas?” (postagem BeP 17/11/2019, 5 curtidas e 90 comentários). Nos comentários, as opiniões se dividem: uns afirmam que “quem chega na terra dos outros é que tem que se adaptar” à maneira de ser e estar dos locais; já outras pessoas não concordam com a mudança total de sotaque, mas de alguns termos para melhorar a comunicação, em um processo de “assimilação” em que o indivíduo é integrado sem perder as suas particularidades (Coulon, 1995).

Com frequência, perguntas que buscavam comparar Portugal e Brasil geravam situações de rivalidade entre as nacionalidades e conflitos no grupo ressaltando aspectos das relações históricas e socioculturais. A exemplo da pergunta sobre segurança pública, que recebe 95 reações e 506 comentários: “Mais uma pergunta superinteressante: Por que Portugal é tão mais seguro do que o Brasil? 1. Tem mais policial na rua; 2. As leis são mais rígidas; 3. Os portugueses são mais honestos culturalmente; 4. Todas as três juntas” (postagem BeP, 25/12/2019).

Na pergunta não há opções que justifiquem a segurança em Portugal com aspectos como a melhor distribuição de renda ou a cobertura do Estado, capaz de garantir serviços essenciais de qualidade. O primeiro comentário afirma que Portugal

não é tão seguro e trata o país como um “local atrasado” que, proporcionalmente, tem crimes como o Brasil. Outros defendem Portugal apresentando notícias que mostram o país como o terceiro mais seguro do mundo e criticando os comentários negativos a partir de observações xenófobas:

J.P.G: I.C São proporcionais ao seu tipo de comentários que visam unicamente difamar e denegrir a imagem de um país que não o convidou a entrar em Portugal.

....

I. C.: J.P.G moro sim em Portugal e falo os pontos negativos e positivos não sou obrigado a lambear o ovo de VCS até porque eu pago minhas contas, não acho bom mordam as costas.

....

J.P.G: Posso te dizer que cheguei ontem da Paraíba após duas semanas e só tenho a falar bem do povo brasileiro e do Brasil.

I.C.: J.P.G haha os msm que agora a pouco chamou de lixos. Parabéns sr VC e um hipócrita.

....

J.P.G: I.C. O que é feio é denegrir difamar e caluniar um país que nos acolhe de braços abertos.

....

A.M.D.F.: I.C. se estás em Portugal, pega nas malas e vai para o teu país porque é um país muito desenvolvido, pelo menos nas favelas, entendeste!?  
(comentários BeP, 25/12/2019)

Os brasileiros migrantes sofrem por vezes repressão ao criticar Portugal no grupo. O argumento de “pega nas malas e vai para o teu país” é usado por portugueses, e até reforçado por brasileiros, como uma demonstração de poder que impõe silenciamento ao migrante. Ele não é, assim, autorizado a falar e a fazer críticas sobre a sua própria realidade, por estar ocupando aquele lugar que não lhe cabe legalmente, como na expressão: “...um país que não o convidou a entrar em Portugal”. Reavivando o que Sayad (1998, pp. 47-48) chama de o temor “da calamidade da expulsão”, uma percepção emocional e irracional que os migrantes têm da “precariedade da sua situação”. Sugestão implícita de que o migrante não pode reclamar, na verdade deve ser agradecido por estar naquele país que o “acolhe de braços abertos”.

Questões sobre a história da colonização brasileira são colocadas em debate a partir do humor (“A merda toda começou na colonização kkkkkkkk”), com reações repressivas às posições questionadoras sobre o colonialismo, em um “projeto de silenciamento”, como explicado por Kilomba (2019), que controla a possibilidade de

que colonizadas/os possam ser ouvidos e, conseqüentemente, possam pertencer. “Existe um medo apreensivo de que, se o *sujeito* colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o outra/o. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredo” (Kilomba, 2019, p. 41).

Estruturas de opressão não permitem que as críticas sejam elaboradas e invalidam a interpretação do migrante, que é vista como “deturpada” ou como “o mal do Brasil” (“O Mal do Brasil está nesse tipo de pensamento que vc tem”), como nos comentários ainda sobre a questão da segurança:

M.F.: Concordo com 1 e 2. Mas os portugueses são mais honestos? De onde você acha que veio o jeitinho brasileiro? Os índios muito honestos foram enganados com presentes. **A merda toda começou na colonização kkkkkkkk**

S.P.: M.F. O Brasil já está independente desde 1822. Antes disso, tivemos lugares colonizados também por Espanhois, Franceses, Holandeses, Ingleses... **Já são séculos de distância para continuar com essa visão deturpada da realidade. O Brasil é vítima dele próprio e de mais ninguém.** Se a colonização Portuguesa tivesse influenciado para o Jeitinho... Hoje o Brasil deveria ser um País mais parecido com Portugal. 😊 Bom Natal.

....

M.F.: S.P. Há diferentes tipos de colonização. De exploração e de povoamento. Isso influenciou e muito na maneira que cada país se desenvolveu ao decorrer dos anos. Acredito que começou daí sim. A Inglaterra quando colonizou os EUA por exemplo, foi por meio da de povoamento, trazendo investimentos e não explorando. Não digo que é 100% culpa de Portugal, mas da maneira que o Brasil foi explorado. A construção da cultura de um povo é muito complexa. Agora falar que português são mais honestos? Discordo sim.


....

S.P.: M.F. Os Espanhois fizeram pior. Os Ingleses exploram sim os EUA... Basta ver a História. **O Mal do Brasil está nesse tipo de pensamento que vc tem. A culpa é sempre dos outros...** 😊  
(comentários BeP, 25/12/2019)

Em algumas colocações, o próprio brasileiro mostra identificação com os que detêm o poder, quando tenta minimizar as conseqüências da colonização, trazendo o discurso contra a vitimização do oprimido (“O Brasil é vítima dele próprio e de mais ninguém”; “a culpa é sempre dos outros”). Outra forma de silenciar o sujeito que estava

criticando a ordem colonial, não possibilitando o desenvolvimento de uma leitura crítica sobre as estruturas de dominação.

Outro comentário xenófobo, de um membro que se identifica como “Portuguesa nascida e criada no país”, tenta silenciar a crítica ao descredenciar a capacidade do migrante em desenvolver um discurso satisfatório sobre o assunto (“ACHAM que sabem mais uns que outros”) e no reforço da sua posição de superioridade, em que a voz é sempre garantida para quem está no centro (“Então eu falo enquanto Portuguesa...”). Os argumentos utilizados no discurso discriminatório relacionam a violência em Portugal com a chegada de migrantes (“somos um país de imigração ‘outlet’”):

A.P.A.: Parem de fazer comparações, Portugal é mais pequeno que o Brasil e que os EUA, mas todos os países poderiam ser seguros se o ser humano que os habita não fossem tão , e vê-se pelos comentários, porque todos "ACHAM" que sabem mais uns que outros. Então eu falo enquanto Portuguesa nascida e criada cá, o meu País sempre foi seguro, hoje menos seguro porque somos um País de imigração "outlet" e tudo entra e sai como lhe apetece. Pronto e agora chamem-me xenófoba, que eu estou bem a borrifar para isso. (comentário BeP, 25/12/2019)

Não há comentários após o discurso da portuguesa que fala sobre “o seu país”, em uma relação de poder estabelecida a partir da cidadania (oposição entre “nacionais” e “não nacionais”) e da autoridade colonial. Ao desconsiderar a opinião do grupo sobre a sua mensagem reconhecidamente xenófoba (“Pronto e agora chamem-me xenófoba, que eu estou bem a borrifar para isso”), evidencia a opressão e o silenciamento impostos ao migrante. Ele até pode falar, no espaço formado por ele, mas não tem o poder para desconstruir o discurso dominante que culpabiliza o migrante, visto como o causador dos problemas no país europeu, na tentativa de justificar racionalmente a xenofobia.

Questões sobre xenofobia e discriminação são banalizadas e minimizadas pelo grupo ao serem apontadas como situações comuns no Brasil ou em outros países do mundo. Na pergunta sobre a discriminação sofrida pelos estudantes migrantes (“Alguém (Brasileiro) que estuda ou estudou em Portugal sofreu discriminação?”), as respostas que confirmam a discriminação em Portugal são interrompidas pelas críticas ao Brasil. E, mesmo com 400 comentários, percebe-se que as opiniões não se aprofundam e apenas colaboram para o esvaziamento das discussões, dando continuidade às relações históricas de poder, de violência e desumanização, em espaços que possibilitam os

migrantes narrar suas próprias histórias, mas sem questionar o projeto colonial (Kilomba, 2019).

Em outras situações, as estruturas de opressão na relação entre portugueses e brasileiros até são reconhecidas e comentadas no grupo, a exemplo da publicação: “NC [ninguém conta] que basta você discutir com um Português, que vai ouvir o CLÁSSICO: "VOLTA PRA SUA TERRA" (PNC, 20/12/2019, 187 curtidas). Mas, entre os 221 comentários, o próprio brasileiro, em perspectiva assimilatória, não demonstra ter consciência do seu lugar de subordinação e concorda com os portugueses. Por outro lado, há reação à postura passiva do brasileiro, identificada como a “síndrome do vira-lata<sup>121</sup>”:

S. P.: Dependendo do contexto da conversa eles têm razão sim. Os brasileiros chegam aqui e querem mudar as regras, burlam outras e criticam tudo no país. Então, o que vieram fazer aqui? Voltar para a tua terra é uma expressão as vezes que te faz pensar que realmente não vale a pena voltar ao Brasil e ser mais grato a oportunidade que tivemos em Portugal .

T. C. S. P.: o síndrome de vira lata! Meu Deus que coisa chata é um brasileiro defendendo português! Eu fui roubada aqui somente por português, nenhum brasileiro que encontrei em terrinhas tentou qualquer coisa comigo! Mas os santos portugueses me tiraram mais de 2000 mil euros! E sabe pq? Pq quando cheguei tinha a maldita síndrome do vira lata!

...

C. S.: Eu nunca mandaria nenhum brasileiro de volta para a terra dele. Mas ao ver o que alguns dizem de Portugal e dos portugueses, não posso deixar de ficar muito intrigado, pensando'mas o que estão estes a fazer aqui?' (comentários PNC, 20/12/2019)

O retorno ao Brasil é uma constante ameaça, sobretudo do português que se sente confortável em questionar a presença dos migrantes que criticam (“...o que estão estes a fazer aqui?”). Questões usadas como forma de controle e que ressaltam sua posição hierárquica diante daquele que está “fora do lugar”. Para Kilomba (2019), o racismo é explicado também em termos de “territorialidade”, quando apresenta uma

---

<sup>121</sup> O termo “complexo de vira-lata” foi criado pelo escritor brasileiro Nelson Rodrigues, em crônica escrita em 1958, no contexto da ida da seleção brasileira para a Copa do Mundo da Suécia, para definir: “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol” (RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. pp. 51- 52: Complexo de vira-latas).

incompatibilidade com a cultura da nação e o pertencimento ao local; por isso a pessoa negra, assim como o migrante, sempre será questionada sobre o motivo de estar naquele lugar ou quando vai embora.

Porém, a maioria dos comentários ainda ressalta a presença dos migrantes como necessária para a manutenção da economia de Portugal, em declarações apaziguadoras: “T. B: Os imigrantes vêm pra cá, trabalham e pagam impostos. Impostos esses que AJUDAM Portugal. Que mais do que necessita dessa ajuda, uma vez que os portugueses preferem sair do seu país pra ganhar muitas vezes o mínimo em países que pagam mais” (comentários PNC, 20/12/2019).

Nessa situação, optam por destacar nos seus discursos o ponto de vista das “vantagens econômicas” da migração, na posição de trabalhador e pagador de impostos, e não de sujeito. Trabalhador que é tolerado de acordo com as necessidades do momento, enquanto apresenta mais vantagens do que custos (Sayad, 1998).

Silenciados pela estrutura de opressão e sem consciência da própria subordinação, não há desconstrução dos discursos de autoridade colonial, que acabam sendo reforçados a partir de outras lógicas, como a capitalista. “É o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito” (Kilomba, 2019, p. 69).

#### *Da xenofobia à culpabilização do migrante: a migração vista como um problema*

Sayad (1998) elucida sobre a contradição que constitui a situação do migrante: entendido como em estado provisório, são negados a ele os direitos de uma presença permanente que de fato se torna. Uma ilusão coletiva em que os próprios migrantes se convencem e também a sociedade de migração que tolera, pois encontra interesse econômico. Para Sayad (1998), a ideia de maximizar as vantagens e reduzir os custos é o objetivo das regulamentações aplicadas aos migrantes e varia conforme as necessidades do país.

A utilidade econômica do migrante como mão de obra ou as vantagens demográficas (Sayad, 1998, p. 47) são discursos repetidos há décadas que ainda justificam as opiniões sobre a chegada de brasileiros em Portugal. De solução para o problema demográfico em Portugal, outras vezes a migração é prejudicial pelo elevado

“custo social” para a sociedade ou mesmo para a qualidade de vida, e é considerada até uma ameaça. Isso é possível observar nas visões apresentadas nas duas postagens do dia 20/12/2019, no grupo PNC:

Ninguém conta que: Sim, nós portugueses não estávamos á espera deste fluxo migratório. Mas para quem dizia que Portugal ia envelhecer até 2050 e perder metade da população, a chegada de brasileiros devia ser encarada com otimismo (postagem PNC, 20/12/2019, 224 reações e 85 comentários).

Eu sei que os senhores vão achar ruim o meu comentário mas a verdade tem que ser dita, O problema de todo este "globalismo" e estas "fronteiras abertas" é que quando os nativos dos países desenvolvidos forem minoria nas suas próprias terras, não haverá mais "qualidade de vida" e "lugar bom pra morar", vai tudo virar terceiro mundo, com muita sujeira no chão, fanatismo religioso, crimes, favelas, e toda a porcaria que nós já conhecemos, os outros países da Europa ocidental estão quase todos lascados, por correrem serio risco de se verem dominados pelos [...] daqui ha 20, 30 , 40 anos , e eles vão impor sua cultura e modo de vida na base da força, e não duvidem disso, matarão quantos forem necessários, afinal de contas eles acham que estão fazendo a vontade de Deus!, aí quando essa bomba estourar vocês vão fazer o que?, vão ficar por aí é....., duvidam?, convido-os a dar um "pulinho" em Paris, Londres, Bruxelas, Estocolmo, e Berlim (postagem PNC, 20/12/2019, 122 reações e 118 comentários).

Nas postagens destacadas está explícita que há diferença entre os “nativos dos países desenvolvidos” e os migrantes do “terceiro mundo”, que são associados à sujeira, fanatismo, crimes e “porcaria”. O discurso é construído a partir de valores hierárquicos de superioridade e inferioridade. Kilomba (2019) explica que a construção da diferença (“o estrangeiro”) e sua associação com uma hierarquia (“um problema”) formam o preconceito:

Não só o indivíduo é visto como ‘diferente’, mas essa diferença também é articulada através do estigma, da desonra e da inferioridade. Tais valores hierárquicos implicam um processo de naturalização, pois são aplicados a todos os membros do mesmo grupo que chegam a ser vistas/os como a/o problemática/o, a/o difícil, a/o perigosa/o, a/o preguiçosa/o... (Kilomba, 2019, p. 76)

O discurso da migração como um problema social continua a ser imposto quando o migrante sempre é definido, pensado e relacionado a um problema social (Sayad, 1998). E o migrante passa a acreditar, assimilar e reproduzir a visão

preconceituosa e discriminatória estabelecida por estruturas de opressão e das diferenças sociais e econômicas. Como na situação em que um brasileiro responsabiliza os estrangeiros pelo aumento do fluxo de carros na cidade de Braga, em postagem no dia 21 de outubro de 2019, no grupo PNC.

A afirmação repercute no grupo, entre os 576 comentários e 194 reações, um deles destaca o fato do próprio brasileiro, que se identifica como estrangeiro (é de Belo Horizonte), fazer a associação: “xenofobia é algo MUITO sério, principalmente quando vem dos próprios imigrantes que não se enxergam”. A ideologia do colonizador é reproduzida entre os próprios brasileiros e o autor da publicação concorda que ele próprio é culpado pela piora do trânsito e não reconhece o preconceito da colocação.

Em outros comentários irônicos, alguns sugerem a utilização de transporte público ou que o autor volte ao Brasil para ajudar a melhorar o trânsito, situação em que a argumentação igualmente xenófoba de “volta para a sua terra” é utilizada como resposta. Outros recomendam cuidado nas postagens no grupo que podem contribuir para pensamentos discriminatórios e até solicitam a exclusão do post:

L.L.: Caro amigo, antes de vomitar palavras no Facebook, deveria parar para pensar um pouco, será que é culpa dos estrangeiros o trânsito? Ou será que o aumento de crédito automóvel tem mais a ver com isso? Será que a malinha que completa 18 anos e tira a carta não compra carros? Será que não é culpa de cada pessoa em casa ter um carro? Será que a culpa não é da falta de boa mobilidade nos transportes públicos? Por exemplo, aqui não é feito Brasil, onde há transporte a cada 15 minutos, aqui na minha cidade mesmo se perder um só daqui a 1h. Por isso acho que os estrangeiros são o menor problema no que diz respeito a trânsito caótico!! Mas pronto, se calhar você só gosta de tumultuar mesmo, ou tem preguiça de pensar!

T.M.: L.L. um dos motivos é este que vos expus... Mas com certeza temos muitos outros... Vamos conversar sobre mobilidade urbana?  
(não houve resposta)

....

J.L.: T.M. na minha humilde opinião acredito que vc só deveria ter um pouco mais de cuidado em suas postagens. Já existem pessoas que reprovam o recebimento de estrangeiros, e sua postagem pode alimentar ainda mais a xenofobia. Sei que há muitas pessoas que fazem merdas fora de seu país (deveriam ser deportadas imediatamente), porém, há muitas também que só querem paz, cuidar de sua família e cumprir todas as leis daquele lugar. Vamos policiar nossas palavras. Belezinha?!?!?!? 😊 (comentários PNC, 21/10/2019)

A publicação que expõe a migração como um problema foi amplamente denunciada pelo grupo, conforme informado pela moderadora em comentário: “T.M. Esta se divertindo muito em plena segundona não é? Já nem sei quantas vezes seu post foi denunciado...E já agora parou de chover?”. O autor parece ser conhecido por buscar repercussão com postagens polêmicas e, pela reação do grupo, percebemos que a ampla maioria discorda das ideias xenófobas da publicação. Contudo, no meio das críticas, há também o comentário de uma brasileira, filha de portugueses, que concorda que os estrangeiros prejudicam Portugal e que é preciso controle na migração:

S.C.: Talvez foi mal colocado... mas que tem maior fluxo de imigrantes no geral, tem e sinceramente nao acho bom para o país... os portugueses não estão a gostar muito e antes que eu seja atacada, aqui sou portuguesa pois sou filha de portugueses, venho para cá desde os 5 anos e vim de vez faz mais de 10 anos, a convite e tenho qualificação, legalização e validação de documentos e diplomas. Pago impostos e contribuo com o país, nao me sirvo dele. Muita gente vem iludida e sem preparo ou planeamento... acha que viver com 600 euros é qualidade de vida, quando muitos portugueses consideram isso miseria e emigram. Vale a pena para quem tem dinheiro e ou estabilidade. Rico é rico em todo lado e pobre é pobre. A classe media do Brasil veio para cá viver vida de pobre e acha que é top. Se tivesse que ter o mesmo padrão de vida aqui, que tinha no Brasil, nao conseguia com 600 euros. Desculpa a sinceridade, acredito que é preciso controlo na imigração para evitar certos problemas, uma vez que Portugal é pequeno e não suporta tanta gente. A saúde já estava quebrada para os pp portugueses, agora vai complicar. (comentário PNC, 21/10/2019)

O comentário destacado apesar de reforçar a visão da migração como um problema e afirmar que “os portugueses não estão a gostar muito” da presença dos migrantes, recebeu poucas críticas do grupo. Percebe-se que a autora apoia inicialmente seu argumento na posição privilegiada de “filha de portugueses”, que mudou de país “a convite”, se diferenciando dos demais migrantes, como também pela sua qualificação. Entre os argumentos, ela ressalta o pagamento dos impostos e a contribuição para o país (“não me sirvo dele”), demonstrando que, apesar dos privilégios, por não ter nascido no país, também recai sobre ela a necessidade de justificar a presença não incomoda.

O seu status de legalidade, de cidadania adquirida como filha de portugueses, é apresentado para garantir sua voz no grupo e retomar a autoridade colonial. Na busca por silenciar o migrante não legalizado, o caminho é culpá-lo por prejudicar o país, por ser uma sobrecarga para o sistema de saúde, que ela mesma reconhece que já era ruim,

de “um país pequeno que não suporta tanta gente”. Argumentos facilmente rejeitados pelas estatísticas que mostram que a quantidade de migrantes em Portugal não é tão grande (representava 4,7% da população, no final de 2018), assim como o país tem saldo total negativo de residentes (14.410 pessoas), apesar do saldo migratório positivo (11.570) em 2018, que ainda não consegue compensar o valor negativo de saldo natural (25.980). Além de outros dados que comprovam a arrecadação do Estado a partir dos impostos pagos pelos migrantes e a relação com o uso do sistema de saúde.

A discussão xenófoba estabelecida não é baseada em argumentos racionais mas, como reflete Bauman (2017), na necessidade de parte da sociedade em recuperar sua autoestima a partir da existência do outro humilhado, o migrante que está em uma posição ainda pior, por ser privado de direitos humanos e legais. O autor destaca que esse é um dos fatores que impulsiona a xenofobia, racismo e nacionalismo que vivemos hoje:

Para os indesejáveis que suspeitam ter chegado ao fundo do poço, a descoberta de outro fundo abaixo daquele em que eles próprios foram lançados é um evento de lavar a alma, que redime sua dignidade humana e recupera o que tenha sobrado de autoestima. A chegada de uma massa de migrantes sem teto, privados de direitos humanos não apenas na prática, mas também pela letra da lei, cria a (rara) chance de um evento assim. Isso ajuda muito a explicar a coincidência da recente migração em massa com o crescente sucesso da xenofobia, do racismo e da variedade chauvinista de nacionalismo; e o sucesso eleitoral, ao mesmo tempo espantoso e inédito, de partidos e movimentos xenofóbicos, racistas e chauvinistas, e de seus belicosos líderes. (Bauman, 2017, p. 18)

Vistos como incômodos e prejudiciais, os migrantes precisam justificar sua presença. Estudantes também evidenciam essa preocupação e falam a partir de uma posição provisória, logo aceitável, se distanciando dos preconceitos da migração laboral em que são responsabilizados por ocupar a vaga de trabalho dos nacionais: “P.H.M.: to fazendo mestrado kkkk não vim pra trabalhar não kkkkkk quando acabar a primeira coisa que eu vou fazer é ir embora daqui” (comentários BeP, 26/12/2019).

A presença provisória e para fins de trabalho e a postura de neutralidade política do migrante são as ilusões que Sayad (1998) explica serem usadas para justificar o advento e perpetuação da imigração e da emigração, em um acordo que é coletivamente mantido pelas sociedades de emigração, de imigração e pelos próprios

emigrantes/imigrantes (Sayad, 1998, p. 18). A função exclusivamente econômica continua a ser imposta para a migração para que sejam negadas discussões políticas fundamentais sobre o fenômeno, mesmo entre os próprios.

### **5.3.2 Relações político-econômicas e discursos de assimilação: o migrante se identifica como mão de obra**

Os brasileiros tentam justificar sua presença, na expectativa de serem compreendidos e aceitos (“os portugueses vão entender...”) como “mão de obra de gente talentosa e trabalhadora”. Situação observada em publicação no grupo BeP, em que o membro ressalta as *vantagens* da migração e sugere que seja escolhida a “neutralidade” diante do que ele chama de “destratos” dos lusitanos:

O certo é que os brasileiros devem respeito aos modos e a cultura do país que os recebem. Nos dias de hoje, havendo boa vontade os portugueses vão entender que os brasileiros chegam para acrescentar com mão de obra de gente talentosa e trabalhadora e com possibilidades de haver grandes vantagens para ambos. Creio que os imigrantes brasileiros podem escolher a neutralidade diante de eventuais destratos, não reagindo negativamente mas mantendo o foco em prol de si mesmo e de seus objetivos, pois que desafios e contradições sempre vão estar presentes. (postagem BeP, 25/09/2019, 55 curtidas e 34 comentários)

A adaptação e a assimilação (Coulon, 1995) por vezes são vistas como soluções para os conflitos entre brasileiros e portugueses e estratégia para lidar com situações de adversidade, revelando a expectativa de aceitação da migração. “Nós investimos fortemente na fantasia de que devemos ser compreendidas/os a fim de evitar um sentimento de desilusão e conflito” (Kilomba, 2019, p. 231).

A recomendação de respeito a quem recebe e a boa vontade dos migrantes, que não devem reagir, mas manter o foco em si, expressa um discurso de subalternidade. O migrante é individualizado em seus objetivos e desafios, o que ajuda a afastá-lo das reflexões sobre o que significam os “destratos” dos portugueses e não questionar as contradições que existem na sociedade, no sistema econômico e na política migratória.

A única razão para autorização da estada do migrante é para o trabalho, como traduz a definição de migração de Sayad (1998, p. 54): “o imigrante é essencialmente

uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. Em diversas situações, alguns profissionais são apontados como requisitados em Portugal, em uma visão de valorização da migração a partir da qualificação profissional, tais como a *migração desejada* do desenvolvedor de software. A aceitação da migração acontece apenas quando é qualificada, para trabalho atribuído pelo “mercado de trabalho para imigrantes”, no lugar reservado a ele. Considerada até como *mobilidade profissional*, esse tipo de migração é tido como legal e se justifica porque atende a uma demanda do país, como apresentado nos argumentos da publicação:

J.A.: Exatamente, vejo muita gente reclamando de Portugal, mas nem deveriam ter saído do Brasil, imigrante não é refugiado, vou explicar:

Imigração legal é quando o país precisa suprir uma demanda de pessoas qualificadas e para o imigrante ser aceito deve atender essa demanda, veja ao exemplo do Canadá, para entrar legal no país no mínimo sua especialização tem que atender ao NOC (National Occupational Classification).

É a mesma coisa em Portugal. Eu tenho diversos colegas de trabalho brasileiros que não reclamam da vida aqui sabe por que? Porque somos desenvolvedores de software, profissão super requisitada no momento em Portugal e somos muito bem recebidos pois precisam do nosso trabalho.

Se você não atende ao requisitos imigratórios ou nem ao menos tem especialização, vai sim trabalhar em subempregos em qualquer país do mundo. Veja o exemplo dos EUA, muitos imigrantes ilegais tiveram que suar a camisa em subempregos, aquele trabalho que ninguém quer fazer. É normal e aceitável, se você precisa ficar ilegal é porque não é bem-vindo a ficar. Sem choro nem mimimi, simplesmente fato! (comentário BeP, 26/12/2019)

O relato acima condiciona a aceitação da migração a uma demanda profissional do país de destino e, para os migrantes que não atendem, resta a ilegalidade, sendo considerados excessivos, redundantes (Bauman, 2005), por isso sem possibilidade de reclamação, são silenciados. A tentativa de justificar o subemprego como a realidade de uma migração indesejada (Castles, 2005), de pessoas que “nem deveriam ter saído do Brasil”, significa que além da exigência de que o migrante mostre sua utilidade e qualificação, a legalidade é instrumento de opressão do migrante.

A não aceitação do migrante é naturalizada, pouco questionada e justificada por motivos econômicos. Como pode ser visto na postagem, o migrante que não tem qualificação perde seu poder de questionamento e o direito de ter um trabalho e salário dignos:

Eu jurei que não iria mais falar nada sobre isso, mas eu não consigo ficar indiferente... 😊 😊 😊

Todo dia alguém posta que Portugal é ilusão, que não dá pra ganhar dinheiro aqui e blá blá blá. Vamos a realidade: Pessoal sai do Brasil, achando que com 1 mês em Portugal vai ficar rico, vem sem qualificação nenhuma, quer chegar aqui e conseguir “emprego de chefe”, ganhando 5 mil euros por mês, trabalhando 4 horas por dia... 😊

A grande realidade é que a maioria das pessoas quer “escolher” trabalho, reclama dos 600 euros mas não faz nada pra mudar isso. Pergunta se quer trabalhar na obra? Qualquer servente aqui em Portugal não tira menos de mil euros, haaaa mas eu não sai do Brasil pra trabalhar na obra... ♂

Pergunta se quer trabalhar na Uber eats?

Conheço estafetas que fazem 100 euros livres POR DIA, mas saem meio dia de casa e só voltam 23 hrs meia noite. Haaaa mas eu não quero ser entregador, haaa mas eu não quero trabalhar 12 horas 13 horas por dia ... ♂

Bota uma coisa na cabeça de vocês, quem não tem qualificação, quem é imigrante como nós que estamos no grupo, quem não tem todos os documentos tem que trabalhar muuuuittooooo ou se contentar com os 600 euros por mês.

Trabalhar muito é difícil, viver com 600 euros é difícil, viver no Brasil com salário mínimo é quase impossível 😊 😊 você escolhe qual difícil você quer “enfrentar”.

E outra coisa, quem não tem qualificação, NÃO PODE ESCOLHER TRABALHO, é difícil mas é a realidade e só você pode mudar isso. (postagem BeP, 26/12/2019, 1,5 mil e 512 comentários)

O migrante, visto como mão de obra, quando não qualificado, deve aceitar o trabalho exaustivo (13 horas por dia) ou que exige força física, oferecido como únicas opções para os brasileiros, especialmente àqueles que não têm todos os documentos (“quem não tem todos os documentos tem que trabalhar muuuuittooooo”). Situações precárias abrem espaços para a exploração da força de trabalho justificada pela ilegalidade do migrante.

Entre os comentários, os discursos exaltam a postura pró-ativa individual e algumas pessoas apontam o migrante como principal responsável por sua situação de trabalho em Portugal: “Comentário certo. Duro, mas real. As pessoas são as únicas que podem mudar o seu estado e a sua situação. Se ficar encostado, vai ser engolido pela realidade!” (comentário BeP, 26/12/2019).

É possível identificar que há concordância também entre os que estão no Brasil e exaltam a boa qualificação como condição essencial: “Concordo em todos os sentidos. Mesmo aqui no Brasil muitos não são qualificados mas querem ganhar mais que o dono

da empresa”. Enquanto migrantes que acumularam experiências diversas, seja em outros países ou em Portugal, reconhecem as dificuldades das condições de trabalho na migração em suas trajetórias, independente da qualificação:

S.C.: Mas nem com qualificacao vai consgueir emprego de CHEF aqui,,,,,aqui so querem memso mao de obra bracal e BARATA....

M.A.C.P.: O cara vive em Paris e fala que servente em Portugal ganha 1k por mês kkkk ainda tem bobo que quer ouvir contos de fadas que acredita.se levar 600 euros mes e não levar calote coloca mãos para o céu e agradece.

B.A.: M.A.C.P. estamos em Braga e aqui chove direto e meu esposo trabalha na chuva e no frio para ganhar 600 € trabalha quebrando pedra e carregando entulhos.

R.F.M: 🤝 🤝 🤝 🤝 🤝 Essa realidade é a mesma pra qualquer imigrante e em qualquer país, mesmo os documentados. Meu marido tem cidadania portuguesa e vivemos em Londres há 5 anos. Imigrar pra cá sem qualificação é a mesma coisa porque se trabalha no que os europeus não querem. É difícil até pra quem tem qualificação, mas sem experiência de ter trabalhado na Europa. Pega-se a primeira coisa que aparece, ganhando pouco, mas ao adquirir experiência no mercado daqui, vai subindo os degraus de pouco a pouco.

Ninguém chega e senta na janelinha porque essas, já estão ocupadas por britânicos e europeus que estudaram e já trabalham na Europa. É preciso paciência, persistência e competência. No caso daqui, fluência em inglês é fundamental!

M.A.C.P.: L.B. eu moro a 20 anos e durante a crise da Europa de 2010/2015 voltaram ao Brasil 6 mil brasileiros por ano eu fiquei no desemprego e aproveitei a crise do emprego e fiz vários cursos de qualificação profissional subsidiados pela UE desde 2014 voltei ao mercado de trabalho ganhando mais do que ganhava anteriormente. (comentários BeP, 26/12/2019)

Em alguns momentos nos grupos, os baixos salários e a carga horária excessiva em Portugal são motivos de reclamação (“Trabalhamos para sobreVIVER! 10 horas diárias por 600€ ao fim do mês! A SÉRIO???? ”, PNC, 08/09/2019, recebe 193 curtidas e 103 comentários). Em outros, o trabalho de 14h é considerado como um ato de coragem: “Pra quem sonha em vim pra Europa. Um conselho Vem com coragem pra trabalhar. Hoje foram 14 horas de trabalho. Porto Não Para” (PNC, 25/10/2019, 216 reações, 94 comentários e 1 compartilhamento). As condições precárias de trabalho são

constatadas, mas não há espaço para contestação quando a ilegalidade do migrante justifica a exploração, consentida não só socialmente, mas também por um sistema político e econômico.

É um sentido dado à migração como um empreendimento individualizado e, para o migrante ser bem-sucedido, depende exclusivamente da sua capacidade de superação, em uma lógica de mercado e da iniciativa privada que invade as percepções sobre a própria vida do migrante: “com a retaguarda da mídia, o neoliberalismo...buscou ainda estimular os sentimentos mais atrasados das massas, revigorando preconceitos, exacerbando o xenofobismo, de forma a impor o individualismo mais mesquinho” (Costa, 2002, p. 13).

As expectativas do sujeito, de ter uma vida melhor, são colocadas de lado, assim como seus direitos trabalhistas. Resta a função de ser mão de obra barata-silenciosa ou necessária para justificar sua presença, já que o migrante precisa ser compreendido e receber a permissão de ficar. “Um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele” (Sayad, 1998, p. 55).

#### *Da culpabilização ao assujeitamento: a negação do migrante como sujeito*

Os migrantes, já identificados como causa dos problemas enfrentados nas sociedades onde chegam, também são *culpabilizados* pelas próprias dificuldades enfrentadas na migração, quando são acusados de falta de preparo, incapacidade ou “preguiça” para trabalhar. Estereótipos também já associados ao brasileiro historicamente (Saturnino, 2009) e continuamente usados para retomada da ordem colonial e silenciamento dos migrantes. Sayad (1998) afirma que sempre à frente na relação de forças com o migrante, a sociedade de imigração coloca-os na posição de devedores quando são credores.

Bauman (2017) compreende que os grupos estigmatizados são pressionados a reconhecer e aceitar sua marca de inferioridade imposta pela sociedade, um tipo de “fracasso autoimposto em atingir um padrão do qual se declara oficialmente depender o visto de entrada no grupo desejado”. Entre os impactos, o golpe no autorrespeito resulta

na humilhação e vergonha que levam a autodepreciação e autodesprezo que “termina na depressão e muitas vezes na impotência” (Bauman, 2017, p. 44).

Nos comentários sobre a situação difícil em Portugal, é evidente a *estigmatização culpabilizadora* do migrante (Elias & Scotson, 1965/2000) que, ao reclamar, é apontado como preguiçoso:

M.S.: Gente mora em Portugal está difícil até para os Portugueses imagina como está para imigrantes os arredamentos está mesmo um abuso em Portugal

...

M.M. (mora em Lisboa, mudou-se em agosto de 2019): Se e a sua vontade venha...Só ñ ganha dinheiro aqui os preguiçosos...prontofalei 😏...cheia dessas pessoas negativas

...

R. L.: M. M. verdade viu.bando de preguiçosos mesmo.eu pago aluguel.tenhos contas altas.e nao to reclamando.affff povo preguiçoso mesmo.

A. M. L.: R. tems toda razão

T. A.: Hahahahah se ganha dinheiro não, sobrevive... Não confunda as coisas.

M.M.: Ñ vou render assuntos...

...

P.C.M.: M.M. assino embaixo... Eles querem ir pra Portugal sem: Profissão, preparo, dinheiro, expectativa é ficar rico ganhando 600€ em cafeteria kkkk

Na postagem do grupo PNC, percebe-se postura mais questionadora sobre o aproveitamento da situação ilegal dos migrantes. Ao incentivar o grupo à reflexão, a autora é acusada de querer gerar polêmica, em uma crítica silenciadora. Ela se defende: “Não é criar polêmica, somente criar pensamentos. Rs. Sou educadora, geógrafa e é sempre bom pensamento crítico”. Recebe também alerta sobre o risco de falar mal de Portugal no grupo (“Vai ser linchada colocando uma questão dessas aqui, cuidado se te verem em uma praça serás apedrejada até a morte 😏😏😏”):

Gostaria de falar uma coisa que observei.

Se há necessidade de mão de obra em Portugal, se há emprego disponível, se necessitam de pessoas para desenvolver o país economicamente e demograficamente, então porque não liberam o visto para trabalho? Porque as empresas não contratam o trabalhador antes dele migrar para o país? A resposta parece ser uma só: Os Europeus exploram a ilegalidade do trabalhador. Lucram com a mão de obra explorada que não tem outra saída a não ser se submeter a qualquer tipo de trabalho.

As pessoas falam: \_Não venham ilegal para a Europa.

Ahh sim , claro. Mas como?

\_Tenha um visto de trabalho.  
\_Ahhhh que ótimo. Mas como eu consigo?  
\_Ahhh é praticamente impossível!  
\_Bjs. Vamos refletir sobre isto (postagem PNC, 22/12/2019, 98 reações e 181 comentários)

Entre os comentários, a grande maioria não concorda com os argumentos da publicação e defende que o país não deve receber migrantes em situação desfavorável (“Então se vc não tem documentação nenhuma, não tem dinheiro, não é qualificado, o país não tem o porque de facilitar a sua vida la...Não apenas Portugal, mas qualquer país é assim...”). O sucesso da migração está condicionado ao migrante ter boas condições financeiras, de qualificação e documentação. Há tentativa até de justificar os empresários que oferecem baixos salários para migrantes (“...mas devemos pensar como o empresário, se aparece alguém para ganhar menos, porque não?”).

A grande maioria dos comentários opta por culpabilizar o migrante que sofre exploração da mão de obra por seu status de ilegalidade, muitas vezes os que chegam como turista (“P.P.: “O problema não é o governo e sim o imigrante que quer vir ilegal, não tem qualificação, nao consegue um contrato de trabalho estando no Brasil e com isso tirar seu visto e vem ilegal ...”). Assim como pela aceitação de trabalhos mal remunerados por sua falta de qualificação ou desespero (“o emprego que os portugueses não querem, é o emprego de exploração.. que só aceita quem está desesperado... na maioria imigrantes”). Concluem que Portugal não precisaria de mão de obra, apenas as qualificadas (“Isso já virou um "bordão" rsrs acham que Portugal há falta de mão de obra... é a "cultura facebookiana" rsrs”).

O tipo de discurso reproduzido no grupo que responsabiliza o migrante por sua ilegalidade e opções de trabalho não problematiza as barreiras migratórias impostas pelo Estado para aquisição de visto e dos empregadores que se aproveitam da vulnerabilidade dos migrantes para exploração da mão de obra. Assim como não abre espaços para crítica à política migratória opressora que faz do migrante refém de um visto de trabalho, cada dia mais difícil de se conseguir, colocando em evidência a limitação da sua liberdade de questionamentos, observada nos discursos de *assujeitamento*, mesmo em um ambiente virtual formado em grande parte pelos próprios migrantes.

A subalternidade relacionada com as heranças coloniais, no contexto de globalização neoliberal, foi atualizada para uma posição de assujeitamento. O migrante, pela falta de documentação, já aceita antes de iniciar a migração se submeter a trabalhos mal remunerados e a situações de exploração, moradias caras, maus tratos da sociedade em geral, e continua sem poder falar, na sua posição de subalterno, reprimindo sua dor, sua voz e sem direitos. “A desumanização abre caminho à exclusão da categoria de seres humanos legítimos, portadores de direitos” (Bauman, 2017, p. 84).

A falta de documentação de residência e para o trabalho é condição principal para manter o migrante na posição de marginalidade e silenciamento prescrita pelo pós-colonialismo. Reduzem os direitos dos migrantes para assim mantê-los num estado de insegurança e vulnerabilidade (Bauman, 2017). E argumentos neoliberais surgem para justificar essa situação, tomando lugar do real problema político e humanitário, culpabilizando o migrante pela falta de dinheiro, qualificação ou de esforço. Uma migração excludente e meritocrática, em que só é bem-sucedido aquele que já chega com todas as condições e faz merecer pelo esforço individual, quem já tem uma boa condição financeira e qualificação.

Georgiou (2018) entende que aos recém-chegados falta agência política: “ninguém fala de política de raiva, especialmente de políticas que visam as inadequações da Europa em lidar com a migração. Pelo contrário, a raiva volta-se para os próprios migrantes, que são falados como sendo imprudentes e indignos<sup>122</sup>” (p. 15).

Em outros momentos, a vigilância do grupo em relação a reclamações sobre Portugal é intensa e também contribui para o silenciamento de críticas e ao mesmo tempo propagação de uma ideia de assujeitamento. Uma pessoa que postou um texto reclamando dos preços dos aluguéis de apartamentos precisa nos comentários se explicar repetidas vezes que não estava criticando os portugueses: “R. P. G. R., você está equivocado. Peço perdão se te fiz entender que estou falando mal dos Portugueses. De forma alguma. Falar sobre a comunicação falha é diferente” (comentário BeP, 23/12/2019, 171 reações e 246 comentários).

A postura de não reclamar e aceitar as dificuldades é também incentivada pelo grupo por meio de expressões que remetem à fé, à persistência e à gratidão (“NÃO

---

<sup>122</sup> Tradução para: “In their different appearances, newcomers lack political agency: no one speaks politics of anger, especially politics that target Europe’s inadequacies in dealing with migration. On the contrary, the anger – appearing in many Aware Migrants testimonies – turns to migrants themselves, who are spoken as being reckless and undeserving” .

RECLAME, e agradeça a Deus todos os dias pela a oportunidade que ele está lhe dando de ter uma bela experiência pra contar”), como na publicação:

Vejo muita gente sonhando em sair do seu país pra tentar viver em outro, e quando chega ao divido país escolhido começa um desânimo a reclamar,falar mal do país que está tentando um novo recomeço. Mas quem falou pra você que seria fácil? ... Mas mesmo assim se esse é seu sonho não desista dele, confie em Deus peça a ajuda dele independente de sua religião, tenha calma, força, fé, nenhum sofrimento que dure para sempre, não existe vitórias sem luta , está sendo difícil agora? Sim está! Mas vai passar, se realmente era isso que você queria pra sua vida, siga em frente, não reclame, e agradeça a Deus todos os dias pela a oportunidade que ele está lhe dando de ter uma bela experiência pra contar. Seja grato todo tempo o tempo todo. Seja forte. Seja firme. Você conseguiu. Não desista. Coisas ruins passam. Tenha foco. E o principal tenha fé. E. F. (postagem BeP, 10/09/2019, 29 comentários)

Entre os comentários, se sobressaem as mensagens otimistas e ancoradas na fé e na aceitação da realidade, em que a religião é usada para estimular a aceitação dos problemas de um sistema opressor. A solução para as dificuldades da migração é apresentada no grupo prioritariamente de duas formas: 1) capacidade de superação individual ou qualificação profissional adequada; 2) Fé e crença em Deus, aceitação das dificuldades e condições dos migrantes. Poucas vezes a questão é tratada de um ponto de vista político e social: leis ou políticas de imigração em Portugal não são tópicos de discussão frequentes e até são criticados quando apontados no grupo, como questões polêmicas para gerar repercussão. A abordagem sobre a questão da migração por parte do migrante não é com base em direitos, mas apenas em deveres. O sonho da migração construído nos grupos do Facebook por vezes reconhece a realidade difícil da migração, mas o próprio migrante é culpabilizado.

## Conclusões

As conclusões desta tese, que se propôs investigar como se dão as negociações e construções de sentidos sobre a migração de brasileiros em Portugal, partem da consideração de que nos dois grupos de Facebook analisados há predominância de relações transnacionais desenvolvidas mais no sentido Brasil-Portugal. Ou seja, interações entre quem planeja emigrar e quem já imigrou, mais do que a interação entre migrantes brasileiros em Portugal entre si, o que é comum no uso das webdiásporas por outras comunidades.

A partir dessa constatação, as relações estabelecidas a distância evidenciaram os grupos como espaços para busca de informação e diálogo transnacional. As expectativas e o planejamento de quem pretende migrar se mostraram como as temáticas centrais que mobilizavam a participação na webdiáspora observada. Identificamos que o ambiente virtual dos grupos era, diversas vezes, o primeiro e único lugar em que essas pessoas procuravam informações sobre o processo de migração, mesmo que as respostas recebidas fossem pouco seguras ou esclarecedoras.

Estes potenciais futuros migrantes solicitavam informações principalmente sobre o mercado de trabalho em Portugal. No entanto, na maioria das vezes, não havia consonância entre a procura e a oferta de empregos divulgadas nos grupos. E as respostas eram, em geral, desencorajadoras e revelavam as dificuldades de inserção do migrante no mercado de trabalho.

Na análise dos grupos de Facebook foram identificados perfis dos participantes, sistematizados na tese a partir das diferentes condições financeiras, formação profissional e fases da vida/gênero. Entre os brasileiros que sonham e planejam emigrar, alguns demonstravam a vontade de arriscar uma nova vida sem estrutura financeira sólida, identificados como: “vai com a cara e a coragem”. Destacam-se nesse grupo os mais jovens e as mulheres com filhos, que buscam informações sobre emprego ou escolas, pedem ajuda e apresentam disposição para encarar as dificuldades da migração.

Diferentemente desse perfil, o denominado “Migrante Nutella” afirma ter dinheiro e qualificação para migrar, e muitas vezes está interessado em investir na abertura de um negócio próprio no país lusitano ou buscar emprego. Estão dispostos a trabalhar apenas na sua área de formação e a pagar por serviços de auxílio à migração.

A participação das mulheres nos grupos revela situações de busca de apoio para uma futura migração e formação de redes de solidariedade e troca de experiências no grupo. Elas também continuam sendo associadas ao estereótipo de brasileira hipersexualizada e disponível para casar, são identificados assédios em comentários feitos por homens nas publicações das mulheres, assim como alertas de outras mulheres que reproduzem preconceitos.

As dinâmicas de participação dos membros e administradores nos grupos revelaram características que diferenciavam os dois grupos e que impactavam as relações estabelecidas no ambiente virtual, que não é só de apoio e troca de experiências, mas também de desconfiança entre os membros no contexto de crescente comercialização destas comunidades online. Identificamos três fatores que impactam negativamente as relações e colaboram para o enfraquecimento da rede de entreatajuda nos grupos, que referimos a seguir:

1) *Estabelecimento de um modelo de negócio visando à obtenção de lucro*

Evidenciou-se o estabelecimento de um modelo de negócio no grupo BeP por parte dos administradores, lógica intrínseca ao atual modelo de funcionamento dos sites de redes sociais. Por seu lado, o grupo PNC mantém o propósito de abordar as dificuldades sobre a migração em Portugal, em um contexto de descrédito em relação ao “sonho da migração” mostrado nas redes sociais. A atenção dos dois grupos é para os brasileiros que buscam migrar para Portugal, mesmo que um seja para atrai-los para o comércio da migração e o outro para alertar sobre os riscos.

Também é de referir que a maior percepção de proximidade identificada entre os administradores e os membros do PNC, ou entre as mulheres nos grupos, é capaz de estimular a participação e o espírito de comunidade e entreatajuda. Enquanto isso, no BeP as relações eram permeadas por interesses comerciais e o grupo era utilizado como fonte de rendimento pelos administradores, que cada vez mais divulgavam serviços cobrados de auxílio no processo da migração.

2) *Ausência de regras objetivas estabelecidas nos grupos*

Nos dois grupos, os motivos para exclusão ou não aceitação de alguns comentários não eram sempre explicitados para os participantes. Em diversas situações, os administradores se mostraram pouco preparados para moderar discussões complexas, sobre preconceito e xenofobia, por exemplo. A decisão de banir algum membro era

geralmente de caráter pessoal, apoiada diversas vezes em posições políticas e visões de mundo do administrador. As dificuldades de mediação por parte dos administradores são compreendidas como resultado da ausência de regras objetivas estabelecidas nos grupos.

### 3) *Desconfiança, discursos agressivos e falta de empatia*

Os alertas de precaução dos membros em relação ao uso das redes sociais no processo de migração evidenciavam a percepção de desconfiança em relação ao ambiente virtual e interferia nas possibilidades de entreajuda.

Se por um lado há uma oscilação entre demonstrações de solidariedade na comunidade que comprovam a mobilização de uma consciência diaspórica e formação de uma rede de apoio, por outro, há interações por meio de discursos agressivos que evidenciavam a falta de empatia motivada pela defesa intransigente de pontos de vista conflitantes.

Os tipos de conteúdos identificados nas publicações foram classificados, de acordo com os usos, nas categorias: *pedidos, ofertas, compartilhamento e expressão pessoal*. A análise das publicações de *pedidos de informações e apoio* revelaram diferentes condições sociais e econômicas dos membros e diversos comentários identificados como de alerta, estímulo à migração, mobilização de rede de solidariedade ou mensagens em tom pejorativo.

O contato transnacional estabelecido se dá a partir de uma demanda afetiva de aprovação e acolhimento (Madianou & Miller, 2013; Ponzanesi, 2020), sobretudo em relação à decisão de migrar. Na perspectiva da polimídia (Madianou, 2014), que evidencia a escolha das mídias para o gerenciamento de relacionamentos, a busca por mensagens de estímulo e opiniões capazes de tornar o projeto migratório socialmente aceito, evidencia o uso das mídias baseado em questões morais, sociais e emocionais (Madianou, 2014; Madianou & Miller, 2013).

Partindo das relações estabelecidas, foi possível compreender que os grupos funcionavam como uma rede de esperança para quem vivia em situação difícil no Brasil, por isso os comentários negativos sobre a vida em Portugal eram considerados como desestímulo. A vontade de migrar estava relacionada com os problemas econômicos, de desemprego e de segurança no Brasil. Pessoas que passavam por dificuldades financeiras buscavam na migração realizar um “sonho”, frequentemente

alimentado pelas redes sociais, sejam os canais de YouTube ou grupos de Facebook. Ao mesmo tempo, alguns poucos usuários criticavam os perfis que só mostram os aspectos positivos do país lusitano.

O sonho de migrar ou regressar a Portugal é, assim, construído e negociado no grupo dentro de uma dimensão que envolve desejo e medo e rege as interações e discussões estabelecidas a longa distância no ambiente virtual. Aqueles que ressaltam aspectos positivos da migração e que compartilham o “sonho de ir morar em Portugal” são bem aceitos. Por outro lado, os que apontam as dificuldades da vida de migrante em Portugal, considerados como “destruidores de sonhos”, são rejeitados pelo grupo. A participação nos grupos é identificada de acordo com os posicionamentos dos membros sobre a migração, que se revelam como: 1) estimuladores da migração e 2) desencorajadores que apontam os problemas do processo.

Vimos que comentários que estimulam a migração geralmente partem de brasileiros que ainda não migraram e revelam a necessidade de acolhimento das suas expectativas de mudança de vida. Enquanto isso, os que já experimentaram a posição de migrantes entendem a importância das redes sociais como espaço para “alertar” e mostrar a realidade de Portugal.

A busca por mensagens de incentivo no projeto de migração predomina nos grupos e, para atender a essa demanda, são comuns as apropriações de narrativas ligadas a um discurso de superação e otimismo e comentários encorajadores, ancorados na fé.

As interpretações das publicações dos *relatos de experiências migratórias* nos permitiram compreender que as experiências são apresentadas a partir de uma construção organizada na relação com o outro, atendendo a expectativas do grupo. Os depoimentos reforçavam a migração como um ato de coragem e persistência e não discutiam, por exemplo, as dificuldades enfrentadas pelos migrantes em Portugal. Dessa forma, não abriam caminhos para reflexões sobre as possibilidades de um processo migratório mais digno e justo, limitando as potencialidades da webdiáspora de trocas de experiências e discussões a questões cotidianas. Com exceção da interação entre as mulheres, sobretudo as mães, que apresentaram situações em que as dificuldades da migração são mais claramente reveladas e aceitas pelo grupo.

Observamos nos *relatos de experiências*, na publicação de fotos de viagens dos migrantes por países da Europa, o uso de linguagem já adaptada às características dos

sites de redes sociais. Para além da representação da conquista do emprego e escola para os filhos, novos símbolos de sucesso surgem, em uma *performance de si* no Facebook (Polivanov & Santos, 2016) com gestões da impressão de si que também servem para confirmar as expectativas dos outros.

A opção dos migrantes é mostrar fotos de viagens ou da autorização de residência, omitindo condições de vida e trabalho por vezes não tão atrativos. A conquista do migrante é expressa pelo poder de consumo e a possibilidade de fazer turismo, símbolos de sucesso também no Brasil. O compartilhamento dessas conquistas ajuda a construir o discurso de sucesso nas redes sociais.

Foi identificada uma perspectiva mais crítica nas postagens da categoria de *compartilhamento de notícias*, que revelou os participantes como sujeitos ativos na escolha dos temas a serem discutidos e na reinterpretação das notícias. As publicações negativas sobre Portugal e positivas sobre os migrantes compartilhadas permitiu dar suporte às reclamações dos migrantes brasileiros, abrindo espaço para um falar sobre as próprias experiências migratórias (Cogo, 2015). Também demonstraram postura crítica sobre a representação midiática positiva de Portugal como destino para migração.

No compartilhamento de notícias negativas sobre brasileiros, ao mesmo tempo em que reconhecem e criticam o papel da mídia no fomento a discriminação dos migrantes e no reforço de estereótipo negativo, também reproduzem o estereótipo do brasileiro em alguns comentários entre os próprios nacionais. Também são observados discursos xenófobos de membros na tentativa de silenciar as críticas. Nesse sentido, evidencia que, mesmo ao ter protagonismo nas redes sociais, os migrantes por vezes assumem sua apresentação também de forma pouco crítica.

A partir das negociações descritas nesta tese, compreendemos que o desejo de migração é também construído de forma coletiva nos grupos de Facebook, a partir da articulação dos campos das emoções e por meio de disputas de posições sobre a migração. O ambiente virtual ajuda a consolidar um sentimento de grupo e que impacta diretamente a construção das ideias de migração desenvolvidas a partir do estabelecimento de limites de participação e comportamento apropriado, levando os migrantes a construírem suas histórias de forma similar, atendendo às expectativas dos membros como condição para sua aceitação no grupo.

A migração é vista pelos membros como um empreendimento que requer boas condições financeiras, fator determinante para o estímulo recebido pelo grupo. É um projeto que não é acessível para todos, visto como investimento para uma vida melhor e também um grande sacrifício, em que as dificuldades fazem parte e são aceitas e naturalizadas, mesmo quando se trata de perda de direitos.

A análise de algumas postagens também evidenciou que a apropriação de narrativas de persistência, superação das dificuldades e a valorização do esforço individual é recorrente nos grupos e culmina em um sentimento de *gratidão por estar em Portugal*, nunca de revolta pelas injustiças. O orgulho é persistir em migrar, apesar das dificuldades, já que voltar para o Brasil seria sinônimo de *fracasso*.

A emigração brasileira é, em geral, apresentada como iniciativa e resultado de processos autônomos, em que os próprios migrantes são culpabilizados por seu status de ilegalidade e pela aceitação de trabalhos mal remunerados, por falta de documentação ou qualificação, reforçando estereótipos de preguiçosos ou desqualificados.

Apesar do reconhecimento dos problemas enfrentados na migração, no geral as questões não são tratadas de um ponto de vista político e social, mas individual. Assim, leva-nos a concluir que a solução para as dificuldades da migração é apresentada nos grupos prioritariamente pela: 1) capacidade de superação individual ou qualificação profissional adequada; 2) fé e crença em Deus, aceitação das dificuldades e condições dos migrantes.

Para o migrante ser bem-sucedido, depende exclusivamente da sua capacidade, o sentido dado à migração é como um empreendimento individualizado. A migração é pensada não só como uma busca por melhores condições de vida e passa a ser vista sobretudo em sua utilidade econômica para o país receptor, seguindo a proposta colonial de desumanização e negação do sujeito (Kilomba, 2019). O migrante, ao se responsabilizar por ser qualificado, ter dinheiro e ser necessário, não abre espaços para reflexões sobre as dificuldades impostas pelo sistema burocrático e opressor que rege o processo da migração na sociedade de destino.

Isto leva-nos a concluir que mesmo nos espaços em que o migrante pode se expressar, ele se mantém na posição de subalterno ao se reduzir à função exclusivamente de trabalhador, que continua a ser imposto para a migração. A postura proativa individual é exaltada, em uma visão neoliberal do sucesso profissional

merecido pelo esforço e qualificação, enquanto são negligenciadas as discussões sobre as dificuldades estruturais da migração, como as barreiras para se conseguir trabalhar legalmente no país.

Apesar da reconfiguração das redes e da internet possibilitar uma transformação na forma de expressão dos migrantes, que falam sobre a própria experiência da migração, a vigilância do grupo que parte de ideias opressoras ainda é evidente. No ambiente social on-line, o “sonho da migração” é construído ainda com base na *expressão de um imaginário eurocêntrico idealizado e por discursos de assujeitamento dos próprios migrantes.*

As conclusões deste trabalho seguem as reflexões apontadas por Georgiou (2018), que compreende que na internet são seguidos modelos de representação da migração que reafirmam a hierarquia de poder simbólico que, por vezes, também impõe uma maneira específica dos migrantes falarem, só autorizando vozes assimiladoras e agradecidas de migrantes que performam, mas não problematizam questões raciais, espaciais e a ordem hierárquica como questão estrutural. A ênfase é dada na “individualidade de vozes que os separam das lutas globais e desigualdades estruturais que explicam suas trajetórias, lutas e precariedades<sup>123</sup>” (Georgiou, 2018, p. 19).

No uso dos sites de redes sociais pelos migrantes, compreendemos que as discussões e percepções dos brasileiros sobre a migração são ainda construídas a partir de uma estrutura colonial de opressão, que é retomada para silenciar críticas e reflexões através de discursos discriminatórios e xenófobos, amparadas também por ideias neoliberais de individualização e apoiados na própria estrutura dos sites de redes sociais como lugares que reforçam as disputas de posições.

No processo de negociação dos sentidos atribuídos à migração, é imprescindível a compreensão de que a migração faz parte de uma estrutura de desigualdades e discriminações ordenada pelo capitalismo e suas novas formas de exploração. Por isso, as relações discriminatórias e de racismo do fenômeno migratório são questões que devem ser pensadas em suas estruturas de poder e violência, que envolvem o histórico colonial, de diferenças e conflitos. É importante refletir sobre como o migrante também pode ser silenciado na interpretação da sua própria experiência migratória.

---

<sup>123</sup> Tradução de: “The emphasis on individuality of their voice detaches them from regional and global struggles and structural inequalities that explain their journeys, struggles and precarity”.

Compreendemos, assim, que nas relações transnacionais estabelecidas na webdiáspora, a colonialidade (Quijano, 1992; Mignolo, 2000) continua sendo a chave para a reflexão sobre os instrumentos de dominações que surgem nas práticas de comunicação, a partir da reprodução de preconceitos e xenofobia contra os próprios, discriminação e culpabilização de migrantes que se sujeitam às condições de uma política de exclusão que não busca a integração e bem-estar deles.

Essa pesquisa coloca em evidência a limitação da expressão e do poder de crítica dos migrantes, mesmo em um ambiente virtual formado em grande parte pelos próprios, em que o discurso da autoridade colonial ainda se sobrepõe e é reproduzido pelos brasileiros. Nesse sentido, nos leva a repensar o protagonismo dos migrantes na apropriação dos sites de redes sociais e as possibilidades de voz autônoma e crítica nas webdiásporas.

Ainda sem respostas, essa pesquisa abre caminho para próximos estudos que busquem pensar o fluxo migratório contemporâneo já partindo dessa compreensão das estruturas de poder e opressão colonial, mesmo que as mídias digitais também forneçam algumas oportunidades de subvertê-las ou contorná-las. O migrante é sujeito ativo, que pensa e se expressa na internet, expondo suas percepções sobre a migração e o próprio ambiente virtual, mas que também se coloca em uma posição de não-sujeito dentro de um sistema de poder que silencia as subjetividades das minorias, na lógica limitante do neocolonialismo também no espaço digital, como discute Ponzinese (2020).

Em tempos de conexões transnacionais ampliadas, entendemos que, entre as grandes limitações desta investigação, está a dificuldade de obtenção de consentimento declarado em um grupo privado com milhares de participantes, o que impossibilitou a inclusão de recortes interseccionais de gênero, raça/etnia, orientação sexual, religião, classe social. Aspectos que consideramos importantes para a superação da visão do migrante como um grupo homogêneo, e também para ampliação da visão economicista de migração para o trabalho.

Esta investigação também foi limitada pelo tempo, que impossibilitou o desenvolvimento de temas importantes que surgiram na pesquisa de campo, deixando algumas lacunas. Identificamos como necessários estudos específicos sobre o caso das mulheres brasileiras migrantes, que se destacam estatisticamente nos relatórios de migração em Portugal e que, nesta investigação, revelaram-se em situações de

enfrentamento ao estereótipo, como também de estabelecimento de uma rede de entajuda.

Outro aspecto relevante que poderá ser observado nas próximas pesquisas é a influência dos discursos religiosos, sobretudo da igreja evangélica, nas discussões sobre os processos migratórios de brasileiros em Portugal, revelada nos relatos de experiências dos novos migrantes e nas referências de incentivos à migração associadas à fé e superação, mensagens constantes nas interações nos grupos. Não deixando de lembrar do contexto de pandemia da Covid-19, que não foi abordado nesta tese que observou dados até janeiro de 2020, mas que poderá revelar mudanças significativas nas construções de sentidos sobre as migrações observáveis nos grupos de Facebook.

Consideramos que muitas lacunas ficaram por abordar nessa investigação, que é situada e parcial, em um campo virtual e com um recorte limitado, mas capaz de revelar dados significativos através da pesquisa etnográfica. Reconhecemos também limitações da própria doutoranda que iniciou os estudos na área de migrações e mídia a partir desta investigação, mas ciente que outras questões poderão ser exploradas em investigações futuras.

Finalmente, desejamos que a realidade observada nas interações dos grupos de Facebook sirva de alerta ao nos mostrar para onde nossa sociedade caminha. Compreendendo que não adianta apenas desenvolver as tecnologias de comunicação, se ainda não foram construídas pontes entre os homens, através de políticas de proximidade e não de discriminação, como já afirmou Bauman:

... uma coisa deve ficar clara: a política da separação mútua e de manter distância, com a construção de muros em vez de pontes, contentando-se com “câmaras de eco” à prova de som, em vez de linhas diretas para uma comunicação sem distorções (e, tudo considerado, lavando as mãos e manifestando indiferença sob o disfarce da tolerância), só leva à desolação da desconfiança mútua, do estranhamento e da exacerbação. [...]. E assim, uma conclusão também precisa ficar clara: a única forma de escapar dos atuais desconfortos e sofrimentos futuros passa por rejeitar as traiçoeiras tentações da separação [...] A humanidade está em crise – e não existe outra saída para ela senão a solidariedade dos seres humanos. (Bauman, 2017, p. 14)

A falta de humanidade vivida na Europa também é consequência da relação de dominação e opressão e é preciso com urgência que sejam dadas as condições legais para que o migrante possa viver e falar. As respostas não surgem de políticas de

integração, mas parte da destruição das estruturas de dominação do poder colonial, ainda presentes nas atuais políticas migratórias repressivas e punitivas, nos trabalhos precários e na vida cotidiana dos migrantes que exacerbam a xenofobia e o racismo, como já anunciado por Quijano:

A libertação das relações interculturais da prisão da colonialidade também implica a liberdade de todos os povos, de escolherem individual ou coletivamente nessas relações; uma liberdade de escolha entre as diversas orientações culturais. E, acima de tudo, a liberdade de produzir, criticar e mudar e intercambiar cultura e sociedade. Em suma, faz parte do processo de libertação social de todos os poderes organizados como desigualdade, discriminação, exploração e dominação. (Quijano, 1992, p. 20)

Sem a garantia de direitos e dignidade para os migrantes, não haverá liberdade, e as palavras de Quijano e Bauman continuarão ecoando até serem verdadeiramente compreendidas. Enquanto essas mudanças não acontecem, a nossa resposta continua a mesma, *“nossa resposta é a vida”, “eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”*<sup>124</sup>.

---

<sup>124</sup> Em referência ao discurso do escritor Gabriel Garcia Márquez, na premiação do Nobel de Literatura, em 1982, e ao livro *Becos da Memória*, da escritora brasileira Conceição Evaristo.

## Referências Bibliográficas

- Acedera, K., & Yeoh, B. (2018). Mobilities, Communication, and Asia| Facebook, Long-Distance Marriages, and the Mediation of Intimacies. *International Journal Of Communication*, 12 (20). <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/9667>
- Aguirre, A. C., & Davies, S. G. (2014). Imperfect strangers: Picturing place, family, and migrant identity on Facebook. *Discourse, Context & Media*, 7, 3–17. <https://doi.org/10.1016/J.DCM.2014.12.001>
- Alencar, A. (2018). Refugee integration and social media: a local and experiential perspective. *Information, Communication & Society*, 21(11), 1588-1603, <https://doi.org/10.1080/1369118X.2017.1340500>
- Alinejad, D., Candidatu, L., Mevsimler, M., Minchilli, C., Ponzanesi, S. & van der Vlist, F. (2019). Diaspora and mapping methodologies: tracing transnational digital connections with ‘mattering maps’. *Global Networks*, 19(1), 21–43.
- Almeida, G. M. R. & Baeninger, R. (2016). A imigração brasileira na França: do tipo histórico às modalidades migratórias contemporâneas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 33(1), 129–153. <https://doi.org/10.20947/S0102-309820160007>
- Alves, J. C. (2015). *A diáspora cabo-verdiana em Portugal: um novo modelo de participação política à distância*. (Dissertação de mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10071/10363>.
- Amaral, I. & Évora, S. L. (2016). Lusophone interfaces: the lusophone network on Facebook. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, 7(2), November 2016-April 2017. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/11144/2786>
- Appadurai, A. (2004). *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Baganha, M. I., Góis, P. & Marques, J. C. (Orgs.). (2006). *Bibliografia sobre Imigração em Portugal*. Coimbra: Oficina CES n° 259. Recuperado de: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/259/259.pdf>
- Barth, D.L. (2009). *Brasileiros na Espanha: internet, migração transnacional e redes sociais*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil.

- Basso, P. (2015). *Pietro Basso: “Las emigraciones son siempre forzadas”* [Entrevista concedida a Juan Dal Maso]. *La Izquierda Diario, Internacional* (29 de setembro de 2015). Recuperado de: <http://www.laizquierdadiario.com/Pietro-Basso-Lasemigraciones-son-siempre-forzadas>
- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bauman, Z. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2012). *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, H. (1977). *Uma teoria da ação social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. (Cap. 3 Marginais e Desviantes, pp. 53-67).
- Becker, H. (1996). Conferência A Escola de Chicago. In *Mana – estudos de Antropologia Social*, 2(2), out/ 1996, snt.
- Beleli, I. (2012). Brasileiros/os no atravessar das fronteiras: (des)organizando imaginários. In R. Miskolci & L. Pelúcio (Orgs.). *Discursos fora da ordem. Sexualidades, saberes e direitos* (pp.73-95). São Paulo: Anablume/FAPESP.
- Borkert, M., Fisher, K. E., & Yafi, E. (2018). The Best, the Worst, and the Hardest to Find: How People, Mobiles, and Social Media Connect Migrants In(to) Europe. *Social Media + Society*. <https://doi.org/10.1177/2056305118764428>
- Branco, I. (2010). *A influência dos media no processo de migração e no acolhimento de imigrantes brasileiros em Portugal*. (Tese de Doutoramento). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Brasil, J. A. & Cabecinhas, R. (2018). Ties that (un)bind? the case of latin americans in Portugal and Spain. *Revista del CESLA. International Latin American Studies Review*, (22), 2018, 115-134.
- Brignol, L. D. (2012). Protagonismo migrante e transnacionalismo na construção de web-diaspóricas. *Lumina - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação*, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 6(1), 1-18.

- Caroço, J. C. N. (2014). *A influência da internet na integração dos imigrantes: o caso dos imigrantes brasileiros na freguesia da Póvoa de Santa Iria*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Aberta, Portugal.
- Carvalho, M. D. (2008). *A construção da imagem dos imigrantes e das minorias étnicas pela imprensa portuguesa. Uma análise comparativa de dois jornais diários*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), Lisboa, Portugal.
- Carvalho, F., Souza, M. B., Callou, M. & Rubiralta, M. (Eds.). (2010). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa* (1ª Ed., Novembro de 2010). Barcelona: Coletivo Brasil-Catalunya.
- Casa do Brasil em Lisboa (2007). A 2.ª vaga da imigração brasileira para Portugal (1998-2003): estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal – informação estatística e elementos de análise. In Malheiros, M.M. (Coords.). *Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 227-246). Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.).
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. & Cardoso, G. (orgs.). (2006). *A Sociedade em Rede: do conhecimento à acção política*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Castilhos, D. S. & Castilhos, T. M. S. (2015). Os estereótipos e a violência contra as imigrantes brasileiras na mídia portuguesa. *Diálogos possíveis: Revista da Faculdade Social da Bahia*, 2, 53-71.
- Castles, S. (2005). *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios. Dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século.
- Castles, S. (2010). Entendendo a migração global. Uma perspectiva desde a transformação social. *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 18 (Julio-Diciembre). <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042012002>> ISSN 1980-8585
- Cogo, D.; Gutiérrez, M. & Huertas, A. (Coords.) (2008). *Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Porto Alegre y Barcelona*. Madrid: Los Libros de la Catarata.**
- Cogo, D. (2015). Internet e Redes Migratórias Transnacionais: Narrativas da Diáspora sobre o Brasil como país de Imigração. *Novos Olhares*, 4(1), 91-104. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2015.102224>

- Cohen, R. (2008). *Global Diasporas: An Introduction* (Second Edition), pp. 1–219. Routledge Taylor & Francis.
- Correia, C. & Neves, S. (2011). Ser brasileira em Portugal – uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. In V. Oliveira, E. L. Leandro & J. J. O. Amaral (Orgs.). *Migração: múltiplos olhares*. (pp. 157-185). São Carlos: Pedro & João Editores/ Editora da UNIR- EDUFRO.
- Correia, J. (2016). *Os media digitais nos processos de identidade, pertenças transnacionais e integração: estudo de caso de imigrantes brasileiros no concelho de Grândola*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Aberta, Portugal.
- Costa, E. (2002). *A globalização neoliberal e os novos fenômenos do capitalismo contemporâneo*. (Síntese da tese de pós-doutorado). UNICAMP, Campinas, São Paulo.
- Coulon, A. (1995). *A Escola de Chicago*. Campinas, SP: Papyrus.
- Cunha, I. & Santos, C. A. (2003). *Media, Imigração e Minorias Étnicas: Televisão e Imprensa 2003*, Lisboa: Observatório da Imigração, Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).
- Cunha, I., Santos, C. A., Silveirinha, M. J., & Peixinho, A. T. (2004). *Media, imigração e minorias étnicas I* (Estudos OI, nº 6). Lisboa: Observatório da Imigração, Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).
- Cunha, I. F. (2008). Usos e consumos da televisão e da internet por imigrantes. *Revista Comunicação e Cultura*, (6), Outono-Inverno 2008, 81-103. <http://hdl.handle.net/10400.14/10417>
- Cunha, I. & Santos, C. A. (2008). *Media, Imigração e Minorias Étnicas 2007* (2ª Ed., pp. 1–63). Estudos do Observatório da Imigração, 28. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.)
- Cunha, I. F., Santos, C. A., Fortes, I., & Castilho, F. (2009). *Imigração e diversidade étnica, religiosa e cultural na imprensa e na televisão: 2008*. (I. Ferin, Ed.) (ACIDI, ERC). Lisboa: Entidade Reguladora da Comunicação Social.
- Dekker, R.; Belabas, W. & Scholten, P. (2015) Interethnic Contact Online: Contextualising the Implications of Social Media Use by Second-Generation Migrant Youth. *Journal of Intercultural Studies*, 36(4), 450-467. <https://doi.org/10.1080/07256868.2015.1049981>

- Dekker, R., Engbersen, G., Klaver, J., & Vonk, H. (2018). Smart Refugees: How Syrian Asylum Migrants Use Social Media Information in Migration Decision-Making. *Social Media + Society*, January-March 2018, 1–11. <https://doi.org/10.1177/2056305118764439>
- Dessewffy, T., & Nagy, Z. (2016). Born in Facebook: The Refugee Crisis and Grassroots Connective Action in Hungary. *International Journal Of Communication*, (10) 23. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/4884>
- Dias, R. A. S. (2017). *Povos irmãos? brasileiros em Portugal: disputas e negociações identitárias (1986-2007)*. (Tese de doutoramento). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. <http://hdl.handle.net/10071/14393>.
- Dhoest, A., & Szulc, L. (2016). Navigating Online Selves: Social, Cultural, and Material Contexts of Social Media Use by Diasporic Gay Men. *Social Media + Society*. <https://doi.org/10.1177/2056305116672485>
- Dufoix, S. (2008). *Diasporas*. University of California Press. <http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=gYuJzId4Sd4C&pgis=1>
- Ekman, M. (2018). Anti-refugee Mobilization in Social Media: The Case of Soldiers of Odin. *Social Media + Society*. <https://doi.org/10.1177/2056305118764431>
- Elias, N. & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (V. Ribeiro, Trad.), 1-50. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (tradução da obra publicada na 2ª ed. inglesa em 1994. Trabalho original publicado em 1965). <https://doi.org/10.4324/9780203928943>
- ElHajji, M. & Ecudero, C. (2015). Webdiáspora: migrações, TICs e memória coletiva. In *XXIV Compós*. São Paulo: Compós.
- Espanhol, J. L. B. (2018). *Pós-colonialismo e diáspora africana na Europa: uma análise da produção audiovisual e da interação entre utilizadores de redes sociais*. (Dissertação de mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10362/46806>
- Ferra, I., & Nguyen, D. (2017). Migrantcrisis: “tagging” the European migration crisis on Twitter. *Journal of Communication Management*, 21(4), 411-426. <https://doi.org/10.1108/JCOM-02-2017-0026>
- Ferreira, L. G. (2016). *O consumo, produção, filtragem e recirculação de notícias locais como parte da sociabilidade da geração Y no Facebook*. (Tese de Doutoramento). Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.

- Filho, Willy (2008). *Imagem do Imigrante Brasileiro no Jornalismo Televisivo Português 2004-2006* (Coleção Teses, nº19). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Foletto, L. R. (2016). *Usos sociais do Facebook por migrantes brasileiros na Suécia: identidades, diferenças e dinâmicas interculturais nas redes sociais online*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina.
- França, T. (2012). Mulheres Brasileiras na academia portuguesa: rompendo ou perpetuando estereótipo? In B. Padilla, E. Rodrigues, E. Masanet, G. Fernandes, M. S. Gomes & T. França (2012), *Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa* (pp. 159-171). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).
- França, T & Padilla, B (2018). Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(2), [no prelo], jul./dez. <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>>
- Franzke, A. S., Bechmann, A., Zimmer, M., Ess, C. and the Association of Internet Researchers (2020). *Internet Research: Ethical Guidelines 3.0*. <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>
- Fuchs, C. (2014). *Social Media: A Critical Introduction*. London: Sage.
- Galante, S. M. M. (2010). *As representações dos imigrantes e minorias étnicas no jornalismo português análise comparativa entre o Diário de Notícias e o Público*. (Dissertação de Mestrado). Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.
- Georgakopoulou, A. (2016). Small stories research: a narrative paradigm for the analysis of social media. In L. Sloan & A. Quan-Haage (Eds.), *The SAGE Handbook of social media research methods* (pp. 266-282). London: Sage.
- Georgiou, M. (2002). Diasporic Communities On-Line. A Bottom Up Experience of Transnationalism. *Journal Hommes et Migrations*, Oct.
- Georgiou, M. (2010). Identity, Space and the Media: Thinking through Diaspora. *Revue Européenne Des Migrations Internationales*, 26(1), 17–35. <https://doi.org/10.4000/remi.5028>

- Georgiou, M. (2018). Does the subaltern speak? Migrant voices in digital Europe, *Popular Communication*, 16(1), 45-57. <https://doi.org/10.1080/15405702.2017.1412440>
- Góis, P., Marques, J. C., Padilla, B. & Peixoto, J. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. In B. Padilla & M. Xavier (Org.), *Revista Migrações* (5), Outubro 2009 (Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina – tic, pp. 111-133). Lisboa: ACIDI.
- Góis, P. & Marques, J. C. (2015). Percursos e trajetos migratórios dos brasileiros. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques & P. Góis (Orgs.), *Vagas Atlânticas. Migrações entre Brasil e Portugal no Início do Século XXI* (pp. 39-58). Editora Mundos Sociais.
- Gomes, M. S. (2013). *O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação*. (Tese de doutoramento). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. <http://hdl.handle.net/10071/6077>
- Gomes, I. M. M. & Antunes, E. (2019). Repensar a comunicação com Raymond Williams: estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas. *Galaxia* (Especial 1, Comunicação e Historicidades, pp. 8-21). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019441755>
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (pp. 9-50). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hine, C. (2004). *Etnografia virtual*. Barcelona: Editorial UOC.
- Hine, C. (2015). *Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday*. London: Bloomsbury Academic.
- Hine, C. (2016). Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In B., Campanella & C. Barros, *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos* (pp. 11-27). Rio de Janeiro: E-papers.
- Iório, J. & Fonseca, M. L. (2018). Estudantes brasileiros no ensino superior português: construção do projeto migratório e intenções de mobilidade futura. *Finisterra LIII* (109), 3-20. doi: 10.18055/finis14556 artigo
- Joas, H (1999). Interacionalismo simbólico. In Giddens, A. & Turner, J. (orgs.), *Teoria Social Hoje* (pp. 127-174). São Paulo: Editora UNESP.
- Justino, E.B.S. (2018). *No interior das muralhas. Práticas e discursos artísticos de uma brasileira imigrante sobre a domesticidade, imigração, identidade e violência contra as mulheres*. (Tese de mestrado). Universidade de Évora, Évora, Portugal.

- Karim, K. H. (2007). Nation and diaspora: Rethinking multiculturalism in a transnational context. *International Journal of Media and Cultural Politics*, 2(3), 267–282. [https://doi.org/10.1386/macp.2.3.267\\_1](https://doi.org/10.1386/macp.2.3.267_1)
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó.
- Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Kutscher, N., & Kreß, L.-M. (2018). The Ambivalent Potentials of Social Media Use by Unaccompanied Minor Refugees. *Social Media + Society*.  
<https://doi.org/10.1177/2056305118764438>
- Lalanda-Gonçalves, R. (2014). Diáspora açoriana no Canadá: juventude, comunidades virtuais e identidade. VIII Congresso Português de Sociologia. In *Atas do VIII Congresso Português de Sociologia "40 Anos de Democracia(s): progressos, contradições e prospetivas"*. Évora: Universidade de Évora.
- Lim, S. S., Bork-Hüffer, T., & Yeoh, B. S. (2016). Mobility, migration and new media: Manoeuvring through physical, digital and liminal spaces. *New Media & Society*, 18(10), 2147–2154. <https://doi.org/10.1177/1461444816655610>
- Lorenzana, J. A. (2016). Mediated recognition: The role of Facebook in identity and social formations of Filipino transnationals in Indian cities. *New Media & Society*, 18(10), 2189–2206. <https://doi.org/10.1177/1461444816655613>
- Machado, I. J. R. (2003). *Cárcere Público – processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. (Tese de Doutoramento). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279828>
- Machado, I. J. R. (Org.). (2006). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal* (1. ed.). São Carlos: Edufscar.
- Machado, F. L., Azevedo, J. & Matias, A. R. (2009). *Bibliografia e Filmografia sobre Imigração e Minorias Étnicas em Portugal (2000-2008)*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES ISCTE). [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/biblio/bibliografia\\_filmografia\\_2000\\_2008\\_pt.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/biblio/bibliografia_filmografia_2000_2008_pt.pdf)
- Machado, I. J. R. (2014). O futuro do passado: Imigrantes brasileiros em Portugal e diferentes entrelaçamentos. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 22(43), 225-234.
- Madianou, M., & Miller, D. (2012). *Migration and new media: Transnational families and polymedia* (Introduction). London, England: Routledge.

- Madianou, M., & Miller, D. (2013). Polymedia: Towards a new theory of digital media in interpersonal communication. *International Journal of Cultural Studies*, 16(2), 169–187. <https://doi.org/10.1177/1367877912452486>
- Madianou, M. (2014). Polymedia communication and mediatized migration: An ethnographic approach. In K. Lundby (Ed.), *Mediatization of Communication* (pp. 323–346). Berlin, DE: Walter de Gruyter GmbH & Co KG. <https://doi.org/10.1515/9783110272215.323>
- Malheiros, J. (2007). Os brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos. In M. M., Malheiros (Coord.). *Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 11-38). Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.)
- Mapril, J., Kelemen, P. & Rocha, I. C. (2017). *Imigrações e minorias étnicas em Portugal: uma bibliografia* (julho de 2008 – maio de 2016). Lisboa: CRIA/NOVA FCSH.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2006). Tecnicidades, identidades e alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In D. Moraes (Org.), *Sociedade midiaticizada* (p. 51-79). Rio de Janeiro: Mauad.
- Martinez, M. J. M. (2017). Prácticas Mediáticas y Movimientos Sociales: El Activismo Transnacional de Marea Granate. *Index Comunicación*, 7(3), 31–50.
- Mignolo, W. D. (2000). La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad. In E. Lander (Ed.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas* (pp.55-85). Buenos Aires: Clasco.
- Mignolo, W. D. (2017). Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online], 32(94), June 22. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>.
- Monteiro, R. L. T. (2012). A construção da imagem do brasileiro em Portugal e as estratégias de afirmação identitária. In B. Padilla, E. Rodrigues, E. Masanet, G. Fernandes, M. S. Gomes & T. França (2012), *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa: atas do 2o. seminário de Estudos sobre a imigração brasileira na Europa*. Lisboa: ISCTE IUL.

- Novaes, C. B. & Rossi, C. R. (2018). O corpo das mulheres brasileiras e o seu estereótipo no universo fitness em Portugal. *Cad. Pagu* [online] (52), e185216. Epub May 03. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201800520016>
- Oliveira, C. R. (Coord.) & Gomes, N. (2017). *Indicadores de Integração de Imigrantes. Relatório Estatístico Anual 2017* (Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações). Lisboa: ACM.
- Oliveira, C. R. (Coord.) & Gomes, N. (2018). *Indicadores de Integração de Imigrantes. Relatório Estatístico Anual 2018* (Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações). Lisboa: ACM.
- Oliveira, C. R. (Coord.) & Gomes, N. (2019). *Indicadores de Integração de Imigrantes. Relatório Estatístico Anual 2019* (Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações). Lisboa: ACM.
- Paço, S. & Ramos, M. (2018). Empreendedorismo em Portugal de Imigrantes de países fora da União Europeia. *HOLOS*, 2, 365-385. <https://doi.org/10.15628/holos.2018.6924>
- Padilla, B. (2007). A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise. In M. M. Malheiros (Coords.). *Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 113-134). Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.)
- Padilla, B. (2009). As migrações latino-americanas para a Europa: uma análise retrospectiva para entender a mobilidade actual. In B. Padilla & M. Xavier (Org.). *Revista Migrações* (Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina, Outubro 2009), (5), 19-35, ACIDI.
- Padilla, B., Rodrigues, E., Masanet, E., Fernandes, G., Gomes, M. S. & França, T. (2012). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa: atas do 2o. seminário de Estudos sobre a imigração brasileira na Europa*. Lisboa: ISCTE IUL.
- Padilla, B.; Marques, J.C.; Góis, P.; & Peixoto, J. (2015). A imigração brasileira em Portugal. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques & P. Góis (Orgs.), *Vagas Atlânticas. Migrações entre Brasil e Portugal no Início do Século XXI* (pp. 9-38). Editora Mundos Sociais.
- Padilla, B. & Gomes, M. S. (2016). *Empoderamento, interseccionalidade e ciberativismo: uma análise do “Manifesto contra o preconceito às mulheres brasileiras em Portugal”*. TOMO, São Cristóvão. <http://dx.doi.org/10.21669/tomo.v0i0.5425>.

- Passos, E. & Barros, R. B. (2009). A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In E. Passos, V. Kastrup & L. Escóssia. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- Patarra, N. L. (2005). Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo. Volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, 19 (3), 23-33.
- Pereira, S. & Esteves, A. (2017). Os efeitos da crise económica na situação laboral dos imigrantes: o caso dos brasileiros em Portugal. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, 25 (49), apr. 2017, pp. 135-152.
- Pinho, F. (2007). A imprensa na construção do processo migratório: a constituição de Portugal como destino plausível da emigração brasileira. In J. M. Malheiros (Org.). *Imigração Brasileira em Portugal* (Coleção Comunidades, Vol. 1, pp. 59-86). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Pinho, F. (2014). Transformações na emigração brasileira para Portugal: de profissionais a trabalhadores (1ª ed.). Lisboa: Edição Alto-comissariado para as migrações (ACM, I.P.).
- Pink, S., Horst, H., Postill, J., Hjorth, L., Lewis, T., & Tacchi, J. (2016). *Digital Ethnography: Principles and Practice*. Londres: SAGE Publications Ltd.
- Pinto, M. R. S. (2018). *Mulheres Brasileiras em Portugal: vivências possíveis. Trabalho de intervenção através de oficinas de escrita autobiográfica*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, 11(2), 263-274.
- Polivanov, B. & Santos, D. (2016). Términos de relacionamentos e Facebook: desafios da pesquisa etnográfica em sites de redes sociais. In C. Barros & B. Campanella (Org.), *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos* (1. Ed). Rio de Janeiro: E-papers.
- Ponzanesi, S. (2020). Digital diasporas: postcoloniality, media and affect. *Interventions*, 22(8), 977–993. <https://doi.org/10.1080/1369801X.2020.1718537>
- Portes, A. (1999). La mondialisation par le bas [L'émergence des communautés transnationales]. In *Actes de la recherche en sciences sociales*, 129, septembre 1999, Délits d'immigration, pp. 15-25. <https://doi.org/10.3406/arss.1999.3300>
- Queiroz, C. C. C. C. (2018). *Os estereótipos também envelhecem? Uma análise descolonial das intersecções entre racismo, sexismo e idadeismo, a partir das vivências de migrantes brasileiras em Portugal*. (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho, Braga, Portugal.

- Quijano, A. (1992). Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, 13(29), 11-20.
- Recuero, R. (2017). *Introdução à Análise de Redes Sociais Online* (1ª ed., Vol. 1). Salvador: EDUFBA.
- Riesco, B. L. (2017). La obra de Abderrahmane Sissako como Ejercicio intercultural de la diáspora cinematográfica africana. In N. Ramos, A. I. M. Silva & L. Reis (Eds.), *Livro de Resumos do Congresso Internacional Migrações e Relações Interculturais na Contemporaneidade*. Lisboa: Universidade Aberta, CEMRI. Recuperado de: <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/6713>
- Ribeiro, M. M. (2008). *As representações do imigrante brasileiro no jornalismo impresso local: estudo de caso comparado entre o Diário do Minho (Braga – Portugal) e L'Adige (Trento – Itália)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Rodriguez, N.S. (2016). Communicating global inequalities: How LGBTI asylum-specific NGOs use social media as public relations. *Public Relations Review*, 42 (2016), 322–332.
- Santos, C. (2007). *Imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa* (Observatório Da Imigração). Lisboa: ACIME. Recuperado de: <http://scholar.google.com/scholarhl=en&btnG=Search&q=intitle:Imagens+de+mulheres+imigrantes+na+imprensa+portu>
- Santos, M. D. M. (2013). *Usos e consumos da mídia por jovens imigrantes brasileiros em Portugal: um estudo exploratório*. (Tese de Doutoramento). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Saturnino, R. (2009). *A construção do imaginário social dos imigrantes brasileiros em Portugal nas redes sociais da internet: o caso do Orkut*. (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Sayad, A. (com Bourdieu, P.). (1998). *A imigração ou os paradoxos da alteridade* (Cristina Murachco, Trad.). São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. (Trabalho original de 1991).
- Scopsi, C. (2009). Les sites web diasporiques: un nouveau genre médiatique?, *TIC & Société*, 3(1-2). <http://ticetsociete.revues.org/640>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). (2016). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (RIFA 2016). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2016.pdf>

- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). (2017). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (RIFA 2017). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). (2018) Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (RIFA 2018). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). (2019). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (RIFA 2019). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>
- Silva, R. A. F. M. M. (2009). *A televisão privada em Portugal e as realidades múltiplas: o assalto ao BES de Campolide*. (Dissertação de Mestrado). Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.
- Silva, E. R. (2011). *Imagem dos imigrantes brasileiros em dois jornais portugueses, 2007-2010*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Silva, R. O. (2012). *O cinema e a televisão sob o signo da identidade: bollywood e as fronteiras da modernidade indiana, na cidade de Lisboa*. (Dissertação de mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10071/4986>.
- Silva, C. C. (2016). *Expanding participation in locative media with latinos in Austin, Texas*. (Tese de Doutoramento). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Simmel, G. (2005). *O Estrangeiro*. (Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Trad.). In *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 4(12), 265-271. (Trabalho original publicado em 1908)
- Souza, E. J. & Iório, J. C. (2018). A construção midiática do “Eldorado” lusitano a partir dos novos fluxos migratórios de brasileiros para Portugal. *Século XXI, Revista de Ciências Sociais*, 8(1), jan./jun, 312-340.
- Truzzi, O. (2008, junho). Redes em processos migratórios. *Tempo Social, revista de Sociologia da USP*, 20(1), 199-218.
- Valladares, L. P. (2010). A visita do Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório. *CADERNO CRH*, Salvador, 23(58), 35-49, Jan./Abr.
- Vertovec, S. (2001). Transnational Challenges to the ‘New’ Multiculturalism. *ASA Conference*, (April), 1–23.

Xavier, A. N. O. (2016). *Em casa fora de casa: Estratégias comunicacionais na construção do sentido de pertença*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Wenden, C. W. (2008). Immigrés sans frontières. *Les Cahiers du GREP Midi Pyrénées* (Collection Parcours, 2008-2009, pp. 39-40).  
<http://www.grepmp.com/evenements/evenement/immigres-sans-frontieres/>